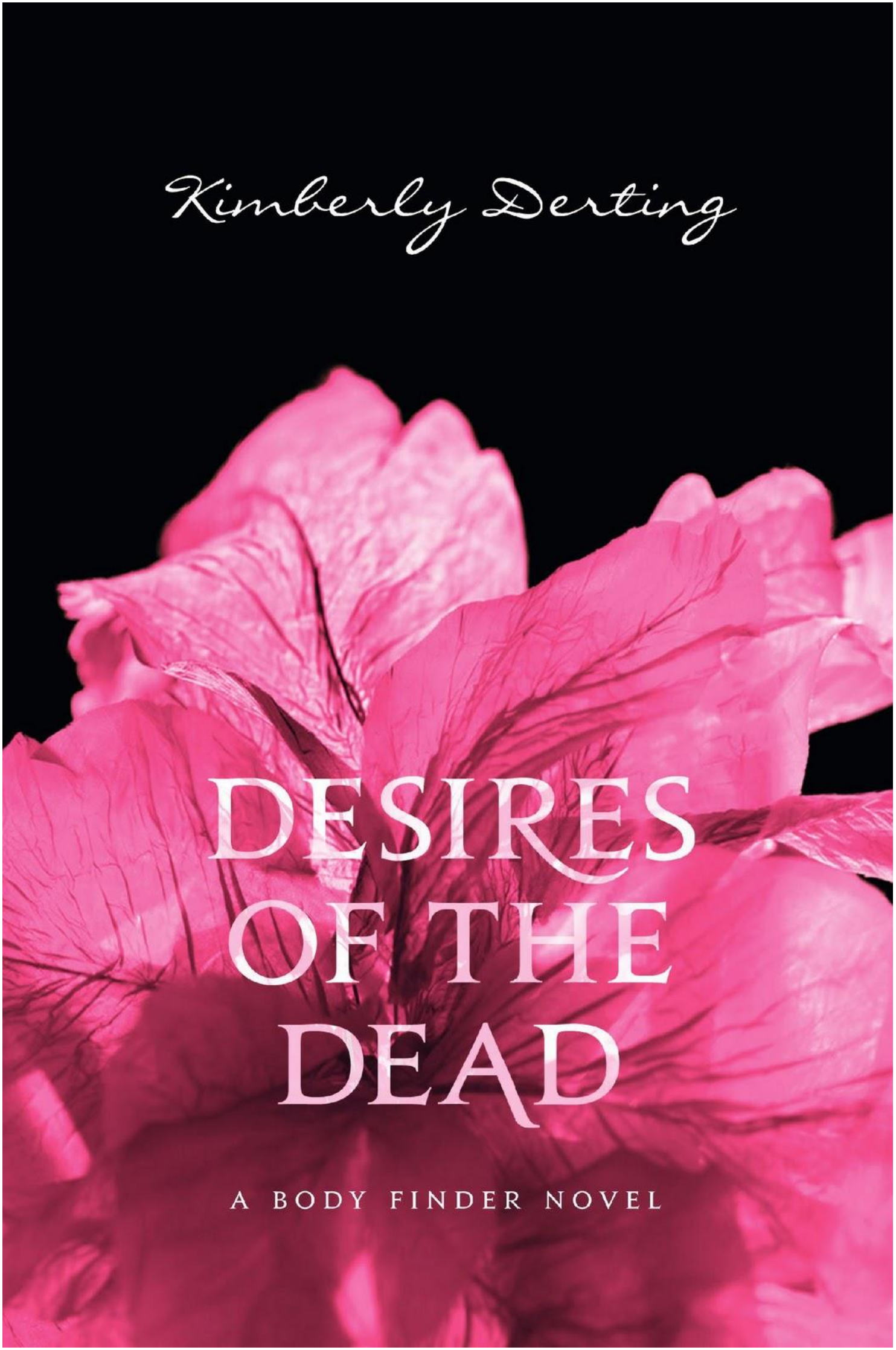

Kimberly Derting
DESIRES OF THE DEAD
A BODY FINDER NOVEL

CRÉDITOS

TRADUÇÃO E REVISÃO:

Grupo Shadows Secrets

SINOPSE

Os mortos desaparecidos chamam por Violet. Eles querem ser encontrados.

Violet pode sentir os ecos daqueles que foram assassinados—e a impressão correspondente que se agarra aos seus assassinos. Apenas os mais próximos sabem do que ela é capaz, mas quando ela descobre o corpo de um menino, ela também atrai a atenção do FBI, ameaçando todo seu modo de vida.

Enquanto Violet trabalha para manter sua mórbida habilidade um segredo, ela involuntariamente se torna o objeto de uma perigosa obsessão. Normalmente ela pediria ajuda de seu melhor amigo, Jay, mas agora que eles são oficialmente um casal, as regras de seu relacionamento parecem ter mudado. E com Jay passando mais e mais tempo com seu novo amigo Mike, Violet é deixada com tempo demais em suas mãos enquanto se pergunta onde as coisas começaram a dar errado. Mas quando ela preenche o tempo desenterrando a trágica história familiar de Mike, ela se depara com uma sombria verdade que poderia colocar todos em perigo.

PRÓLOGO

Violet inclinou-se para frente em suas mãos e joelhos sobre a paisagem congelada. Dentro de suas botas, seus dedos pareciam pedaços de gelo que entravam por sua pele e deslizavam em suas veias. Suas unhas estavam muito provavelmente congeladas sob suas luvas.

O feixe de luz da lanterna cortou através do véu de escuridão que se instalara sobre a floresta de inverno, criando um refletor onde Violet tentava descobrir o chão embaixo da macia camada de neve.

Em seu estado drogado, ela não pode ter certeza se estava alucinando quando ela encarou o homem que se erguia sobre ela. Sua pele molhada parecia brilhar com uma luz sobrenatural própria. Era tão estranho quanto lindo.

Seus pensamentos eram espessos, e ela lutou por cada um, dragando-os das profundezas de sua mente confusa.

Ele falou com ela, sem saber que seu cérebro filtrava suas palavras, misturando-as e as tornando algo menos do que coerente. Ela tentou se concentrar na tranquilizante sensação de sangue através dela, amortecendo seus sentidos.

Mas ela estava consciente o suficiente para ter medo—pavor até—desse homem. Ela pôde entender o suficiente do que ele estava falando para reconhecer que ele era perturbado. E perigoso.

Ele a seguiu. No meio da noite. E até mesmo através da névoa que distorcia sua consciência, ela percebeu que ele devia saber o porquê dela estar lá. Que ele, de alguma forma, sabia que ela havia encontrado um corpo.

Ela abaixou o olhar para mão dele, e para o que ele segurava, e seus pensamentos emaranhados imediatamente clarearam.

Ela observou enquanto ele agarrava a espingarda firmemente em seus dedos, e então ele olhou para ela. “Eu realmente sinto muito que você a tenha encontrado,” explicou ele tristemente. “Não queria que mais ninguém morresse.”

1

Janeiro, Cinco Semanas Antes

Chelsea inclinou-se sobre Violet como se fosse contar um segredo, algo que ela não queria que mais ninguém ouvisse. "Olha só o novo colírio!" Chelsea gritou, fazendo Violet dar um pulo.

Violet tinha certeza que todo mundo do refeitório acabara de ouvir sua amiga. Como sempre, seu filtro interno parecia estar desligado.

Pensando nisso, Violet não conseguia lembrar-se de Chelsea alguma vez ter resguardado suas palavras.

O *garoto* a quem Chelsea se referia por acaso passou por elas e, como todo o resto, ele também a ouviu—ele teria que ser surdo para *não* ouvir—e ele olhou para cima bem a tempo de ver Violet olhando para ele enquanto passava. Chelsea virou de volta para Jules e Claire, e fingiu rir de algo que eles tinham dito, dando a impressão de que Violet fizera o comentário ultrajante.

Ele sorriu timidamente para Violet e continuou andando. Violet sentiu suas bochechas queimando, e ela ficou grata de que ele, pelo menos, teve o bom censo de parecer envergonhado por toda a atenção que estava recebendo. Humilhada como Violet era, ela também sentiu um pouco de pena dele. Deve ser um saco ser o garoto novo na escola. Mesmo que um garoto novo muito bonito.

Enquanto ela observava, uma garota se juntou a ele. Violet deve ter adivinhado—por causa da semelhança entre os dois—que eles eram parentes, exceto que ela não precisou adivinhar; Violet já sabia que a menina era sua irmã mais nova.

Eles tinham um novo aluno de vez em quando na White River High School, mas numa cidade pequena como Buckley, Washington, o fato de ter *dois* alunos novos no mesmo dia era motivo das fofocas mais importantes. Mesmo que eles fossem irmãos.

Violet observou o par até eles encontrarem uma mesa no fundo do refeitório, longe da atividade e das mesas mais movimentadas no centro largo e barulhento, e então ela virou para Chelsea.

"Muito obrigada, Chels. Tenho certeza que não foi *nada* estranho para ele." Violet olhou para baixo e examinou o conteúdo de sua bandeja. A pizza parecia gordurosa e

escorrendo, e o molho de maçã tinha o tom levemente acinzentado. A comida a fez perder completamente o apetite.

Chelsea sorriu de volta para ela. "Sem problemas, Vi. Você me conhece: eu sou uma doadora. Eu só quero que ele se sinta bem-vindo." Ela enfiou uma colher de molho de maçã com aparência desagradável na boca, sorrindo através do frágil utensílio de plástico. Ela olhou por cima dos ombros de Violet para os dois novos estudantes sentados sozinhos. "Se ele não quisesse as pessoas falando sobre ele, ele provavelmente não deveria ser tão gostoso." Ela ainda olhava estupidamente para eles quando seu rosto enrugou e ela tirou a colher da boca. "O que seu namorado está fazendo lá?"

Violet virou em sua cadeira para que pudesse ver sobre o que Chelsea estava falando justamente quando Jay juntou-se aos dois novos estudantes em sua mesa. Ele sentou ao lado da garota, mas ele já falava com seu irmão como se fossem velhos amigos. E então ele se virou e apontou na direção de Violet—*na verdade, diretamente para ela*—e sorriu quando viu que ela estava olhando. Ele acenou ao mesmo tempo em que o menino novo olhava para cima e a via os estudando.

Violet tentou sorrir, mas não chegou realmente a se formar em sua boca. Ela pensou fingir que não os viu, mas percebeu que era tarde demais, então antes de se virar ela deu um aceno rápido. Ela esperava que o garoto novo não estivesse dizendo a Jay que ela acabara de chamá-lo de *colírio*... especialmente porque *ela* não o fez. Jay era seu melhor amigo muito antes de ser seu namorado, então esperava que ele soubesse que não foi ela quem disse.

"Oh, olhe," Claire anunciou, tipicamente não ciente de que todo mundo estava desconfortável. "Acho que Jay está os convidando para vir pra cá."

Claro que estava. Por que ele não estaria?

"Ótimo," Violet murmurou sob sua respiração. Ela não se incomodou em virar dessa vez; ao invés disso, ela só encarou Chelsea.

Chelsea fingiu inocência. "Quê? Você não quer que o garoto novo venha sentar com a gente? Claire e Jules não se importam né?"

Jules estava ocupado demais comendo para se envolver na conversa delas. O moleque magro parecia um presidiário quando ela se inclinou sobre a bandeja, um braço envolto protetoramente em volta da bandeja, cavando a comida com aparência menos do que comestível na boca dela.

Claire sacudiu a cabeça. "Claro que não."

Chelsea continuou, "Você é uma garota muito sortuda Violet. Que seu namorado tenha um coração de ouro. Ele só está tentando fazer o menino novo se sentir em casa." E então adicionou, "Ainda assim, quando eu faço isso, você fica toda tensa e me dá olhares

tortos. Você deveria ser um pouco mais como Jay e eu. Tentar abrir seu coração... só um pouco."

"Oh, espera. Deixa pra lá," Claire anunciou, ignorando Chelsea. "O garoto novo vai ficar no mesmo lugar. Mas aí vem Jay."

Violet deu um olhar de aviso a Chelsea enquanto Jay sentava ao seu lado. Ele deslizou suas mãos por baixo de sua camisa, traçando seu polegar em suas costas. Era tão familiar, seu toque, ainda assim a acalmava ao mesmo tempo. Violet inclinou-se em sua direção e ele beijou sua testa. Seus lábios eram suaves, mas ainda deixavam sua pele formigando. Ela mal podia acreditar que seu estômago ainda dava cambalhotas quando ele estava por perto.

"Sobre o que vocês estão falando?" Jay perguntou, e Violet se perguntou se ela só imaginara a implicância que ouviu na voz dele.

Chelsea sorriu docemente. "Nós só estamos curiosos sobre seus novos amigos ali. Bem... mais ele do que ela."

Chelsea Morrison era uma garota bonita. Ela tinha a ele lisa; um magro, atlético corpo; e um brilhante cabelo castanho. Não era até ela abrir a boca que a imagem de quase perfeita feminilidade se desfazia. Felizmente para Chelsea, ela não podia ligar menos para o que as pessoas pensavam sobre ela... de um jeito ou de outro. Chelsea se recusava a conformar-se com o que as pessoas esperavam que ela fosse.

Jay riu para Chelsea. "Você quer dizer o *Mike*?" ele perguntou, dando ao garoto novo um nome. "Eu estava perguntando se ele queria vir sentar conosco, mas por alguma razão—ele olhou para Violet com as sobrancelhas levantadas—ele não quis. Há alguma coisa que você queira me contar? Como por que Mike prefere não sentar na mesma mesa que você?"

"Não fui *eu*... foi *ela*!" Violet, quase engasgando com a mordida na pizza gordurosa que tentava engolir, apontou para Chelsea.

Chelsea riu, e até Jules parou de mastigar tempo suficiente para sorrir apreciativamente. Claire era a única que ainda mantinha o rosto centrado, provavelmente porque ela não parecia estar mais ouvindo. Seus dedos trabalhavam ferozmente nas teclas de seu celular; ela estava absorta em uma longa série de mensagens de textos... provavelmente com alguém sentada somente a algumas mesas de distância.

"Eu sei," Jay admitiu. "Chelsea é a única garota dessa escola que tem peito para dizer algo como isso na frente de alguém."

Chelsea fez sua melhor cara indignada, seus olhos arregalados em ultraje. "*Tanto faz*! Por que não pode ter sido Jules? Ou Claire?"

"*O quê*? Eu não disse nada," Claire se meteu, repentinamente prestando atenção.

Chelsea rolou os olhos para o tom sério de Claire.

"Muito paranoica? Ninguém está realmente te acusando de alguma coisa. Além disso, o que me importa se ele souber que fui eu? Não há nada errado em notar que ele é... *mmm*, delicioso. Se ele jogar as cartas certas, ele pode terminar como Sr. Chelsea."

"Se isso fosse remotamente possível, Chels," Claire declarou. "O cara não muda o nome *dele*; você vai ter que mudar o seu."

Chelsea rolou os olhos de novo, dessa vez para que Claire não pudesse ver, já que ela estava visivelmente irritada. "Obrigada pela lição de convenção social, Claire-ursa."

Claire encolheu os ombros e sorriu ingenuamente. "Sem problemas."

Violet olhou para Jay, rindo da inata habilidade de irritar Chelsea sem repercussões.

Violet invejava Claire por isso. Mas ela sabia que a única razão que Chelsea não retrucou era porque, mais do que qualquer outra coisa no mundo, Chelsea detestava pedir desculpas. Então, de algum modo, com uma força de vontade que ela era incapaz de encontrar lidando com qualquer outra pessoa, Chelsea conseguia manter seu temperamento quando se tratava dos sentimentos sensíveis de Claire.

Violet achava isso altamente divertido.

Mas Jay estava sorrindo para Violet por uma razão totalmente diferente. Ele estava curvado sobre ela, e faíscas de antecipação pulsavam no corpo dela. Seus lábios roçavam sua orelha calmamente, bem no meio do refeitório lotado, só o suspiro de um beijo. Ainda assim, Violet era incapaz de pará-lo.

Mesmo que ela quisesse, seu corpo nunca parecia seguir as instruções mais simples quando se tratava de Jay. Ele era como se fosse a kryptonita dela.

Chelsea os encarava com nojo. "Vocês já vão parar? Eu acho que vou vomitar." Ela estremeceu exageradamente. "Se vocês não podem esperar até estarem sozinhos, vou ter que pedir para vocês acharem outro lugar para sentar."

E então sua falta de atenção levou a melhor sobre ela, e ela acenou a cabeça na direção de Mike e sua irmã. "Então, qual a história deles?"

Jay deu de ombros. "Não tenho ideia; eu os conheci hoje. Ele está na minha primeira aula. Sua família só se mudou para cá. É tudo que sei."

"Por que *aqui*?" Jules perguntou, e Violet teve que admitir que ela estava se perguntando exatamente a mesma coisa.

Não era como se Buckley fosse a primeira cidade a ser escolhida. E não tinha fácil acesso a nenhum lugar importante. Era mais uma cidade de passagem num trecho de uma rodovia que não levava a nenhum lugar em particular.

Jay deu de ombros novamente.

"Isso é estranho. Você deveria descobrir," Chelsea comandou. "E ela? Tem um nome? Não que eu me importe, mas seria rude chamá-la de *novata* quando Mike e eu estivermos namorando."

"Tenho uma ideia," Jay sugeriu, inclinando-se na direção de Chelsea do outro lado da mesa. "Por que você não faz uma lista de perguntas, em ordem de importância, e a entrego para que possa responder? Tipo um *trabalho de casa do garoto novo*." Ele sorriu inocentemente. "Você não precisa fazer agora, claro."

"Há-há." Chelsea fez uma cara sarcástica. "Você é muito engraçado Jay." E então se virou para Violet. "Deve ser por isso que você gosta tanto dele. Porque se não for isso, eu não entendo."

Claire enrugou a testa, como se a declaração de Chelsea não fizesse sentido. Ela decidiu ajudar Violet. "Não, ele é tão fofo." E quando Jules começou a rir, ela adicionou, "*Bem, ele é!*"

Chelsea não se abalou pela explicação de Claire, e como sempre, teve que ter a última palavra. "Sem ofensas, Violet, mas ninguém é tão fofo *assim*. É tudo o que eu tenho a dizer sobre isso." E então, no estilo Chelsea habitual, ela mudou de assunto antes que Jay tivesse chance de lembrar a todos que estava lá. "Ei, não esquece, nós temos um encontro no sábado."

"Eu não esqueci," Violet garantiu a ela. "Vou inventar qualquer desculpa para ir à cidade."

Além disso, Chelsea pode ser desagradável, mas Violet sabia que iriam se divertir. Além do mais era uma chance de sair de Buckley por um dia... ela não recusaria uma oportunidade como essa.

Ao som da voz do tio dela vindo da parte de trás da porta, Jay jogou Violet de seu colo.

Violet riu quando bateu nas almofadas da parte traseira do sofá.

"O que você está fazendo?" ela reclamou. "É só tio Stephen."

Jay sentou-se. "Eu sei, mas desde o baile, eu sinto como se ele estivesse sempre nos observando. Eu só não quero que ele pense que nós estamos fazendo algo que não deveríamos."

O Baile de Boas-Vindas. Fazia quase três meses desde aquela noite, mas as memórias ainda faziam Violet tremer.

Não se passou um dia de que ela não estivesse grata por Jay estar vivo. Grata que a bala do tiro do assassino só atingira seu ombro, apesar do fato de que o homem—um dos oficiais de seu tio—tivesse mirado diretamente no coração de Jay.

Se seu tio não tivesse aparecido no baile daquele jeito, disparando o tiro fatal que levou ao chão o assassino, nem Jay nem ela teriam conseguido sair de lá com vida.

Jay já gostava do tio dela antes, mas agora era algo mais próximo da adoração. E mesmo que Jay nunca fosse admitir isso em voz alta, Violet suspeitava que Jay sentia um débito com seu tio por salvar a vida dele... um débito que ele sabia que nunca seria capaz de pagar.

Um débito que ele nunca teria se não fosse por Violet. Era culpa de Violet ele estar naquela situação em primeiro lugar. Violet e sua... *habilidade*.

Tudo porque ela era diferente. Em mais formas que a maioria das pessoas poderiam, ou algum dia, entenderiam.

Os mortos chamavam Violet.

Eles usavam ecos que só Violet podia sentir, puxando-a para frente, conduzindo-a para os locais. Esses ecos vinham de várias formas. Cheiros, sons, às vezes em cores inexplicáveis. *De qualquer jeito*.

Ainda assim, nem todos os mortos tinham ecos, só aqueles que tinham morrido prematuramente, suas vidas encurtadas pelas ações dos outros. E não eram apenas os mortos que se destacavam para Violet, mas também os assassinos deles. Eles tinham uma marca também: uma marca idêntica ao eco de sua vítima.

A marca podia desvanecer, mas só ao longo do tempo. E apenas ligeiramente. Permaneceria com eles para sempre, de alguma forma, um inequívoco lembrete da vida que eles roubaram. Um lembrete que eles inconscientemente carregam consigo.

E Violet era a única que sabia que estava lá. Ela era a única que sempre iria ver, ou sentir, ou provar o gosto do que eles fizeram.

Eles não podiam esconder isso dela.

"O que vocês dois estão fazendo?" a voz provocante de seu tio entrou no cômodo antes dele. Mas sua voz era um segundo aviso de que eles não estavam mais sozinhos, desde que Violet sentiu sua presença muito antes dele ter entrado na casa. Desde que salvara Jay e ela no baile, seu tio carregava uma marca. Os gostos amargos de dentes de leão ainda ardiam na língua de Violet quando ele estava perto. Um gosto que Violet

aprendeu aceitar. E até mesmo, em algum grau, apreciar. "Nada que seus pais aprovariam, espero," acrescentou.

Violet deu a Jay um sorriso perverso. "Nós estávamos dando uns amassos, então se você pudesse ser rápido nós seríamos *muito* gratos."

Jay saltou ao lado dela. "Ela está brincando," ele exclamou. "Não estávamos fazendo nada."

Seu tio Stephen parou onde estava e os observou cuidadosamente. Violet podia jurar que sentiu Jay se contorcendo, apesar de cada músculo de seu corpo estar congelado. Violet sorriu para seu tio, fazendo seu melhor olhar de culpada.

Ele finalmente levantou a sobrancelha, cada traço do policial suspeito. "Seus pais me pediram para passar por aqui para ver você no meu caminho para casa. Eles só voltarão mais tarde. Posso confiar em vocês dois aqui... sozinhos?"

"Claro que pode..." Jay começou a falar.

"Provavelmente não..." Violet respondeu ao mesmo tempo. E então ela teve um vislumbre da expressão de horror no rosto de Jay, e riu. "Relaxe, Tio Stephen, nós estamos bem. Só estávamos fazendo o trabalho."

Seu tio olhou para a pilha de livros jogados na mesa em frente ao sofá. Nenhum deles estava aberto. Ele olhou ceticamente para Violet, mas não disse nada.

"Nós podemos ter nos distraído um pouco," ela respondeu, e novamente ela sentiu Jay se deslocando nervosamente.

Depois de vários avisos, e uma promessa de que Violet trancaria todas as portas depois que ele partisse, Tio Stephen finalmente os deixou sozinhos.

Jay encarava Violet enquanto ela olhava para ele o mais inocente que podia. "Por que você fez isso comigo?"

"Por que você se importa com o que ele pensa que estamos fazendo?" Violet vinha tentando fazer com que Jay admitisse sua adoração por seu tio há meses, mas ele era muito teimoso—ou talvez ele mesmo não percebesse isso—para confessar a ela.

"Porque, Violet," ele disse perigosamente, dando um passo ameaçador em direção a ela. Mas sua bronca foi arruinada por um brilho brincalhão em seus olhos. "Ele é seu tio, e ele é o chefe de polícia. Pra que cutucar o urso?"

Violet deu um passo para trás, para longe dele, e ele correspondeu, movendo-se em sua direção. Ele a perseguia em volta da mesa de café, e Violet não pôde deixar de rir quando recuou.

Mas era tarde demais para ela escapar. Jay era mais rápido que ela, e seus braços a capturaram antes que ela tivesse uma chance. Não que ela realmente tivesse tentado.

Ele a puxou de volta para o sofá, os dois caindo pesadamente nas almofadas, e dessa vez ele a imobilizou embaixo dele.

"Para!" ela gritou, sem querer dizer nenhuma daquelas palavras. Ele era a última pessoa no mundo de quem ela queria se afastar.

"Sei não..." ele respondeu hesitante. "Acho que você merece ser punida." Sua respiração era amena contra a bochecha dela, e ela se encontrou inclinando-se na direção dele mais do que se afastando. "Talvez nós devêssemos fazer nosso *trabalho de casa.*"

Trabalho de casa era um código que eles usavam quando queriam dizer *amasso* antes de perceberem que não estavam enganando ninguém.

Mas Jay foi fiel as suas palavras, especialmente em seu código, e seus lábios conectaram-se aos dela. Violet de repente esqueceu que estava tentando se libertar de suas garras. Sua determinação frágil desmoronou. Ela estendeu as mãos, envolvendo seus braços em torno do pescoço dele, e *o* puxou para perto *dela*.

Jay grunhiu do fundo de sua garganta. "Tudo bem, *trabalho de casa* será."

Ele a puxou contra ele, até eles estarem deitados cara-a-cara, estendidos por todo o comprimento do sofá. Não demorou muito e ela ficou agitada, suas mãos movendo-se impacientemente, explorando-o. Ela estremeceu quando seus dedos estavam por baixo de sua blusa, alisando sua pele nua. Ele acariciou sua barriga e foi subindo, a pele de suas ásperas mãos contra sua carne macia. Seu polegar roçava sua caixa torácica, fazendo sua respiração parar.

E então, como várias vezes antes, ele parou, abruptamente recuando. Ele moveu-se somente alguns centímetros, mas pareciam como milhas, e Violet sentiu uma onda familiar de frustração.

Ele não disse nada; não precisava. Violet entendeu perfeitamente. Foram longe demais. *De novo*. Mas Violet estava frustrada, e estava ficando cada vez mais difícil ignorar seu desapontamento. Ela sabia que eles não podiam jogar esse jogo insatisfatório para sempre.

"Então você está indo para Seattle amanhã?" Ele usou a pergunta para preencher o abismo entre eles, mas sua voz tremia e Violet estava feliz por ele também ter sido afetado.

Ela não era tão rápida em fingir que estava tudo bem, especialmente quando o que ela realmente queria fazer era rasgar a camisa dele e desabotoar seus jeans.

Mas eles falaram sobre isso. E, mais uma vez, eles decidiram que precisavam ter certeza. *Cem por cento* de certeza. Porque depois que a linha fosse cruzada...

Ela e Jay são amigos desde a primeira série, e até o fim do ano passado eles eram somente isso. Agora que ela estava apaixonada por ele, ela não podia imaginar perdê-lo porque tomaram a decisão errada.

Ou tomaram a decisão cedo demais.

Ela decidiu deixar Jay ter sua conversa fiada. Por enquanto.

"Sim, Chelsea quer ir pela orla e talvez fazer umas compras. É mais fácil estar perto dela quando somos só nós duas. Você sabe, quando ela não está sempre... *ligada*."

"Você quer dizer quando ela não está mexendo com ninguém?"

"Exatamente."

Jay franziu a testa, e por um momento Violet se perguntou o que ele estava pensando. Então ele sorriu para ela enquanto colocava a mão atrás da cabeça, ficando confortável novamente. Seus olhos brilhavam maliciosamente, lembrando a Violet que ele ainda era seu melhor amigo. "Você sabe que ela me fez um lista né?"

"Como assim?"

"Uma lista. Chelsea me fez uma lista de perguntas para fazer a Mike."

Violet riu, levantando-se. Era ridículo demais para acreditar. Mas era Chelsea, então claro que era verdade.

"E o que você fez com a lista? Você não entregou a ele, certo?" Violet perguntou, seus olhos arregalados em choque.

Jay sentou-se também e riu, e Violet teve certeza de que ele entregara. Então ele sacudiu a cabeça. "Nah. Eu disse a ela que se ela realmente quisesse as respostas, ela deveria entregar para ele pessoalmente."

Violet relaxou no sofá. "E ela entregou?"

Jay deu de ombros. "Não sei. Nunca se sabe com Chelsea." Ele inclinou-se para frente, observando Violet de perto enquanto corria seu polegar para baixo em sua bochecha. "De qualquer forma," ele disse, mudando de assunto, "Eu saio do trabalho as seis amanhã; talvez você possa me ligar amanhã depois disso." Ele se moveu para perto, sorrindo. "E você pode me dizer o quanto sentiu minha falta."

Ele a beijou, primeiro rapidamente. Depois o beijo se aprofundou, e ela o ouviu gemer. Dessa vez, quando ele se afastou, havia indecisão em seus olhos.

Violet queria dizer algo sarcástico e sagaz para aliviar o clima, mas com Jay a encarando daquele jeito, qualquer chance de encontrar uma resposta inteligente estava perdida. Ela podia desaparecer nas profundezas daquele olhar incerto.

Ela ignorou o senso comum que a avisava para *não* se inclinar para outro beijo. Ela preferia muito mais ceder à outra parte dela. A parte que queria mais, a parte que dizia a ela: *Não pare*.

E quando Jay não se afastou também, ela percebeu que não era a única desconsiderando a lógica essa noite.

Seu coração pulava batidas, vibrando loucamente, quando seus lábios finalmente se tocaram.

2

Violet estava sentada na mesa da cozinha quando seu pai desceu, já vestido para o trabalho. De acordo com o relógio, eram só 5:15. De um sábado.

"Eu fiz café." Violet manteve sua voz baixa, apesar de que não tinha chance no inferno que eles acordariam sua mãe a essa hora.

Seu pai ignorou seu comentário e sentou ao lado dela. "Qual o problema, Vi? Não podia dormir?" ele franziu a testa, parecendo ainda mais sério que o normal. "Era o sonho de novo?"

Violet cerrou seus dentes. É claro que era o sonho. Era sempre o sonho—um homem sem rosto a perseguindo—acordando ela noite após noite, um grito entalado dolorosamente, quietamente, contra o buraco de sua garganta.

Ela odiava o sonho.

"Terceira noite essa semana," ela suspirou. "Pelo menos eu quase consegui até de manhã dessa vez."

Seu pai pressionou suas mãos sobre as dela. Era um gesto gentil, tranquilizador. "Você está segura, bebê. Ninguém pode te machucar agora." Ele apertou mais forte, tentando convencê-la. "Você e Jay, vocês estão ambos seguros."

"Eu sei que é só um sonho." Ela encolheu os ombros, afastando sua mão. Ela tomou outra mordida do seu cereal, sorrindo fracamente e fingindo que ela acreditava em suas próprias palavras.

Se somente não tivesse parecido tão real...

Mas ela sabia que ele estava certo; foi só um pesadelo, nada mais. Não *significava* nada.

Além disso, não é como se ela fosse psíquica. Psíquicos têm habilidades que na verdade eram úteis; eles podiam prever o futuro, ver coisas *antes* de elas acontecerem.

As habilidades de Violet eram algo totalmente diferente: ela só podia localizar os mortos. E só *depois* que eles tivessem sido assassinados.

Era uma habilidade dolorosa de ter—uma que ela foi capaz de usar uma vez, quando um par de assassinos em série caçou garotas na área. Mas, é claro, ela não foi capaz de salvar suas vítimas. Ela somente ajudou a localizar os assassinos, para parar eles de matar de novo.

Sim, talvez ela fosse especial, mas se ela pudesse escolher, ela teria escolhido ser psíquica. Ou, ainda melhor, completamente normal.

Infelizmente, Violet nunca teve uma escolha no assunto.

Chelsea estava só meia hora atrasada. Nada mal para os padrões de Chelsea.

Ela buzinou da entrada da garagem, um clangor longo, inconsiderado. Até o carro de Chelsea era detestável.

Violet fez um olhar de desculpas pra sua mãe antes de ir para fora da porta.

Chelsea buzinou uma segunda vez conforme Violet pulou os degraus da frente.

"Legal, Chels. E se meus pais estivessem dormindo?" Violet acusou enquanto ela deslizava dentro do interior quente do carro.

"É, certo. Seu pai é, tipo, um fazendeiro. Ele é o tipo de cara cedo-para-dormir-cedo-para-acordar. E eu realmente duvido que a sua mãe durma depois das dez, mesmo num sábado." Ela deu a Violet um olhar de soslaio e levantou suas sobrancelhas. "Estou errada?"

"Não esta manhã," Violet admitiu. "Mas você poderia estar."

Mas era inútil discutir; Chelsea já estava ligando seu som.

O fim de janeiro não era a temporada turística normal no centro da cidade, especialmente na zona portuária de Seattle. No verão, ficava agitado com atividades: compradores, turistas, shows de rua improvisados, artistas, e todos os restaurantes espremidos ao longo do cais. Nessa época do ano ainda havia atividade, mas as multidões eram anêmicas, as pessoas se aninhavam dentro de seus casacos de inverno quentinhos e se agarravam a seus guarda-chuvas sob as baixas nuvens cinza.

Chelsea não parecia perceber o tempo ou a ausência da fanfarra nas ruas. "Nós deveríamos, com certeza, pegar uma balsa até uma das ilhas," ela implorou sem fôlego.

Violet sorriu. "Tudo bem. Qual nós deveríamos pegar?"

Violet conseguia se lembrar de quando era pequena andando de balsa com seus pais. Eles iriam comprar pra ela um chocolate quente do posto de concessão e então se amontoariam nas grades para assistir as agitadas ondas pretas da Puget Sound.

Chelsea pulou pra cima e pra baixo, o entusiasmo no rosto dela a fez parecer mais jovem, menos cansada. "Vamos simplesmente pegar o primeiro que conseguirmos!"

Violet riu. Era por isso que ela gostava de sair sozinha com Chelsea; ela era uma pessoa diferente quando ninguém estava olhando.

De acordo com o itinerário, havia um passeio para uma ilha partindo em menos de uma hora. Elas compraram os tickets e vagaram pelo cais antes de embarcarem.

Elas pararam na Ye Olde Curiosity Shop, uma das favoritas dos turistas, repleta de extravagantes shows de horrores, onde Chelsea comprou um colar com uma assustadora cabeça enrugada pendurada na corrente. E antes de saírem, elas pediram para o cara de trás do balcão para tirar uma foto das duas paradas na frente de um porco petrificado que estava em exposição.

Uma vez que elas estavam fora, estava começando a garoar, e Violet puxou o capuz do seu casaco sobre sua cabeça.

A *sensação*, as vibrações vacilantes, a atingiram muito antes do som.

Aquele inequívoco arrepio debaixo de sua pele foi seguido imediatamente pela sensação inexorável de ser convocado, como se algo alcançasse o seu cerne e puxasse. Ela não podia ignorar a atração mais do que podia negar o que era.

Algo morto chamava a ela.

O barulho que perseguia as vibrações, a alcançando afinal, estava distintamente fora de lugar ao longo da beira das ásperas águas invernosas de Puget Sound's.

No verão poderia ter achado um lugar anônimo dentre os artistas de rua que se expõem ao longo do cais para atrair turistas. Mas agora, na calada do inverno, o som instrumental de uma harpa, como aquela que Violet imaginava que os anjos tocavam, era estranho nos seus arredores. Teria sido calmante—os sussurros acústicos—se não fosse que isso sinalizava a presença de um corpo... humano ou não.

Violet estava torcendo por *não*.

"Onde estamos indo?" Chelsea perguntou, cortando a concentração de Violet conforme ela lutava para segurar os precários sons chegando a ela.

Violet não tinha nem percebido que ela se afastara das lojas a beira-mar. Ela parou, levantando sua mão. "Eu acho que ouvi algo," ela explicou distraidamente.

Ela pensou sobre resistir a urgência de seguir o som, só ignorar isso, especialmente aqui... com Chelsea, que não sabia nada sobre o *dom* da amiga. Além do mais, o que ela pensava que iria fazer uma vez que encontrasse o corpo que a chamava? Não havia lugar para enterrá-lo, e ela certamente não podia levá-lo com ela.

Algumas vezes, quando estava perto de um corpo, ela se sentia puxada em direção a isso, compelida a achá-lo.

Geralmente quando Violet achava um animal, o acidente de um predador selvagem, ela podia tomar conta disso por si só. Ela tinha seu próprio cemitério. Horrível, sim, mas uma necessidade para qualquer garota com a habilidade de achar os mortos.

Se acabasse por ser uma pessoa, entretanto, isso era completamente outra história.

Uma vez que um eco a chamava, e antes que ele fosse propriamente enterrado, não importa quão longo ou curto o período seja, Violet permanecia vacilante. Não era até darem ao corpo seu próprio lugar de descanso final que esse eco iria desvanecer, caindo no pano de fundo de sua consciência, nunca desaparecendo completamente, mas enfraquecendo, se tornando menos... *perseguidor.*

Nesse dia, Violet poderia respirar outra vez.

Em vez de tentar resistir a atração que ela sentia agora, ela se ouviu dizendo, "Fique aqui, Chels. Eu já volto." Ela não esperou a amiga responder conforme ela se afastava.

Levou um momento para Violet localizar a direção de novo, conforme o som a puxava do cais.

Era mais longe do que ela esperava, e ela estava somente moderadamente consciente que o cenário a sua volta estava mudando dramaticamente. Debaixo de sua pele, a harpa de cordas continuava a dedilhar.

No outro lado da estrada, na rua em frente às águas do Puget Sound, ela passou pelas charmosas lojas de antiguidades e fachadas de tijolos desbotados da velha Seattle. Ela se moveu em direção às docas de transporte a sua frente. Uma alta cerca de elos de metal com arame farpado no topo apareceu, em forte contraste com as calçadas de pedras e madeiras desgastadas do cais que ela deixou para trás.

Grandes fendas dividiam o concreto irregular em que ela pisou.

Sinais pendurados na cerca diziam: *Intrusos serão processados.*

Por trás da cerca, enormes contêineres de aço estavam empilhados em cima uns dos outros, de ponta a ponta, criando fortificações impenetráveis, protegendo da vista pilhas de paletas da classe industrial e um exército de empilhadeiras. Maciços guindastes de aço vermelho ficavam bem acima dos contêineres. Vários navios de carga flutuavam nas águas situadas além.

Gaivotas, algumas de um vívido branco e algumas da cor de água suja, pousavam intermitentemente nas terras, perseguindo restos de comida.

Era sábado, e os estaleiros estavam praticamente desertos, com apenas alguns carros estacionados nos lotes externos. Mas o grande portão central estava aberto.

Violet deslizou para dentro sem reparar. Ela estava muito preocupada para se importar se alguém a viu. O som suave das harpas ficou mais forte até que as vibrações

eram quase dolorosas e Violet encontrou-se rangendo os dentes. Era atrativo, este eco... esta morte. E Violet estava tão perto.

Ela moveu-se em torno de uma linha alta de contêineres de carga que estavam pintados em tons embaçados de vermelho, azul e cinza aço.

O cheiro de água salgada era nítido no ar, e ela perguntou como isso passara despercebido por ela até agora. Agora parecia tão significativo. A água salgada e a harpa. *E o corpo.*

Ela parou, de repente consciente de que não estava mais sozinha.

A pele na parte de trás do seu pescoço apertou, picando. Alguém estava atrás dela; alguém estava assistindo ela.

Ela prendeu a respiração, com medo de virar. E com ainda mais medo de não. Ela sentiu isso antes, essa sensação de ser perseguido. Todos os músculos em seu corpo estavam comprimidos e tensos.

Mas ela não tinha escolha, precisava descobrir quem estava lá.

Um... Dois...

Antes que ela chegasse a três, ela sentiu alguém agarrar o seu braço, segurando-a com força.

Violet estremeceu, o coração dela estrondando dentro do peito...

E Chelsea gritou, preocupação nublando seu rosto conforme Violet se virava para olhar para ela, seus olhos arregalados. A mão de Chelsea subiu para cobrir sua própria boca.

"Chels, que diabos? Eu pensei ter dito para você esperar!" Violet sussurrou, arrastando Chelsea mais perto dos contêineres, onde ninguém seria capaz de vê-las.

Chelsea pegou a mão de Violet. "O que você acha que ouviu, Vi?"

Violet levantou um dedo sobre os lábios em advertência, alertando Chelsea para ficar em silêncio enquanto ela se movia para frente dela, concentrando-se mais uma vez no som da harpa. Ela podia ouvir a respiração pesada de Chelsea logo atrás dela, e ela se perguntou se a outra menina estava com medo... *parecia* que ela estava com medo. Mas Violet não parou para descobrir.

Violet estava confusa. Ela estava no lugar certo; o som estava praticamente dentro dela agora da mesma forma que o eco reverberante estava, batendo cordas suaves de dentro de seu peito e se espalhando para a cabeça dela... seus dedos... seus dedos dos pés.

Mas não havia nada aqui.

Somente contêineres presos em uma vasta extensão de asfalto. Todos sólidos. E selados.

Ela olhou para o contêiner de carga vermelho na frente dela; suas paredes de aço ondulado estavam intransitáveis.

Ela moveu-se em torno dele, estendendo a mão para escovar os dedos ao longo da superfície áspera, examinando as impecáveis arestas e *sentindo* o som sob o seu couro cabeludo. Sua pele arrepiou. Ela finalmente encontrou a porta do recipiente de transporte, mas era evidente que não era uma abertura que Violet poderia acessar. Estava selado apertado, um grande, enferrujado cadeado pendurado de forma segura a partir de um anel de metal grosso.

Está lá dentro, Violet pensou em silêncio. O que quer que a chamava estava dentro do enorme contêiner.

"O que estamos fazendo aqui?" Chelsea a questionou novamente, e Violet podia ouvir o alarme traçando a voz de sua amiga.

Violet olhou para cima, momentaneamente esquecendo o corpo aprisionado no interior do túmulo de aço.

O que Violet poderia dizer a ela? Ela não estava prestes a dizer a Chelsea o que ela podia fazer. Jay era a única pessoa fora de sua família que estava ciente de sua estranha habilidade para descobrir os mortos... os *assassinados*. E Violet planejava que continuasse assim.

Além disso, mesmo que Violet pudesse encontrar palavras plausíveis para explicar sua habilidade, Chelsea nunca iria entender.

Como ela poderia? Ela ia pensar que Violet era uma espécie de aberração.

Ela olhou para o contêiner uma última vez, sentindo-se derrotada por sua maciça, impenetrável superfície. Ela olhou ao seu redor e tentou afastar o zumbido dentro de sua cabeça, tentou ignorar os sons, os que só *ela* podia ouvir, vindo de dentro da caixa de aço.

"Eu pensei ter ouvido alguma coisa," Violet repetiu.

"Vamos perder o nosso barco," disse Chelsea.

Violet finalmente desistiu. Que escolha ela tinha? Não era o mesmo que encontrar um corpo na terra macia da floresta em torno de sua casa. Este corpo foi selado, inacessível. E ela nem sequer sabia *o que* era.

Provavelmente era algum animal—uma gaivota ou um rato—acidentalmente aprisionado no interior do navio de carga, morto de fome.

Poderia ser uma ofensa que deixasse impressão, uma morte causada por engano?

Deve ser, Violet pensou enquanto seguia Chelsea de volta aos estaleiros navais.

O sal pesava no ar, agarrando-se às ondas sonoras... e a perseguidora ressonância da harpa flutuou atrás delas.

O passeio de balsa foi mais divertido do que Violet esperava, especialmente à luz de sua descoberta nos estaleiros.

Elas só ficaram na ilha por cerca de uma hora, andando da doca para uma sorveteria, o tipo que faz sorvete de verdade como antigamente e o serve em quentes, feitos à mão, cones de waffle. Elas pediram o mais gigantesco cone de duas bolas e de alguma forma conseguiram comer até a última mordida.

Chelsea falou sobre Mike, o garoto novo—*de novo*—e Violet escutou principalmente. Não era próprio de Chelsea ficar obcecada por um menino, e Violet achou meio hilariante ouvi-la falar sobre ele de novo e de novo. Não que houvesse muito para falar de novo e de novo. Elas ainda não sabiam quase nada sobre ele, exceto que o nome de sua irmã era Megan, e seu sobrenome era Russo. Nos três curtos dias que ele estava na escola, ele e sua irmã conseguiram ficar principalmente consigo mesmos.

Além de Jay, Violet mal viu Mike falar com alguém. Então Chelsea foi forçada a repetir as poucas coisas que sabia sobre ele e se perguntar em voz alta sobre o resto.

Durante a viagem de volta, Violet lutou contra o desconforto persistente do eco no estaleiro. E apesar de que ela não podia mais *sentir* isso fisicamente puxando-a, ou mesmo ouvir os sons da harpa lá fora, nas águas abertas, não quer dizer que a deixasse sozinha.

A já familiar sensação caiu sobre ela, a inquietação com a qual cresceu e já se acostumou, quando um corpo estava desesperado para ser sepultado.

Os mortos nem sempre querem ser esquecidos. E aqueles que precisam ser descobertos podiam ser tão poderosos que se tornam o único pensamento de Violet, seu único propósito, até ela conseguir localizar os restos mortais e, se possível enterrá-los adequadamente, dando tanto a vítima quanto a si mesma um senso de conclusão.

Encerramento, foi o nome dado pela sua mãe.

Encerramento era uma boa palavra para o alívio que sentia quando um corpo era enterrado com segurança. *Silêncio* era outro. Melhor ainda, Violet pensou, era *paz.*

Ela fez o possível para ignorar a atração que a puxou assim que elas entraram novamente na cidade, tão perto do corpo mais uma vez. E a viagem para casa não foi melhor. Assim como na balsa, havia esse sentimento sempre presente de descontentamento que se recusava a libertá-la.

Chelsea deixou Violet em casa, buzinando uma última vez para se despedir quando Violet saiu do carro.

Violet riu, talvez um pouco demais, enquanto tentava afastar a tensão que se instalava mais forte a cada minuto que passava.

Até a hora que Jay ligou, Violet estava de mau humor. Ela pensou em contar a ele sobre isso, sobre o que havia acontecido em Seattle, mas tudo o que ela realmente queria fazer era enroscar-se em uma bola e ignorar totalmente o que aconteceu. Se ela pudesse se distanciar de tudo isso, ela faria.

Apesar de Jay tentar fazê-la mudar de ideia, ele a conhecia bem para não forçar muito. Violet precisava de algum espaço.

Ela tinha certeza que iria contar a ele sobre isso eventualmente. Só não agora.

Por enquanto, ela queria descansar. E esquecer.

3

A escuridão era sufocante, esmagadora. Ela estava com medo de que isso ia sufocá-la. Mas era o frio que era insuportável.

Ela procurou à sua volta, mais uma vez, exatamente como havia feito todos os momentos nas horas—ou dias—em que ela estava lá dentro. O tempo parara de ter qualquer significado tangível conforme os segundos se esticavam em minutos, se esticavam em horas. Se esticavam em dias.

Era inútil, seus esforços inúteis. Não havia como escapar, e ela já sabia, mas seus instintos minguantes de sobrevivência se recusavam a permitir que ela se rendesse... aceitasse seu destino.

Não havia luz. Nem mesmo um vestígio. Nem mesmo uma centelha.

E nenhuma luz significava nenhuma abertura.

Mas ela procurou de qualquer forma, porque ela não podia desistir, sentindo com as pontas dos dedos ao longo de toda a superfície que ela pudesse encontrar... o chão... as paredes... os cantos. Eram todos muito familiares para ela agora, e sua pele estava machucada de sondar o inflexível e castigador metal.

Pânico tomou conta, de novo, e ela gritou, batendo com os punhos machucados contra as paredes que a confinavam. A voz que saiu de sua boca era estranha, até mesmo para seus próprios ouvidos. Era fraca e pequena. Parecia alguém que já havia se rendido à morte.

A escuridão a fechou, enchendo seus pulmões até que foi difícil de respirar e impossível gritar por mais tempo. Os sons da sua voz, de um estranho, saíram estridentes e ecoaram em torno dela até que ela encontrou-se ofegante para pegar ar real... ar limpo... ar *sem escuridão*.

Ela caiu para o canto, envolvendo os braços em volta dos joelhos e balançando-se.

Estava tão escuro.

E ela estava sozinha. E com muito, *muito* medo.

Ela chorou no vazio entre as pernas e peito, soluçando primeiro e, em seguida, desaparecendo a um diminuto, quase inaudível gemido, conforme ela se enrolava em si mesma.

Ela queria ir para casa.

Violet não acordou rapidamente. Em vez disso, ela acordou em um soluço lento, chorando na superfície úmida do seu travesseiro, agarrando-o firmemente enquanto tentava abafar o terror persistente.

Ela se sentiu confusa, atordoada. No início, ela não se lembrava do sonho, tão diferente dos que a assombraram no passado, ou a razão de este a levar à lágrimas. Mas enquanto ela ficava lá, lutando por compostura, ele voltou em fragmentos.

A escuridão sufocante.

O medo. Puro pânico.

O sentimento de derrota devastadora.

O vislumbre—embora pálido e fugaz—de esperança.

Era como se ela tivesse sido enterrada viva. Sepultada na escuridão total sem escape. Violet estava abalada pelo pesadelo, mesmo que ela se assegurasse que era apenas isso, um sonho ruim.

Só que desta vez ela não acreditava nisso; ela absolutamente não estava acreditando. Isso foi mais do que apenas um sonho.

E ela sabia o porquê. Era a voz. Não era a *sua* voz. Era pequena. Frágil. E pertencia a outra pessoa.

Ela fechou os olhos, lutando para dar um significado às imagens fantasmagóricas. Por que ela sonhou que era outra pessoa, presa e sozinha no escuro?

E por que parecia tão real?

Mas ela sabia a resposta. É claro que ela sabia. Ela soube, mesmo em seu sonho, nos mais profundo dos vazios do sono. E agora, enquanto ela dançava entre saber e não querer admitir a verdade, ele fraturou o seu agarre provisório no seu próprio bem-estar.

Parecia real, porque era real.

Alguém estava lá. Isolado e com medo.

Ela piscou, tentando fazer com que a ideia fosse embora, mas ela se recusou a ceder.

Havia uma pessoa dentro do contêiner de aço.

Ela balançou a cabeça, embora não houvesse ninguém para vê-la. Ainda assim, a voz dentro de sua cabeça se recusou a ser silenciada. “Não,” ela sussurrou, “não tem.”

Mas dizer as palavras em voz alta não as fazia verdadeiras; mesmo ela sabia disso.

As lágrimas vieram novamente, mas desta vez elas eram dela e só dela. Porque mesmo que ela soubesse o que seu sonho estava dizendo a ela, que havia uma pessoa lá dentro—uma pessoa morta—ela também sabia que ela precisava voltar para ter certeza.

O céu estava em um tom de ébano polido quando Violet se arrastou para fora de sua casa, deixando apenas uma breve e vaga nota, assim seus pais não ficariam assustados quando levantassem e descobrissem que ela tinha ido embora.

Ela prendeu a respiração, ouvindo o barulho do cascalho sob os pneus conforme passava seu carro para fora da garagem com as luzes ainda desligadas. Quando ela chegou à estrada, verificou duas vezes seu bolso para se certificar de que seu telefone celular estava lá, e acendeu os faróis, lançando um brilho não natural através da névoa que se instalara ao longo das estradas desertas em torno de sua casa.

O ar estava revigorante, e já que Violet não tinha tempo para deixar o carro esquentar antes de sair, muito preocupada que seus pais ouviriam o motor ruidoso, o interior estava congelado. Ela podia ver sua própria respiração na frente de seu rosto enquanto dirigia em direção à estrada principal para fora da cidade.

Era cedo ou tarde—dependendo do seu ponto de vista, e as estradas estavam vazias àquela hora. Violet sentia-se como a única sobrevivente em uma espécie de filme pós-apocalíptico, sozinha na concha abandonada de uma cidade. A ilusão foi destruída quando viu um carro vindo em sua direção no lado oposto da estrada estreita. Ela se perguntou brevemente se eles estavam indo para casa ou saindo como ela.

Porque ela não dormiu muito, estava cansada. Fatigada era mais preciso. E a escuridão tinha um efeito de embalo em seus sentidos enquanto seu carro atravessava o pavimento, balançando-a gentilmente. Ela parou em uma pequena parada drive-through de expresso que estava aberto toda a noite para pegar um expresso de baunilha duplo, esperando afastar um pouco do cansaço de seu sistema para a longa viagem a Seattle.

Enquanto ela se aproximava da cidade, e a noite beirava o amanhecer, o céu gradualmente mudava de ébano a um profundo carvão esfumaçado. Mais carros rastejaram para as estradas, e de repente Violet não estava mais sozinha.

Mas isso não quer dizer que ela estava menos amedrontada. Ela estava apavorada sobre voltar para o estaleiro, sobre ficar em frente aquele contêiner de carga pela segunda vez, sabendo o que poderia estar lá dentro. E ela não tinha ideia do que ela poderia fazer sobre isso uma vez que chegasse lá.

Infelizmente não havia como simplesmente ignorá-lo também. Esse eco nunca a deixaria sozinha.

Ela parou, estacionando seu carro em frente da alta cerca de elos de metal que guardava o perímetro dos estaleiros navais. Mesmo de onde ela se sentava, era óbvio: o portão definitivamente *não* estava aberto essa manhã.

Violet saiu de seu carro e se aproximou da entrada fechada. Nuvens cristalinas de vapor eram visíveis de sua boca conforme ela fechava o zíper do casaco e enfiava as mãos dentro dos bolsos. Ainda estava tão escuro, *muito escuro*, e Violet fez uma varredura da área para qualquer sinal de vida.

Ontem havia apenas algumas pessoas zanzando, mas esta manhã não havia ninguém. O silêncio era quase completo, exceto por uma coisa: as vibrações trêmulas da harpa.

Elas só favoreciam a calma misteriosa que flutuava como neblina através do terreno desabitado.

Seu coração batia temerosamente quando chegou na abertura fechada. Parte dela esperava que estivesse trancado, provavelmente tenha esperado por isso por toda a viagem. E agora, o desejo quase ofuscou o pesadelo que a empurrara até aqui em primeiro lugar.

A covarde nela pensou sobre sair, sobre só se virar e voltar. Mas ela sabia que não podia. Isto não era algo que simplesmente iria embora por conta própria. Ela sabia disso com muita certeza.

Passar pelo portão acabou por ser simples. Não havia uma tranca, pelo menos não como o cadeado que ela viu no contêiner de transporte. Ela estendeu a mão para tocar a aparentemente simples trava em forma de U da cerca. Seus dedos a agarraram e ela levantou. Abriu facilmente.

Ela olhou ao redor para ver se alguém estava olhando, mas não havia ninguém à vista.

Cada fibra do seu corpo estava em estado de alerta enquanto prendia a respiração e empurrava o portão.

Ele abriu um pouquinho. Ele era alto e mais pesado do que parecia, e Violet teve que inclinar-se nele uma segunda vez, usando seu ombro para empurrá-lo o suficiente para que ela pudesse se espremer.

A ressonância da harpa eclipsou os ruídos em torno dela, a cidade acordava às suas costas e o oceano à sua frente vaporosamente surreal. Sinistro, era como a trilha sonora de um filme de terror.

Mas isso não era um filme, Violet lembrou a si mesma; ela estava lá para encontrar um corpo.

Ela rastejou o mais silenciosamente que pôde em torno dos contêineres, apesar do fato de parecer estar completamente sozinha, seguindo o fantasmagórico eco da harpa que a chamou. Quando ela viu o contêiner a sua frente, exatamente com a mesma aparência do dia anterior, ela foi agredida por esse mesmo senso de alarme, o aperto repentino de pânico que sentiu durante seu sonho. O terror, ela identificou, de ser presa dentro de sólidas paredes de aço.

Ela estava tremendo por inteiro, seu corpo imitava as vibrações que estremeciam através dela como correntes elétricas. Ela queria chegar mais perto, mas seus pés pareciam pesados e ela lutava com o peso deles.

Quando ela chegou ao contêiner, o eco musical que até ontem parecia assustadoramente harmônico agora parecia ameaçador. Rasgou através de seus sentidos como uma motosserra fora de controle, a assolando.

Ela esforçosamente conseguiu tocar as paredes de aço, temendo que elas pudessem queimá-la. Mas, exatamente como ontem, as pontas dos seus dedos escovaram o frio metal ilesos. Devido ao seu pesadelo, ela sabia precisamente como se sentiria por dentro, e essa memória ficou com ela enquanto acariciava o exterior.

As vibrações eram chocantes, o eco da harpa era invasivo e doloroso.

Ele, ou ela, estava ali dentro. E apesar de ser tarde de mais para salvar a pessoa, o corpo ainda queria ser achado.

Violet estremeceu contra o frio enquanto tentava adentrar o calor de seu casaco grosso. Mas nada poderia aquecê-la agora; o frio estava adentrando os ossos.

Ela se perguntou porque sonhara com este indivíduo. Sua habilidade nunca chegou a esse ponto. O que havia *nesse* corpo que o infiltrava em seus sonhos?

Violet não sabia o que fazer agora. Para quem ela ligaria? Para quem contaria?

Não para o seu tio Stephen. Mesmo colocando de lado o fato de que Seattle era muito além de sua jurisdição como policial, ele ainda era seu tio, e isso significava, sem dúvida, que ele se sentiria obrigado a dizer ao seus pais que ela saíra—sozinha e praticamente no meio da noite—na busca por um corpo morto. Eles nunca a deixariam sair novamente.

E, por praticamente as mesmas razões, ela não poderia contar ao Jay também.

Mas ela precisava fazer algo. Ela nunca mais poderia dormir de novo se não ajudasse quem é que fosse que estivesse ali dentro.

Ela apalpou o celular dentro de seu bolso.

Ela podia ligar para as autoridades locais... anonimamente. Ela podia inventar alguma desculpa para eles virem e olharem o corpo e depois sair sem falar seu nome.

Mas mesmo ela sabia que não poderia usar seu celular; seria muito fácil rastrear a chamada até seu telefone. E então eles iriam querer saber como ela sabia onde achar o corpo. Uma pergunta que ela não queria responder.

O que ela precisava era dar o fora dali. Para achar um telefone público.

Ela se moveu rapidamente agora, dando de costas para o estaleiro. Ela atravessou a abertura na entrada e correu em direção a calçada, buscando com os olhos por todos os lados um telefone público.

Não demorou muito para achar um; haviam dois, de fato, que ela podia ver de onde estava. Um estava no topo do estacionamento do estaleiro.

Ela correu pelo curto espaço e apanhou o receptor. O aparelho estava frio e sujo, mas Violet mal notou. Ela inspecionou a face prateada do telefone para as instruções de discagem. Ela não tinha nenhuma moeda, então ela torceu para que funcionasse.

Ela discou rápido, seus dedos estavam trêmulos.

Houve um clique suave, e em seguida...

A voz fria de uma mulher falou do outro lado. "911, qual é a sua emergência?"

Violet parou. *Isso é um erro*, pensou, *eu deveria desligar*. Seu polegar pairava sobre a grande alavanca no telefone.

"Operador do 911, por favor, indique a natureza da sua emergência."

Ela hesitou, mas ela precisava fazer algo.

"Olá?" ela disse sem rodeios, a mente girando em mil direções diferentes, lutando para obter uma explicação coerente.

"Por favor, indique a natureza da sua emergência."

"Eu... acho que ouvi alguma coisa... *alguém*..." Violet começou, ainda sem certeza. Suas mãos tremiam, assim como sua voz. "Estava vindo de dentro de um dos contêineres à beira-mar."

"Você tem um endereço?"

Violet balançou a cabeça, mesmo que o despachante não pudesse vê-la.

"É perto dos terminais de balsa. Os do Cais Cinquenta e dois. Há um sinal que diz *Puget Sound Shipyards."*

Ela estava nervosa sobre fazer a chamada. Talvez ela tivesse cometido um erro. Ela

olhou em volta, hesitante, de repente se perguntando sobre que tipo de pessoa poderia colocar alguém dentro de um dos contêineres. E se essa pessoa ainda estivesse aqui? E se ele estivesse olhando para ela? E se ele tivesse seguido a ela?

Ela deu um passo de distância, e a mão segurando o aparelho caiu para o seu lado conforme ela se esforçou para ouvir os sons ao seu redor, procurando por qualquer sinal de que não estava sozinha. O cabo de metal que conectava o receptor ao telefone público atingiu seu limite e ela congelou. Ela podia ouvir o operador falar do outro lado, mas ela não conseguia distinguir as palavras.

Ela precisava sair de lá, mas essa necessidade era superada pelo desejo de fazer alguém vir... para encontrar quem foi preso dentro da caixa de aço.

Ela levantou o receptor de volta ao ouvido, pronta para fugir a qualquer momento. "Isso é tudo que eu posso te dizer. Há alguém lá dentro, uma pessoa... trancado em um dos contêineres. Um contêiner de carga vermelho. Por favor... *envie ajuda*..." Ela estava sussurrando agora, com medo de que alguém além do operador pudesse estar ouvindo-a.

"Qual é seu nome..."

Violet desligou, pondo fim à chamada com uma sensação estranha de mau agouro.

Ela correu o mais rápido que pôde para seu carro. Uma vez que estava dentro com as portas trancadas, ela inclinou a cabeça para trás e lutou para recuperar o fôlego. Ela ligou o motor e ouviu o seu ronronar áspero enquanto esperava o calor se espalhar—e o seu coração abrandar.

Fora do carro, os ecos da harpa foram abafados agora, mas os vacilantes tremores secundários agitaram todo o caminho até sua alma. Ela podia ouvir o som distante de sirenes. Ela se perguntou se esse era o seu destino... se eles estavam vindo por causa de sua chamada.

Ela não esperou para descobrir; ela pôs o carro em marcha e dirigiu para fora do estacionamento, um pouco surpresa que os pneus não gritaram quando pisou no acelerador.

E conforme a aurora aquosa quebrou através do céu, ela era assombrada pela sensação persistente de que havia acabado de cometer um erro terrível.

4

Ainda era cedo, Violet passou a virada para a casa dela, mas continuou dirigindo. Ela não estava completamente pronta para ir para casa, e não pronta para enfrentar as perguntas de seus pais sobre onde ela foi tão cedo em uma manhã de domingo.

No seu bilhete simplesmente falou que ia sair e estaria de volta em breve. Violet sabia que era uma mentira, mesmo que apenas uma de omissão. Para seus pais, no entanto, uma mentira era uma mentira, a distinção não teria importância. Ela só esperava que não fizessem perguntas demais.

Ela dirigiu, em vez disso, a casa de Jay e estacionou ao lado seu preto brilhante Acura.

Ele comprara o carro no outono, logo antes do baile de finalistas. Violet não se lembrava de tê-lo visto quando não estava polido com um brilho altamente brilhante, o que não era pouca coisa em um clima onde chovia a maioria das vezes. Jay passou tanto tempo lavando, ele mesmo, o carro que Violet estava com medo que ele poderia lustrar até mesmo a camada superior da pintura. Mas até agora ele conseguiu brilho, mesmo nos mais sombrios dos dias de inverno, e o carro de Violet apenas pareceu triste e sem graça ao lado dela.

Apesar de ser uma manhã de domingo, a mãe de Jay atendeu a porta pronta para o trabalho. Ela era uma enfermeira do hospital na cidade vizinha, assim sua agenda estava irregular na melhor das hipóteses, mas as horas flexíveis eram perfeitas para a mãe solteira. Após o pai de Jay os deixar, Ann Heaton mudou-se para Buckley, a cidade onde ela cresceu, para criar Jay por conta própria.

"Ei, Violet, você acordou cedo," disse Ann, deixando Violet entrar. "Jay está em seu quarto, ainda está dormindo."

"Obrigada. Estou contente por não acordá-la."

"Oh, querida, mesmo se eu não tivesse mudado o turno no início deste mês, eu não sou de ficar na cama o dia todo. Mesmo em um fim de semana."

"Eu não tenho certeza se conta como *preguiça* quando é apenas sete e meia da manhã," Violet brincou. Seus olhos lacrimejaram enquanto seguia a mãe de Jay para dentro, e ela piscou contra a picada familiar que Ann Heaton sempre lhe causava. A mãe de Jay carregava uma marca própria.

Violet contara apenas para própria mãe sobre a marca de Ann, ela nunca contou a ninguém. Sua mãe explicou a ela as dificuldades que as enfermeiras várias vezes

enfrentavam ao assistir seus pacientes em estado terminal sofrerem mortes agonizantemente lentas.

Violet decidiu não contar a Jay que sua mãe havia matado, mesmo por misericórdia.

Agora, anos mais tarde, o cheiro fumegante de lenha que Ann carregava entorpecera, e a picada que atingiu os olhos de Violet, como fumaça de uma fogueira, diminuíra. Embora não muito.

"Você sabe o que quero dizer, mocinha." Ann deu um tapinha em Violet, da mesma forma que ela fazia com Jay sempre que ele estava dando a ela um tempo difícil. E então ela piscou. "Você pode ir lá para cima, querida. Tenho certeza que ele não vai se importar se você acordá-lo." Ann agarrou sua bolsa e as chaves do carro da mesa ao lado da porta. "Por favor, diga a ele que estarei em casa após o jantar, então ele deve comer sozinho." Sem esperar por uma resposta, Ann deu um beijinho rápido na bochecha de Violet e o cheiro de fumaça flutuava em torno de ambos... só que Ann não podia sentir o cheiro. "Eu tenho que correr ou estarei atrasada. Até mais, querida."

Violet a observou sair. Ela gostava de Ann, amava mesmo. Ela era peculiar e engraçada, e ela nunca fez Violet se sentir indesejada. Sua casa era um lugar que era tão confortável para Violet como sua própria casa.

Ela deixou cair o casaco na parte traseira de uma cadeira e rastejou silenciosamente até o quarto de Jay. Ela fez o seu melhor para não acordá-lo quando fechou a porta atrás dela. Ela o observou dormir, estendido sobre suas costas, sentindo-se voltar à vida na sua presença.

"O que você está fazendo?" ele murmurou sem abrir os olhos.

Violet assustou-se, sentindo como se tivesse sido pega fazendo algo que ela não deveria estar fazendo. Como quando eles eram pequenos e foram presos por olhar uma revista pornô que uma das outras crianças trouxeram para a escola.

Jay rolou para o lado e piscou um olho aberto para Violet, sorrindo. "Venha até aqui," ele rosnou, erguendo o seu cobertor, convidando-a para se juntar a ele. Ele parecia amarrotado, bagunçado e sedutor.

Violet tirou os sapatos e subiu ao lado dele. Ele passou o braço em torno de suas costas, puxando-a para perto. Sua respiração estava quente, seu corpo mais quente, e sentiu descongelar, pela primeira vez desde que ela saiu para o estaleiro naquela manhã. Mesmo no calor da explosão dentro do seu carro a caminho de casa não ajudou.

Ela enfiou o pé entre suas pernas.

"O que você está fazendo aqui tão cedo?" sua voz era áspera de sono, mas soava como o veludo macio. Ele acariciou as costas dela preguiçosamente. "Você está se sentindo melhor hoje?"

A pergunta realmente não precisava de uma resposta, pois era apenas uma maneira de Jay deixá-la saber que ele estava preocupado com ela.

"Eu não tive a intenção de acordá-lo," ela sussurrou quando deixou de se sentir confortável contra ele. Ela estivera fria e cansada e agora que ela estava quente novamente ela pensou que poderia realmente ser capaz de cair no sono, ali mesmo em seus braços.

Ele descansou o seu queixo contra a parte superior de sua cabeça. "Você não acordou," ele assegurou. "Eu já estava acordado."

Violet suspirou. Era tão bom estar aqui. Foi a primeira vez que ela se sentiu confortável desde que ela foi para Seattle ontem com a Chelsea. Jay a fazia sentir-se —*entre outras coisas*—e ela precisava disso agora.

Ela fechou os olhos, pois eles estavam ardendo e secos de falta de sono. Ela respirou fundo, inalando-o, e relaxando enquanto afundava ainda mais para ele... E para o travesseiro sob a cabeça dela.

Ela adormeceu assim, envolta em calor.

Envolta em Jay.

Quando Violet acordou, ela estava sozinha.

Ela estava na cama de Jay, e mesmo ele não estando ali, ela ainda podia sentir o cheiro dele nos cobertores ao redor dela. Ela esticou muito e bem, à espera do sangue começar a fluir para que pudesse encontrar a força para se levantar.

Ela virou de costas e olhou para as familiares rachaduras desbotadas no gesso acima dela. Luz do dia tenso para atravessar as cortinas fechadas. Violet esticou-se novamente, e então relutantemente jogou as cobertas.

Jay estava na cozinha quando ela desceu as escadas.

"Ei, Bela Adormecida," disse ele, olhando para cima a partir do laptop caindo aos pedaços no qual ele estava trabalhando na mesa da cozinha.

A mãe de Jay tinha um monte de coisas grandes que Violet admirava; tecnologicamente mais experiente definitivamente não era um deles. Ela era uma daquelas pessoas que estavam relutantes em entrar no século XXI e abraçar todas as coisas modernas. Ela era a única mulher adulta que Violet conhecia que não possuía um telefone celular, e ela recusava ceder a pressão de pagar um bom dinheiro para Internet de alta velocidade, então Jay foi forçado a ligar o seu laptop de segunda mão na linha telefônica e

usar acesso discado à internet. Não porque eles não podiam pagar tais luxos, mas porque Ann Heaton não cedia sem uma luta.

Violet sorriu preguiçosamente para ele. "Obrigada por me deixar dormir."

"Eu percebi que você estava muito exausta."

"Sim, sinto muito por você acordar tão cedo. Eu provavelmente deveria ter ido para casa." Ela franziu o nariz, esperando que ele parecesse adorável, então iria perdoá-la.

Jay sorriu, e de repente era *ele* que parecia adorável. "Você não me acordou. Sua mãe ligou antes de você chegar, para ver se eu sabia onde você estava."

Violet se encolheu quando ela olhou para o relógio. Ela ficou surpresa ao ver que já era depois do almoço. "*Oh, merda*! É melhor eu ligar e deixá-la saber que estou viva. Ela provavelmente está enlouquecendo!"

"Não se preocupe. Liguei para ela depois que você dormiu. Ela está bem." E então seu rosto ficou sério. "Então? Onde você estava?"

Violet mordeu o interior de sua bochecha. Ela não havia planejado dizer a ele, mas ela não podia mentir tanto. Ele saberia. Ele sempre soube.

Ela levantou um ombro, tentando fazer parecer como se não fosse nada. "Seattle."

Pelo olhar em seu rosto, era a última coisa que ele esperava que ela pudesse dizer. "Então você foi e voltou todo o caminho para a cidade o que, em oito horas? Que horas eram quando você chegou aqui, afinal?"

"Um pouco depois das sete e meia," ela confessou, mordendo sua bochecha novamente.

"Sério, Vi?" Ele passou a mão pelo seu cabelo bagunçado, um sinal claro de que ele mudou de confuso para irritado. "Por quê? Você esqueceu alguma coisa ontem que você precisava voltar para pegar?"

Violet assentiu friamente, sem se comprometer. "Algo assim." Ela virou-se para não enfrentá-lo. Ela pegou a chaleira do fogão e encheu de água.

"*Mm-hmm*." A voz Jay estava cheio de ceticismo. "Então, *o quê* exatamente?"

Ela colocou a chaleira de volta no fogo e virou-se, encostada no fogão. Ela ia ter que dizer a ele. Não havia maneira de contornar isso.

"Senti alguma coisa, Jay. Lá pelo terminal do barco, quando Chelsea e eu estávamos lá ontem. É por isso que eu não queria sair ontem à noite." Ela suspirou. "Eu acho que eu posso ter assustado Chelsea. Ela não tinha ideia do que estava acontecendo."

Ele fez uma careta para ela. "Então, por que diabos você *voltou*?"

Ela esfregou as têmporas com o polegar e o indicador de uma mão, cobrindo os olhos para ele não ver a preocupação em seu rosto. Mesmo com uma boa dose de sono, ela ainda se sentia inquieta... Instável. E ela sabia que não iria se sentir melhor até encontrarem quem estava dentro daquela caixa de aço, que ele—ou ela—foi enterrado. "Eu tive um sonho, e eu precisava voltar e descobrir com certeza se algo—alguém—estava lá."

Quando ela ergueu os olhos, Violet viu os músculos de sua mandíbula flexionando. "Então?" perguntou ele com os dentes cerrados. "E você? Encontrou alguma coisa, eu quero dizer?"

A bochecha de Violet estava ficando ferida onde os dentes estavam rasgando-a. "N-não," ela gaguejou. "Quero dizer, mais ou menos."

"Bom, merda, Violet, o que é que isso quer dizer?"

"Significa que há alguém trancado dentro de um daqueles gigantescos contêineres abaixo nas docas. Mas eu não podia entrar, então eu ainda não sei ao certo. Quero dizer, não, de qualquer forma que eu possa provar."

Jay saltou da sua cadeira. Era mais do que ele poderia aquentar. "Você está me dizendo que você desceu aos estaleiros antes mesmo da luz apagar? No meio da noite? *Sozinha*?"

Violet sorriu. Ela não queria, mas ela não podia ajudar a si mesma, ela sentiu os cantos de sua boca se contraindo para cima antes que ela pudesse detê-los. Ela nunca iria se acostumar com isso, sua preocupação com ela.

"Sim," ela desafiou, dando um passo na direção dele. "Algo assim." Ela caminhou até onde ele estava mal contendo a sua frustração. Ela não tentou esconder seu sorriso. Ela colocou as palmas das mãos contra o peito dele e podia sentir seu coração batendo descontroladamente. "Você acha que vai ficar bem? Você precisa se sentar? Você quer que eu te faça uma xícara de chá ou algo assim?"

"Droga, Violet, não é engraçado. Juro por Deus, você está pedindo para ter problemas quando você faz coisas desse tipo."

Ela deixou cair suas mãos, seus olhos estreitando. "*Coisas desse tipo*, Jay? Coisas de que tipo? Eu *nunca* faço *coisas desse tipo*. E não é como se eu *quisesse* ir; eu *tinha* que ir." Ela não estava mais sorrindo.

Jay exalou alto. "Você deveria ter me chamado. Eu iria com você. *Você sabe que eu iria*."

O bule começou a assobiar atrás dela. "Eu sei," ela admitiu. "Mas você também teria dito aos meus pais. Ou meu tio. E eu não quero que eles saibam. Por favor, não diga a

eles, Jay." O vapor assobiou através da chaleira do bico, e Violet virou para deslizá-la do fogão.

Ela manteve-se ocupada por um momento, despejando água quente em uma caneca e dando a chance de Jay absorver o que ela acabara de pediu, deixando-o considerar seu pedido.

Antes do baile e antes que eles fossem um casal, não haveria nada para pensar, ele nunca a entregaria. Eles guardavam os segredos um do outro. Não importa o quê.

Mas agora tudo—*tudo*—mudou, e Violet às vezes se surpreendia com quão longe ele iria para mantê-la fora de perigo. Ela sabia que, para ele de qualquer maneira, isso significava que ele iria até mesmo trair os segredos dela, se isso significasse que ela estaria mais segura no final.

Ela carregou sua caneca fumegante com o saquinho de chá boiando dentro, e colocou-a sobre a mesa quando se sentou.

Jay relutantemente sentou também. Ele se inclinou e apoiou seus cotovelos nos joelhos, observando-a cautelosamente. Finalmente ele suspirou, "Eu não vou contar... *se* você me fizer uma promessa."

Ela encontrou os seus olhos, hesitando pelo olhar que ela viu em seu rosto. A inusitada mistura de ternura e de medo estava em desacordo, mas fez Violet se sentir quente e suave por dentro. Ele estendeu a mão para ela, e ela tomou-a, deixando-o puxá-la para ele. Ela se acomodou em seu colo enquanto ele passava os braços em torno dela. Ele se aninhou no pescoço dela, inalando profundamente como se o cheiro dela fosse de alguma forma reconfortante.

"Da próxima vez..." ele insistiu com uma voz mais calma do que antes, "você me chama."

Ela balançou a cabeça, satisfeita que ele iria mantê-la segura... segredos e tudo mais.

Era completamente surpreendente para ela—mesmo depois de todos esses meses—estar apaixonada por seu melhor amigo.

Violet sobreviveu ao interrogatório surpreendentemente breve de seus pais. Ela e Jay criaram uma história sobre Chelsea, na qual ela havia deixado o celular na casa da amiga no dia anterior. Mas como acabou acontecendo, ela realmente não precisava da mentira. Seus pais não pareciam assim tão preocupados com onde ela estava. Eles estavam mais preocupados sobre como ela estava se sentindo hoje, sabendo que ela se trancou em seu quarto na noite anterior.

Mais tarde naquela noite, mais uma vez sozinha em seu quarto, Violet ligou a TV e vasculhou as notícias locais para os relatórios de que um corpo havia sido descoberto na costa. Quando ela não encontrou nada sobre a notícia, ela verificou a internet. Ela estava com medo que ele estaria lá, que seus medos mais obscuros finalmente seriam confirmados, de que alguém *tinha* sido assassinado e deixado para trás para ela encontrar.

E ela ficou igualmente com medo de que não haveria notícia, de que ela permaneceria nesse estado atormentado por tempo indeterminado. De qualquer maneira, seria devastador.

Mas, no final, ela não sabia nada mais do que ela sabia naquela manhã.

Por isso, foi outra noite difícil para Violet, e ela levou horas à deriva em um sono que era leve demais para ser repousante. Mas era uma noite sem sonhos, e por isso, pelo menos, Violet estava grata.

Quando a manhã finalmente chegou, Violet queria ficar na cama e faltar à escola. Mas de alguma forma a ideia de sua mãe pairando ao seu redor o dia inteiro, perguntando se estava tudo bem, era ainda menos atraente do que tentar atravessar outro dia privada de sono.

Ela conseguiu arrastar-se para fora da cama, sentindo-se fatigada e sem entusiasmo. O banho ajudou—um pouco. Mas o café da manhã apenas a deixou enjoada. Ela se sentia estranha, fora de si. E isso era péssimo, porque ela sabia que estaria sonâmbula por este dia e, provavelmente, o próximo e um depois disso. Até que quem estava dentro do contêiner pudesse ser encontrado e devidamente enterrado.

Seu telefone soou pouco antes dela sair pela porta; ela tinha uma nova mensagem de texto:

Cheque o noticiário. Era de Jay.

Como ela estava de pé, Violet pegou o controle remoto e zapeou os canais de televisão local. Não demorou muito para encontrar o que Jay queria que ela visse; estava em todas as emissoras.

Um menino de quatro anos de idade foi encontrado na costa de Seattle na noite passada. Dentro de um contêiner de carga. Eles passaram uma imagem do cabelo loiro e rosto angelical do menino.

Violet reconheceu a foto, ela viu seu rosto antes, sobre a notícia, uma história que ela muito facilmente ignorou. Um Alerta Amber[1] foi emitido quando ele desapareceu—várias semanas antes—depois de ter sumido de sua casa em Utah.

[1] Alerta de sequestro de crianças.

E mesmo então, ela se lembrou de pensar... vagamente... no fundo de sua mente, que o menino na tela parecia seu priminho Joshua.

Violet sentiu-se mal. Ela teve que se sentar na borda da mesinha de centro para acalmar seu equilíbrio subitamente faltando. Sentia-se como se todo o ar tivesse sido sugado de seus pulmões.

Mas, finalmente, ela compreendeu o seu sonho na noite de sábado.

Ela sonhara com um menino morto. Um menino *de verdade* morto.

Ela deixou cair sua mochila no chão, decidindo ceder à sua exaustão e ficar em casa.

Se pelo menos ela tivesse errada, se apenas o contêiner tivesse nada mais do que um animal morto, então tudo seria diferente agora. Mas como era, saber que ela não estivera enganada, que ela de alguma forma sabia o quê—ou melhor, *quem*—estava lá, ela se sentia esmagada pela carga.

Ela desligou a televisão e voltou para seu quarto. Ela sabia que não haveria paz para ela até que este menino fosse recuperado por sua família e enterrado.

Ela se sentou em sua cama. Pelo menos, na privacidade do seu quarto, ela não precisava atravessar os movimentos da vida diária normal.

Aqui, ela poderia se esconder, sem fingir ser outra coisa senão o que ela realmente era:

Uma menina que descobria cadáveres.

5

Violet estava de pé do lado de fora da cafeteria, desejando que Jay se apressasse. Ela precisava dele para ancorá-la, para fazê-la se sentir segura.

Ela sentia-se ferida, exposta. Sua pele doía e seus dentes estavam apertados, fazendo-os doer todo o caminho até a sua mandíbula.

Ela sabia, claro, o que isso era, mas saber não tornava mais suportável.

Violet ouviu o nome dela de novo, e ela olhou para cima. Ela reconheceu Lissie Adams e sua amiga, mesmo que ela não pudesse imediatamente trazer à tona o nome da amiga—seu cérebro estava muito confuso, seus pensamentos enevoados demais. Mas isso não a impediu de tentar interpretar o olhar no rosto de Lissie. Desdém, talvez. Nojo. Uma mistura de ambos, o mais provável.

Aparentemente, Chelsea e Jules, que estavam esperando com Violet, também viram.

"Vá embora, Lissie," Chelsea disse, ficando na frente de Violet. "Você não deveria estar se alimentando com sua própria espécie?"

"Fique fora disso, Morrison. Isto não tem nada a ver com você. Eu só estava tentando falar com Violet."

Chelsea deu um passo adiante, até que ela estava praticamente cara a cara com Lissie. "Sim, bem, Violet não está interessada em ouvir qualquer uma das suas bobagens. Além disso, todos nós sabemos que você está simplesmente chateada porque Jay não gosta de *vagabundas* como você."

Os lábios de Lissie se apertaram, mas seu rosto empalideceu. Foi um golpe baixo, Violet sabia disso, mesmo por trás da cortina que a isolava do mundo real.

Ela não podia assistir, mas apenas porque era muito difícil se concentrar. Ela se virou; seus amigos lidariam com isso; eles cuidariam dela até que Jay chegasse. Ao lado dela, uma menina desconhecida ficou quieta, esperando, sem dizer uma palavra. Violet tinha a nítida sensação de que a menina fazia parte do seu grupo, que ela deveria reconhecê-la, mas, novamente, a confusão que a atormentava a deixava incerta.

A menina sorriu um sorriso bonito, mas Violet apenas se virou, olhando para o chão, tentando dessintonizar tudo ao seu redor. Era mais fácil dessa maneira, sem pensar, sem perceber.

E depois seu coração acelerou—o primeiro sinal de que ainda estava batendo—quando ela ouviu a voz de Jay. Ela não olhou para cima; ela nem mesmo reconheceu que

ele se juntou a eles, exceto a si mesma. Exceto para se sentir momentaneamente grata que ele estava lá. Finalmente.

Ela escutou a conversa acontecendo ao seu redor enquanto o braço de Jay deslizava sobre seu ombro e ele a levava em direção ao refeitório. Ela ouviu Chelsea e Jules. Ela ouviu Claire rir. Ela ouviu a voz do menino novo—Mike, lembrou-se—profunda como a de Jay. E ela ouviu Jay.

Ela não ouviu a menina, mas ela sabia que ela ainda estava lá.

Eles eram todos apenas ruídos para Violet.

Cenário.

Ela sentiu Jay apertar a mão dela com a sua. Estava quente. Isso a fez se sentir segura e apegada ao mundo.

Ele a lembrava que *ela* ainda estava viva.

LUXÚRIA

Ela estava em seu armário, apenas fingindo peneirar o seu conteúdo, quando na realidade ela manteve seu foco nos alunos andando pelo corredor ocupado atrás dela, não querendo perdê-lo no meio da atividade depois da escola. Ela sabia que não podia esperar por muito tempo, ou ela perderia sua carona. Não que ela realmente se importasse. Ela iria a pé para casa, se isso significava que ela pudesse passar alguns momentos extras—mesmo de passagem—com ele.

Só de pensar sobre ele fez seu coração palpitar dentro dos muros de seu peito.

Casualmente ela se curvou para baixo para ajustar os laços de seu sapato para que ela pudesse ter uma visão melhor. E isso foi quando ela viu o que estava procurando.

Jay Heaton.

Seu coração bateu um ritmo alegre enquanto a esperança florescia novamente. Ela teve que se impedir de sorrir; ela estava sozinha e não queria parecer enlouquecida.

O que ela queria era que Jay finalmente a notasse. Ela desejou que ele olhasse na direção dela, viesse a ela, mas ele continuou andando, seus olhos buscando na multidão por alguém. O que ela não daria para ser essa pessoa, só desta vez.

E então a expressão no rosto dele mudou, e um sorriso tão doce que a fez esquecer-se de respirar atingiu todo o caminho até seus olhos. Ele havia visto a pessoa que ele estava esperando, e sua flor da esperança murchou.

É claro. A menina por quem ele sempre estava esperando... Violet Ambrose.

Inveja enraizou-se, se espalhando como uma doença. Todo mundo sempre disse a ela quão bonita ela era, mas o que ganhou por ser bonita? Não importa o quanto tentasse, ela não conseguia que Jay olhasse para ela assim.

Sua mandíbula se apertou quando ela rangeu os dentes, tentando imaginar o que foi que Jay poderia ver naquela casca de menina, por que ele decidiu chamar Violet de sua namorada *em primeiro lugar. Ela parecia um zumbi, uma dos mortos-vivos. Sua pele era cinza e folgada e sua expressão... Bem, não era nada. Violet estava vazia.*

Mas ele não pareceu notar. Ele levantou a mochila dos ombros de Violet e curvou o braço em torno dela, orientando-a protetoramente pelo corredor enquanto conduzia-a para fora.

Ela seguiu a uma distância razoável, acompanhando os dois ao estacionamento, tentando parecer descontraída, como se ela fosse apenas uma estudante qualquer. Havia tantos outros ao redor dela que era fácil se misturar, fácil de passar despercebida.

Ela contou seus passos, concentrada em manter a respiração constante e sua cabeça baixa.

Um.

Dois.

Três...

Quando chegaram ao carro de Jay, ela diminuiu, mantendo distância para que ela pudesse ver quando ele abriu a porta e ajudou Violet a entrar. Seu estômago convulsionou quando ele se inclinou e apertou um beijo na testa de Violet. Ela estendeu a mão e tocou a própria testa fria no mesmo local exato como ela, mais uma vez, tentou imaginar como seria estar no lugar de Violet...

Por apenas um minuto.

Por uma semana.

Ou talvez mesmo, para sempre.

6

Exatamente seis dias depois que Violet fez o telefonema anônimo, o menino foi levado para casa e enterrado pela família.

Seis dias.

Ela poderia quase apontar o momento em que isso aconteceu, o momento em que ele se sentiu liberto, em que o fardo dela foi suspenso. Ela era como uma princesa em coma de algum conto de fadas quando o feitiço era quebrado pelo beijo do seu príncipe. Exceto que em seu conto de fadas sombrio, o beijo era o funeral de um menino de quatro anos.

E aí estava... aquele *encerramento* no qual ela estava esperando.

Apenas três dias depois, ela voltava a viver com os vivos novamente, se sentando na cafeteria com suas amigas, como a menina normal que ela sempre desejou poder ser. No entanto, ela não poderia deixar de notar a ausência do seu namorado.

Aparentemente, Jay e Mike estavam praticamente inseparáveis desde que eles começaram a sair, logo depois que Violet descobriu o corpo do menino no estaleiro. *Inseparáveis* era provavelmente uma palavra muito forte, mas para Violet parecia malditamente bem perto.

Ela odiava ficar com ciúmes. E muito menos de um cara.

Ela não sabia exatamente *por que* isso a chateava tanto. Jay tinha o direito de ter outros amigos, não tinha? E não era como se Violet não gostasse do Mike; ele parecia ser um cara bem legal. Ela apenas não o conhecia realmente.

Além disso, Chelsea com certeza gostava dele. Isto dizia alguma coisa sobre ele... mesmo que fosse porque ele é absolutamente gostoso. Pelo o que Violet poderia dizer, *todos* pareciam amar o Mike.

E talvez fosse isto; talvez ela estivesse se sentindo deslocada. Enquanto todos conheceram Mike, se apaixonando por ele na semana passada, Violet foi meio que... *largada*.

Mas não era com os seus outros amigos que ela estava preocupada. Era com Jay. Ela sentia falta dele. Ela sentia falta de ficar sozinha com ele. Parecia que todo lugar que Jay estava, Mike estava também.

E todo lugar em que Mike estava, Chelsea queria estar.

Então, eles criaram um quarteto estranho, e Violet estava sentindo lotada. Como a desajustada do grupo, a única que não era louca por Mike.

E pior, ela sentia como se estivesse competindo pela atenção do Jay. Isso era uma coisa que ela nunca fez antes... e não pretendia começar agora.

Ela se encontrou secretamente com esperança de que Mike e Chelsea se pegassem, apenas para dar a ela e a Jay um espaço para respirar.

"O que você está pensando?" Jay perguntou enquanto se sentava perto dela.

Ela piscou, imaginando se estava usando sua frustação no rosto. "Nada," ela mentiu, empurrando sua salada ao redor do prato.

Ela não tinha certeza por que simplesmente não contou para ele.

"Não me parece nada," Jules interrompeu, do outro lado da mesa. Violet moldou um brilho na direção da amiga por, inconvenientemente, apontar o óbvio.

"*O que foi?*" Jay perguntou, cutucando Violet com seu ombro, "Conte-me."

Violet hesitou, de repente se sentindo envergonha da sua nova insegurança. Ainda sim, dentro de sua cabeça, ela se referia a Mike como *namorado do Jay*.

Ironicamente, no entanto, foi Mike quem salvou Violet de ter que confessar os próprios pensamentos, quando deslizou em um espaço aberto do outro lado da mesa. "O que eu perdi?" Seu sorriso preguiçoso atingiu todo o caminho em seus olhos castanhos, e até mesmo a covinha na bochecha fez uma fugaz aparência.

Violet podia ver o lado de Chelsea; ele era um tipo deslumbrante de se olhar.

Então qual seria a desculpa do Jay? Ela engraçadamente esperava que não fosse a adorável covinha também.

Sentada perto de Jules, Chelsea, que normalmente ficava quieta, imediatamente se animou. "Nada. Nós estávamos ponderando o que fez você demorar tanto." Ela sorriu para Mike.

Mike fez uma pausa, não sabendo o que fazer com aquele comentário, e então lançou um meio sorriso na direção de Jay. "Bem, então, eu acho que foi uma boa coisa eu ter aparecido."

Chelsea riu, um estranho, estridente som, que quase fez Violet engasgar com a sua comida. *O que está acontecendo com ela?* Violet pensou, olhando Chelsea cautelosamente. *Alguém deveria checar suas medicações!*

"De qualquer forma," Chelsea anunciou, como se tivesse sido interrompida pela chegada de Mike, ao invés de choramingar sobre sua ausência, "o que é que vocês acham

sobre todos nós ficando juntos esta noite? Talvez ir ao cinema ou alguma coisa?"

O coração de Violet afundou; uma noite com *todos* não era exatamente o que ela estava esperando. Seus ombros caíram à medida que suspirou.

Mas foi Jay quem cortou Chelsea antes que ela pudesse firmar o seu encontro duplo. "Na verdade, Violet e eu já temos planos. Nós vamos fazer algo por nós mesmo essa noite." Ele cutucou Violet com o joelho, debaixo da mesa. E para suavizar a explosão com Chelsea, ele acrescentou. "Talvez pudéssemos ir a algum lugar nesse final de semana." Então, mantendo sua voz baixa, ele disse para Violet, "Além disso, nós temos *lição de casa* para fazer."

Violet suspirou novamente, dessa vez um som completamente diferente. Ele não se esqueceu dela depois de tudo. Ela não estava perdendo ele para um cara com lindas covinhas.

Seu uso sutil na palavra lição de casa não deixou de ser notado por ela.

Ela sorriu para si mesma.

"Claro. Problema nenhum, cara," Mike concordou enquanto dava uma enorme mordida em seu sanduíche, fazendo perto da metade dele sumir de uma vez. Ele estava totalmente tranquilo com a notícia de Jay, e Violet de repente gostou dele um pouco mais.

Chelsea, por outro lado, olhou cabisbaixa, como se ela estivesse murchando, e Violet realmente sentiu pena da sua amiga, coisa que a deixou completamente surpresa.

Mas tão mal quanto ela se sentia por Chelsea, Violet não poderia recusar uma oportunidade de ficar a sós com Jay.

Violet estava sentada no banco do passageiro no carro de Jay quando a primeira ligação veio. Era o código de Seattle, mas ela não pôde reconhecer o número, e ela não estava no estado de espírito para descobrir quem era, então ela golpeou Ignorar no seu telefone.

O ligador não deixou mensagem.

Jay a deixou em casa, beijando-a docemente com uma promessa de voltar quando terminasse a lista de tarefas que sua mãe sempre deixava para ele à tarde.

Geralmente a lista consistia em pegar o lixo em toda a casa e levá-lo para fora, mas Jay era como o homem da casa, e, ocasionalmente, sua mãe jogava um ou dois trabalhos estranhos de faz-tudo. Ele se tornou bastante hábil com uma chave de fenda e um rolo de fita adesiva.

Quando o carro dele se afastou, o celular de Violet tocou de novo.

Ela golpeou Ignorar uma segunda vez, e, ainda, não havia nenhuma mensagem.

Quando ela estava fora, na sua porta da frente, Violet olhou em direção à rua e viu o carro de Jay desaparecer. Ela tentou ignorar a sensação incômoda pela qual foi assolada ao longo da semana passada. Ela sabia, mesmo quando estava perdida na névoa, aguardando o enterro do menino. Era a sensação perturbadora de que ela não estava sozinha, que alguém a estava seguindo... a olhando.

É apenas a sua imaginação, ela disse a si mesma pela enésima vez, *nada mais.*

Ela examinou a entrada de automóveis mais uma vez antes mergulhar para dentro de sua casa e largar sua mochila perto da porta. Sua mãe ainda estava em seu estúdio de arte—um celeiro convertido no seu quintal—trabalhando. Mas havia uma nota sobre o balcão da cozinha à espera de Violet.

Era uma mensagem. Um nome e um número. O mesmo número que ligara no seu celular duas vezes.

Aparentemente, alguém *realmente* queria falar com ela, mas Violet não reconhecia o nome que sua mãe escreveu.

Ela colocou a nota no bolso, pegou uma lata de refrigerante, e vagou até o quarto dela para descobrir quem estava tão desesperado para alcançá-la.

Ela se sentou de pernas cruzadas em cima da cama enquanto ela rolava para baixo a chamadas não atendidas e pressionava Enter.

Tocou duas vezes antes da voz de uma mulher responder na outra linha. "FBI, Escritório de Seattle. Como posso redirecionar sua chamada?"

Violet tirou o telefone do ouvido como se isto estivesse pegando fogo. Ela desligou e o jogou no seu travesseiro.

Que diabos foi isto? Por que alguém do FBI estava ligando para ela?

Sangue passava ruidosamente por seus ouvidos enquanto puxava a mensagem para fora de seu bolso e relia o nome.

Sara Priest.

Quem diabos era Sara Priest? E por que ela estava ligando para Violet?

Violet se sentiu momentaneamente assustada. Ela pensou em todo o pessoal da lei com quem encontrara desde o ano passado.

Após o tiroteio no baile, ela havia dado depoimentos a policia, repetindo as palavras de novo e de novo para mais policiais e detetives que ela poderia contar. Ela até

falou com os promotores que estavam lidando com o caso contra o outro serial-killer, o parceiro que tinha sido capturado vivo.

Mas nunca para o FBI. Nunca para ninguém chamado Sara.

Ela imaginou se de alguma forma o FBI havia se envolvido no caso. Mas por que agora? Eles já tinham um dos homens responsáveis em custódia, provavelmente preso pelo resto da vida dele. E o outro estava morto.

Então o que aconteceu para mudar tudo isso? Eles descobriram mais vítimas? Mais garotas perdidas, enterradas e esquecidas? Mas, com certeza, se esse fosse o caso, isto estaria nas notícias.

Que deixou algo mais, algo mais recente.

Ela correu rapidamente pelas razões do porque isso seria impossível.

Ela usou o telefone público.

Anonimamente.

Com nenhuma testemunha para vê-la.

Isto tinha que ser o caso do serial killer.

O celular dela tocou novamente, sacudindo-a de volta à consciência. Ela se inclinou para frente e puxou o telefone em sua direção com um dedo, como se fosse algo repulsivo... algo a temer. Ela olhou para baixo, na tela.

Era o mesmo número.

Violet foi assaltada por uma persistente sensação de que estava perdendo algo.

Ela brevemente pensou em respondê-la, para descobrir de uma vez por todas. Mas ela não teve coragem de fazê-lo, e, em vez disso, empurrou o telefone longe.

Ela decidiu que, por hora, ignorância realmente era felicidade.

7

Pelo tempo em que Jay finalmente apareceu, Violet não podia esperar para sair de sua casa. Ela estava uma pilha de nervos por esperar toda à tarde, com medo que o FBI fosse ligar novamente. E mesmo pensando que ela poderia desligar seu celular, ela não poderia fazer nada em relação ao seu telefone de casa.

Ele só tocou duas vezes, mais cada vez ela praticamente pulou para fora da sua pele, preocupada com quem poderia estar na outra linha.

Felizmente nenhuma foi sua misteriosa ligadora do FBI. Uma foi seu pai ligando para dizer que poderia chegar tarde do trabalho. Típico. E a outra foi do Jay, desde que ele não poderia alcançá-la pelo celular, dizendo que a pegaria por volta das seis.

Violet estava surpresa que eles iriam sair, ela achou que eles ficariam *fazendo dever de casa*, entre outras coisas. Mas aparentemente Jay tinha outros planos.

Ela esperava do lado de fora quando ele apareceu.

Ele saiu do carro e abriu a porta do passageiro para ela. Violet olhou para ele com suspeita; Jay estava agindo muito estranho.

"Tudo pronto?" ele perguntou quando voltou para dentro.

"Eu não sei," ela respondeu. "Você me diz. Onde nós estamos indo?"

Ele sorriu maliciosamente, tentando parecer descontraído, mas um pouco ansioso demais para que ela não percebesse.

"É uma surpresa."

"Sério? O que é?" Ela já conseguia sentir a tensão levantando. Jay era uma ótima distração.

"Você entende o conceito de *surpresa*, Violet? Te dizer poderia, tipo, anular o objetivo."

"Eu posso adivinhar?" ela perguntou, de repente vertiginosa.

Violet odiava surpresas. Natais e aniversários eram como tortura quando ela era uma garotinha. Ela caía dica após dica sobre o que ela queria, fazendo uma longa, elaborada lista para seus pais, normalmente em ordem numérica. E depois de entregá-los, ela poderia recorrer a súplicas, bajulações, e procurar o que quer que eles comprado para ela. Ela passou horas de sua infância vasculhando armários e procurando sob camas na procura dos lugares secretos deles, apenas para ficar desapontada por seus pais serem

mais espertos que ela de novo.

Uma parte dela—uma parte bem, bem pequena—aprendeu a temer a chegada dos feriados. Ela estava certa que isso era algum tipo de resposta doentia Pavloviana[2] para a época natalina, sabendo que isso poderia, mais uma vez, ser afetado pela incapacitante inabilidade de esperar pacientemente, enquanto ela contava os dias para o grande homem gordo em seu calção vermelho fazer sua aparição anual.

Mas essa noite era diferente. Essa noite ela estava com o Jay, e quase tudo, até uma surpresa, era tolerável quando eles estavam juntos.

Ele considerou o pedido dela antes de responder, e ela poderia dizer que ele estava curtindo isso. Jay amava essa fraqueza particular dela. “Você pode adivinhar, mas eu ainda não estou dizendo.”

“E se eu acertar?”

“Então você seria assustadoramente incrível.”

Ela fingiu ficar ofendida. "Então, se eu não adivinhar...?”

Seu sorriso desigual fez uma aparição. “Mesmo assim você continuará a ser assustadoramente incrível, Violet.” Ele pegou a sua mão, e pressionou seus lábios gentilmente nela.

Violet se sentiu corando. Ela sabia como lidar com sua provocação, mas ela ainda não se acostumara com a parte gentil e doce dele.

“Você é tão garota,” ela o censurou, mas de algum jeito as palavras vieram para fora muito gentilmente... muito terno, e acabou soando como um elogio.

Ele apenas riu. “Então, o que isso faz de você, o cara?” Ele apertou a mão dela mais fortemente, mantendo a dela enterrada na dele.

“Ou algum tipo de lésbica,” ela brincou, levantando uma sobrancelha. “Talvez nós devêssemos tentar um pouco de ação menina-com-menina.”

“Legal, Violet. Você beija a sua mãe com essa boca?” Seus olhos brilharam enquanto ele a observava.

Ela chegou mais perto dele no escuro interior do carro. “Não, mas eu vou beijar você com ela.”

[2] Desenvolvida por Ivan Pavlov, a ideia básica do condicionamento clássico consiste em que algumas respostas comportamentais são reflexos incondicionados, ou seja, são inatas em vez de aprendidas, enquanto que outras são reflexos condicionados, aprendidos através do emparelhamento com situações agradáveis ou aversivas simultâneas ou imediatamente posteriores. Através da repetição consistente desses emparelhamentos é possível criar ou remover respostas fisiológicas e psicológicas em seres humanos e animais. Essa descoberta abriu caminho para o desenvolvimento da psicologia comportamental e mostrou ter ampla aplicação prática, inclusive no tratamento de fobias e nos anúncios publicitários.

Ele colocou a mão dela de volta no colo. "Cuidado, Vi, ou senão eu poderia encostar agora mesmo e nós nunca chegaríamos lá."

Ela levantou suas sobrancelhas. "Chegar aonde?"

"Boa tentativa, mas você não vai me distrair tão facilmente... Ainda é uma surpresa."

Ele dirigiu o resto do caminho em silêncio, pretendendo ignorá-la, mesmo ela sabendo que havia chegado a ele. E então ele ligou o pisca-pisca e virou novamente, vindo a parar no deserto estacionamento de um parque à beira do lago. Era um lugar estranho nessa época do ano, feito estranho pela escuridão que envolvia a nítida noite.

Violet olhou-o curiosa. "O que nós estamos fazendo aqui?"

"Esta é a sua surpresa." Ele tirou um casaco de inverno da parte de trás do banco. "Você talvez queira colocar isso." Ele recomendou enquanto pulava e abria o porta-malas.

Violet encolheu os ombros no casaco aconchegante. As mangas ficaram penduradas abaixo de suas mãos, escondendo os dedos dela dentro do tecido macio. Ela se sentiu como se estivesse brincando de se vestir com as roupas do seu pai. Mas ela se sentiu feliz por tê-lo quando Jay chegou ao lado do passageiro, carregando um pequeno cooler em uma das mãos, um cobertor de lã aninhado sob seu braço. Ele estava sorrindo maliciosamente.

"Um piquinique?" Violet perguntou, olhando-o como se ele tivesse perdido a cabeça. "Não está um pouco frio? E escuro?"

Ela pegou o cobertor e ele deslizou seu braço ao redor dos ombros dela, colocando ela contra ele. "Eu prometo que vou deixar você aquecida. E bem iluminada."

Ele a conduziu através do parque, e quando ela roubou um olhar pela grama, na direção do lago, ela congelou na trilha, incapaz de se mover.

Seu coração parou, e ela alcançou o casaco dele, puxando-o pelas costas. "Jay..." ela sussurrou. Ela estava certa de que estava testemunhando um eco—um eco estranhamente bonito.

"Está tudo bem, Vi." Ele se inclinou para baixo, seu nariz fazendo cócegas na orelha dela. "Eu também vejo. Eu fiz isso. É para você."

Ela relaxou em seu aperto, achando sua respiração novamente. Jay a puxou para frente, e quando ele fez, ela foi capaz de ver o esplendor do que ele havia feito. Apenas para ela.

Dessa vez, quando sua respiração travou em sua garganta, foi por uma razão inteiramente diferente.

Aos seus pés, uma trilha luminosa iluminou o caminho através do gramado. Era feita inteiramente de bastões fluorescentes; cada uma das luzes radiantes estava cravada no chão em perfeitos intervalos, traçando uma trilha curvada que sumia na escuridão.

Aparentemente, Jay esteve ocupado.

Perto da margem da água, no final da ofuscante trilha e sob algumas árvores, Jay fez mais do que um piquinique. Ele tinha feito um recuo, um paraíso para os dois.

Violet balançou sua cabeça, incapaz de achar palavras para falar.

Ele a puxou para mais perto, e ela seguiu, maravilhada.

Jay colocara mais dos bastões fluorescentes nos galhos-baixos, eles pendiam acima das cabeças deles. Eles balançavam e rebolavam com a brisa que vinha do lago. Sob a cobertura natural, ele colocara duas cadeiras dobráveis largas e cobriu-as com travesseiros e cobertores.

"Eu estava pensando em usar velas, mas o vento poderia soprá-las, então eu tive que improvisar."

"Sério, Jay? Isto é incrível!" Violet se sentiu aterrorizada. Ela não conseguia imaginar quanto tempo isso tomou dele.

"Estou feliz que você tenha gostado."

Ele a conduziu para uma das cadeiras e puxou-a para baixo, até que ela estava sentada, e abriu o cooler.

Ela meio que esperava que ele tirasse caviar Beluga, algum queixo francês, e um champagne Dom Perignon. Talvez até um cacho de uvas para ela comer... uma de cada vez. Então quando ele começou a tirar o piquinique deles, Violet riu.

Ao invés de ovo de peixe, queijos fedidos, Jay tirou um Doritos e taco de frango—os favoritos de Violet. E ao invés de uvas, ele trouxe Oreos[3].

Ele a conhecia *muito* bem.

Violet sorriu enquanto ele tirava dois copos plásticos e uma garrafa de espumante. Ela deu uma risadinha "O quê? Sem champagne?"

Ele deu de ombros, colocando um pouco de suco de maçã em cada copo. "Eu pensei que uma multa por dirigir alcoolizado poderia arruinar o estado de espírito." Ele levantou seu copo e retiniu—ou melhor, *bateu*—o dele contra o dela. "Saúde." Ele a observou de perto enquanto ela tomava um gole.

Por vários momentos, eles ficaram em silêncio. As luzem rebolando acima deles,

[3] Marca de biscoito, parecida com o nosso Negresco.

criando sombras dançantes. O parque estava pacífico, adormecido, enquanto a água do lago batia calmamente. Do outro lado da margem do lago, as luzes das casas faziam reflexos na superfície trêmula. Tudo isso transformou o parque ordinário em um romântico recanto de inverno.

Violet pegou um dos tacos, maravilhada por ele ainda estar quente.

Jay olhou enquanto ela deu uma mordida. "Está tudo bem, Vi?"

Ela assentiu, colocando o resto da comida de lado. "Está perfeito..." Ela se envolveu no seu cobertor e foi para a cadeira de Jay. Ela inclinou-se em torno dele, seus cachos caindo sobre seus ombros como uma cortina escura. "Você é perfeito." Ela riu enquanto desabava nele, beijando-o.

Ele gemeu e pôs ela mais perto. Abrindo espaço para ela, assim que o beijo se aprofundou.

Ela queria ter tido o controle, mas o perdeu rapidamente. Sua respiração veio estranha, e ela se pressionou contra ele, desejando chegar mais perto. O calor entre eles veio através dela como um fervor, fazendo-a inquieta e impaciente.

Ele a parou, antes que não tivesse um jeito de voltar, afastando seu rosto para criar uma fissura microscópia entre eles. "Você tem gosto de tacos."

Violet engasgou na tentativa de arranjar ar. "'O quê?"

Ela piscou, tentando arrumar seus pensamentos. "Sério, Jay? Isso é um elogio ou o que?"

Ele balançou a cabeça. "Claro que não."

"Bem. Por que isso é*: Eu odeio quando você para desse jeito*."

Ela se puxou para longe dele e sentou-se com os braços cruzados.

"Vamos, Violet, não era isso que eu queria dizer." O atordoamento em seu olhar só fez Violet se sentir um pouquinho melhor. Ela estava feliz que ele estava pelo menos um pouco incomodado. "É só que eu quero falar um pouco com você... você sabe, antes de nós ficarmos distraídos."

"Deus, eu realmente *sou* o cara." Ela reclamou, mas seus ombros abaixaram.

Ele a puxou para ele, prendendo-a em seus braços.

"Pare com isso. Você *não* é o cara." Ele beijou a boca dela, ignorando o fato de que ela não estava beijando de volta. Mas por mais chateada que ela ficasse, era mais difícil ficar brava. Especialmente aqui... agora. Isso era realmente mágico.

Então quando ele colocou o Oreos e os balançou na frente dela—uma oferta de

paz—ela balançou sua cabeça e suspirou. "Você é impossível." Mas não tinha nenhuma briga de verdade em suas palavras, e ela não poderia parar seus lábios de tremerem quando ele sorriu maliciosamente para ela.

Ele pegou o sorriso relutante dela como uma rendição e se sentou, trazendo ela junto com ele até que eles ficaram enrolados um no outro.

Violet pegou um biscoito e repartiu-o em dois, comendo a primeira parte e depois a segunda, como fazia desde que era uma garotinha.

Jay esperou um momento até quebrar o silencio. "Eu sei que você realmente não gosta de conversar sobre essas coisas, mas eu quero ter certeza que você está bem. Desde o dia em Seattle com a Chelsea, você está indo através de alguma coisa. Eu não perguntei sobre isso, por que eu sei que você precisava de algum tempo para digerir as coisas, mas agora... eu só pensei... você sabe, que talvez você queira falar sobre isso. Talvez me dizer sobre o menino."

Violet congelou. O silêncio que se seguiu poderia ter causado indigestão a ela; isso parecia depender de cada segundo que se passava. Ela queria dizer alguma coisa, apenas para varrer o sussurro que estava entre eles, para recolocar outra coisa no lugar. *Qualquer coisa*. Mas ela não conseguia. A voz dela se foi; palavras escaparam dela; seus pensamentos foram embora.

Ela não queria pensar sobre o garoto. Não agora. Nem depois.

Ela gastou tanto tempo tentando apagá-lo de sua memória, tanto tempo para bani-lo, que ela estava relutante em abrir essa porta, mesmo para Jay.

Ela não sabia o porquê dele querer que ela fizesse. Por que ele pediria para ela fazê-lo.

Violet colocou sua cabeça para trás, procurando pela coisa certa a dizer, mas nada veio. Finalmente ela apenas balançou a cabeça. "Eu não consigo."

Ela pensou que ele iria argumentar, tentar convencê-la. Mas ele não fez. Claro que ele não fez. Ele era o Jay, e Jay não a pressionaria desse jeito. Ela deveria saber melhor.

Ele sorriu docemente, torto, e o pulso dela ficou fora do controle. "Tudo bem," ele respondeu, pressionando um beijo leve na testa dela. Sua mão cobriu o seu quadril, seus dedos eram gentis, seguros.

Eles ficaram desse jeito, em um diferente tipo de silêncio agora, olhando o lago e as estrelas, ouvindo a noite, desfrutando o calor um do outro. Violet ouviu o som abafado do coração dele até sua respiração acalmar, se tornando constante e uniforme. Ela o deixou envolvê-la em seus braços. Ele beijou-a, mas mais contido dessa vez, mais cuidadoso que antes.

E muito embora ela odiasse ser a pessoa que terminaria a noite deles, ela sabia que alguém precisava fazê-lo.

"Nós devíamos ir,'' ela finalmente falou, pegando seu celular para checar o horário. "Será depois das dez quando chegarmos em casa."

"Nós precisamos?" Jay grunhiu, tentando segurá-la.

"A menos que você tenha uma ideia melhor..." ela sugeriu, e era apenas meia brincadeira.

Mas ela sabia que Jay não morderia a isca, mesmo ela querendo que ele o fizesse. Em vez disso, ele reuniu os restos, enquanto Violet dobrava os cobertores e ajudava a levar tudo para o carro.

"Você se importaria se pararmos na casa do Mike no caminho de volta? Ele me ajudou a executar meus recados esta tarde, e esqueceu sua carteira no meu carro. Eu só preciso deixá-la." Ele deslizou o cooler no porta-malas.

Violet suspirou, desejando que eles pudessem ter essa noite sem qualquer outra pessoa. Não parecia grande coisa perguntar.

"Você pode me levar para casa antes?"

Ele a olhou como se ela estivesse louca. "É bem no nosso caminho," ele explicou. "Além disso, só vai demorar um segundo."

"Tanto faz." Violet murmurou debaixo de sua respiração. Ela não bateu a porta com força, mas ela queria.

Ela odiava se sentir daquela maneira, e odiava isso ainda mais, por que ela definitivamente não devia agir desse jeito... Fazer beicinho por uma rápida parada no caminho deles de volta do encontro perfeito. Mas que diabos estava acontecendo com ela?

Ela sabia que estava sendo irracional, mas ela não poderia se ajudar. Ela cruzou os braços sobre o peito quando eles pararam onde ela assumiu ser a casa de Mike, e quando Jay prometeu que estaria de volta logo, ela se negou a olhar para ele.

Em meio à ira que ela estava fazendo chover sobre ele mentalmente, Jay deixou-a, pulando os curtos degraus em dois passos largos e batendo na porta da frente. Quando ela abriu, Jay desapareceu no interior.

Apenas quando estava sozinha, Violet prestou atenção no ambiente, na casa em ruínas onde o *novo namorado* de Jay morava. Era atrás da floresta, no fim de uma longa,

estreita e suja garagem que lhes dava privacidade completa. E estava escuro, com somente a luz da varanda para quebrar a negritude que se espalhava pela propriedade. Árvores altas encontravam-se ao redor da casa acabada. A tintura estava desaparecendo e descascando, e tinha telas enferrujadas nas janelas frágeis apoiadas ao lado dos degraus. Tinha alguma coisa sobre o lugar isolado, a casa assombrada, e o escuro absoluto, que fazia Violet ter arrepios.

Mas, como ele prometeu, Jay estava de volta dentro de minutos, e Violet ficou aliviada em vê-lo, apesar do fato de que ela estava determinada a manter seu juramento de silêncio onde quer que ele estivesse.

Foi quando, de qualquer forma, Violet sentiu um inesperado suspiro de inveja *real* passar por ela. A irmã de Mike, Megan—não Mike—pôs sua cabeça para fora da porta, acenou para Jay. Ela disse alguma coisa para Jay que Violet não conseguiu ouvir, mas o tom da voz, o qual Violet pôde ouvir até mesmo através das janelas fechadas, era algo que ela reconheceria em qualquer lugar.

Foi a mesma voz que ela ouviu tantas vezes antes, das meninas que flertavam com Jay. O adeus dela foi um pouco ansioso, um pouco coreografado, como se tivesse planejado cada movimento antes de Jay ter vindo.

Violet também notou que a irmã de Mike era bonita, ao mesmo tempo em que ela percebeu que a outra garota não tinha nenhuma ideia que Violet estava sentada lá, no escuro, observando eles enquanto esperava por Jay.

A menina ergueu um pé atrás de si. Não era um gesto óbvio, mas Violet reconheceu como o que queria dizer: dengoso e amável. E depois ela viu a garota enrolar uma madeixa de seu rabo de cavalo com os dedos enquanto falava, tentado capturar o interesse de Jay.

Jay estava abrindo a porta do carro enquanto se virava para respondê-la. Foi quando a luz do interior piscou, e Violet de repente ficou ciente que não estava mais envolta na escuridão.

A irmã de Mike também percebeu.

Violet mordeu seus lábios enquanto acenava inocentemente para Megan, que estava parada sem emoção, como uma estátua, seu pé quicando atrás dela. Ela quase se sentiu culpada enquanto Megan caiu visivelmente, o pé caindo de volta ao sólido e instável chão sob seus pés. Quase.

Jay sorriu para Violet, obviamente pelo flerte de Megan, enquanto entrava e fechava a porta. "Viu, eu disse que não iria demorar."

Violet se sentiu melhor, reconhecendo que Jay parecia não ter percebido a outra garota. Embora, Jay não estivesse saído do gancho tão facilmente, ela ainda estava brava com ele.

Agora, ele não apenas tinha um novo namorado, aparentemente tinha uma nova admiradora também.

Assim que eles chegaram à boca da garagem, Violet sentiu uma repentina dor de cabeça chegando. Ela massageou as pontas dos dedos em suas têmporas, e depois na base da sua nuca, tentando aliviar a tensão.

Um par de faróis os encontrou na junção da estrada, e assim que Jay virou, uma caminhonete vermelha surrada passou-os pela estrada que eles acabaram de sair. Mal deu tempo deles terem saído do caminho.

Enquanto dirigiam em silêncio, Violet tentou dizer a si mesma que estava sendo um bebê. Que Jay amava ela, E somente ela. Não Mike, e a irmã de Mike também não.

E ela acreditou nisso. Mas ela ainda estava chateada pelo encontro deles ter sido manchado pelo desvio.

Ela sentiu a dor na cabeça acalmar, diminuindo um pouco mais a cada rotação do pneu, até que não foi nada mais do que uma memória desconfortável.

Jay estacionou em frente à casa dela, e ela o deixou dar um beijo de boa noite. Foi um bom beijo. E em instantes, ela estava muito preocupada em lembrar que estava tentando ser brava com ele, que estava muito distraído para se preocupar com o rancor dela, aquele que ele irritavelmente ainda desconhecia.

Tonta pela despedida apaixonada, ela se esqueceu de não acenar para ele, antes de fechar a porta.

Ela pode até ter levantado o pé recatadamente enquanto acenava.

8

Violet estava destrancando seu carro quando a mulher de imaculado terno branco apareceu.

A aula acabara de acabar, e os estudantes lotavam o estacionamento e alinhavam-se na calçada em frente aos ônibus, aguardando ansiosamente sua chance de escapar. Em algum lugar atrás de Violet, um aparelho de som com seu grave ligado muito alto tocava uma música country que sacudia as janelas dos carros ao seu redor.

"Violet? Violet Ambrose?" A mulher não parecia fazer uma pergunta; ela parecia saber exatamente quem era Violet.

Mas Violet não fazia ideia de quem ela era; tudo o que ela sabia era que aquela mulher estava deslocada em meio aos alunos do Colégio White River, e ela parecia menos ainda pertencer ao corpo docente. Além do mais, Violet certamente se lembraria dessa mulher se a tivesse visto em algum lugar perto da escola. E enquanto o garoto que se arrastava atrás dela parecia um pouco mais velho que Violet, ele estranhamente também parecia deslocado em sua camisa preta desbotada e seus jeans rasgados. Reto, cabelos quase negros, muito longo e despenteado, caindo de lado entre seus olhos, adicionando a impressão de que ele estaria mais em casa num parque com um skate do que em um estacionamento de uma escola de cidade pequena com música country tocando no fundo.

Ele manteve as mãos nos bolsos e olhou para o asfalto embaixo dele, nunca olhando na direção de Violet.

Violet tirou a chave da fechadura.

"Você é Violet Ambrose?" A mulher esperou a confirmação de Violet.

"Uhum." Sua curiosidade foi despertada definitivamente.

A mulher deu um passo à frente, estendendo a mão formalmente. "Sou Sara Priest. Tenho tentado chegar até você."

Sara Priest? Aquele nome...

Do FBI? Aquela Sara Priest.

Oh, *merda, merda, merda!* Violet silenciosamente amaldiçoou a si mesma.

Violet estava examinando a mulher enquanto ela apertava sua mão, pegando os detalhes de sua aparência meticulosa. Não só o intocado terno e o rabo de cavalo

impecável e elegante, mas também seu comportamento meticuloso. Ela exalava confiança que Violet sabia que nunca seria capaz de exalar.

"Podemos conversar?" Sara do FBI perguntou quando ficou claro que Violet não tinha mais nada a dizer.

"Acho que sim," Violet concedeu, olhando a sua volta para ver se alguém observava os três. Ela tentou pensar em algum pretexto—alguma razão—para não ter essa conversa agora.

Ela subitamente ficou irritada com Jay por ter que trabalhar hoje, brava por ela ter dirigido para a escola.

Então, aqui estava ela. Sozinha. Com a agente Sara Priest.

Merda!

Da calçada, perto da entrada da escola, Violet viu Mike esperando por seu ônibus. Ele acenou para ela, entusiasmado, como um cachorrinho. A culpa pela inveja que ela sentiu sobre sua nova amizade com Jay a inundou, lembrando-lhe quão infantil ela vinha se comportando. Violet ergueu a mão e acenou de volta.

Infelizmente, Lissie Adams estava bem atrás dele, e ela também viu Violet.

Lissie era tudo que Violet não era: loira, elegante e incrivelmente popular, e a matou saber que Jay escolhera Violet ao invés dela como acompanhante do Baile de Formatura. Ela tinha suas crises quando ele não estava perto.

E aconteceu desse ser um daqueles momentos. Lissie levantou seu elegante e bem cuidado dedo do meio e virou para Violet.

Violet fechou os olhos; ela estava farta de aturar as merdas de Lissie.

"Então, quem é seu amigo?" a mulher perguntou, inclinando a cabeça na direção da escola.

Violet suspirou. "Ela não é minha amiga."

A mulher sorriu. "Não ela. O garoto a quem você acenou."

"Quer dizer Mike?" Violet franziu a testa. "Ele é só um garoto novo na escola."

A agente Sara apertou os lábios, pausando brevemente. "O que você sabe sobre ele?"

"Nada. Por que pergunta?" Violet perguntou esperançosamente. "É *por isso* que você está aqui? Para falar sobre Mike?" De repente conversar sobre Mike Russo não parecia uma ideia tão ruim.

Para seu crédito, Sara Priest não perdeu nada. "Não. Estou aqui para falar sobre você, Senhorita Ambrose. Podemos?" Ela apontou para o carro de Violet. "Então, podemos falar em particular?"

O estômago de Violet afundou. Ela foi fugazmente ciente de que nunca foi mostrado nenhum distintivo, e ela soube que seus pais não iriam gostar da ideia dela conversando com estranhos—mesmo que fossem do FBI. Ainda assim, ela demorou a reunir coragem para fazer alguma coisa, mas concordou.

Seu coração pulou nervosamente enquanto ela entrava no carro. Ela pensou em não deixar essa Sara em seu carro, e ao invés trancar as portas e sair. Mas mesmo quando ela pesava essa opção, ela sabia que era inútil naquele momento. Obviamente eles sabiam seu nome e o número de seu celular. Eles sabiam onde era a sua escola e provavelmente seu endereço. Ela realmente pensou que pudesse escapar do FBI?

Então, ao invés de sair, ela estendeu o braço para o lado do passageiro e abriu a porta, enquanto mulher fez um exame apressado do banco para ter certeza que não havia nada que pudesse causar uma mancha desagradável. Ela estava com medo que o terno da mulher estivesse em perigo de ser contaminado por uma mancha de ferrugem.

Violet se perguntou se o menino de cabelos escuros entraria também, mas ele nunca se moveu; ele só ficou lá, silenciosamente tomando conta da porta de Sara.

Estranho, Violet pensou enquanto ligava o carro para ativar o aquecedor. Ela esperava que independente do que a mulher fosse dizer terminasse antes que o carro tivesse realmente chance de aquecer.

"Então, acho que você quer saber por que eu estou aqui."

"Uh-huh." Mesmo aquelas duas—quase inarticuláveis—sílabas soaram trêmulas saindo de sua boca. Ela esperava não ter que dizer muita coisa.

"Bem, parece que seu nome surgiu no meio de uma investigação." A mulher ao lado dela tirou um fiapo invisível de seu joelho antes de olhar de volta para julgar a reação de Violet.

O coração de Violet batia. Forte.

Isso poderia acontecer de duas formas. Uma, ela poderia lidar com isso. A outra era ruim. Muito, muito ruim.

Talvez eles tivessem encontrado o corpo de outra menina desaparecida na floresta em algum lugar.

Ela não podia acreditar que estava esperando por algo tão terrível.

"Uh-huh..." *Até agora tudo bem na parte de conversar,* pensou ela.

A batida que veio do lado da janela do motorista pareceu uma explosão aos nervos já debilitados de Violet. Ela deu um salto e ficou imediatamente envergonhada de sua reação quando se virou e viu quem estava lá.

O nariz de Chelsea estava pressionado contra o vidro, fazendo sua habitual beleza parecer distorcida e hedionda. Violet poderia praticamente ver os seios da menina do seu ponto de vista; era mais do que ela já precisou testemunhar.

Violet abaixou sua janela rolando a antiquada manivela, e Chelsea pulou para trás antes de seu rosto descer com o vidro.

"Desculpa interromper," Chelsea declarou, não soando nem um pouco arrependida. Ela olhou desrespeitosamente para a mulher no assento do passageiro de Violet quando disse isso e então instantaneamente a ignorou sem esperar por uma resposta. Ela olhou seriamente para Violet. "Você sabe onde Mike foi? Estou procurando ele por todo lado. Ele não estava em seu armário depois da aula, eu não vi não-sei-o-nome-dela, a irmãzinha dele."

Violet rolou os olhos impacientemente. "Eu acabei de vê-lo esperando por seu ônibus."

Chelsea suspirou. "*Droga!* Eu o esperava para oferecer uma carona pra casa." Mas do jeito que ela mexeu a sobrancelha implica que *carona pra casa* significava mais do que um simples passeio de carro. Conhecendo Chelsea, ela esperava que ele iria.

Violet sorriu maliciosamente quando um grande ônibus amarelo escolar parou no estacionamento. "Acho que você acabou de perder sua oportunidade, Chels."

Agora só restavam alguns veículos dispersos deixados no estacionamento dos estudantes, entre eles os de Violet e Chelsea, assim como um grande SUV que Violet só podia supor pertencer à mulher sentada ao seu lado, pois com certeza não pertencia a ninguém da escola.

"Certo," Chelsea suspirou. "Te vejo amanhã, eu acho."

"Desculpe-me sobre isso," Violet murmurou para a mulher uma vez que Chelsea foi embora.

"Eu só tenho algumas perguntas para você," a agente Sara continuou como se a conversa delas nunca tivesse sido interrompida.

As vias respiratórias de Violet se estreitaram dolorosamente. *Aqui vai,* Violet pensou, torcendo contra as habituais perguntas familiares que ela já respondera centenas de vezes antes.

"Primeiro de tudo, como você soube que o corpo estava lá?"

Violet a encarou. Ela não tinha certeza de como responder a pergunta. Não ficou claro; a agente Sara não deu muitos detalhes para que ela tivesse certeza sobre qual corpo ela estava falando.

Violet pensou sobre o primeiro corpo achado ano passado, descartado e inchado nas águas rasas do lago. Ela fechou os olhos, tentando pela milionésima vez limpar a imagem do olho de sua mente. Mas era muito vívida, estaria para sempre gravada em sua memória.

"Eu o vi," ela murmurou, esperando que aquele fosse o corpo que a mulher estava falando.

A mulher se mexeu desconfortavelmente. "Você *o* viu?" ela perguntou, olhando desconfiadamente para Violet. "Você quer dizer, *você o viu?*"

E foi isso. Aquela única palavra esclarecedora, e Violet não podia mais negar a si mesma.

Ele, ela disse *ele.* Violet estava errada. Cuidadosa ou não, ela não foi cuidadosa o suficiente. Todos os corpos que Violet encontrara ano passado havia sido de garotas desaparecidas.

Eles sabiam. O FBI sabia. Mas como isso era possível?

Ela olhou para a mulher, tentando transmitir que tudo isso era um engano. Era sua única chance. "Eu—eu acho que você se confundiu. Talvez você tenha achado a pessoa errada."

"Violet Ambrose? É você. Você realizou uma chamada de emergência de um telefone público há quase duas semanas." Ela observava Violet cautelosamente; seus olhos se estreitaram o suficiente para parecerem duvidosos. "Nele, você disse ao operador sobre *ouvir algo*. Você não disse nada sobre ter *visto* o garoto."

Tudo desabou sobre Violet de uma só vez. Sua cabeça estava girando. Ela se sentiu tonta e enjoada em um instante.

Ela fechou os olhos, tentando fazer sua cabeça parar de girar para que ela pudesse segurar seus pensamentos fora de controle.

Ela sabia que não deveria ter ligado para o 190. O que ela estava pensando?

Mas ela usou um telefone público. Ela não deveria estar tendo esta conversa.

"Eu não sei sobre o que você está falando," ela negou, mas sua voz soou metálica e oca, uma mentira óbvia. Ela pensou que fosse passar mal. Isso era uma espécie de pesadelo, quase tão ruim quanto seu sonho sobre o próprio garoto.

Houve silêncio, e Violet lutou para manter tudo junto. Ela precisava achar uma saída, sair de seu próprio carro, se fosse necessário. E para longe dessa mulher que conseguiu localizá-la.

"Olha, Senhorita Ambrose, não há razão para negar. Nós a rastreamos usando as câmeras de segurança do estaleiro. Nós pegamos a placa do seu carro. Isso, mais a ligação que você fez, facilitou para nós acharmos você." A agente Sara inclinou-se para frente, e Violet pensou que ela talvez estivesse tentando transmitir compreensão, compaixão. Invés disso, ela foi intimidante.

"Não era eu," Violet resmungou.

"Nós duas sabemos que isso não é verdade. Eu tenho a gravação daquela chamada, se você quiser escutá-la." Ela puxou um pequeno gravador do bolso de seu casaco.

Violet encarou aquilo, incapaz de negar outra vez.

"Eu acho que não." Ela colocou o gravador de volta em seu casaco. "Nós já sabemos que você não teve nada a ver com o desaparecimento do garoto. Ou sua morte. Como eu disse, câmeras. Além do mais, nós temos provas de DNA que excluem você."

"Então, aqui está o trato. Eu quero facilitar pra você. Tudo o que eu preciso é fazer algumas perguntas a você. Não agora, mas em breve. Será rápido e sujo, somente os fatos de como você veio a..." ela apertou os lábios novamente, "*ouvir* o garoto. Mas por valer a pena – e isso é só um palpite meu – eu acho que tem mais coisa aí. Eu acho que você nem o ouviu."

Violet piscou uma vez, tentando clarear seus pensamentos enquanto ela observava apreensivamente a mulher em seu carro. Ela se recusou a dar a menor pista do que estava acontecendo em sua cabeça.

Sara continuou sem esperar por uma resposta. Ela não pareceu querer uma. "Na verdade, eu sei que você não o ouviu, porque você ligou no domingo. O legista diz que o menino que nós achamos estava morto por pelo menos dois dias antes de recuperarmos o corpo."

Vomitar tornou-se uma possibilidade muito real naquele ponto enquanto Violet sentia os ácidos de seu estômago inchando perigosamente alto em sua garganta. O suor a arrepiou como farpa de gelo em sua testa e sua nuca.

Ainda assim, ela se recusou a falar. Nem tanto recusar, na verdade, ela sentiu que seria fisicamente impossível fazê-lo agora.

Novamente, a agente Sara continuou, impávida. "E mesmo que nós acreditemos que você não teve nada com a morte do menino, você ainda esteve lá. Você sabia onde encontrá-lo. Então você vai ter que responder algumas perguntas, gostando ou não."

Violet manteve seus lábios hermeticamente fechados.

Algo no olhar de Violet deve ter dado a ela uma pista, porque a agente Sara finalmente parou de falar. Ela examinou a menina ao seu lado. "Você está bem?" ela perguntou. A questão em si continha um pouco de preocupação.

Violet assentiu. "Estou bem..." ela começou a dizer, mas se cortou quando se engasgou com suas palavras. De repente a expressão favorita de Chelsea, sobre vomitar em sua própria boca, atingiu um pouco perto de casa para Violet. Ela segurou sua boca fechada de novo.

A agente Sara tirou um cartão do bolso e o entregou a Violet. "Você terá que falar comigo cedo ou tarde. Ligue para o número do cartão amanhã para marcar uma hora."

Ela saiu do carro e caminhou propositadamente para o SUV preto, o garoto indo bem atrás dela.

Violet olhou para o simples cartão de visita, distraidamente correndo o dedo sobre o selo ouro-folha em alto-relevo.

Ela odiava o sentimento que pairava sobre ela, a apreensão iminente da profecia de que algo terrível estava para acontecer. Ela esperava que fosse só preocupação por ter sido descoberta e forçada a dar uma declaração sobre algo que ela nunca deveria ter testemunhado em primeiro lugar. Algo que nenhuma pessoal normal saberia.

Mas ela sabia que não era isso. Havia mais nisso do que somente uma declaração formal. Havia algo no modo que a agente Sara redigira tudo o que diz respeito a Violet.

Independente das questões que Sara planejava perguntar, Violet teve a estranha sensação de que se ela respondesse com sinceridade, Sara poderia realmente acreditar no que ela revelaria sobre sua habilidade.

Mas Violet nunca poderia confessar do que era capaz para Sara Priest. Ela não tinha a intenção de virar um tipo de rato de laboratório para o FBI.

9

Violet rolou, segurando seu travesseiro com força e desejando que o que quer que a acordou simplesmente desaparecesse, como um sussurro sem resposta. Mas infelizmente o abismo prático entre a esperança e a realidade era quase impossível de navegar.

Ela amaldiçoou a si mesma. Quando ela se tornou a garota com sono mais leve do mundo?

Um flash de luz passou através de sua janela. Veio do lado de fora, lançando um brilho aquático em torno de seu quarto, e então passou tão rápido quanto veio.

Era isso. Deve ter sido isso que a acordou.

Ela gemeu, chutando suas pernas de frustração e jogando seu cobertor ao mesmo tempo. Isso era ridículo. Ela precisava dormir!

A luz veio de novo, e dessa vez, com seus olhos abertos, ela teve que apertá-los contra a claridade.

Ela sentou, equilibrando-se a beira de sua cama, tentando decidir o que fazer. Ela sabia que uma coisa era certa. Alguém queria conseguir sua atenção, e ela estava realmente muito cansada, e muito irritada, para se preocupar com o porquê.

Ela puxou a camisola que havia jogado no fim de sua cama, fechando-a até o queixo. Ela nem se incomodou em olhar o lado de fora de sua janela, ela estava com demasiada pressa. Ela precisava dar um fim a isso antes que acordasse seus pais também.

Ela se apressou em descer as escadas e destrancar a porta da frente, olhando para a desagradável noite fria. Ela estreitou os olhos, procurando pela fonte da luz, mas estava vazio.

Nada além da noite. E um frio impiedoso.

Ela deu um passo para fora, para as tábuas frias de sua varanda, com a intenção de chamar quem estivesse sinalizando para ela. Mas algo a impediu, e ela esperou, segurando sua respiração. O tecido de seu pijama de flanela, o qual parecia aquecer do lado de dentro, agora parecia impossivelmente fino. Uma rajada de ar frio correu por suas pernas. Ela estremeceu, enfiando suas mãos em suas mangas, e desejando que tivesse mais do que um par de meias de algodão em seus pés.

O silêncio noturno ao seu redor era ensurdecedor.

E então veio. O flash de luz intensa estava tão fora do lugar nas sombras da noite que queimou seus olhos uma vez mais antes de desaparecer.

Violet piscou e inclinou-se para trás, suas mãos procurando a maçaneta da porta as suas costas. Só para ter certeza de que continuava lá. Ela apertou, tentando descobrir de onde veio a luz.

Mais uma vez ela queria gritar, mas sua voz havia desaparecido também, como a explosão passageira de luz branca.

Porém Violet era curiosa demais para deixar isso de lado. Além do mais, se ela não pudesse encontrar a fonte da luz e a impedir de continuar piscando, seria obrigada a ficar acordada a noite toda. Ou pelo menos durante o tempo que continuasse.

Ela tremeu quando a noite antártica extinguia sua reserva de calor humano. Ela decidiu se concentrar, esperar pela luz novamente, e dessa vez, indicar sua localização.

Ela não teve que esperar muito tempo. O brilho foi como uma explosão visual, agredindo seus olhos enquanto ela se forçava a não piscar contra a luz.

Era tudo o que ela precisava. E agora ela teve certeza de ter visto de onde vinha o brilho.

Ela se moveu para frente, hesitante em liberar seu controle sobre a fria maçaneta de aço enquanto ela facilitava seu caminho em direção à luz pulsante. Ela cautelosamente desceu da varanda e olhou a sua volta, assegurando-se que ela era a única ali.

O brilho veio novamente. Do outro lado de seu carro.

Ela se moveu mais rapidamente após alcançar o veículo, contornando a parte traseira, e quando ela viu o flash mais uma vez, ela congelou.

Estava vindo de uma caixa. Uma caixa de papelão marrom liso ao lado da porta do motorista. As abas superiores estavam penduradas frouxamente.

Ela ficava confusa enquanto via a cena. Por que a caixa estava brilhando? E quem a colocaria lá, perto de seu carro?

Ela olhou para as árvores que cercavam sua casa, se perguntando—fugazmente—se estava sozinha.

E então encarou a caixa novamente, dando um passo à frente, seus pés congelando na superfície gelada da calçada de cascalho, muito dormentes para sentir as pedras afiadas abaixo deles. Ela inclinou-se para o topo do que estava lá, com medo de que o que estivesse lá dentro piscasse enquanto espiava.

Não piscou. Mas ela desejou que tivesse. Ela desejou que fosse cegada pela luz ofuscante, para que não tivesse visto aquilo.

Violet se sentiu triste e enjoada ao mesmo tempo. E com raiva.

Essa caixa foi posta ali deliberadamente para que ela encontrasse.

Ela se perguntou por que não a reconheceu antes. A atração da morte, um eco. O piscar esporádico da luz branca. O frio deve ter entorpecido mais do que os seus pés. Até seus sentidos foram anestesiados pelo frio glacial.

Mas isso explicava porque somente ela havia acordado. E porque ela se sentiu compelida a localizá-lo.

Ela olhou para o gato preto minúsculo deitado no fundo da caixa. Sua cabeça caiu doentiamente—anormalmente—para o lado. Seus olhos verdes sem vida a olharam de volta.

Não é Carl. Violet suspirou aliviada por saber que não era seu próprio gato. E então uma explosão de vergonha a inundou por entreter um pensamento tão insensível.

A explosão de luz ocorreu de novo, queimando suas retinas, e ela teve que piscar diversas vezes para clarear as manchas vermelhas que turvavam sua visão.

Ela não estava mais com medo de ter alguém por perto. Sua raiva foi muito longe para cuidar de sua própria segurança agora. Ela desejou que ele estivesse aqui, quem quer que fosse responsável por... *por isso*. Ela queria que ele se revelasse. Ela o *desafiava*.

Fúria preencheu suas veias geladas, descongelando sua incerteza. Ela sabia o que precisava fazer. E quanto mais cedo melhor.

Ela fechou as abas cuidadosamente para não perturbar o corpo sem vida mais do que o necessário. A pobre coisa já foi perturbada o suficiente.

Violet sussurrou sob sua respiração, baixo demais para ninguém ouvir, mesmo que ela não estivesse sozinha. Somente o frio em volta de sua boca parecia notar, ela podia ver as rajadas enevoadas expelidas por seus lábios.

"Agora eu me deito para dormir..." Era a mesma oração que ela rezava para cada animal que ela já havia enterrado.

Ela carregou a caixa, andando com determinação sob a lua pálida, não precisando dela para achar seu caminho em volta da casa, em direção a floresta.

"... eu rezo para o Senhor guardar minha alma..." Era a única oração que conhecia.

Houve uma explosão de luz dentro da caixa que ela embalava, feixes brilhantes iluminavam através das aberturas.

"... se eu morrer antes de acordar..."

Ela chegou à entrada escurecida de seu cemitério, seu pai a ajudou a construir quando ela era apenas uma criança: Acres Sombrios. E agora, na calada da noite, o nome parecia mais apropriado do que nunca. Um presságio de sorte.

No entanto, ela não tinha medo. Não aqui. Nunca aqui.

Um ruído branco familiar, a estática de muitos animais mortos que uma vez chamaram Violet para encontrá-los, se fundia numa ressonância de paz após o sepultamento de seus corpos.

Ela entrou pela cerca de arame com o objetivo de impedir escavadores que ousassem incomodar suas almas perdidas. Ela ajoelhou-se no chão, ao lado de um local que já havia sido cavado, uma cova rasa esperando ser cheia. Havia sempre um espaço pronto no cemitério de Violet.

Ela estremeceu quando abriu a caixa, incapaz de ignorar a temperatura hostil a envolvendo.

"... eu peço ao Senhor à minha alma levar."

Ela inclinou a caixa, deixando o pequeno e endurecido corpo cair gentilmente dentro da terra macia na parte inferior da sepultura. Ela mordeu o lábio, tentando não imaginar a morte desse pobre animal. Tentando não chorar com outro flash que iluminou a noite.

Ela ajoelhou-se, alcançando um monte de terra que aguardava ao lado do buraco superficial de terra, e pegou com sua mão, empilhando-o sobre o gato sem vida.

Amém. Ela balbuciou a palavra sem emitir um som.

Quando ela acabou, sentou em seus calcanhares. Ela já podia sentir a sensação de paz passando sobre ela.

O gato estava se libertando... libertando ela.

Violet pegou a caixa e se voltou apressadamente para sua casa sem olhar em volta novamente. Ela deixou a caixa vazia do lado de fora e fechou a porta a suas costas, fazendo seu caminho de volta até seu quarto.

Ela tomou banho e se trocou rapidamente, tentando banir a sensação perturbadora que persistia, fazendo-a tremer por muito tempo após o frio de inverno ter desaparecido. A percepção inquietante de que alguém havia deixado uma mensagem para ela hoje à noite.

Mas o que a mensagem deveria ser?

E quem havia deixado?

IRA

A garota ficou ali, escondida atrás da árvore, observando Violet. Ela estava feliz agora que se vestira de preto—o casaco preto pesado, a máscara de esqui que cobria seu rosto, as luvas escuras—não só para aquecer, mas para escondê-la.

Ela realmente não esperava se esconder dentro da cobertura natural fornecida pelos arbustos grossos e árvores que cercavam a casa de Violet; ela esperava simplesmente entrar e sair.

Deixar o presente *para Violet e ir embora.*

Mas Violet a surpreendeu saindo de casa no meio da noite. E quando ela o fez, a garota congelou, incapaz de se mexer... ou mesmo pensar claramente.

Ela tinha medo que Violet pudesse a ver. Mas ela não viu.

Ao invés disso, Violet estava fixada em outra coisa, dando a ela tempo de reagir, escapar para o abrigo mais profundo da floresta, onde ela poderia assistir sem ter medo de ser descoberta.

Antes do aparecimento de Violet, ela tinha medo de que estivesse indo longe demais. Que a mensagem fosse dura demais. Mas vendo Violet, observando-a, raiva a inundou novamente. A raiva que ela sentia ia além da razão... além de explicações... além do controle.

Ela não tinha certeza de como Violet sabia para onde olhar, mas de alguma forma ela encontrou a caixa. E quando Violet olhou em sua direção, buscando entre as árvores, a garota foi de encontro ao chão, curvando-se em uma bola, se abraçando fortemente enquanto esperava para ser pega.

Mas Violet nunca a encontrou.

E quando ela levantou a cabeça novamente, ela percebeu que nenhuma das reações de Violet foi o que ela esperara. Ou esperava. Invés do medo, ela viu raiva. Invés de repulsa sobre o animal mutilado, Violet parecia... calma.

De repente, ela desejou ter feito mais. Aumentado a aposta.

Ela queria ver Violet assustada. Com medo. Apavorada.

Talvez da próxima vez.

Enquanto ela observava, Violet carregou a caixa para a parte traseira da casa, ela pensou ter visto os lábios de Violet se mexendo sob a difusa luz da lua bem acima. Mas com quem ela estaria falando? Com si mesma? Com o gato morto?

E então Violet moveu-se para trás de sua casa e fora de vista.

A menina permanecia lá, na floresta, se perguntando o que Violet estaria fazendo. Se perguntando se essa era sua chance para escapar, mas curiosa demais para saber o que Violet faria a seguir. E com raiva demais para ir ainda.

Ela odiava Violet. Mais naquele momento do que antes.

Mais até do que odiava a si mesma.

Quando Violet voltou, ela ainda estava carregando a caixa, mas estava vazia agora. Ela pôde dizer pelo jeito que Violet carregava. Não mais abraçando contra seu peito, mas preferindo deixar pendurada enquanto caminhava.

Para onde o gato foi? Violet o despejara em algum lugar? Jogara fora? Queimara?

Quando Violet se apressou para a varanda de sua casa, ela nem mesmo olhou a sua volta.

Naquele momento, a menina pensou em fazer sua presença conhecida. Ela pensou sobre como seria machucar Violet para ter a satisfação de testemunhar a expressão que ela desejava tanto ver.

Ela imaginou golpeando Violet com suas próprias mãos.

Arranhando seus olhos. Puxando cabelo de seu couro cabeludo.

Medo. Terror.

Ela se imaginou cortando o rosto de Violet.

Implorando. Suplicando.

Ela se imaginou quebrando o pescoço de Violet.

Redenção.

Os devaneios eram tão doces.

E então Violet fechou a porta de sua casa, deixando-a com nada além de suas fantasias.

10

"Então, por que você acha que ele não me convidou para sair?" Chelsea perguntou, desembrulhando outro pedaço de goma de mascar e enfiando-o em sua boca. Foi a sua terceira porção.

"Shhh..." Sra. Hertzog avisou, colocando um dedo sobre os lábios.

Chelsea franziu a testa para a bibliotecária, mas baixou a voz quando se inclinou sobre a mesa e repetiu sua pergunta.

"Mike Russo? Como é que ele não me pediu para sair ainda?"

Violet já sabia quem *ele* era sem que Chelsea tivesse qualificado a sua pergunta com qualquer primeiro—ou um último—nome. Mike era tudo do que Chelsea queria falar ultimamente, mas hoje, de todos os dias, Violet não se importava. Ele a impedia de pensar... *Outras coisas*.

Violet não contou a ninguém sobre o gato. Não a Jay, não aos seus pais. Ninguém.

De alguma forma, ela se sentiu transformada por isso. Tornou-se seu pequeno segredo sujo.

Sempre que ela pensava sobre ficar lá em pé, tremendo de frio e olhando para a caixa que enterraram um gato morto, Violet percebia que sua habilidade para procurar os mortos descartados foi usada contra ela. E a pessoa responsável, provavelmente, nem sequer percebeu isso.

Quem deixou esse gato não poderia saber que iria acordar Violet. E eles não tinham como saber que o eco emitido pelo gato também seria impresso sobre eles, uma marca que levaria para sempre. Que isso significava que Violet saberia quem havia feito isso, que não seria capaz de esconder dela.

E ela assumiu que quem fizera isso era alguém que ela conhecia. *Por que mais alguém iria colocar um gato morto ao lado de seu carro?* Ela estava obrigada a descobrir quem era, mais cedo ou mais tarde.

O problema era que ela não tinha certeza de que ela realmente queria saber quem havia deixado. Ou por quê. Às vezes não saber era melhor. Mais fácil. E talvez ainda mais seguro.

Mas se alguém poderia matar um animal inocente para entregar uma mensagem, ou um aviso, em seguida, o quão longe eles estariam dispostos a ir para transmitir os seus verdadeiros sentimentos?

Ela sabia que deveria ter medo de si mesma. Mas ela estava preocupada mais do que apenas por si mesma agora. Ela estava preocupada por Carl. Por os seus amigos. E por sua família.

"Eu já lhe disse, Chels, dê tempo a ele," Violet sussurrou de volta, conseguindo um som mais silencioso do que o de Chelsea, que era fisicamente incapaz de silêncio. Ela e Sra. Hertzog tinha uma rixa de pé sobre o assunto. "Ele te ligou, afinal?" Perguntou Violet, mesmo que ela já soubesse a resposta. Chelsea teria explodido de alegria se ele tivesse.

"Não," respondeu melancolicamente Chelsea, e então ela estalou as gomas, ganhando outra cara feia da bibliotecária. Ela ignorou o olhar de repreensão. "E eu não entendo. Eu dei a ele o meu melhor material, incluindo o olhar eu-sou-fácil-e-você-pode-me-ter-totalmente. O que ele está esperando?" Chelsea parou de falar e deixou cair o rosto em seu livro de história aberto. "Olhe, bibliotecária louca, às nove horas."

Até o momento que a Sra. Hertzog chegou a elas, Chelsea fingia estar interessada na sua atribuição, preenchendo as datas em seu papel como se fosse à lição de casa mais fascinante no mundo. Embora Violet estivesse quase certa de que a guerra de 1812 não havia ocorrido em 1776.

"Senhorita Morrison, eu preciso lembrar que você deveria estar trabalhando? Seu professor a enviou para cá para estudar, não para socializar." Ela sorriu docemente para Violet. O olhar de Chelsea diminuiu quando ela encarou primeiro Violet e depois em Sra.Hertzog. Mas, sabiamente, ela manteve a boca fechada. "Se você precisa de ajuda para encontrar material de referência" Sra. Hertzog ofereceu, olhando por cima as respostas em papel do Chelsea, "eu ficaria feliz em apontá-la na direção certa..."

Chelsea engoliu, e Violet suspeitava que ela tivesse acabado de engolir seu chiclete, uma vez que goma era proibido na biblioteca, antes de responder. "Não, obrigada. Eu acho que eu tenho isso coberto." Ela sorriu, tentando ser doce, mas chegando mais perto de azedo. "A menos que você tenha alguma informação sobre a família Russo?"

"Que família Russo?" a bibliotecária disse de forma desafiante, como se fosse altamente improvável que o que Chelsea estava realmente interessada era em *pesquisar*.

Esta era, não apenas o tipo de pesquisa que ela podia fazer na biblioteca. E Chelsea não foi à única interessada em Mike Russo.

Violet pensou sobre seu encontro com a senhora do FBI, e imaginou o que Sara Priest tinha captado. Violet não pôde deixar de pensar que o seu interesse em Mike tenha sido aleatório.

"Não se preocupe, Sra. Hertzog. Você não tem a informação que eu preciso." Chelsea sorriu para a mulher e depois fingiu que a saudamos, um despedimento, se Violet já tinha visto um.

Para seu crédito, a Sra. Hertzog não reagiu à falta de respeito de Chelsea. Em vez disso, ela emitiu uma advertência: "Tudo bem, mas se você mudar de ideia, eu estarei bem ali."

Os olhos de Chelsea se estreitaram, enquanto observava a bibliotecária andar. "Muito obrigada, Violet. Você não deveria supostamente ter minhas costas, ou algo assim?"

"Para quê? Me intrometer? Você planejava lutar contra ela? Além disso, ela gosta de mim. Por que eu deveria ficar do seu lado ruim só porque você está?"

"Enquanto vocês ainda estiverem ok, certo, Vi?" Chelsea demorou. "Mas sério, eu preciso descobrir uma maneira de conseguir que Mike Russo me note."

"Eu tenho certeza que ele notou você."

"Você sabe o que quero dizer," Chelsea bufou. "A propósito, o que está acontecendo com a senhora do cara tenso e gostoso em seu carro ontem? E por *gostoso*, quero dizer sombrio e perigoso, é claro. Por favor, me diga que eles são alguns parentes distantes que vieram para te dizer que você herdou uma fortuna da família ou algo assim. Eu poderia usar algumas boas notícias." Chelsea cruzou os braços sobre o peito, observando Violet de perto.

Violet sentiu seu estômago apertar. Foi estranho o suficiente que Sara Priest tivesse perguntado a ela sobre Mike. Se ela não soubesse melhor, ela teria pensado que Chelsea acabara de ler sua mente. Por que mais ela perguntaria sobre Sara Priest e o menino agora?

Independentemente do motivo pelo qual, Violet não quis falar sobre sua conversa com o FBI.

Ela decidiu que só havia uma maneira de mudar o tópico.

Ela suspirou. Felizmente, a mente de Chelsea tinha sido muito recentemente uma faixa. "Então, sobre Mike. O que você sabe até agora?"

Chelsea animou-se, inclinando-se quando ouviu a palavra mágica: *Mike*.

"Nada útil. Ele tem uma irmã, que está no primeiro ano."

"Megan," Violet ofereceu.

"Se você está dizendo. Eu sei que eles vivem com o pai, Ed, e que ele é um mecânico na Craft's Auto Repair da Autoestrada 410." Chelsea mordeu o lábio. "Eu também sei que Mike está em Inglês Avançado e em história, ele só perdeu dois dias no ano passado, e ele não joga qualquer esporte. Ah, e eles se mudam bastante. Quatro escolas em três estados diferentes nos últimos dois anos."

Sra. Hertzog deu dois passos em sua direção, as sobrancelhas levantadas em uma advertência para Chelsea.

Chelsea murmurou *Ok*, e acenou para a mulher novamente.

Quando a bibliotecária voltou para seu posto perto da entrada, Violet olhou para Chelsea, não tendo certeza se ela sentia admiração ou repulsa. "Como você sabe tudo isso sobre eles? Você está realmente espionando-o agora?"

"Não exatamente espionagem." Chelsea limpou sua garganta. "Mas eu dei uma olhada em seus registros escolares. Andrew Lautner foi trabalhar no escritório durante a sala de estudos para o crédito extra. Ele tem dificuldade dizendo não."

Isso foi um eufemismo; Andrew Lautner era o único membro do fã-clube pessoal de Chelsea. Ele esperava que Chelsea o notasse desde a terceira série.

Violet balançou a cabeça quando ela voltou a trabalhar em sua atribuição. "Eu não sei o que te dizer, você já sabe muito mais do que eu."

Chelsea se encolheu na cadeira. "Bem, faça-me um favor e tente descobrir *alguma coisa*? Eu realmente quero descobrir uma maneira de levá-lo para jogar etiqueta de língua comigo quando todos nós formos ao cinema neste fim de semana, talvez até chegar à segunda base." Chelsea não precisava dizer nada; Violet estava em um rolo agora. "Seria melhor se fosse só nós dois, já que Jay sempre monopolizou a atenção de Mike, mas desde que eu não tenho sido capaz de fazer isso acontecer, você pode pelo menos falar com seu namorado sobre não descarrilar meus planos neste momento? Eu realmente necessito deste encontro."

"Eu vou fazer o que puder, Chels" Violet ofereceu com relutância. "Mas eu não estou fazendo nenhuma promessa."

Silenciosamente, no entanto, Violet concordou com Chelsea, e ela esperava tanto como Chelsea fazer com que Jay não monopolizasse o tempo de Mike esse fim de semana.

Chelsea era outra coisa. Como uma força incontrolável da natureza. Semelhante a um furacão ou um tornado. Ou um Pit Bull. Violet admirava isso nela.

E, neste caso, Chelsea provara ser nada menos do que formidável.

Então, quando Jay mencionou no início da semana que eles poderiam ser capazes de ir ao cinema no fim de semana, Chelsea segurou-o a ele. Um tempo e um lugar foram escolhidos. E a notícia se espalhou.

E, de alguma forma, Chelsea conseguiu desvendar tudo.

Ela ainda queria os planos de sábado à noite; ela só não queria a multidão que veio com eles. Ela decidiu que devia ser um *encontro duplo*. Com Mike.

Exceto que Mike nunca iria ver isso acontecendo.

Até o momento que a campainha tocou no final do almoço na sexta-feira, todos concordaram em reunir-se para a sessão das sete da noite seguinte. Mas quando eles se separaram para ir para suas aulas, Chelsea colocou seu próprio plano em movimento. Ela começou a separar os demais do bloco e, um por um, todos eles caíram. Ela começou com Andrew Lautner. Pobre Andrew não sabia o que o atingiu.

"Ei, Andy, você ouviu?"

A partir do olhar em seu rosto, ele não ouviu nada, além do que Chelsea—*sua Chelsea*—estava falando com ele. Violet precisava ir para a aula, mas ela estava morrendo de vontade de ver o que Chelsea tinha na manga, então ela enfiou-se em seu lugar.

"O quê?" O seu enorme sorriso congelado parecia que ter sido rebocado lá e secado durante a noite.

A expressão de Chelsea foi apologética, algo que pode realmente ter sido difícil para ela tirar. "O jogo foi cancelado. Os planos furaram." Ela estendeu o lábio inferior em um beicinho desapontado.

"Mas eu pensei..." ele parecia confuso.

Violet também.

"... não acabamos de fazer os planos na hora do almoço?" perguntou ele.

"Eu sei." Chelsea conseguiu um som tão surpreso quanto ele.

"Mas você sabe como é Jay, sempre falando da sua bunda. Ele se esqueceu de mencionar que ele tem que trabalhar amanhã à noite e não pode sair." Ela olhou para Violet e disse, mais uma vez se desculpando, "Desculpe, você precisava ouvir isso, Vi."

Violet ficou lá boquiaberta e pensando que ela deveria negar o que Chelsea estava a dizendo, mas ela não estava mesmo certa por onde começar. Ela sabia que Jules teria feito isso. *Onde estava Jules quando ela precisava dela?*

"E todos os outros?" Andrew perguntou ainda agarrado à esperança.

Chelsea deu de ombros e colocou uma mão no braço simpático de Andrew. "Não. Ninguém mais pode fazer isso também. Mike tem planos de família. Jules tem um encontro. Claire tem que estudar. Violet aqui está aterrada." Ela envolveu seu braço em volta do ombro de Violet. "Certo, Vi?"

Violet foi salva de ter que responder, pois Andrew não parecia precisar de uma resposta. Aparentemente, se Chelsea disse, era a verdade do evangelho. Mas o olhar patético em seu rosto fez Violet querer abraçá-lo ali mesmo.

"Oh," ele finalmente disse. E, em seguida, "Bem, talvez da próxima vez."

"Sim. Com certeza. É claro," Chelsea chamou por cima do ombro, já arrastando Violet para longe da cena dolorosa.

"Nossa, Chels, quebre o coração dele, porque não? Por que você não apenas disse que tinha uma doença rara ou algo assim?" Violet fez uma careta para a amiga. "Não foi legal."

Chelsea zombou. "Ele vai ficar bem. Além disso, se eu dissesse *doença*, ele teria me feito uma sopa de frango e se oferecido para me dar um banho de esponja ou algo assim." Ela franziu o nariz. "Eca."

O resto da tarde foi praticamente da mesma forma, com escalações: *Obrigações familiares. Grandes testes para estudar. Prisões domiciliares.* Chelsea deu desculpas para quase todo mundo que havia planejado em ir, incluindo Claire. Ela foi implacável.

Ao sábado à noite, era apenas quatro deles... Violet, Jay, Chelsea, e, claro, Mike. Era tudo o que Chelsea havia sonhado, tudo o que ela tinha trabalhado.

Eles decidiram ir juntos... no carro de Jay, obviamente. Quando pararam para pegar Mike, Violet começou a sair para que ela pudesse subir na parte traseira com Chelsea, tendo pernas mais longas, para Mike, o melhor banco era o da frente, mas Jay estendeu a mão e pegou o pulso dela.

"O que você está fazendo? Eu quero que você se sente comigo." Seus dedos se mudaram para através dos dela, e ele a puxou de volta para dentro. "Mike pode se sentar atrás."

Violet sentiu-se corar com satisfação.

Mike saiu de sua casa e pulou da varanda sem nunca tocar os passos. Por trás das cortinas escuras, a televisão piscou.

"Aí vem ele!" Chelsea gritou, soando como uma menina quando ela saltou para cima e para baixo no banco de trás, sacudindo o carro inteiro. Ela bateu palmas com entusiasmo.

Violet puxou sua cadeira até a frente assim ela poderia dar a Mike algum espaço extra. Ele iria precisar se ele estava indo para ser confinado lá atrás com Chelsea.

"Oooii, Mike." Chelsea conseguiu falar pausadamente as duas palavras em várias sílabas longas, quanto Mike deslizou para dentro do carro. O nome dele soou tão estranho escorrendo da boca de Chelsea.

"Oi," disse Mike de volta para ela. Uma palavra, uma sílaba.

"Então, eu acho que é só quatro de nós esta noite," ela ronronou.

"Sério? Pensei que fôssemos encontrar um monte de pessoas."

"Não. Apenas nós. Todos os outros foram resgatados."

Violet sorriu para si mesma enquanto ouvia Chelsea, espantada que as palavras dela saíssem... sinceras.

Mas Violet a conhecia melhor. E ela percebeu a partir do olhar que Jay lançou que ele sabia também.

Mike, por outro lado, era muito novo para entender a maneira inquietante que a mente de Chelsea funcionava. Houve uma breve pausa, e então Violet jurou que podia ouvir um sorriso na voz dele quando ele respondeu: "Isso é legal."

Ele poderia repensar isso mais tarde, Violet pensou, quando Chelsea o segurasse e decidisse atacá-lo no meio de um cinema lotado. A menos que ele estivesse dentro. Ela sorriu maliciosamente para si mesma.

E então ela se perguntou se Jay faria o mesmo.

Ela esperava que sim.

11

O verdadeiro espetáculo da noite aconteceu quando eles pararam no Java Hut para matar algum tempo antes do filme.

Java Hut pela primeira vez abriu as suas portas como um cyber café antes que houvesse um computador em cada casa. Mas como o conceito se tornou obsoleto, o Java Hut conseguiu permanecer aberto tornando-se um ponto de encontro depois da escola e de fim de semana. Agora, em vez de apenas café, eles serviam hambúrgueres, batatas fritas e sorvete, e junto com os computadores, havia também as estações de jogos. E naquela noite, como a maioria das noites de sábado, estava ocupado e alto.

Quando entraram pela porta da frente, Violet se perguntou se ela iria se acostumar com a atenção que Jay atraía sempre que eles estavam fora. Meninas—de todas as idades—pareciam estar atraídas por ele, e Violet entendeu o porquê. Havia algo sobre a total falta de consciência do seu charme que era universalmente atraente.

E as mulheres pareciam obrigadas a abandonar todo o bom senso apenas para acumular um momento de sua atenção, mesmo que fosse puramente utilitária.

Garçonetes bajulavam sobre ele. As caixas permaneciam com seu troco, tentando prolongar aquele momento em que suas mãos se tocavam. E até mesmo as professoras estavam inclinadas a dar-lhe uma margem de manobra... Dando-lhe um tempo extra para entregar as tarefas e deixando de lado um deslizamento tardio, quando ele estava atrasado.

Jay ignorava isso, mesmo quando Violet apontava o óbvio. Ele pensou que elas estavam apenas s*endo amigáveis* ou *fazendo o seu trabalho*. Mas Violet nunca teve sobremesa grátis ou um passe ilimitado para vagar pela escola durante o tempo de aula.

Então não foi uma surpresa total que Jay girasse algumas cabeças enquanto eles estivessem fora hoje à noite. Ela só não havia previsto o poder dos dois juntos. Dois rapazes de boa aparência mais do que dobraram a atenção. Mesmo entre pessoas que eles conheciam na Hut Java naquela noite, Violet e Chelsea se tornaram instantaneamente invisíveis.

As meninas não só notaram o par de meninos, mas também riram por trás das mãos em concha e acenaram para os dois.

Jay estava inconsciente ou preferiu ignorá-las completamente. Mike, por outro lado, não era. E não o fez. Ele percebeu o interesse que tinha atraído, e parecia se divertir.

Violet reconheceu imediatamente: para Chelsea, Mike chamava muita atenção.

Violet estava bem com isso. Chelsea, nem tanto.

Violet deixou Jay a arrastar através da multidão perto da entrada. Ela gostava de saber que ele pertencia a ela, enquanto todos os olhos invejosos os observavam.

"Eu acho que Chelsea não é a única que está interessada em Mike," Violet sussurrou enquanto Jay arrastou-a para ficar na fila no balcão.

Jay olhou de volta para onde estava Chelsea, nos arredores de três meninas da escola que estavam animadamente conversando com Mike.

"Sim, ela não está fazendo muito bem, não é?" Jay concordou.

"Eu pensei que ela o teria comendo na mão dela até agora."

Violet franziu o nariz, se preocupando com sua amiga.

"Você quer dizer, como você está fazendo comigo?"

Violet sorriu para ele e depois o empurrou com o ombro. "Sim. *Exatamente* assim."

Chelsea pegou os dois espionando ela, e Violet piscou com um sorriso de desculpas. Chelsea revirou os olhos em resposta. Ela andava emburrada enquanto fazia seu caminho até se juntar a eles.

"Compre-me algumas batatas fritas." A falta de uma questão em seu discurso foi um pouco tranquilizador. Ela continuava Chelsea. Desmotivada, mas mandona.

"Desistiu já?" Jay perguntou a Chelsea, depois que a menina atrás do balcão levou seu pedido.

Chelsea deu de ombros. "Não, apenas uma pausa. Eu vou tê-lo, eventualmente—ele só vai demorar mais tempo do que eu pensava."

"*Isso*!" Violet exclamou, empurrando Jay. "Você vê isso? É disso que eu estou falando!" Ela apontou para a menina entregando suas fritas. Obviamente ela não percebeu que elas eram para Chelsea. "Você só pediu uma pequena, e ela está te dando uma grande. Provavelmente não vai nem mesmo cobrar por isso."

Jay balançou a cabeça. "Ela apenas se confundiu, isso é tudo. Se isso faz você se sentir melhor, eu vou me certificar de pagar a grande."

"*Ugh*! Eu desisto. Esse não é nem mesmo o ponto! Ela só está fazendo isso, porque ela pensa que você é gostoso."

"Você está louca." Jay riu de Violet, e a garota atrás riu junto com ele quando colocou a cesta transbordando de batatas fritas. Não havia como ela ter ouvido o que eles estavam falando.

"Posso pegar mais alguma coisa?" Ela inclinou a cabeça para o lado. Ela poderia ser uma líder de torcida, muito animada.

Pelo menos ela não era abertamente sugestiva. Esperta e glamorosa, Violet podia lidar com elas.

"Não," respondeu Jay, entregando a ela uma nota de vinte.

Ela contou o troco e colocou-o de volta para ele em câmera lenta. E lá estava ela... A mão atrasada.

Violet sorriu por dentro, mantendo sua expressão perfeitamente em branco. *Previsíveis.*

"Bem, me avise," a menina borbulhava esperançosamente.

Jay entregou a Chelsea a batata frita, e Violet pegou o milk shake.

"Então, ele está seguindo você ou o quê?" Chelsea perguntou, empurrando várias batatas fritas em sua boca ao mesmo tempo.

Violet olhou para Jay: *Quem está seguindo ele?*

Mas Jay não estava escutando. Na verdade, Jay não estava mais lá há tempos; era apenas ela e Chelsea. Jay tinha ido até Mike, para que eles pudessem encontrar uma mesa.

Violet deu a amiga um olhar perplexo. "Você é tão estranha às vezes. Do que você está falando mesmo?"

Confusa, Chelsea olhou severamente para Violet. Sua voz era grossa com impaciência. "Olá? Na nossa frente, mesa do canto? O cara do outro dia."

Violet se virou para olhar. Um mar de rostos se agitou ao seu redor, movendo-se entre as mesas, mas ela ainda não viu do que Chelsea estava falando.

Ela se virou para enfrentar Chelsea novamente. "Quem?"

"Quando você estava conversando com essa senhora depois da escola." E, em seguida, irritada, porque era tão óbvio para ela, acrescentou, "O cara lindo que esperava fora do seu carro."

A mente de Violet trabalhou rapidamente, e quando ela descobriu quem Chelsea estava descrevendo, alarmes agarraram no seu estômago. Ela girou de volta, desta vez verificando por alguém em particular.

E ali ele estava sentado, encarando ela de volta. Violet podia sentir seus olhos azuis escuros cortar através dela, dissecando-a. Ela sentiu como se estivesse desmoronando sob o peso de seu penetrante olhar.

Violet não estava certa do que fazer, não tinha certeza de como ela se sentia. Era possível estar se queimando e gelada ao mesmo tempo? Ou ela estava paralisada?

O menino olhando para ela não se moveu, não fez nada. Ele reconheceu que dificilmente Violet tinha visto ele. Havia apenas um apertado mais leve no canto de seus olhos para dar esse momento de reconhecimento.

Violet olhou para Jay e Mike, que voltavam agora, indo direto na direção dela. O medo apertou sua garganta, e ela estremeceu.

Ela não dissera a Jay sobre o FBI. Ela guardou para si mesma, como tantas outras coisas ultimamente.

Talvez ele fosse se preocupar. Ou dizer a seus pais. Ou talvez ela ainda se sentisse culpada por tudo o que havia passado este ano... Tudo por causa dela.

E agora isso. *Aqui.*

Ela disparou para Chelsea um olhar de advertência e esperou que Chelsea fosse entender o significado: *Não diga nada!*

Mas Chelsea não percebeu seu olhar suplicante. Mike estava para trás, e Chelsea era ela novamente. Sorrindo, flertando, charmosa.

A verdadeira Chelsea foi embora. E isso foi uma boa notícia para Violet; sua amiga estaria muito preocupada com Mike para deixar escapar alguma coisa sobre o outro dia.

"Vocês estão prontos para ir?" Violet perguntou quando ela agarrou o braço de Jay, na direção à saída.

Jay riu e deu de ombros. "Violet, o filme mesmo só começa em uma hora. Vamos encontrar um lugar para sentar, para que possamos terminar de comer."

Violet piscou, tentando pensar em um argumento contra a permanência, mas ela não podia. E antes que ela pudesse protestar, Jay, Mike, e Chelsea já estavam indo para uma mesa.

Violet suspirou, derrotada por sua incapacidade de pensar rapidamente.

Suas pernas sentiram insegurança quando ela desistiu e seguiu os três. Ela parou uma vez, para olhar por cima do ombro. Mas o menino não estava mais sentado na frente do café.

O coração de Violet saltou em sua garganta enquanto os olhos deslizavam pela sala. Ela pensou que era paralisante tê-lo ali sentado, olhando para ela. Mas este sentimento foi pior: não saber onde ele foi, mas sabendo que ele ainda poderia estar por perto.

Ela esperava que ele a deixasse sozinha. Mas de alguma forma, ela duvidou.

Violet sentou-se silenciosamente na mesinha redonda, enquanto os outros comiam, falavam e riam.

Felizmente, a dormência, essa sensação que a agarrou desde o momento em que ela viu pela primeira vez o amigo do FBI de Sara sentado lá, havia levantado. Foi substituída por algo mais, algo mais próximo de indignação. Violet sentiu que seu espaço pessoal havia sido invadido, sua privacidade violada.

Ela se sentiu mais limpa agora. Muito limpa, quando um senso de percepção se infiltrou em sua mente. Sua cabeça girava com perguntas e teorias, suspeitas e dúvidas. Ela se preocupou enquanto olhava os outros clientes e quando ela cautelosamente olhou a entrada do café.

Ela não conseguia parar de se perguntar*: Por que ele veio aqui? O que ele quer?*

Se Jay notou, ele não mencionou. Ele estava se divertindo. Ele e seus amigos estavam se divertindo, mesmo sem sua participação.

Violet não se importou. Ela tinha outras preocupações no momento.

Ela ficou aliviada quando deu a hora de ir embora, e ela liderara a saída para o estacionamento, empurrando através da multidão, correndo para sair do espaço confinado. E, de alguma forma, Jay conseguiu manter-se.

Ela se sentiu melhor assim que chegou lá fora, como se pudesse respirar novamente. Eles já estavam no carro de Jay quando Mike e Chelsea os alcançaram.

Chelsea parou de sorrir para Mike tempo suficiente para dar uma careta para Jay. "Vocês dois estão tentando se livrar de nós ou algo assim?"

Mas foi naquele breve momento, enquanto Chelsea não estava olhando para ele, que Violet viu o olhar que passou pela cara de Mike quando ele viu Chelsea.

Foi tão rápido, que a menos que alguém estivesse olhando diretamente para ele, como estava Violet, teria perdido. Mas estivera definitivamente lá. O canto da boca dele estremeceu para cima, seus olhos enrugando ligeiramente enquanto ele a observava.

E Violet soube: *Mike gostava de Chelsea.*

Assim que o olhar de Chelsea escorregou de volta para ele, as bochechas de Mike viraram rosa e ele desviou o olhar como se ela não existisse. Nem Jay nem Chelsea notaram.

O absurdo disso quebrou o humor apreensivo de Violet, e ela não conseguia deixar de sorrir para si mesma. Chelsea vinha fazendo de tudo para chamar a atenção de Mike, nunca percebendo que ele já era dela o tempo todo.

No momento em que chegou ao cinema, Violet estava se sentindo muito mais como ela mesma. Ela até brincou com Jay por ser tão exigente sobre onde ele estacionou seu precioso carro, e conseguiu encontrar seu apetite novamente... Para pipoca e alcaçuz, pelo menos. Ela se carregou de ambos no estande de concessão.

Quando chegaram ao corredor escuro diante do cinema, Violet hesitou.

"Aqui." Ela entregou o balde de pipoca para Jay. "Por que vocês não me dão o meu ingresso e eu encontro vocês lá dentro? Eu tenho que usar o banheiro."

Ela sabia que era inútil pedir a Chelsea para vir com ela, porque ela não tinha intenção de sair do lado de Mike, até mesmo por poucos minutos. Em vez disso, Jay deu o ingresso a Violet e ela desapareceu no banheiro.

Dentro, ela estava sozinha, o que sempre incomodava Violet. E como de costume, ela se perguntou se por acaso, se ela tivesse de gritar, alguém realmente iria ouvi-la. Algum dia pensou que poderia tentar, apenas para descobrir.

Não, você não vai, ela repreendeu a si mesma. *Você é tão covarde.*

Ela tentou não pensar em coisas que podiam fazê-la gritar enquanto apressava-se a usar o banheiro e lavar as mãos. E quando terminou, ela correu pela porta, quase correndo para a pessoa que a esperava no corredor.

Violet pulou assustada. E depois o reconhecimento amanheceu, e gritar tornou-se uma possibilidade muito real.

Se ela pudesse encontrar sua voz.

"O que você está fazendo aqui?" Violet olhou com raiva para o menino em frente dela, levantando o queixo. "Você está me seguindo ou o quê? E não tente me dizer que é uma coincidência nós dois estarmos aqui, ao mesmo tempo. Eu vi você no Java Hut."

Ele encolheu os ombros, as mãos enterradas nos bolsos de suas calças de brim imundas. "Eu só vim aqui para entregar uma mensagem de Sara Priest."

Ela piscou. "Então ela enviou você?" Ela não iria deixá-lo ver o quanto o nome Sara Priest a afetava.

Ele balançou a cabeça, seus cabelos negros caindo sobre os olhos. "Não exatamente. Mas eu esperava que talvez você estivesse mais disposta a falar se eu viesse no lugar dela. Você tem que retornar suas ligações, eventualmente."

A indignação de Violet diminuiu. Durante dias ela vinha ignorando as mensagens de Sara Priest, cada uma delas lembrando Violet que este era um assunto urgente.

"Apenas diga a ela que eu não quero falar com ela."

Ela tentou passar, mas ele pegou sua manga, para impedir que ela fosse. Sabia que deveria empurrar seu braço para trás, longe do seu controle, mas em vez disso, ela deixou que ele a guiasse em direção às portas de saída no final do corredor. Estava escuro lá, privado.

Ele olhou para ela, mas quando ele falou, sua voz era calma. "Vamos, Violet, isso é sério." Ouvir seu nome em seus lábios a fez fazer uma pausa, e de repente ele teve sua atenção. "Você não pode simplesmente ignorar isso e esperar que vá embora. Sara tem um trabalho a fazer, e ela é séria. E quer você goste ou não, trata-se de você."

"Eu não tenho certeza do que eu posso dizer que ela ainda não saiba," Violet mentiu, dando um passo para trás. Havia tanta coisa que Sara não sabia sobre ela, e que Violet não tinha a intenção de confessar.

"A coisa é, que realmente isso não é seu para decidir." Seu rosto suavizou-se um pouco. "Eu prometo que fica mais fácil." Aproximou-se dela. "Você só precisa aprender a confiar em alguém."

Uma porta nas proximidades abriu suavemente, como um sussurro, mas Violet não olhou para cima. O que ele estava tentando dizer a ela? Que ele sabia o que era ser... *Diferente*? Ou que ela deveria confiar nele?

Violet estava mais confusa do que nunca. "Eu realmente não tenho tempo para isso. Estou aqui em um encontro."

O menino franziu a testa enquanto empurrava seu cabelo para longe de seus olhos, e então ele entregou a Violet outro dos cartões de Sara de negócios, enquanto ele a estudava. "Basta ligar para ela, Violet. Por favor. Você nunca sabe, talvez se você ajudar a Sara, ela pode ajudá-la." E então ele entregou a ela outra coisa, um pedaço de papel com um número de telefone e um nome—Rafe—rabiscado em caneta esferográfica. "Se você estiver mais confortável, me ligue ao invés disso," ele explicou, seus olhos em busca dela. "Acredite em mim, eu sei como isso pode ser assustador."

Violet enfiou o cartão e o número de telefone em seu bolso, não querendo olhar para eles ou considerar o significado por trás de suas palavras. Ela não tinha certeza se queria saber se realmente compreendera Rafe—ou o que era exatamente que ele estava fazendo para Sara Priest.

Então, quando ele virou para ir embora, Violet ficou onde estava, na penumbra da porta, e observou-o sair.

Ela fechou os olhos, se perguntando o que exatamente ele pensava que Sara poderia fazer para ajudá-la. Vários segundos se passaram antes que ela os abrisse de novo, só para ter certeza que ele realmente havia ido.

Ela olhou para o corredor e hesitou.

Ela não estava sozinha.

Jay estava ali, olhando pra ela. Sem dizer uma palavra.

Violet estava nervosa com a acusação que ela viu em seu olhar, e ela se perguntava se era real ou se era a sua própria culpa que ela estava sentindo.

Finalmente, quando Violet perdeu a noção de quanto tempo eles estavam lá, ele se virou e voltou para dentro, sem esperar por ela.

Ela podia sentir as lágrimas chegando. Vergonha e arrependimento inundando ela, queimando sob a pele, até que ela teria preferido que a dormência voltasse.

Ela fugiu para o banheiro mais uma vez para espirrar um pouco de água em seu rosto—e para lavar alguma da culpa que sentia por deixar as coisas escondidas de Jay.

Por que não podia falar com ele?

Por que ela estava mantendo tantos segredos?

Violet escorregou nas sombras do cinema e procurou por seus amigos. Quando os encontrou, ela fez seu caminho para onde eles estavam sentados, se espremendo, passando entre joelhos e tentando não chutar baldes de pipoca ou bebidas.

Jay não levantou os olhos quando ela passou por cima dele e se sentou na cadeira vaga.

Mas ela ficou surpresa e aliviada, quando sentiu seu braço deslizando em torno de seu ombro. Ela sabia que ele estava chateado com ela—ela viu em seu rosto quando estavam no corredor—assim o seu toque inesperado foi reconfortante, tranquilizador. Foi tão Jay.

Ele se inclinou em direção a sua orelha, sua voz quase um sussurro. "Você não pode continuar escondendo as coisas para sempre. Eventualmente, você tem que me dizer o que diabos está acontecendo."

Violet piscou as lágrimas e acenou com a cabeça contra seus lábios quentes. Ele se sentou e começou a assistir ao filme novamente.

Do outro lado dela, Chelsea e Mike faziam o mesmo.

12

Violet se aproximou da delegacia hesitante. Ela foi lá dezenas, talvez centenas de vezes antes. Seu tio Stephen era o chefe de polícia de Buckley, por isso teria sido um lugar difícil para ela evitar. Ainda assim, os passos dela eram lentos.

Ela entrou pela porta da frente, esperando que o lugar estivesse vazio numa tarde de domingo. Ou com esperança, de qualquer maneira.

Em vez disso havia quase tanta atividade em um fim de semana como havia durante a semana. Ela foi atingida por vários rostos conhecidos e poucos igualmente identificáveis ecos—tipo de marcas que aqueles no cumprimento da lei algumas vezes transportam. Entre eles, o gosto picante de dentes de leão que ela soube imediatamente que era de seu tio.

"Ei, tio Stephen," Violet disse, quando o avistou. "Tia Kat me disse que você estava aqui. Espero que esteja tudo bem que eu tenha passado por aqui."

"Claro. Eu encontrarei você no meu escritório." E apesar de poder ouvir o calor no seu tom, ela também reconheceu a preocupação.

Quando ele fechou a porta atrás dele, seu comportamento mudou e sua expressão tornou-se precupada. "Tudo bem, o que está acontecendo? Você odeia vir aqui." Ele se sentou atrás da mesa.

Violet estremeceu. "Eu não *odeio*..."

Ele a parou. "Não venha com essa. Você odeia e você sabe disso. Então por que está aqui?"

Ela queria contar a ele, falar sobre tudo o que havia acontecido... O pequeno menino caído à beira-mar, o gato morto que ela encontrou em frente ao jardim dela, as visitas de Sara Priest e Rafe. Essas foram todas as razões pelas quais ela veio. Ela precisava da ajuda dele, de seu conselho. Mas agora que ela estava sentada na sua frente, olhando-o nos olhos, ela não conseguia fazer isso.

Ele era o xerife, sim, mas ele também era irmão do pai dela. E por causa dela, ele agora carregava uma marca de assassinato, justificado ou não.

Ela já não causara bastante sofrimento a sua família?

O sorriso dela estava trêmulo. "Eu queria ver se eu podia pegar algum desses adesivos de emblemas que vocês dão às crianças. Eu gosto de dar a Jay um momento difícil sobre sua pequena queda por você[4]."

A risada de seu tio preencheu seu estreito escritório. "Você é terrível, Vi. Age mais como sua tia Kat a cada dia. Ela tem estado dando lições a você?" Mas ele já estava alcançando sua gaveta e puxando uma pilha de folhas de adesivos. Ele deslizou-os sobre a mesa. "Como é que ele vai parar de estar tão nervoso em torno de mim se você não parar de provocá-lo?"

Nesse momento o sorriso de Violet foi genuíno. "Dê um tempo a ele, tio Stephen; ele vai relaxar. Ele está apenas grato, isso é tudo." Ela enfiou os adesivos no bolso de sua jaqueta, sentindo-se uma covarde.

Ela não se preocupou em dizer a seu tio—novamente—que ela estava tão grata quanto Jay estava, porque ele já sabia. Ela jamais poderia retribuir a ele.

Ele manteve seu olhar por um momento, estudando-a.

"Bem, obrigada por isso." Ela apontou para sua jaqueta, tentando pensar em algo mais a dizer, algo que a impedisse de sentir-se tão incômoda. "Eu acho que eu deixarei você voltar ao trabalho."

Ele acompanhou-a até a saída, uma vez na calçada na frente da estação, ele abraçou-a. Ela estremeceu contra o sabor amargo que saturou sua boca quando ele o fez.

Ele apertou um forte beijo no topo de sua cabeça. "Eu amo você, garotinha. Se você alguma vez precisar conversar, eu estou aqui."

Violet olhou pra ele, sabendo que ele suspeitava que ela tivesse vindo por algo mais do que apenas adesivos. E se sentindo mal que ela não tivesse sido capaz de confiar nele.

"Obrigada tio Stephen. Eu amo você também."

Ela fechou a porta do seu carro e ligou o motor antes de retirar seu celular. Ela passou pelas chamadas não atendidas no registro de chamadas e pressionou Enter.

Depois de dois toques, a ligação foi atendida, e Violet falou. Sua voz soava frágil, mas resignada. "Aqui é Violet Ambrose," ela disse á pessoa no outro extremo. "Acho que nós precisamos conversar."

Violet estava fora de seu cemitério privado enquanto as primeiras estrelas perfuravam o escuro céu. As madeiras para além se tornaram uma coleção de sombras,

[4] Do original *man-crush* que literalmente quer dizer *queda de homem*. Signifca que Jay tem uma grande admiração pelo tio dela.

uma colagem de carvão e cinzas. Ela se arrepiou, mas não de frio. Seu casaco estava muito quente; era dúvida que a atormentava agora.

Ela estudou os marcadores feitos à mão, lápides que cobriam o chão diante dela. Porque alguns corpos—como esses, como as garotas do último ano e o garoto da beira-mar—chamaram ela enquanto outros a deixavam? Porque alguns corpos *precisaram* ser descobertos tão gravemente que eles causavam a ela dor física?

Violet tinha suas suspeitas – especulações na verdade—que tinha algo a ver com a brutalidade de suas mortes. Sobre vidas inacabadas. E ao que parecia, até agora de qualquer maneira, corpos humanos extraíam mais que os de animais.

Mas ela não tinha nenhuma maneira de saber com certeza; não parecia haver quaisquer regras rígidas e rápidas. Até o momento tudo que ela tinha eram palpites e teorias.

Ela abraçou a si mesma, escutando o pano de fundo estático que os corpos enterrados em seu cemitério criavam, o ruído satisfatório de paz enquanto os ecos se misturavam juntamente. Caiu sobre ela enquanto permanecia em silêncio, imóvel.

Ela ainda estava com raiva porque não tivera coragem para falar com seu tio hoje. Ela deveria ter dito a ele tudo; ela odiava manter tantos segredos. Mas ela odiaria mais se sua família—e Jay—tivesse que se preocupar com ela da maneira que eles fizeram antes, quando um assassino a caçou. Ela não poderia suportar causar esse tipo de dor novamente.

Não, ela decidiu. Ela lidaria com isso sozinha, ao menos enquanto ainda era manejável.

O corpo do garoto foi recuperado; não havia mais nada que ela pudesse fazer para ele.

O gato morto era perturbador e ameaçador, mas até agora era a única mensagem que ela recebeu. Talvez fosse apenas alguma brincadeira retorcida.

E Sara Priest era apenas uma mulher do FBI que queria falar com Violet. *Falar.* Ela poderia fazer isso sem seus pais segurando a mão dela, não poderia?

Então porque ela sentia-se tão culpada por não ter contado a eles? Porque seus segredos pareciam mais como mentiras?

Então havia Rafe. Ela sabia que Jay ainda estava chateado com ela por não explicar quem ele era depois dele ter aparecido no teatro na noite anterior; porque outra razão ele não teria ligado pra ela enquanto estava no trabalho hoje? Ele sempre ligava.

Ela soprou seus dedos congelados enquanto se afastava de seu cemitério, seus pés esmagando a crosta de gelo da grama.

Ela esperava que, depois de amanhã, ela teria algumas das respostas que estava procurando.

13

O estômago de Violet estava retorcido em nós quando ela entrou no elevador da garagem do estacionamento. Esse era o tipo de lugar que podia dar pesadelos a uma garota. Pelo menos, o tipo de garota que podia sentir as marcas daqueles que haviam matado.

Esse era exatamente o tipo de lugar que Violet normalmente evitava—hospitais, necrotérios e estações de polícia. Até mesmo lojas que atendiam especificamente caçadores.

E escritórios do FBI.

Não que ela tivesse recebido muita escolha no assunto. Violet teve a sensação de que Sara não planejava deixa-lá se livrar.

A viagem de elevador perturbou o estômago já enjoado dela, e ela conteve uma nova onda de náusea. Apoiou sua cabeça contra a parede de aço frio e tomou várias respirações profundas, preparando-se contra o ataque de estímulos sensoriais que ela pressumiu que a aguardava, aqueles que somente ela podia decifrar.

Quando as portas abriram, ela foi liberada em um pequeno vestíbulo, preenchido com dectetores de metal e segurança armada.

Até agora, tudo bem, Violet pensou, relaxando ligeiramente quando seus sentidos permaneceram sem aflições. Os guardas da segurança, obviamente, nunca tiveram que disparar em ninguém no exercício de suas funções. Pelo menos ninguém que tivesse morrido.

Violet secretamente zombou-se por ser um bebê. Com alguma sorte, ela estaria dentro e fora daqui, em pouco tempo. Ela poderia fazer isso.

O edifício do centro era basicamente o que Violet imaginara. Ela viu bastante filme de ação para ter uma imagem em sua mente, e este lugar se encaixa muito bem a conta. Talvez um pouco mais estéril do que ela esperava, e um pouco mais suave e pacífico, mas mesmo assim muito governamental.

Infelizmente, nenhuma destas observações fez Violet sentir-se mais à vontade.

Uma vez que ela mostrou sua identificação e conseguiu passar pelos seguranças, um dos guardas chamou Sara Priest para deixá-la saber que Violet havia chegado.

Os saltos de Sara clicaram no chão quando ela saiu para encontrar Violet no vestíbulo, e novamente, Violet foi atingida por como Sara estava imaculada—um resumo

do que um agente do FBI devia ser parecer. A única coisa que faltava era as tonalidades escuras.

O cumprimento foi um breve, *eu estou feliz que você pôde vir* e elas ignoraram a conversa enquanto Sara silenciosamente levava Violet pelo corredor abaixo, passando por escritórios e cubículos. Os escritórios teriam sido como os de qualquer outro edifício, tranquilo, até mesmo chatos, exceto que eles estavam fazendo a cabeça de Violet martelar por estar lá.

Quando elas entraram na pequena sala de conferência, Sara fechou a porta atrás delas e puxou uma cadeira da mesa, oferecendo-a a Violet.

"Posso oferecer algo para você beber?" Sara perguntou, sua voz sugeria que ela estava fazendo um esforço, pelo menos, para ser educada.

Mas Violet ainda estava furiosa por ser intimidada a vir e decidiu tomar uma abordagem diferente. Algo menos do que civil. Ela balançou a cabeça, teimosamente cruzando seus braços na frente dela.

Sara tomou o assento em frente de Violet. Quando ela se sentou, o casaco drapeado abriu e Violet teve um vislumbre do cabo da arma dela, no coldre de uma alça de ombro de couro que ela usava. Ver a arma quebrou a determinação de Violet.

Isso não era um jogo, a arma a lembrou, fazer beicinhos não ia tornar isso mais fácil. Violet descruzou os braços.

"Srta. Ambrose, posso ser franca?" Sem dar a Violet uma chance de responder, Sara continou. "Esta reunião na verdade tem menos a ver com o assassinato de um menino do que tem a ver com você."

E, assim mesmo, ela tinha o interesse de Violet.

"Na verdade, a sua declaração é apenas uma formalidade que, provavelmente, será arquivada e esquecida." Ela se inclinou para frente, em seguida, estreitou os olhos enquanto olhava para Violet de perto. "Eu, no entanto, estou fascinada." Ela deixou as palavras penduradas entre elas.

"Sério?" Violet limpou sua garganta, fazendo seu melhor para soar indiferente.

Sara acenou com a cabeça e recostou-se, cruzando os braços casualmente. "Então, me diga. Como isso funciona?"

O coração de Violet bateu contra sua caixa torácica. O que exatamente ela pensava que sabia? Como ela poderia saber alguma coisa?

Ela deveria estar blefando.

"Eu não sei do que você está falando." Por que essa frase começava a soar tão familiar? Sentia-se como se todo o tempo que ela estava com essa mulher, ela repetia aquelas exatas palavras.

"Vamos lá, Violet." E de repente elas voltavam a usar o primeiro nome. "Você sabe o que eu quero dizer. De alguma forma, quando ninguém mais no país poderia, você encontrou o menino. E desde que você não podia vê-lo, e com maldita certeza você não o ouviu, deve ter sido alguma outra coisa. Alguma coisa… *especial*… sobre você."

Violet apertou os punhos fortemente abaixo da mesa enquanto se inclinava para frente. Ela tentou parece confusa. Desejou que houvesse prêmios para performances de atuação da vida real, porque ela pensou que estava fazendo um bom trabalho. "Como o quê?" ela respirou, tentando imitar as expressões em branco que viu no rosto de Claire tantas vezes antes. Só que as de Claire eram de verdade.

Sara fez uma pausa, e houve um momento desconfortável durante o qual Violet pensou que a mulher poderia estar reavaliando-a. Então, Violet viu como a incerteza mudou para outra coisa. A nova tática.

"Tudo bem. Eu posso ver que você não está totalmente à vontade para falar sobre isso." A voz de Sara foi subitamente suave, muito suave, e fez Violet ficar ainda mais cautelosa. "Claramente, nós começamos com o pé errado..."

Violet a interrompeu com um som que era meio riso, meio bufo. "Sim, você acha?"

Sara parou e olhou para Violet. E, em seguida, o canto de seu lábio assinalou um sorriso. Um sorriso real. Sara suspirou enquanto puxava o casaco, pendurando-o sobre as costas de sua cadeira. Ela balançou a cabeça, encontrando o olhar de Violet. "Que tal começar de novo? Por que eu não conto a você um pouco sobre mim?" O tom dela era mais perto de genuíno, na fronteira com o sincero. "Tem certeza de que não quer um pouco de água ou algo assim?"

"Estou bem," respondeu Violet novamente. Mesmo que ela se sentiu relaxar, ela ainda só queria acabar logo com isso.

Sara concordou. "Eu sou uma ex-agente do FBI que agora atua como consultora para eles. Ocasionalmente com outras agências também. Eu sou o que eles chamam de um gerador de perfil, um psicólogo forense. Que basicamente significa que eu tento entrar na cabeça do bandido. Neste caso particular, fui chamada quase imediatamente para ajudar a rastrear o sequestrador, o homem que levara o menino que você... *descobriu*." Ela atravessou a palavra rapidamente e continuou a falar. "É o meu trabalho descobrir que tipo de pessoa faria algo como isso—e por quê. E, felizmente, para evitar que aconteça novamente."

Violet estava confusa. Ela entendeu as palavras, mas havia algo que ela não entendia, algo importante. E ela não achava que era algo que ela poderia apenas ignorar. "Então você realmente não trabalha para o FBI?"

Sara Priest balançou a cabeça. "Nem sempre. Agora eu faço, pelo menos no momento. Mas às vezes é o DP de Seattle ou outro departamento da polícia. Em raras ocasiões, eu até mesmo trabalho para detetives particulares ou advogados. Mas, na maior parte, é o FBI."

Violet não tinha certeza do que isso significava, mas de alguma forma parecia importante. Sara Priest não era uma agente do FBI. Isso mudava tudo, não é? "Então é por isso que você não pediu permissão dos meus pais para me interrogar? Isso quer dizer que eu não precisava vir aqui em primeiro lugar?"

"Garota esperta," Sara elogiou ela. "Eu meio que esperava que você aparecesse com o seu tio." No olhar de surpresa de Violet, ela ergueu as sobrancelhas. "Sim, Violet, eu fiz minha lição de casa. Eu sei que seu tio é o chefe de polícia. Mas aqui o negócio é: eu só estou interrogando você, você não é uma suspeita de um crime. E você está aqui por sua própria vontade. Eu somente pedi para você vir. Embora bastante energicamente, eu admito."

"E se eu quiser sair?"

Sara Priest permaneceu imperturbável ante a ameaça. "Eu espero que você não vá. Espero que você pelo menos me ouça."

Violet ainda não tinha certeza, mas ela já estava lá, e uma parte dela queria saber onde ela deslizou, o que ela fez para levantar suspeitas sobre sua capacidade.

Ela encolheu os ombros. "Tudo bem, eu acho. Mas posso te fazer uma pergunta?"

"Claro."

"Por que você me perguntou sobre o meu amigo Mike Russo naquele dia no estacionamento?"

Sara não hesitou, e ela não precisava se lembrar, ela sabia o que Violet estava falando. "Eu pensei ter reconhecido ele. De um caso que eu trabalhei cerca de dois anos atrás, enquanto eu ainda estava com o FBI. Eu tive que checar quando voltei, mas eu estava certa. Era ele."

Violet se inclinou para frente, o interesse dela garantido. "Que caso?"

"Mike já mencionou alguma coisa... sobre sua mãe...?"

Violet negou com a cabeça.

"É triste, realmente. Seu amigo parece diferente agora—mais velho—mas eu nunca vou esquecê-lo. Há pouco mais de dois anos atrás, a mãe dele desapareceu." Ela franziu a testa, como se a memória ainda estivesse fresca. "O marido estava confuso. Ele só, tipo, desmoronou depois que sua esposa desapareceu, coitado. E essas crianças..."

Ela suspirou. "Eu fiquei surpresa ao ver que eles se mudaram de volta para a área. Se eu fosse ele, eu gostaria de ficar o mais longe possível"

"E você nunca a encontrou?" Violet tinha certeza que já sabia a resposta. Ela se lembrou de Chelsea dizendo que Mike e Megan viviam com seu pai; ela nunca mencionou a mãe deles.

Sara confirmou suas dúvidas. "Não. Houve uma breve investigação, mas o marido sempre acreditou que ela apenas partiu. Ele disse que ela estava sob muita pressão e ele pensou que ela não poderia lidar mais. No entanto, eu nunca estive completamente convencida. Havia um abusivo ex-marido que ainda estava na foto, mostrando-se em seu trabalho, tentando recupera-lá, até mesmo todos esses anos após seu divórcio. Eu nunca poderia obter uma boa leitura sobre ele, mas no final não havia provas suficientes, por isso nunca poderia acusá-lo."

"O que Mike e sua irmã pensam?"

Sara encolheu os ombros, apertando os lábios. "Nada, tanto quanto eu sei. Eles eram apenas crianças; nunca houve uma razão para envolvê-los, especialmente porque a investigação sobre o ex não estava indo a lugar nenhum. Eu questionei-os brevemente, mas eu duvido que eles já soubessem que eu suspeitava que era um crime." Ela olhou para Violet. "Ainda assim, eu gostaria de saber com certeza."

Aquele sentimento desagradável estava de volta, a sensação de que Sara estava pedindo algum tipo de admissão de Violet, e Violet sentiu-se retirar, afastando-se. Ela não estava pronta para isso. Pelo menos por enquanto.

Sara deve ter percebido, e ela rapidamente mudou o assunto. "Como eu estava dizendo antes, às vezes, como parte do meu trabalho, eu encontro pessoas que ligam dando dicas para várias razões. Normalmente, estas ligações não vão a lugar nenhum; as pessoas veem o que querem ver. Na maior parte elas apenas querem ser úteis, mas no processo, muita mão de obra é desperdiçada. Mas sua dica provou ser muito valiosa," Sara assentiu para Violet. "Obrigada, a propósito. Às vezes, o *não saber* é a parte mais difícil para famílias. Você deu a família do menino o encerramento que eles mereciam."

Violet permaneceu em silêncio.

"Eu sei que você não confia em mim, e está tudo bem. Eu não dei a você nenhum motivo, e eu peço desculpa por isso. Mas as minhas motivações para rastrear você, para tentar falar com você, são boas." Ela se inclinou para frente novamente, seus olhos eram de águia agora, e ela teve Violet em sua mira.

"Eu trabalho com certas pessoas, Violet. Pessoas com talentos... incomuns, você poderia dizer. *Aptidões não convencionais* que podem ser consideradas por alguns como extremo, talvez até mesmo peculiares. Alguns dos meus colegas pensam que é um monte de porcaria, mas eu já vi funcionar. Eu vi essas pessoas em ação." Ela esperou um momento antes de continuar. "Eu poderia entender se alguém com uma forma alternativa de ver o mundo quisesse manter isso para si mesma, por qualquer razão. Razões que talvez só ela entenda."

O clique suave da porta interrompeu-as, e Violet era grata pela intrusão. Seus punhos estavam enrolados firmemente em seu colo, suas palmas suando.

Ela não sabia por quê, mas ela ficou surpresa quando viu quem estava lá.

Rafe enfiou a cabeça dentro enquanto ele falava em voz baixa para Sara. "Nós estamos prontos, quando você estiver." Se Violet pensou que ele parecia fora do lugar no campus da sua escola, não foi nada comparado com o quão estranho ele pareceu no engomado mundo dos escritórios do FBI.

"Dê-nos um minuto," respondeu Sara, e um olhar silencioso passou entre eles, deixando Violet com a impressão que eles se entendiam com facilidade, com poucas palavras.

Ele nem sequer olhou para Violet antes de fechar a porta novamente.

Mas Sara estava estudando-a. "Algo que eu estou dizendo faz sentido para você?"

Violet assentiu. Ela entendeu perfeitamente—tanto o declarado quanto as implicações não declaradas.

Sara estava dizendo a Violet que ela sabia que ela era especial. Que sabia que Violet, de alguma forma, descobriu o menino de um jeito que ninguém mais poderia ter feito. Ou pelo menos, o que Sara tinha apenas insinuado, que apenas alguns poucos outros poderiam ter feito.

Mas Violet só estava disposta a reconhecer o significado mais superficial das palavras de Sara. Violet sentia como se estivesse de pé sobre um precipício estreito, em um tênue equilíbrio na beira da admissão. E ela se recusou a dar o salto.

"Bom. Você pode me fazer um favor rápido? Só vai levar um minuto."

"Ok," Violet concordou.

Sara surpreendeu Violet pondo-se de pé para sair.

Violet seguiu-a enquanto Sara segurava a porta aberta. Ela tinha reservas sobre ir para o corredor novamente, onde a saturação das marcas parecia ser mais forte. Felizmente elas não tiveram que ir muito longe, e deslizaram através de uma outra entrada a poucos passos de distância.

Rafe já estava lá, esperando. Seus olhos azuis encontraram com os de Violet brevemente, mergulhando dentro dela, fazendo-a inquieta mais uma vez.

Ela se perguntou o que foi que ela viu em sua expressão. Preocupação? Ou talvez fosse curiosidade. Talvez ela fosse uma esquisitice a ser examinada. Violet desviou o olhar antes que ela tivesse a chance de interpretá-lo, isolando-se do desconforto que o breve olhar dele causou a ela.

E então Rafe mudou discretamente para o canto mais distante da sala, fazendo-se o mais discreto possível. Ele parecia confortável ali, observando silenciosamente, e com tudo o que estava acontecendo, Violet se viu esquecendo a presença sombria dele quase que imediatamente.

Esta sala era diferente daquela que elas acabaram de estar, embora ela reconheceu-a imediatamente. Não de experiência pessoal, mas a partir da TV e filmes. Era uma sala de visualização. O tipo de sala com uma forma de vidro que a polícia usava para identificação de suspeitos.

O espaço em que eles ficavam era pequeno. Menor do que ela teria esperado. E estava escuro. A sala do outro lado do vidro, que ela podia ver claramente, era maior e bem iluminada.

A cabeça de Violet começou a palpitar novamente, desta vez em antecipação. Ela tinha medo do que isso significava, ela estar aqui nesta sala. Ela não pensava estar pronta para o que Sara tinha em mente. O seu peito estava apertado e sua respiração tornou-se superficial.

"O—o quê," Violet gaguejou. Ela parecia não conseguir terminar o que ela queria perguntar.

Sara tocou na mão dela. "Tente relaxar, Violet," ela suplicou numa voz que era muito mais suave agora. "Isso vai levar apenas um segundo. Nós temos uma pessoa de interesse no assassinato do menino à beira-mar. Basta olhar para ele. Diga-nos se você notar... algo sobre ele."

Violet não podia. Ela não faria isso. Ela balançou a cabeça, mas ela não conseguia colocar a sua recusa em palavras.

"Apenas fique." O apelo de Sara foi um suave sussurro.

Quando Violet não fez objeção, ou melhor, não conseguia se opor—Sara acenou com a cabeça sem dizer nada para Rafe.

Ele saiu da sala e, em segundos, cinco homens foram escoltados para dentro do espaço iluminado para o outro lado do vidro.

Violet estremeceu.

Sara olhou para assisti-la, analisando-a.

"Não tenha pressa, Violet." Tranquilamente.

"Eu... não posso..." Isso foi um murmúrio quebrado.

"Olhe para eles," ela persuadiu.

Violet estava congelada, seus olhos estavam batendo e voltando entre os rostos de estranhos. Vários dos homens carregavam marcas, alguns mais do que apenas uma. Ela podia ver as chamas lambendo sobre a pele de um homem, o calor brilhando acima dele. O gosto de moedas de cobre preencheu a boca dela, assim como outra coisa, algo amargo que ela não conseguia identificar. E mesmo através do vidro, ela podia ouvir vários sons entrelaçando-se: as asas de um pássaro batendo freneticamente, o motor abafado de um grande caminhão, uma criança chorando.

Ela até mesmo se perguntou se também não sentia o cheiro de laranjas.

Os estímulos eram demais, e Violet não conseguia distinguir um rosto do próximo. Eventualmente, ela não poderia filtrar uma marca da outra. Elas estavam todas distorcidas em um emaranhado.

"Você pode me dizer alguma coisa?" Sara parecia distante agora, como se ela estivesse no final de um túnel. Violet esperava que não estivesse prestes a desmaiar.

Ela balançou a cabeça. Parecia que poderia separar a construção de pressão por trás de seu frágil crânio. Seus olhos corriam nervosamente a partir de um rosto para o seguinte.

Sara agarrou os ombros de Violet. O toque foi como um choque para Violet, abalando-a do borrão de marcas que assaltavam-a e até mesmo os rostos mais desfocados diante dela. Ela se permitiu afastar-se do vidro.

Violet sabia que Sara entendeu mal o que ela estava passando. "Eu sei o que aconteceu com você no ano passado," Sara confortou-a. "E eu sei que você está com medo. Mas você não precisa estar, Violet, eu prometo. Você está completamente segura aqui. Eles não podem ver você."

Violet piscou em resposta. Era tudo o que ela era capaz.

"Apenas me diga isso..." Sara pediu, a derrota evidente em suas palavras. "Ele está aí dentro?"

Violet olhou para trás, não os olhando. Ela estava tentando encontrar algo através da coleção de sensações entrelaçadas. Ela tentou localizar um som, único e solitário, entre os demais.

As vibrações melódicas de uma harpa.

Ela fechou os olhos quando ela balançou a cabeça.

Ele não estava lá.

Graças a Deus, Violet pensou consigo mesma. *Não está lá*.

Violet ficou no banheiro por mais tempo do que ela precisava.

O interior era fresco, e dentro de suas paredes isoladas ela se sentiu mais segura. Mais calma.

Ela estava agradecida de que ela tenha feito a tempo, antes que ela realmente vomitasse. Sara deixou-a sozinha, e mesmo que houvesse várias bancas, ela nunca foi perturbada por mais ninguém.

Violet se inclinou sobre a pia e jogou água fria em sua boca, bochechando ao redor e em seguida, cuspindo-a na tigela de porcelana. Ela jogou mais água em seu rosto, pressionando as mãos contra as bochechas coradas e olhando a si mesma no espelho.

O que há de errado comigo? ela se perguntava. *Por que estou tão aliviada por ele não estar lá, entre suspeitos?*

Os olhos dela pareciam assombrados. Ela se sentia assombrada.

Ela sabia por que: Ela não estava pronta para enfrentá-lo. Ela não queria saber quem ele era. Ou o que ele era.

Ela esperou por tanto tempo quanto podia, até do ponto de ser estranho que ela ainda estivesse lá, antes de forçar a si mesma sair novamente.

Rafe estava esperando por ela, parecendo aliviado, e Violet teve a sensação de que ele estava ali de pé, vigiando a porta, o tempo todo.

"Sente-se melhor?" ele perguntou suavemente, se deslocando nervosamente.

Violet olhou ao redor do corredor, perguntando por que eles estavam sozinhos agora.

"Sara tinha que ir," Rafe respondeu antes que Violet pudesse perguntar. E então ele entregou a Violet duas pastas pardas de arquivo antes de levá-la até os elevadores. "Ela me pediu para dar a você estes e para pensar sobre o que ela disse."

"Eu não posso..." Violet insistiu, tentando recusá-los.

Mas Rafe estendeu-os até que ela finalmente os pegasse. "Você não tem que fazer isso imediatamente, Violet. Apenas examine-os quando você se sentir bem."

Seus olhos escuros se mantiveram nela, e Violet sentiu aquela mesma sensação incômoda que a preocupou quando ela ficara sozinha com ele no teatro... a sensação de que havia algum segredo compartilhado entre eles. Um segredo que nenhum deles estava disposto a reconhecer.

Um homem em um terno passou por eles no corredor, e Violet assistiu-o ir. Ela o conhecia de algum lugar, mas não conseguia reconhecê-lo. Ela ignorou a sensação fugaz de déjà vu, muito cansada por tudo o que aconteceu para dar a ele mais do que um pensamento passageiro.

Quando eles chegaram ao elevador no vestibúlo, Violet estava aliviada quando viu Rafe desaparecer por trás das portas que fechavam.

Ela suspirou, apoiando-se fortemente contra o corrimão, sua testa repousando sobre a parede de aço. Quando chegou no seu piso, ela correu para dentro da estrutura de concreto do estacionamento da garagem, ansiosa para chegar ao seu carro e se afastar de tudo sobre esse lugar.

À sua frente, um grupo de homens estava reunido, Violet ouviu trechos breves da conversa deles sem querer.

"O que ela estava pensando...?"

"...uma perda de tempo..."

"... uma besteira total."

As palavras teriam sido banais para Violet se elas não tivessem sido rodeadas por outra coisa: as marcas inconfundíveis que pairavam em torno de suas palavras, em torno de suas vozes... *em torno deles*.

Marcas.

Cores. Sons. Sensações... retorcendo-se em torno umas das outras e ligadas como fios emaranhados.

Reconhecível para ela de uma forma que ainda estava muito fresca na sua memória para ser ignorada.

Asas de pássaro. Chamas. O choro de uma criança.

Ela olhou ao redor em seus rostos, ela passou por eles, lembrando-se de ficar firme sobre seus pés, tentando concentrar-se em seus passos, para não tropeçar.

Seus ternos estavam fora de lugar para ela. Ela revestiu-os em sua cabeça. Casacos de flanela. Camisetas. Calças jeans desbotadas.

Em sua mente, ela acrescentou o homem do corredor, aquele que ela colidiu em seu caminho na saída.

Eram eles. Os homens suspeitos. Agentes do FBI. Todos eles.

Portanto, então o que, foi tudo uma brincadeira? Um truque? Um teste?

Ela se perguntou se eles reconheceram-a. Se eles sabiam quem ela era.

Ela olhou de volta para eles mais uma vez enquanto alcançava seu carro. Eles não parecem notá-la.

Suas mãos tremiam quando ela entrou e afivelou o cinto de segurança. Ela ligou seu carro e dirigiu, saindo do edifício sem prestar atenção para onde estava indo. Todas as ruas do centro pareciam iguais para ela.

Sara precisava defini-la para ver se ela poderia realmente fazer o que ela suspeitava? Violet tinha passado no teste? Falhado?

Violet cerrou os dentes, sentindo-se irritada e traída, mas realmente sem entender o porquê. Ela não deveria se importar com o que Sara pensava que ela poderia ou não podia fazer. E ela tinha a maldita certeza de que não era uma cobaia para ser experimentada.

Sua cabeça estava girando de novo, seu estômago revirando violentamente.

Ela virou em uma esquina e parou em um estacionamento lotado, não se importando de que não havia espaços livres. Ela empurrou a porta do carro e inclinou-se para fora, vomitando sobre o pavimento. Ela ignorou o atendente na cabine que a olhou desconfiado.

Ela pensou sobre as palavras que ela ouviu no estacionamento da garagem.

Perda de tempo. Besteira.

É besteira, ela pensou furiosamente. Pelo menos eles não acreditaram em nada. Talvez Sara também não.

Violet sentou-se e limpou a boca em sua manga, cuspindo mais uma vez para tentar limpar o sabor desagradável agarrado a sua língua.

Talvez agora eles iriam deixá-la em paz.

A menos que...

Mas o pensamento era quase demais para sequer considerar.

E se ela não tivesse falhado no teste, afinal?

E se ela tivesse acabado de passar?

14

Violet cavou a geladeira à procura de algo para comer enquanto tentava esquecer o que acontecera no escritório do FBI naquela tarde.

Ela tentou não pensar nas coisas que disse e naquelas que não disse. Ela lutava para ignorar o que sentiu e o que ouviu na garagem. Mas acima de tudo, ela fez o seu melhor para ignorar as ideias que Sara plantara em sua cabeça.

Sua mãe interrompeu sua tentativa em sequestrar uma refeição quando apareceu atrás de Violet, olhando por cima do ombro. Ela não mencionou a hora, ou que Violet não havia ligado para dizer onde estava ou quando estaria em casa, algo que Violet apreciava mais do que podia expressar.

"Aqui, deixe-me." Sua mãe sorriu.

Violet esperou para ver aonde isso ia. Sua mãe não era exatamente... doméstica. E cozinhar se classificava em algum lugar perto da parte inferior de suas habilidades domésticas consideravelmente fracas. Mas ela surpreendeu Violet, tirando do frigorífico uma caixa de ovos e um pacote de bacon.

"Que tal um café da manhã para o jantar?"

Violet sorriu em resposta.

Café da manhã para o jantar era um de seus pratos favoritos, desde que ela era uma garotinha. Panquecas, ovos, torradas... Até mesmo cereal de alguma forma tem um gosto melhor quando era servido no lado oposto do dia.

"Absolutamente," concordou Violet. "Quer ajuda?"

Sua mãe a enxotou, como quando ela era pequena e estava sempre sob os pés. "Pshh. Vá sentar-se. Não é todos os dias que eu tenho de preparar o jantar da minha filha."

Isso é pouco, Violet pensou quando puxou uma cadeira, apoiando o queixo na mão. "Na verdade, mamãe, que poderia ser. Eu ainda vivo aqui, sabe?"

Sua mãe lançou um olhar severo em direção a Violet enquanto quebrava os ovos em uma tigela."Sei, espertinha. Você tem sorte que eu *estou* cozinhando."

"Sorte, hmm? Não é exatamente a palavra que eu teria usado."

Sua mãe jogou uma toalha para ela e, em seguida, começou a procurar nas gavetas, parecendo perdida em sua própria cozinha. Violet viu, sorrindo para si mesma, enquanto

sua mãe foi ficando mais e mais frustrada, procurando nas gavetas, outra vez. Finalmente, Violet decidiu ajudá-la.

"O batedor está sobre o balcão. No transportador de cerâmica... o transportador que *você* fez."

Sua mãe parou de procurar na gaveta e deixou cair suas mãos para os lados em derrota. "Obrigada," ela suspirou.

A mãe de Violet era uma artista incrível, um talento descoberto, perdida em sua cidade pouco obscura. Suas pinturas enfeitavam as paredes de sua casa, juntamente com os seus esboços. Mas, acima de tudo, ela tinha um dom para trabalhar com argila, tudo habilmente trabalhado, vasos e tigelas de cerâmica em torno de sua casa.

Violet não era criativa, pelo menos não da maneira como sua mãe era.

Ela tinha uma habilidade diferente.

Uma que, aparentemente, o FBI tinha como usar... Ou pelo menos um consultor do FBI tinha.

Ela conduziu o pensamento indesejado para longe quando sua mãe colocou no prato ovos mexidos, bacon e torradas na frente dela. Engraçado como algo tão simples como uma refeição preparada desde a infância por sua mãe poderia fazer tudo sentir assim... Tão bem novamente.

Ela comeu com pressa, não porque ela tinha um lugar para ir, mas porque cada mordida fazia seu estômago sentir um pouco mais estável.

Durante a sua volta para casa, a náusea foi substituída pela sensação desconfortável de vazio. Como se houvesse um buraco onde o estômago deveria estar.

Violet não notou como estava perdida em seus próprios pensamentos, até que ouviu a voz de sua mãe e percebeu que ela estava sentada ao lado dela o tempo todo.

"Tudo bem?" sua mãe perguntou assim que Violet deu outra mordida.

"Perfeito," respondeu Violet, e depois encheu seu copo de leite. "Isso é exatamente o que eu precisava. Obrigada, mãe."

"Não tem problema. Mas não é isso que eu quis dizer. Eu quero dizer, está tudo bem? Você está bem? Você parece chateada." Sua mãe se aproximou e tocou um fio de cabelo de Violet, torcendo uma onda longa em torno de seu dedo e depois a soltando. O olhar no rosto dela era compreensivo, convidando. Havia sido um longo tempo desde que Violet se abrira a qualquer pessoa.

Mas o que ela esperava? Ela deveria ter sabido que sua mãe iria ver através dela. Sua mãe sempre parecia saber quando algo estava a incomodando.

Violet suspirou, pensando que teria apenas que minimizá-la, tentar enterrar as preocupações dela. Mas em vez disso, ouviu-se perguntando: "Por que isso sempre foi um segredo?" E quando ela não tinha certeza de que sua pergunta fez algum sentido, explicou, "Você sabe... a coisa... que eu faço com os corpos? Por que você e papai sempre guardaram segredo?"

"Hmm." Sua mãe concordou com a cabeça como se entendesse completamente. "Eu me perguntava quando você iria perguntar isso."

"Sério?"

"Realmente. Estou surpresa que não tenha chegado mais cedo. Eu pensei que no ano passado—quando tudo aconteceu—que você gostaria de falar sobre isso. Mas você nunca fez. Você sempre foi tão forte, tentando manter seus sentimentos para si mesma."

Ela sorriu atenciosamente para a filha. "Estou feliz que você quer falar agora."

Violet não estava tão confiante, e falar de sentimentos—compartilhá-los—a fez se sentir desconfortável. Ela tinha um desejo enorme de desfazer a sua pergunta e esquecer que ela tinha sequer mencionado em primeiro lugar.

Mas sua mãe tomou a decisão por ela. "Isso nunca foi feito para ser um segredo, Vi. Nós queremos proteger você, é claro, mas também queríamos que fosse sua escolha. Para quem você disse, o quanto você lhes disse. E quando. Nunca foi nosso para dizer. Decidimos no início de esperar até que você pudesse tomar essas decisões por si mesma. Estamos bem com as pessoas sabendo—ou não sabendo, se é isso que você quer." Ela pegou sua xícara de chá, uma pequena coisa muito antiga, e tomou um gole.

Violet pensou nisso. Não era bem o que ela esperava ouvir. Por alguma razão, ela sempre achava que deveria manter o segredo para ela, guardá-lo.

"Será que a vovó nunca contou a ninguém?" Ela estava de repente curiosa sobre como os outros que vieram antes dela trataram essa habilidade herdada. Ela sabia que sua avó, pelo menos, compartilhara o mesmo talento.

A sobrancelha de sua mãe se levantou, e então ela riu. "Sua avó disse a todos que quisessem ouvir e alguns que não. Ela me disse uma vez que, quando ela era uma garotinha sua professora a fez ir para casa para contar histórias sobre encontrar animais mortos. Claro, sua avó nunca encontrou um corpo humano." Ela estendeu a mão na bochecha de sua filha.

"Então por que você acha que você não fez... você sabe, começou... isso?"

Sua mãe deu de ombros, um sorriso brincalhão puxando seus lábios. "Só o meu azar, eu acho."

"Tanto faz," Violet murmurou, ridicularizando com a ideia que de alguma forma ela foi abençoada por sorte de ser capaz de localizar as presas descartadas dos outros. Mas depois ela pensou sobre sua bizarra tarde no escritório do FBI. "Então você diria a alguém, se você fosse eu?"

A mãe dela se levantou da mesa, a retirar os pratos. "Gostaria de pensar sobre por que eu estava fazendo isso, se havia um propósito em alguém sabendo, e depois fazer o que meu coração me dissesse que estava certo." Sua mãe respondeu enquanto jogava os pratos na pia. Ela piscou para Violet. "Eu sei de uma coisa, querida. Eu sei que sem sombra de dúvida você vai tomar a decisão certa, o que quer que você escolha fazer."

E então ela saiu da cozinha, deixando Violet com mais perguntas do que antes. De alguma forma ela esperava que sua mãe confirmasse o que ela sempre acreditou: que era um segredo. E que devia permanecer assim.

Em vez disso sua cabeça balançou com novas possibilidades. Sobre o dizer a alguém novo. Sobre ajudar o FBI. Sobre propositadamente rastrear assassinos.

Era muita coisa para uma menina considerar. E por agora, pelo menos, era uma tarefa que ela estava muito fisicamente e emocionalmente esgotada para se preocupar.

Ela apagou as luzes enquanto fez seu caminho até seu quarto.

Tão cansada como estava, Violet não ia dormir imediatamente. Em vez disso ela estava deitada em sua cama, estendida de barriga para baixo, olhando para os arquivos que Sara pediu a Rafe para lhe dar.

Ela sabia o que Sara espera, naturalmente. O que ela pensava que Violet poderia fazer com uma pilha de fotografias e relatórios policiais. Ela pensava que Violet era uma espécie de vidente. Sara pensava que Violet seria capaz de resolver mistérios, simplesmente passando as mãos sobre as provas recolhidas.

Se fosse assim tão simples.

Violet estendeu a mão para um dos dois arquivos, o do caso do menino. Ela olhou para dentro de uma fotografia de seu rosto. Ela correu o dedo sobre a imagem, traçando a linha de sua boca doce, imaginando como alguém poderia machucar uma criança. Violet sentiu uma pontada de tristeza profunda na escuridão em seu peito. Ele era tão jovem, tão inocente.

Ela fechou a pasta e abriu a outra.

Dentro havia uma foto de uma mulher. De acordo com o arquivo, seu nome era Serena Russo—a mãe de Mike. A imagem não era a atual, até mesmo dois anos atrás teria sido datada como se fosse retirado de um quadro que foi pendurado na casa da família. Era fraca e, a roupa era muito fora de moda, mas nele ela estava sorrindo. Ela estava feliz quando a foto foi tirada.

Havia duas outras fotos na pasta, de crimes mais antigos que o desaparecimento de Serena Russo. Ambas tiradas após seu primeiro marido ter abusado dela. Nelas, seu rosto estava machucado, com os olhos inchados, os lábios sangrando.

Violet virou as fotos da mulher ferida, incapaz de olhar por muito tempo.

Arrepios subiram por toda sua pele enquanto olhava para a foto do homem responsável. Ela olhou para o seu nome: Roger Hartman. Olhou casualmente para o endereço e ficou surpresa ao ver que era apenas uma hora de distância de onde ela morava.

Violet conseguia entender por que Sara acreditava que este homem poderia ser responsável pelo desaparecimento da mulher, e ela se perguntava o que era que Sara realmente suspeitava. Será que ela acha que a mãe de Mike, estava morta? Que ela foi assassinada por seu abusivo ex-marido?

Parecia injusto que ele tivesse permissão para continuar como se nada tivesse mudado quando a família Russo foi dilacerada.

De repente, Violet se lamentava de que ela não pudesse ajudar, com pena por ela não era capaz de fazer algo para aliviar o vazio que Mike e sua irmã deviam sentir na esteira da ausência de sua mãe. Para aliviar o peso que seu pai devia suportar sem sua esposa.

O não saber, como Sara havia descrito.

Ela fechou o arquivo e empurrou ambos em sua mochila.

Violet desejava que ela pudesse ajudar, que ela pudesse fazer algo para dar à família de Mike um desfecho melhor.

GULA

Ela odiava o som tilintando de uma garrafa. Nunca foi um bom som, principalmente na calada da noite. Era o som de seu pai.

Sozinha, na escuridão de seu quarto, ela queria gritar. Ela sentia como se ela fosse engasgar com a voz que prendia dentro de sua garganta e doía para libertá-la.

Ela ouviu como suas botas de trabalho pesadas caminhavam embaralhadas no assoalho da sala, imaginando pela milionésima vez porque sua mãe os deixara com ele. Por que ele não podia ter abandonado a sua família?

Quase pior do que o som da garrafa, no entanto, era o medo que crescia dentro dela durante aqueles momentos antes de ele vir para casa do trabalho a cada noite, enquanto esperava para ver qual o homem que ele seria. Porque ela estava convencida de que eles não eram a mesma coisa, o pai velho e esse novo homem que preencheu um lugar em sua casa. Seu verdadeiro pai foi—junto com sua mãe—deixando-a com este novo homem, que só na aparência lembrava o pai que ele já foi.

Ela veio a saber que alguns monstros não eram acreditáveis.

No entanto, havia sempre aquele instante fugaz, não importa o quanto ela resistisse, em que ela esperava que não fosse ele. Que, em vez disso, seu verdadeiro pai iria caminhar através da porta. Que ele voltaria para casa, finalmente.

Mas ele nunca o fez.

Seu verdadeiro pai foi embora. E em seu lugar, ele deixara alguém retraído e amargo. E muito raramente sóbrio.

Ela estava sozinha de uma forma que ninguém poderia entender.

Ela se esforçou para ouvir, segurando a coberta perto enquanto se enrolava em uma bola, e esperava para que os sons na outra sala começassem de novo. Ela ouviu o estalo de outra tampa de garrafa. Logo ele estaria dormindo.

Com alívio veio o ódio.

Ela odiava o pai, o homem que ele se tornara.

Ela odiava a mulher que dera sua vida e, em seguida, a deixou para trás, abandonando os seus filhos quando eles mais precisavam dela.

Havia outros que odiava, bem como, outros que tinham o que ela não tinha, outros que tinham as coisas que ela mais queria neste mundo. Mas, principalmente, ela se odiava por não ser forte o suficiente para salvar a si mesma. Ainda não.

Mas um dia ela seria. Ela não estaria aqui para sempre, a convicção desses pensamentos silenciosos a fortaleciam.

Eventualmente, ela iria encontrar uma saída.

15

Violet não tinha certeza do que estava fazendo aqui fora, ela só sabia que não queria estar em casa, sozinha com seus pensamentos.

Ela foi dirigindo pela cidade por mais de uma hora, tentando ser engolida pela noite, para se perder nela. Era a sua época favorita para dirigir, quando as ruas estavam praticamente abandonadas.

A chuva espirrou contra o seu pára-brisa, aumentando sua sensação de isolamento.

Era um bom momento para pensar.

Ela levou seu carro a uma parada completa na luz vermelha piscando de um cruzamento de quatro vias, mesmo que não havia outros carros à espera. Parecia que mesmo que ninguém estivesse olhando, ela estava sempre seguindo as regras, sempre tentando fazer a coisa certa.

Ela desejava que soubesse o que era a coisa certa para ela agora, o que ela deveria fazer sobre a proposta de Sara para usar seu dom para ajudar os outros.

Violet não tinha certeza se era uma oferta oficial, ou apenas uma expedição de pesca por um observador curioso. O fato de que Sara lhe dera arquivos para olhar significava que ela provavelmente estava falando sério.

Mas havia outras opções a considerar; ela ouviu os agentes na garagem:

Besteira, um homem havia declarado.

Uma perda de tempo, afirmou o outro.

Eram homens com distintivos, investigadores experientes. E eles certamente pensavam que o FBI não precisava de Violet, um tipo particular de assistência.

Talvez eles estivessem certos.

Violet não sabia. Ela passou muito tempo escondendo o que ela podia fazer; a ideia de expor a alguém, exceto Jay ou sua família, foi contra tudo o que ela já acreditava.

Era um segredo... Seu segredo. Como ela podia esperar compartilhar isso?

Só que isso não precisava ser um segredo.

Frustração encobertava seu julgamento. Ela percebeu que ainda estava sentada no semáforo piscando, esperando que algo acontecesse.

Mas não há sinais, não há respostas fáceis.

Ela não queria continuar dirigindo sem rumo, ela precisava ir a algum lugar... Mesmo que fosse um lugar como a sua casa.

Ela suspirou, fazendo sua primeira decisão real em dias.

Seu carro resmungou no seu modo habitual, assegurando-lhe que ainda estava viva quando ela fez uma volta de três pontos ilegais no meio do trecho deserto da estrada. Ela meio que gostava de fazer algo que não deveria, mesmo que fosse apenas uma infração de trânsito. Isso a fez sentir que estava quebrando as regras por nenhuma boa razão em tudo.

Ela virou para baixo da garagem de Jay, desligando as luzes. Ela não precisava delas, ela poderia ter navegado seu caminho com os dois olhos fechados.

Não pela primeira vez essa noite, ela se perguntava o que estava fazendo. Ela não tinha certeza de por que ela decidiu vir aqui, mas ela sabia uma coisa:

Ela precisava ver Jay.

Ela desligou o motor e saiu para a chuva, se esgueirando para o lado de sua casa. Ela bateu de leve na janela de seu quarto e esperou. Depois de alguns segundos longos, assim como ela estava prestes a bater novamente, as cortinas se separaram.

Quando ele a viu, sorriu.

Imediatamente, tudo parecia melhor. Ela tinha feito a coisa certa vindo para cá.

Jay abriu sua janela. “Vá para a porta. Eu vou deixar você entrar.” Sua voz era calma e ainda lenta com o sono.

“Não,” ela sussurrou de volta. “Você vem aqui.”

Ele não discutiu. “Deixe-me colocar as calças. Eu estarei aí.”

Violet viu quando as cortinas caíram de volta no lugar. A luz nunca foi acesa, mas em questão de segundos ele saía de sua janela. Ele sorriu para ela, quando seus pés tocaram terra firme.

“O que você está fazendo aqui?” Ele passou os braços em torno dela como se ele pudesse, de alguma forma, protegê-la da chuva caindo sobre eles. Ele não reclamou sobre o tempo.

Ela soltou apenas o suficiente para que ela pudesse olhar para ele. Vê-lo fez outras coisas parecerem menos... Importante. Menos preocupantes.

“Você quer ir para algum lugar?”

Violet balançou a cabeça. “Podemos apenas conversar?”

"Claro." Ele deu de ombros casualmente, mas Violet podia ler a preocupação em sua expressão.

Ele a seguiu até seu carro, e eles entraram.

Violet não ligou o motor, ela preferiu o silêncio. O som suave da chuva batendo no carro criou uma trilha sonora relaxante com seu humor. Jay estendeu a mão e enxugou as gotas de chuva de seu rosto. Violet agarrou sua mão e a segurou enquanto esperava que as palavras certas viessem.

Jay não a apressou.

Ela lhe devia tantas explicações que parecia boba de se preocupar sobre inseguranças infantis. Sua voz era suave. "O que você achou quando eu te disse sobre os animais que eu encontrei?"

Ele parecia confuso. Obviamente, não era o que ele esperava. "Violet, eu tinha sete anos. Eu pensei que era o máximo. Acho que, provavelmente, ainda estou com ciúmes."

Ela fez uma careta para ele. "Você não achou que foi assustador? Ou que eu era estranha?"

"Sim," ele concordou com entusiasmo. "É por isso que eu estava tão ciumento. Eu queria poder encontrar cadáveres. Você era como um detetive de animais ou algo assim. Você era estranha só porque você era uma menina." Ele sorriu. "Mas eu aprendi a ignorar já que você sempre me levou para tais aventuras legais."

Violet lançou um suspiro, sorrindo. Ela sabia que ele estava dizendo a verdade, o que só tornou mais engraçado ouvi-lo dizer as palavras em voz alta. Claro, que menino não queria entrar na floresta e escavar na sujeira?

Ela tentou de novo. "Alguma vez você disse a alguém? Sua mãe sabe?"

Ele ergueu a mão à boca e esfregou os nós dos dedos através de seu lábio inferior, seu olhar bloqueado com a dela. "Não," ele prometeu. "Eu jurei que não faria, nem mesmo ela. Eu acho que ela sabe alguma coisa, ou pelo menos ela acha que você tem a pior sorte que nunca, uma vez que você encontrou todas as garotas mortas." Ele baixou a voz. "Ela estava realmente preocupada com você depois do tiroteio no ano passado. Você é como uma filha para ela." Ele se inclinou. "É claro, o que torna tudo meio que assustador quando eu faço coisas como esta."

Ele a beijou. Ele era íntimo. Não suave ou doce, desta vez, era profundo e apaixonado, roubando a respiração de Violet. Ela colocou a mão no peito dele, saboreando a sensação de seu batimento cardíaco sob a palma da mão, e, em seguida, traçando a ponta dos dedos até o pescoço, em seu cabelo.

Ele puxou-a sobre o console que os separava, arrastando-a para o seu colo. Ele passou as mãos até as costas sem parar, puxando-a mais próximo que pôde.

Era quase impossível para ela se afastar. "Espere," insistiu ela sem fôlego. "Por favor, espere." Ela tinha as mãos apoiadas contra os ombros, esforçando-se mais contra si mesma do que ele.

Seus olhos vidrados brincavam com ela. "Eu pensei que era o que eu deveria dizer. Eu sou a menina, certo?"

Ela suspirou fundo, inclinando a cabeça em seu ombro e tentando recapturar seus pensamentos fugitivos. Ela ainda queria falar. Ela queria as outras coisas também, mas ela precisava resolver o que estava em sua cabeça primeiro.

"Desculpe, é só... eu tenho um monte de..." Ela deu de ombros contra ele. Sua úmida camiseta estava quente e praticamente fina como o papel, tentando-a tocá-lo. Passou o dedo para baixo, correndo por seu estômago.

Ela sabia que não era justo provocá-lo, mas ela não se conteve. Ele era muito atraente. "...eu tenho algumas coisas que eu preciso trabalhar." Foi o melhor que ela poderia fazer para obter uma explicação.

Ele pegou a mão dela antes que ela chegasse à cintura, e segurou-a firmemente em seu aperto. "Eu estou tentando ser paciente Violet, eu realmente estou. Se há algo que você quer me dizer... Bem, eu só gostaria que você confiasse em mim."

"Eu vou chegar lá," explicou. "Eu vou descobrir tudo. Eu só estou um pouco confusa agora."

Ele soltou um suspiro instável e, em seguida, ele beijou o topo de sua cabeça, ainda não soltando a mão dela. "Então, quando o fizer, nós vamos continuar de onde paramos."

Ela assentiu com a cabeça contra ele. Ela pensou se iria continuar a falar; ainda tinha tantas dúvidas sobre o que ela deveria ou não fazer.

Mas em vez disso ela simplesmente ficou ali, enrolada no seu colo, absorvendo-o, levando alívio a partir de seu toque... E a força de sua presença.

16

"Você parece péssima," Chelsea disse a Violet assim que ela entrou em um espaço ao lado dela no corredor. "Eu ouvi que você perdeu o primeiro período, eu pensei que talvez você estivesse doente."

"Muito obrigada, Chels," Violet respondeu irritada. "Dormi demais e praticamente tive que quebrar todos os limites de velocidade só para chegar aqui a tempo para o segundo."

Chelsea fez uma careta. "Por favor, você dirige como minha avó! Você não quebra nenhum limite de velocidade."

Violet não podia mentir: "Não. Eu não quebro. Mas eu escrevi a minha própria nota de atraso."

"Só porque sua mãe disse que você podia. Você disse que teve diarreia explosiva?"

"Não, só que eu dormi."

"Você deveria ter dito diarreia. Ou, pelo menos, cólicas menstruais, então você poderia sair da Educação Física. É como um passe livre duplo." Violet riu apesar de sua cabeça latejar.

"Amável. Você é uma dama."

Chelsea a cutucou em seguida, puxando sua atenção para Mike, que estava vindo direto na direção delas. "Falando em damas, veja isto. Mike está deixando crescer um bigode."

Violet olhou para obter uma melhor visão. Chelsea estava certa, havia uma mancha escura de pêlos faciais brotando logo acima do lábio superior.

"Por quê?" perguntou Violet, tentando não fazer demasiado óbvio que ela estava olhando.

"Porque eu disse que gostava deles. Eu queria ver se eu poderia fazê-lo fazer isso."

Violet sentiu uma pontada de desconforto inesperado assim que ela olhou para Mike. Sabendo o que ela fez, sabendo pelo o que sua família havia passado... de repente ela sentiu pena dele. Ela ficou aliviada que ele não tinha ideia de que ela sabia sobre sua mãe.

Ele sorriu para Chelsea quando se aproximou, mal percebendo que Violet estava lá.

Chamar aquilo de *bigode* era uma pena, por qualquer padrão. Foi definitivamente perceptível, mas era irregular na melhor das hipóteses, e os raminhos de cabelo pareciam estranhamente fora de lugar em seu belo rosto. Violet estava espantada que em menos de uma semana desde o dia que eles saíram para assistir filme, Chelsea já o fizera pular nestes tipos de etapas. Ela era algo.

"Hey, baby," Chelsea disse em uma voz que beirava a conversa de bebê assim que Mike abaixou-se para dar-lhe um beijo rápido. "Sentiu minha falta?"

Violet quase revirou os olhos.

"Eu pensei em você todo o período," ele respondeu, sua voz rouca. "Você recebeu o bilhete que deixei em sua mochila?"

Violet não podia segurar por mais tempo, ela revirou os olhos. Nenhum deles notou.

"Recebi. Você é tão doce." O murmúrio beirava o doentio. "Alguém disse alguma coisa sobre o seu bigode?"

Mike fez uma careta, como se de repente ele se lembrasse do cabelo desigual sobre o lábio superior. "Umas duas pessoas," ele respondeu com relutância, e Violet suspeitava que ele foi alvo de brincadeiras sobre isso.

Chelsea ignorou o perigo evidente em sua voz. "Vi e eu temos que correr ou vamos nos atrasar." Ela esticou-se para beijá-lo e, em seguida, esfregou o polegar sobre os pelos acima do lábio como se estivesse acariciando-os. "Vejo você depois da aula."

Chelsea puxou Violet, que ainda olhava para o bigode feio. Era como ver um acidente de carro... difícil desviar o olhar.

"Então você gosta? Do bigode, eu me refiro?" Violet pergunta assim que estava sendo arrastada pelo corredor.

"O bigode?" Chelsea faz uma careta. "Deus, não. É horrível para ele."

"Então, por quê?"

"Eu disse a você, para ver se ele realmente faria. Não se preocupe. Eu vou fazê-lo se barbear neste fim de semana."

Violet não estava certa se parabenizava sua amiga sobre suas habilidades de adestramento ou a repreendia por ser tão cruel. No final, ela não fez nenhum dos dois, principalmente porque ela sabia que não faria qualquer diferença.

Chelsea era Chelsea. Tentar convencê-la que o que ela tinha feito era errado seria como bater sua cabeça contra uma parede de tijolos. Seria doloroso para você, mas não conseguiria nada.

Jay sentou em frente à Chelsea e tomou as duas mãos na sua. O refeitório gigante foi movimentado com a atividade, e ele praticamente teve de gritar para ser ouvido.

"Chelsea, pelo amor de tudo que é bom e sagrado, por favor... por favor, pare de estragar meu amigo."

Violet mordeu o lábio para parar de rir dos dois. Ela sabia o que ele estava falando antes que ele mesmo explicasse. Era sobre o novo cabelo facial.

Chelsea puxou as mãos para fora dele. "Ah, relaxa, rainha do drama. Ele não está quebrado. Além disso, eu vou consertá-lo neste fim de semana."

Jay parecia aliviado. "Eu gostaria que você o fizesse mais cedo. O pobre rapaz está realmente recebendo uma ração de lixo sobre essa coisa."

"Ele vai ficar bem. Confie em mim. É como um exercício de construção do caráter. Quando isso tudo acabar, ele vai ser uma pessoa mais forte." Ela quis dizer isso. Ela estava realmente tentando convencer alguém de que tudo isso era para o próprio bem de Mike.

Jay não estava acreditando, mas ele deixou o assunto encerrar quando Mike veio por trás de Chelsea e plantou um beijo na sua bochecha, entusiasmado. Obviamente, Mike não estava sofrendo muito pela pequena experiência de Chelsea.

Chelsea esfregou o local onde seus lábios a tocaram e fez uma cara que só eles podiam ver. "*Esse é meu homem*!" disse. "Jay estava me contando que ele não gosta de seu bigode, baby. Mas eu disse que ele é louco. Eu acho que é quente."

Mike pareceu envergonhado pelo fato de que eles estivessem falando sobre isso novamente. Violet percebeu que era um assunto delicado e perguntou o que Chelsea tinha feito para torná-lo tão ansioso para agradá-la.

Mas antes que ela pudesse especular, algo estranhamente familiar chamou a atenção de Violet, apenas com o canto do olho.

Era tão fraco, e passou tão rápido, que ela não estava mesmo certa de que havia visto. Um piscar de olhos. Um flash fraco.

Violet virou na direção de onde tinha vindo, imaginando o que poderia ter sido.

Os alunos lotados nas mesas e encostados contra as paredes. Se movendo para dentro e fora das portas, e ela podia vê-los flutuando à toa pelos corredores que cercavam os escritórios administrativos na entrada da escola, um pouco além do refeitório.

Poderia ter sido uma câmera. Ou o pulso de uma lanterna, apesar de que parecia estranhamente incomum na escola... durante o dia.

Poderia ter sido nada.

Mas não foi. Um zumbido suave bateu em suas veias. Ela sabia que não era nada.

Ela se levantou, ignorando os outros ao seu redor. "Eu volto logo," ela disse para ninguém em particular, enquanto examinava a área, tentando localizar o translúcido tremer mais uma vez. Ela não podia ter certeza de onde exatamente ele viera, mas ela dirigiu-se para os corredores ocupados. Ela reconheceu todos, mas ninguém em particular.

Ela sentiu como se estivesse perseguindo fantasmas conforme verificava cada rosto, procurando algo que possa distinguir um indivíduo do resto. Procurando por esse *certo algo* de que ele não iria nem perceber que carregava.

Foi a luz, os flashes pulsantes que a acordaram na noite do gato morto que foi deixado do lado de fora de sua casa. Com tudo que estava acontecendo, ela tinha quase esquecido do gato... e seu assassino. E agora aqui estava ela, a impressão da morte.

Apesar de ter sido apagado, quase completamente branqueado pela luz do dia, ela tinha certeza do que era.

Pontos gelados agarram seu coração com a ideia de que um de seus colegas, alguém que ela conhecia, alguém que ela estava tão perto todos os dias, tivesse feito algo tão terrível. E, em seguida, deixar isso para Violet encontrar.

Ela tentou localizar o flash novamente, tentou localizá-lo entre os rostos ao seu redor. Quando ela não pôde vê-lo, ela começou a pensar que talvez se foi. Ou, talvez, que ela tinha apenas imaginado.

E então aparece de novo, apenas uma insinuação dessa difusa faísca brilhante. Esvaindo tão rapidamente quanto havia surgido. Mas agora mais distante do que tinha sido antes.

Talvez esteja vindo do lado de fora, Violet pensou, olhando através das janelas.

Ela impulsionou seu caminho através da multidão, para fora das portas duplas perto do escritório, e para a luz do dia. Ela não o viu, a pessoa que realizou a impressão do gato morto.

Ela continuou andando, procurando. À sua frente, no estacionamento, ela podia ver os carros indo e vindo. Em torno dela, os alunos e alguns docentes serpenteavam ao longo das calçadas ao redor do campus.

Seu coração batia num ritmo imprudente. Ela estava com medo de descobrir a verdade. E medo de não descobrir.

Ela desacelerou, passando com cuidado, tentando perceber tudo. Mas quanto o mais ela procurava, mais ela percebia que era tarde demais. Quem ela sentiu foi embora.

Ela chegou ao final dos edifícios, onde o estacionamento começava, e deu um passo pesado para frente, fora da calçada, procurando ao seu redor. Não havia ninguém lá.

Nenhum piscar de luz. Ela estava sozinha.

Não fazia qualquer sentido.

Ela suspirou, decepção a preenchendo. Ela não sabia o que pensar.

Mas ela estava cansada, ela lembrou a si mesma. Ela havia dormido mal, e não apenas na noite passada, mas por um longo, longo tempo. Muito tempo. Talvez sua mente tivesse escorregado de fadiga além do normal e em algo muito mais perigoso, muito mais perto do tipo de exaustão, onde seus pensamentos não poderiam ser mais confiáveis.

Ela balançou a cabeça, não querendo entreter a noção perturbadora.

Ela não estava louca. Ela *viu* alguma coisa. Estivera definitivamente lá, e mesmo se não fosse uma impressão, *foi* real.

Ela esperou por alguns minutos e depois desistiu, voltando para o refeitório.

Hoje à noite, ela decidiu com determinação. *Esta noite eu preciso dormir*.

COBIÇA

Foi a coisa mais estranha, ao ver Violet se levantar da sua mesa de almoço e andar para a direita em direção a ela. Era como se Violet soubesse que ela estava sendo observada.

Mas isso era impossível.

Ela apenas queria espiar por um momento, para entorpecer-se um pouco. E quando ela viu Violet indo direto em direção a ela, vestindo um olhar estranho de reconhecimento em seu rosto, ela se afastou antes que Violet pudesse descobri-la... Escondendo-se lá, roubando um vislumbre da vida que ela nunca poderia ter.

Perfeita Violet. Com a vida perfeita.

Ela saiu do prédio antes de Violet poder alcançá-la, desaparecendo ao virar na esquina. Ela parou por um momento, congelada – presa – conforme ela esperava por seu pai para entrar em sua caminhonete. Ela odiava por ele ter insistido em entrar lá a chamando, ressentida que ele a fez se atrasar em primeiro lugar enquanto ela ficou acordada metade da noite, esperando que ele desmaiasse.

Assim que ele se afastou, ela circulou o edifício, à procura de outro caminho para entrar, e se perguntou o que aconteceria se ela deixasse Violet pegá-la.

Ela brincou com a ideia de se abrir para Violet, e a ideia foi estranhamente atraente.

E se ela dissesse *a alguém a verdade? E se ela compartilhasse seus fardos?*

E o que ela diria? Que sua mãe havia fugido? Que seu pai era um bêbado?

Quem ela estava enganando? Ela não ia contar a ninguém. Não havia ninguém em quem pudesse confiar... Ninguém se preocupava com sua existência patética.

Especialmente Violet Ambrose.

Ela chegou a uma porta aberta e respirou aliviada. Ela entrou no fluxo de alunos que entram nos corredores antes de sua próxima aula. Ela move-se entre eles, a garantia de que ela era mais uma vez indetectável.

Do jeito que ela gostava.

Anônima. Irrastreável no meio da multidão.

Só mais uma garota.

17

Quando Violet e Jay andavam juntos até o estacionamento depois da escola, Violet não pôde deixar de reparar as pessoas ao redor. Os estudando. Os analisando.

Um deles carregava uma marca.

Ela continuava a dizer a si mesma para esquecer isso, mas não conseguia.

"Ei, é para você," Jay anunciou, interrompendo seus pensamentos, enquanto ele pegava o papel rosa que estava escondido debaixo de seu limpador de pára-brisa. Ele o cheirou antes de entregar a ela. "Tem um cheiro bom."

Violet riu dele por cheirar a nota, em seguida, virou-o em suas mãos.

Seu nome foi escrito com marcador de feltro ponta-roxo em letras distintamente femininas. Ela o cheirou apreensiva, cheirava a uva. Uma etiqueta de coração rendilhado prendia fechado.

"Isso é estranho." Ela pegou no canto da vinheta, olhando Jay com um olhar astuto. "Talvez eu tenha um admirador secreto."

Jay jogou sua bolsa no banco de trás e entrou para ligar o seu carro.

Violet desdobrou o bilhete e o leu. Seu coração parou.

As palavras foram escritas na mesma caligrafia feminina que seu nome do lado de fora. Ela leu novamente, pensando que ela tivesse lido algo errado na primeira vez.

Mas não leu.

Ela redobrou o papel, desta vez com pressa, tentando ignorar a sensação irritante que alguém estava olhando para ela. Ela empurrou-o em sua mochila e a atirou nas costas, voltando para Jay.

"Então? Quem era o apaixonado do bilhete?" perguntou ele distraído enquanto ela sentava no banco do passageiro.

Violet balançou a cabeça, tentando encontrar as palavras, mas não estavam lá. Ela sentiu como se estivesse presa em seu sonho mais uma vez, o pesadelo em que ela estava presa, enterrada na escuridão sufocante. Impossível de salvar a si mesma.

"Violet?"

Ela piscou. "O quê?" Ela ainda não havia respondido sua pergunta. "Chelsea," ela afundou. "É apenas um bilhete de Chelsea."

Ele parecia preocupado. "Você está bem?" Ele tocou seu rosto, a testa enrugada.

Ela assentiu com a cabeça. "Eu estou cansada. Muito, muito cansada."

Ele aceitou, principalmente porque ele sabia, provavelmente melhor do que ninguém, que era verdade. E era.

Até que ela havia lido esse bilhete.

Jay precisava trabalhar naquela tarde, então Violet planejou ir para casa para tirar um cochilo bem merecido. Mas quando ela chegou lá, seu pai ainda estava no trabalho e sua mãe saiu à tarde, e Violet percebeu que não havia nenhuma maneira dela ser capaz de dormir. Ainda não. Não enquanto sua casa estava vazia.

Ela vagou ao redor, tentando encontrar uma maneira de fazer-se confortável. Era loucura o medo que ela tinha de lá, de todos os lugares. Violet nunca tinha tido medo em sua própria casa, nem mesmo quando era criança.

Ela nunca acreditou no bicho-papão ou monstros que se escondiam nas sombras embaixo de sua cama ou no armário, nos lugares onde uma noite de luz não poderia chegar... se ela fosse o tipo de garota que realmente precisava de uma luz noturna.

E ainda assim, aqui estava ela, apavorada, no lugar que ela deveria se sentir mais segura.

Graças a esse bilhete estúpido.

Ela puxou-o para fora de sua mochila e olhou para ele de novo, não sabendo o que ela esperava ganhar com a leitura mais uma vez:

Rosie Está Morta
Violet Está Triste
Você Não Pode Me Ver...
Mas Estou Observando Você.

Desde que ela era criança, ela ouvira essa rima infantil uma centena de maneiras diferentes, usando o nome dela. Mas nunca sentiu tão ameaçador, tão sinistro. Violet entendeu o significado implícito por trás das palavras.

Foi outra mensagem da pessoa que deixara o gato. A mesma pessoa que ela seguiu hoje através de sua própria escola.

Ele, *ou ela*, Violet corrigiu-se enquanto examinava a escrita feminina, estava insultando Violet. Perseguindo, atraindo-a abertamente.

E essa pessoa sabia onde ela morava.

Violet enfiou o bilhete no fundo da mochila e fechou todas as cortinas na sala, sentando no sofá no escuro e tentando iludir-se no sentimento isolado, segura. Ela queria estar cansada de novo, o suficiente para que pudesse dormir, para que se sentisse melhor e ser capaz de pensar mais claramente. Mas quanto mais tempo ela ficava lá tentando se relaxar, mais ela percebia que era impossível.

Finalmente, ela decidiu que precisava sair de sua casa. Pelo menos por um tempo. Pelo menos até que seus pais estivessem em casa. Mas ela precisava fazer uma coisa antes de sair.

Ela calçou os sapatos e sua jaqueta e duas vezes verificou se Carl estava em segurança dentro da casa antes de deslizar pela porta da cozinha na parte de trás da casa e correr pelo gramado para o estúdio de arte sua mãe. Dentro ela remexeu nas mesas sujas até que encontrou um pequeno pedaço de madeira. Era plana e lisa, o tamanho perfeito para o que ela precisava. Ela esperava que sua mãe não estivesse guardando para algo especial.

Ela abriu um pequeno recipiente de tinta acrílica e pegou um pincel fino. A cor que ela escolhera foi um tom bonito de rosa.

Violet trabalhou meticulosa e respeitosamente em seu projeto, certificando-se de dar-lhe a atenção que merecia. Quando terminou, ela lavou o pincel, recolocando a tinta onde ela encontrou.

Ela entrou silenciosamente ao redor do galpão, em direção à borda da mata para extremidade de seu pequeno cemitério atrás de sua propriedade. Ela caminhou ao redor das lápides caseiras, observando onde pisava, até que encontrou o local que ela estava procurando.

Então ela se ajoelhou na frente do túmulo fresco e botou a pequena placa pintada com o nome do gatinho nele:

ROSIE

Violet tinha planejado passar no drive-through e pegar uma xícara de chá, um pouco de algo para mantê-la para o resto da noite. Algo para mantê-la alerta.

Mas quando ela chegou no Java Hut e viu o carro de Chelsea no estacionamento, ela mudou de ideia. Não era como se ela tivesse qualquer lugar melhor para ir.

Enquanto trancava o carro, Violet não pôde deixar de se perguntar se a pessoa que tinha escrito o bilhete também frequentava a Java Hut. O pensamento a fez desconfiar de todos por quem passava.

Dentro ela viu Chelsea e Jules em uma mesa no canto de trás.

Violet pediu uma xícara de chá no balcão e levou-a de volta para onde seus amigos estavam sentados. Ela ficou surpresa que Claire não estava com elas, já que Claire detestava ser deixada de fora.

Chelsea fez uma careta para o chá de Violet. "Você não deveria estar tomando um milk shake ou algo assim?"

Esse era o jeito de Chelsea dizer que Violet devia pedir um milk shake, então Chelsea poderia *compartilhar* sem realmente pagar.

Violet balançou a cabeça, ignorando a sugestão não tão sutil. "Não, eu estou bem." Ela puxou a tampa plástica de seu copo e agitou um pacote de mel.

"Vou dividir um com você, se quiser," Jules ofereceu para Chelsea.

"Aww. Veja? Jules me entende." A resposta de Chelsea foi concebida como um comentário sobre a censura intencional de Violet.

Jules estendeu a palma da mão para cima.

Chelsea fez uma careta para ela. "Eu pensei que *você* tinha entendido."

Jules sorriu e mexeu os dedos. "Eu disse que ia dividi-lo com você. Então vai pagando, amiga."

Chelsea olhou para Jules enquanto ela deixava cair algum trocado na sua mão. "Qualquer coisa, menos de morango."

Jules pegou o dinheiro e se dirigiu ao balcão para pedir o milk shake.

"Eu pensei que você gostava de morango," disse Violet, uma vez que Jules foi embora.

"Eu gosto. É a psicologia reversa. Ela vai pedir de morango." Mesmo quando as suas declarações eram ultrajantes, Chelsea sempre soava tão segura de si mesma.

Violet apenas riu. "Só porque você faria o oposto não significa que Jules fará."

Ela tomou um gole de chá, que estava perfeito, quente e doce. Só a dose de choque da cafeína que Violet necessitava para evitar a exaustão de assumir um pouco mais.

"Então, você e Jay vão à cabana?" Chelsea perguntou.

A pergunta foi inesperada, e de tão longe do seu campo de visão que Violet pensou que ela iria finalmente sucumbir à falta de sono. "O que você está falando, Chels?"

"Ah sim, é mesmo, você saiu durante o almoço hoje. Ei, aonde você foi, afinal?"

Violet não estava prestes a dizer à Chelsea que ela estivera perseguindo luzes invisíveis através da escola. "Eu tinha que cuidar de algo antes da aula começar. Então,

que cabana?"

Chelsea não questionou a não explicação de Violet, em vez disso, ela respondeu: "A família de Mike tem uma cabana de caça nas montanhas. Alguns de nós estávamos pensando em fazer uma viagem durante a noite até lá, um par de semanas para brincar na neve e sair. Você sabe, aconchegar-se pelo fogo e todas essas coisas boas." Os olhos de Chelsea brilhava com entusiasmo.

Violet odiava desapontá-la. "Eu realmente duvido que os meus pais vão me deixar ficar a noite em uma cabana isolada com um bando de garotos."

"Oh, por favor, Branca de Neve, o pai de Mike vai estar lá. Ele é realmente meio engraçado... você sabe, em uma espécie de pai estranho. Não se preocupe, a sua pureza permanecerá intacta. Palavra de escoteiro." Ela fez algum tipo de gesto com os dedos que Violet assumiu ser um suposto juramento, mas desde que Chelsea nunca foi realmente uma bandeirante, acabou parecendo mais um sinal de paz. Ou *algo assim*. Violet manteve sua expressão duvidosa.

Mas Chelsea não estava prestes a ser desencorajada, e ela tentou ser a voz da razão. "Vamos lá, eu acho que Jay vai verificar para ver se ele pode tirar uma folga do trabalho. O mínimo que você pode fazer é perguntar a seus pais. Se eles disserem não, então nenhum problema, certo? Se eles disserem que sim, então teremos momentos incríveis. Nós vamos fazer caminhadas na neve e ficar na frente da lareira à noite. Vamos dormir em sacos de dormir e talvez até mesmo alguns marshmallows assados. Vai ser como se estivéssemos acampando." Ela sorriu, um sorriso superfalso para Violet, e apertou as mãos como se estivesse implorando. "Faça isso por mim. Pooooor favor."

Jules voltou com seu milk shake. Era de morango, e Chelsea olhou para Violet em um sorriso de *eu-te-disse*.

Violet terminou seu chá, ruminando a ideia de passar o fim de semana em uma cabana de neve com Jay e Chelsea. Longe da cidade. Longe de quem estava deixando seus animais mortos e notas assustadoras.

Soava divertido, e Violet *amava* a neve. E a floresta. E Jay.

Ela poderia pelo menos perguntar.

Como Chelsea dizia, *se não machucou, não fez mal*.

18

A exaustão finalmente a encontrara, e naquela noite Violet dormiu como uma morta. Pela primeira vez nas últimas semanas, sentiu-se completa e totalmente descansada. E pela manhã, sentia-se sã novamente. Limpa.

Foi um grande sentimento.

Ela levantou-se cedo. Bem, talvez não *cedo*, mas não muito tarde, e na hora de realmente comer alguma coisa antes de sair para a escola. Nada mal.

Na correria da manhã, ela facilmente ignorou o primeiro chamado que ela recebeu, riscando-o até discagem ignorada. O registro de chamadas havia simplesmente lido: *Chamada desconhecida.*

Ela enfiou o celular no bolso de seu capuz, seu livro de matemática, e a tarefa de casa, que ela vinha trabalhando sobre sua tigela de cereal, e colocou em sua mochila.

Dentro de sua jaqueta, ela sentiu o telefone vibrar. Ela puxou-o para fora para verificar.

Chamada desconhecida de novo.

"Olá?" Ela olhou pela janela para se certificar de que Jay não estava lá para buscá-la ainda.

Houve um momento em que ela pensou que a pessoa do outro lado poderia dizer algo, uma pausa longa e vazia, mas nada aconteceu. Finalmente, Violet puxou o telefone longe de sua orelha.

A chamada tinha terminado.

Ela o guardou pela segunda vez. Jay estaria lá a qualquer momento.

Violet limpou a sujeira na mesa e lavou a tigela na pia. Ela estava ouvindo os sons de seu carro quando sentiu as vibrações em seu bolso. *De novo.*

Agora, ela foi ficando irritada. Enxugou as mãos em uma toalha e puxou o telefone de volta. Foi a mesma coisa: *Chamada desconhecida.*

"O quê?" ela respondeu irritada.

No outro lado, houve silêncio.

Ela suspirou baixinho. "Olá?" ela tentou novamente, desta vez tentando não parecer tão aguda. Ela conferiu o telefone para se certificar se a chamada estava ainda conectada. Estava.

Nada.

"Tem alguém aí?"

E então, alguma coisa. O que foi? A respiração? Um sussurro? Violet ouviu algo do outro lado.

"Olá? Quem é?" perguntou ela em expectativa, esperançosa.

Ela esperou por um momento e então verificou o telefone. A chamada terminara, desconectado.

Ela mordeu o lábio enquanto olhava para a tela do seu celular, esperando zumbir outra vez. Ela se perguntou quem poderia ter ligado e presumiu que poderia ser engano... Mas como se ela respondeu três vezes? Ela só conseguia pensar em uma pessoa.

Ela olhou para sua mochila, deitada no chão junto à mesa da cozinha. Dentro havia uma bonita nota rosa com uma mensagem perturbadora escrita em um script roxo.

Ela ouviu o carro de Jay lá fora, assim que o telefone no bolso vibrou mais uma vez. Ela hesitou, levando o telefone para fora e olhando para ele. Pensou em respondê-lo, dizer a quem estava do outro lado para ir se lascar e parar de assediá-la, mas duvidava que fizesse qualquer bem. Então ela tentou outra abordagem.

Ela pegou sua mochila, fez seu caminho para a porta da frente e ignorou seu telefone.

Se as pessoas do outro lado pensaram que iriam assustar Violet com poemas estúpidos e ligações, eles estavam brincando com a garota errada. Mesmo a coisa com animais mortos estava bem acima de seu caminho.

Pessoas muito mais aterrorizantes vieram atrás de Violet.

E falharam.

Os planos de ir para a cabana acabaram indo surpreendentemente bem. Principalmente, porque os pais de Violet tinham realmente concordado em deixá-la ir.

Ela ainda estava um pouco atordoada, já que era, afinal, uma festa do pijama menina-menino. O que parecia com uma festa de crianças pequenas com sono, mas para

os pais de adolescentes, normalmente evocava imagens de sexo ilícito e consumo de álcool ilegal.

Violet esperava que seus pais fossem ter preocupações semelhantes. Mas, aparentemente, eles confiavam nela.

Claro que houve várias sequências em anexo. Os pais de Violet insistiram em conhecer o pai de Mike antes da viagem, já que ele era o responsável. E eles queriam saber os nomes, nomes dos pais, e os números de telefone de todo mundo que estaria indo na festa do pijama na noite de sábado. Eles também queriam o endereço. E, claro, uma garantia firme que Jay afirmou que poderia manter um olho em Violet.

Essa última promessa tinha sido fácil o suficiente para garantir. Foi engraçada a rapidez com que Jay assumiu o papel de protetor de Violet, uma vez que começaram a namorar. Na verdade, antes disso, mesmo.

Mais engraçado ainda era a fé que seus pais colocaram nele, considerando o fato de que Jay iria oficialmente ser mais jovem que Violet em menos de uma semana.

Violet estava prestes a completar 17, enquanto Jay ainda estaria com 16 por cerca de dois meses completos.

Jay gostava disso, a coisa toda de *mulher mais velha*. Ele também gostava de fazer piadas sobre o fato de que Violet seria logo namorada de um homem mais jovem.

Uma noite, quando os pais de Violet tinham saído, ele brincava com ela sobre isso, sussurrando contra sua garganta, "Eu provavelmente deveria estar namorando meninas da minha idade, agora que você vai estar acima do meu nível." Jay estava estendido na cama de Violet enquanto ela ficava enrolada contra ele.

Violet riu, mordendo a isca. "Tudo bem," ela desafiou, afastando-se e apoiando-se sobre o cotovelo. "Eu tenho certeza que existem muitos homens da minha idade que estariam dispostos a terminar o que comecei."

Jay endureceu, e Violet percebeu que ela atingiu um nervo. "O que é?"

Ele balançou a cabeça, e Violet pensou que poderia dizer: "Nada" por isso, quando ele respondeu, suas palavras a pegaram desprevenida. "Há mais alguém, Vi?"

Violet franziu a testa, perplexa com o ciúme estranho que ela viu em seu rosto. Ela perguntou o que ele quis dizer quando ela estendeu a mão e alisou uma mecha de cabelo de sua testa. "O que você está falando, Jay?"

Seus olhos encontraram os dela. "Eu vi você com esse cara no cinema, Vi. Quem era ele?"

Violet fechou os olhos. Ela não estava pronta ainda. Ela não queria contar-lhe sobre o FBI, sobre Sara e Rafe ou o que ela descobriu sobre a mãe de Mike. Perguntou-se

brevemente, se ele sabia sobre a mãe de Mike—se seu amigo já havia confidenciado isso para ele. Mas de alguma forma, ela duvidou. Jay não era como ela, ele não guardava segredos.

"Não é assim," explicou ela, esperando que fosse suficiente.

Jay se levantou e foi até a janela, empurrando a cortina. Cada músculo em seu corpo estava rígido. "Assim, Vi? O que está acontecendo? Algo está te incomodando ultimamente. Por que você não pode me dizer?"

Ele estava certo. Ela devia a ele para pelo menos tentar. "Eu não sei como explicar, mas eu sinto que tudo mudou entre nós."

"Claro que mudou Violet, O que você esperava?"

Violet tentou ignorar a amargura em sua voz, dizendo a si mesma, que ela não tinha direito de se sentir ferida. "Costumava ser que eu nunca iria manter segredos de você. Você era meu melhor amigo. Mas agora que estamos namorando, é só... diferente. Eu sinto que eu tenho que prestar atenção ao que eu digo, ou você começa a ficar todo preocupado. Às vezes eu só quero que você seja o velho Jay outra vez, para que eu possa falar com você." Violet arrastou atrás de si, envolvendo os braços em volta de sua cintura e descansando sua bochecha contra a sua volta.

Não era exatamente uma confissão, mas era um progresso, ela decidiu. E em breve, muito em breve, esperava que ela se sentisse confortável o suficiente para se abrir completamente.

Ela sentiu-o relaxar, e sua voz amaciar. "É disso que se trata tudo isso? Você sente como se você não pudesse falar comigo? Nós não mudamos, ainda somos as mesmas pessoas."

Ela deslizou as mãos por baixo da frente de sua camisa, lentamente, passando as mãos sobre o peito e costas até a cintura. Ele virou-se em seus braços e sorriu, mas seu sorriso encheu-se escárnio e suspeita. "Você está tentando me distrair, Violet Ambrose?"

"Eu acho que você é mais esperto do que parece," brincou ela, quando ele a empurrou para trás de modo que ambos caíram em sua cama.

"E você não é tão engraçada quanto pensa que é." Sua boca pairou sobre a dela, com os braços apertando, esmagando-a contra ele. Violet riu e tentou se contorcer livre, mas Jay não a deixava. Ele beijou sua garganta, seus lábios brincando com ela até que se tornava difícil para Violet respirar.

"Oh, e Violet." ele sussurrou contra sua orelha, sua respiração fazendo cócegas seu rosto: "Eu ainda sou seu melhor amigo. Não se esqueça disso." Suas palavras eram fervorosas e comoventes.

Violet tentou pensar em uma resposta que fizesse sentido, algo necessário, mas tudo o que conseguiu foi: "Por favor. Não pare."

Ela não se importava de estar implorando se isso significasse conseguir o que queria.

Aparentemente, isso foi o suficiente para satisfazer Jay, e ele a beijou possessivamente. Completamente. Profundamente.

Ele aliviou de volta até que ela estivesse deitada sobre os travesseiros, e ela esperou por ele para parar, para lhe dizer que tinha ido longe o suficiente para esta noite. Mas ela não queria isso. Ela queria que ele continuasse. Ela queria que ele a tocasse, a beijasse, a explorasse. Seu corpo doía por isso. Ela estendeu a mão para ele, agarrando-se com tanta força que os dedos se feriram. Tudo dentro de sua mágoa.

Jay caiu sobre ela, cobrindo-a com seu corpo, reagindo a ela. Violet colocou seus pés em torno dele, puxando os quadris mais perto, dizendo-lhe com todos os movimentos que ela queria, ela queria isso. *Agora.*

"Você tem certeza?" Jay perguntou no hálito quente entre eles, apenas levantando a boca da dela.

Ela assentiu, mas quando ela tentou falar, sua voz tremia. Ela esperava que ele não lesse errado. "Claro que eu tenho." Ela estava nervosa e assustada e emocionada, tudo ao mesmo tempo.

Ele sorriu contra sua boca, ainda beijando-a, ela derreteu com ele, incapaz de parar o coração trovejando.

Ele alcançou sua carteira. "Eu tenho um preservativo." Sua voz era áspera.

Violet sorriu. Ela estava esperando por esse momento por muito tempo pra não esteja preparada, mas ela ficou feliz ao ouvir que ele estava considerando seriamente também. "Eu também," ela disse, chegando a sua gaveta do criado mudo e tirando um monte deles. "Eu sabia que você ia ceder."

Ele gemeu, seus lábios se movendo ao seu pescoço. Ele puxou sua camisa e tirou-a por sua cabeça.

Violet pensou que ele era bonito. Isso estava certo para ela, ele sempre tinha sido.

E como ele deslizou lentamente a blusa para cima, seus dedos acariciando sua pele nua e fazendo arrepios na esteira do seu toque, ela se perguntou por que tinha levado tanto tempo para chegar a este lugar.

Nada havia mudado naquele momento em que Violet e Jay tinham finalmente decidido ter relações sexuais. Nada—e tudo. Violet ficou impressionada com o que tinha feito. Espantada que eles tivessem compartilhado um com o outro, assim. Foi maravilhoso e belo, e não algo que Violet esperava que fosse.

A dor foi mais intensa do que ela poderia ter imaginado, e ela tinha feito o seu melhor para não gritar. Mas, é claro, Jay tinha notado, quando seu corpo ficou tenso, e então ela estremeceu. Lágrimas umedeciam os cílios, mas ela se recusou a deixá-las cair.

Jay tinha insistido em que parassem, mas Violet não iria deixá-lo. Em vez disso, esperaram, com Jay segurando-a, acariciando seus cabelos, seus ombros, seu rosto, até que a dor diminuiu, tornando-se algo... *Menor.*

Mais tarde, quando ela estava deitada em seus braços, ela estremeceu novamente.

Jay a abraçava apertado. "O que há de errado? Você não está arrependida, está?" A ternura de suas palavras fez uma torção em seu coração.

"Claro que não. Como eu poderia estar triste por isso?"

Ele beijou-lhe os olhos, delicadamente. "Então por que você está tremendo? Eu não queria machucar você, Vi."

Ela balançou a cabeça, desajeitadamente batendo o queixo. "Eu não sei por quê." Ela correu os dedos sobre o braço, memorizando a sensação de seus cabelos grossos, sua pele, os músculos por baixo de tudo. "É só... é muito. Você sabe?"

Jay sorriu. Era um sorriso satisfeito. "Sim." Ele se inclinou para trás e puxou-a para ele, enfiando-a contra seu ombro. "Foi muito. Muito, muito bom."

Ela queria empurrá-lo, para brincar, para jogar, mas ela estava muito cansada.

Quando Jay finalmente se levantou para sair, Violet inclinou-se sobre o cotovelo e viu como ele abotoava seus jeans. Ela desejou que pudessem ficar assim—juntos—por mais tempo. Para sempre.

Ela já sentiua falta da sensação dele ao seu lado, e o cheiro dele em torno dela. Ela sentou-se para devolver-lhe a camiseta que ela usava.

Seu sorriso era muito preguiçoso, lindo demais para ser real. "Fique," ele insistiu. "Eu gosto mais dela em você de qualquer maneira." A maneira como ele olhou para ela fez virar o seu estômago. Era um olhar cheio de ternura. Eles eram parte de algo mais agora, que pertencia um ao outro.

Ele puxou o capuz sobre o peito nu, e então ele se inclinou para beijá-la uma última vez, seus lábios persistentes.

Seu polegar traçou a linha de seu rosto. "Eu te amo, Violet Marie. Eu sempre vou te amar."

E então ele saiu.

E, mais uma vez, Violet dormiu profundamente, tranquilamente, envolvida na camisa de Jay.

Ele era o remédio perfeito para todas as suas preocupações.

Jay teve que trabalhar no dia seguinte, mas ele ligava com frequência. Verificar para saber se Violet estava se sentindo bem, que ela não tinha mudado de ideia sobre sua decisão, e que ela sentia falta dele. Violet ligou apenas para ouvir o som de sua voz. E para fazer comentários injustamente sugestivos, insultando-o através das linhas telefônicas.

Violet amava este novo jogo. Jay gemia desconfortavelmente do outro lado, mas ele nunca desligou.

Violet continuou a ignorar todas as chamadas que não eram de Jay. Não apenas os do telefonema anônimo, mas também as de Sara Priest.

Sara tinha deixado outra mensagem de voz para Violet, e mesmo que ela não estivesse mais ligando dos escritórios do FBI, Violet ainda se sentia ameaçada. Ela só não estava preparada para lidar com essa parte de sua vida, especialmente quando ela ainda estava se acostumando com essa nova reviravolta no seu relacionamento com Jay.

Mas pela tarde, Violet estava solitária e entediada. Ela se sentou em seu quarto, tentando se concentrar em seu dever de casa, mas as lembranças de sua noite juntos continuou a distraí-la. Ela podia praticamente sentir a pele de Jay contra a dela, seus lábios olhando por cima do seu corpo em locais previamente desconhecidos. Mesmo pensar sobre isso a fazia sentir-se corada e tonta.

Ela não pôde se impedir de roubar uma olhada pela janela do quarto. O vento soprava, mais do que antes, e as árvores altas em torno de sua casa balançaram, se debatendo pelas fortes rajadas.

Violet amava o vento.

Ela tentou se concentrar em sua tarefa de leitura, mas o barulho fora de sua janela chamou sua atenção. Ela fechou o livro, colocando-o de lado. Ela não podia simplesmente sentar-se dentro de casa na tarde tão longa.

Rapidamente, ela havia trocado de roupa e estava fazendo o seu caminho ao longo do mesmo caminho que ela tinha feito centenas de vezes antes. Ela ignorou seu iPod em favor dos sons do vento correndo atrás dela, chicoteando fios de seu cabelo contra seu rosto, recolhendo folhas e detritos e sussurrando-os ao longo do terreno.

Pela primeira vez em semanas, Violet permitiu a ela esvaziar a mente enquanto corria, em total abandono. O ar que soprou em torno dela foi rápido, ela podia sentir o frio, e ela inalou profundamente. Mas, enquanto ela continuava se movendo, ela ficou quente. Apenas a pele exposta do rosto formigava.

Lá em cima, ramos rangiam em protesto à medida que foram dobrados por rajadas súbitas. Violet olhou para cima e viu as árvores balançando descontroladamente. Os ventos foram ficando mais fortes enquanto o sol se movia mais baixo contra o céu.

Ela continuou a correr, apreciando o poder da tempestade.

Em algum lugar por perto, um ramo estalou, e Violet desacelerou, percebendo o quão duro o vento estava soprando. O céu ficou escuro, o crepúsculo desceu, lançando um tom sombrio em toda a floresta, as árvores acima dela tremiam e acenaram.

Ela já não estava certa de que estava segura sob o dossel de sempre-vivas[5]. Elas não eram páreo contra a força de vento ascendente. Ela sabia onde ela estava, e ela sabia que o caminho mais rápido para fora da floresta estava a passar a trilha e seguir em direção à estrada.

Ela entrou no meio do mato, movendo-se tão rapidamente quanto podia. Ela passou tocos podres e subiu em árvores caídas. Ela não estava longe, e enquanto ainda houvesse luz, ela poderia encontrar seu caminho facilmente.

A bainha de suas calças se enganchou em um galho retorcido que ficava através da vegetação rasteira, e Violet puxou a perna. O vento continuou a bater nela, chicoteando seu rosto enquanto se inclinava para ele agora, mantendo a cabeça baixa.

Conforme ela se curvou para se libertar, ela viu algo piscar. Era estranho que ela tivesse notado aquilo, e ela virou a cabeça em direção a ela, apertando os olhos. Depois de um momento, a mesma luz branca parecia vir do nada. Um piscar de olhos.

Fosse o que fosse, tinha a atenção de Violet, e ela mudou-se nessa direção, para longe da estrada principal. Ela podia ver de onde ele estava vindo, piscando por entre as árvores, e como a escuridão caiu, tornou-se mais clara, mais fácil de localizar. Mas quanto mais ela se aproximava, ela questionava o que ela achava que ela tinha visto.

À sua frente, Violet se aproximou da parte traseira de uma casa. Ela caminhava devagar, atentamente, até que ela estava praticamente parada em um quintal.

A noite pareceu cair, de repente, a lixiviação de toda a luz restante, até que ela se sentia como se estivesse dentro de um vazio, olhando para fora. A casa estava triste e com aparência cansada, mesmo por trás, e ela percebeu, depois de apenas um momento de estudá-la, que ela viu esta casa antes.

[5] Plantas

Dentro as luzes estavam apagadas, mas por trás do vidro, por entre as cortinas de uma janela única, o piscar continuou, enviando fragmentos de luz na escuridão que rodeava Violet. Ela piscou se perguntando se havia uma televisão ligada em algum lugar dentro da casa.

O vento empolou de volta, atirando-a e emaranhamento seus dedos gelados através de seu cabelo. Outro ramo, este praticamente logo acima de Violet, se rachou. Ela sacudiu, sentindo-se subitamente tonta, mas seus olhos nunca deixaram a janela.

E então Violet percebeu por que não poderia ser a luz de uma TV que ela estava testemunhando. Ela verificou a propriedade, olhando para além dela, para a rua do outro lado.

Havia escuridão para tão longe como ela podia ver. Não havia iluminação pública, sem sinais à distância. *Nada*.

Não tinha eletricidade. A tempestade tinha acabado com toda a energia da área.

E dentro da casa o flash branco estourou novamente.

Violet sabia o que era. Ela reconheceu da noite que ela acordou em sua casa. No escuro era quase inconfundível. Foi à marca que combinava com o gato morto.

Quem matou o animal estava lá.

Ela cambaleou para trás, tentando criar alguma distância, como ela fez seu caminho em direção à estrada... E longe de casa de Mike.

Até o momento que Violet chegou a casa, ela teve tempo para pensar. Tempo mais que suficiente.

Ela tinha sido cautelosa ao longo das ruas escuras, onde o vento não foi filtrado, onde ela não estava protegida pelas camadas de árvores e arbustos, e algumas das rajadas quase a derrubou. Pequenas árvores e galhos espalhados pelas estradas, como uma pista de obstáculos, e eles continuaram a cair como ela pegou seu caminho entre eles em direção a sua casa.

A energia estava fora todo o caminho, e a escuridão era opressiva. Apenas um obstáculo a forçando a pagar os cuidados extras a cada passo que dava.

No entanto, ela não conseguia parar de pensar sobre o que ela tinha acabado de ver. As explosões solitárias em meio a uma luz de tela de sombras, cintilando de uma janela e lembrando Violet que alguém a perseguia. Deixando suas mensagens... E pior.

E agora ela sabia quem era essa pessoa.

Ela sabia imediatamente, sem dúvida, que não era Mike. Ela o viu muitas vezes desde que o gato foi deixado por ela, ela teria reconhecido a marca nele facilmente. E ela nunca iria esquecer a letra feminina na nota, o papel e a caneta rosa perfumada.

Ela também se lembrou de ter visto a irmã de Mike flertando com Jay a única outra vez que tinha estado na casa de Mike, quando Megan não percebeu que Violet estava esperando no carro, observando-os.

O próprio pensamento de matar a um gato. Ela não podia imaginar que tipo de ser humano retorcido poderia quebrar seus dedos ao redor do pescoço do animal e encaixá-lo, por qualquer motivo... E muito menos para enviar algum tipo de mensagem doente.

E qual era a mensagem? O que Violet tinha feito para a garota a odiar tanto? Por que Violet merecia ser desprezada?

Porém não importava, não é? Qualquer que seja a razão, o que quer que ela pensasse que Violet tinha feito, ela estava doente, e alguém tinha que fazê-la parar. Antes dela machucar algo ou alguém, mais uma vez.

Violet sabia que era hora de parar de guardar segredos. Ela tinha que contar a Jay.

Seu pai tinha esperado por ela na varanda da frente, segurando uma lanterna. Ele correu ao seu encontro na estrada. Violet estava tremendo, tanto do frio do vento cortante quanto da descoberta perturbadora que ela tinha feito na floresta.

"Violet," o pai repreendeu, tirando o casaco e jogando sobre os ombros. "O que você estava pensando, sair em uma noite como esta? Sua mãe estava prestes a chamar a Guarda Nacional." Ele apertou-a com força enquanto a levava a subir os degraus. Violet se inclinou para ele, os dentes batendo. "Vamos lá, há um fogueira no fogão a lenha, e eu aposto que você poderia convencer a sua mãe em fazer-lhe algum chocolate quente."

Ele estava certo, é claro. Sua mãe estava tão aliviada que ela se esqueceu de palestrar Violet por decolar no meio de um vendaval. Violet sentou-se tão perto quanto podia do fogão a lenha sem realmente queimar-se, até que o calor começou a encontrar seu caminho para as pontas dos dedos das mãos e pés dormentes, e o frio foi afugentado.

O vento uivava como ele continuou a surrar a casa, e o som de galhos e copas das árvores intermitentemente encheu a noite. Dentro, eles acenderam velas e lanternas utilizadas para se locomover.

Violet sabia que se a energia demorasse muito para voltar, o pai dela iria lá fora, na garagem, para ligar o gerador. Mas, geralmente, nas tempestades como essas, a energia estava de volta em horas em vez de dias, assim que até então eles simplesmente esperavam.

Violet queria chamar Jay, para lhe dizer o que ela descobriu, para lhe dizer tudo, mas não com seus pais tão perto. Eles estavam reunidos, ficando perto do fogo para se aquecer, enquanto a temperatura exterior continuava a despencar.

A mãe de Violet entregou-lhe uma caneca de chocolate quente, e Violet envolveu seus dedos ainda gelados em torno dela, inalando o aroma rico. "Obrigada," ela respirava.

Sua mãe se sentou de pernas cruzadas no chão ao lado dela. Ela bateu na perna de Violet. "Então, eu sei que você não quer fazer um grande negócio," ela começou, "mas eu convidei o tio Stephen e tia Kat e as crianças ao longo de seu aniversário." Antes de Violet pudesse protestar, ela ergueu a mão. "Não vai ser uma festa. Só jantar. E um bolo." Ela parecia satisfeita consigo mesma como ela acrescentou, "e presentes."

"Sim? E não é uma festa?" Violet reclamou.

Sua mãe sorriu. "Vamos lá. Nós só queremos lhe desejar um feliz aniversário. Jay e sua mãe estão vindo também. Vai ser divertido."

Violet revirou os olhos. Ela sabia que não adiantava discutir, ela já tinha perdido esta batalha particular. Ela percebeu, mesmo antes que a conversa tivesse começado, que a sua mãe ia dar uma festa para ela, independentemente do que ela queria. "Ótimo," Violet finalmente admitiu. "Mas sem chapéus. E sem bandeirinhas ou balões. Sério, é só um jantar de aniversário. Ok?"

"Concordo. Sem bandeirinhas," sua mãe prometeu.

"Ou balões."

Sua mãe suspirou como se Violet estivesse arruinando tudo. "Tudo bem, sem balões."

Violet sorriu, levantando sua caneca e tomando um gole do interior de chocolate fumegante. Sentia-se bem. "E, mãe..." acrescentou ela em voz baixa.

"Hmm?" Sua mãe respondeu perdida em seus próprios pensamentos, provavelmente sonhando com outras formas de contornar a regra de não-balão.

"Obrigada," Violet sussurrou.

19

Quando Violet acordou, a energia estava de volta. Todos os interruptores deveriam estar ligados, porque onde tinha estado escuro, a luz agora irradiava em cada esquina, cada fenda. Ela estava certa de que era o que a despertara.

Ela e sua mãe tinham adormecido em extremidades opostas do mesmo sofá, e suas pernas estavam aninhadas sob o cobertor pesado que compartilhavam. Lá fora, Violet ainda podia ouvir o vento assobiando baixo e profundo como se estivesse dançando ao redor da casa, mas era muito mais silencioso que o incessante martelar com que ela tinha adormecido.

A luz do teto estava desligada, e Violet se sentou para espiar seu pai. "Que horas são?" ela sussurrou, tentando não perturbar sua mãe.

Ele olhou para o relógio. "Logo depois da meia-noite. A energia acabou de chegar, então a casa deve estar quente em poucos minutos, se você quiser ir para a cama."

Violet estendeu-se enquanto desembaraçava suas pernas de sua mãe, seu pescoço doía da inclinação contra o braço torto. Seu pai voltou a fechar a casa, verificando as portas e janelas e desligando os interruptores de luz.

Violet foi ao seu quarto, trabalhando as torções no pescoço ao longo do caminho. Mas, assim que ela deixou o calor da lareira para trás, ela percebeu que seu pai estava certo sobre o calor. Ainda estava congelando, embora ela pudesse ouvir o antigo forno, funcionando agora, e ela sabia que o calor apareceria em breve.

Ela puxou uma camisola e subiu debaixo de seus cobertores, cobrindo a cabeça antes de discar o número de Jay em seu telefone celular.

Ele respondeu no segundo toque. "Venho tentado te ligar por horas. Você está bem?"

"Sim, a energia acabou de voltar. A sua?"

"Voltou há mais ou menos dez minutos." E então sua voz assumiu um tom completamente diferente. "Eu estava meio que esperando que você precisasse de alguém para deixá-la aquecida."

Violet sorriu, enrolando-se em uma bola contra o frio e deixando o calor de suas palavras rastejarem através dela. "Vai sonhando. Sabe, isso é tudo que você parece pensar ultimamente," brincou ela. Ouviu-o rir, e ela sorriu, apreciando o momento. E então ela suspirou, arruinando-o. "Jay, precisamos conversar."

"Parece sério." Seu tom era ainda travesso. Violet desejava que ela pudesse brincar também.

"É sério."

Houve uma pausa e então, "Você quer que eu passe aí?"

"Não." Violet hesitou. Parecia tão difícil agora. Ela tinha pensado sobre isso toda noite, repetindo as palavras em sua cabeça, conversa após conversa. E em cada uma ela se sentiu tão confiante, tão certa. Agora, nem tanto.

Ele suspirou novamente.

"Ok, você está começando a me assustar, Vi. O que há de errado?"

Ela balançou a cabeça contra o aparelho. "Eu vi alguma coisa hoje à noite." Mais uma vez ela se sentiu tão insegura. Merda! Por que era tão difícil? "Eu fui para uma corrida antes que o vento fosse muito forte, e enquanto eu estava lá fora, eu vi um eco. Uma marca, na verdade, de um eco que eu já vi antes."

Sua voz era brincalhona, mais uma vez. "Você já viu um monte de ecos, Vi."

Ele ainda não entendeu.

"Você sabe que eu não tenho sido totalmente honesta, ultimamente, de que algo está me incomodando." Ela estava sentada agora, não mais com frio. Ela soltou um suspiro. "Eu não sei nem por onde começar."

"A verdade seria bom." Não havia nada de brincadeira com seu tom agora, mas não havia como voltar atrás.

Ela tomou outro fôlego. "Um par de semanas atrás, alguém deixou um gato morto na minha casa. Era no meio da noite, mas eu sabia que era para mim, porque quem colocou lá deixou a caixa ao lado de meu carro."

Houve um breve silêncio do outro lado, e Violet preocupou-se que ela tivesse cometido um erro ao confidenciar a ele. "Jesus, Violet, por que você não me contou? Por que você não me disse uma coisa dessas?" Ela podia praticamente ouvi-lo passando a mão pelo cabelo, assim como ele sempre fazia quando estava estressado.

E foi exatamente por isso que ela não tinha dito nada. Isso, e suas próximas palavras inequívocas.

"O que o seu tio disse?"

Ela não sabia como responder. Ela sabia que Jay iria ficar chateado quando ouvisse a resposta dela. Ela se preparou. "Eu não disse a ninguém. Você é o único que sabe."

"Por que você manteria isso para você? E se alguém está atrás de você novamente? E se quem fez isso decide que um gato morto não é ameaçador o suficiente? Era aquele cara dos filmes da semana passada?" Ele parecia sem fôlego, e ela sabia que ele estava se preparando para ir até sua casa. "Eu estou chegando," insistiu. "Temos de dizer ao seu tio."

"Espere, Jay. Por favor, apenas... espere." Violet cortou. "Deixe-me terminar. Não era o cara da semana passada."

Ela o ouviu exalar. "Ok, tudo bem. Continue..."

"No entanto, eu sei quem deixou," ela continuou antes que pudesse mudar de ideia novamente. "A impressão que eu vi hoje à noite—a do gato—ela estava vindo de dentro da casa de Mike."

No início Violet pensou que a linha tinha caído; Jay não disse nada.

Sua voz, quando ela falou de novo, era como um sussurro seco, quase um sopro. "Olá?"

"Eu estou aqui." Mas havia uma preocupação agora, que Violet não tinha ouvido antes, que não tinha nada a ver com preocupações por sua segurança. Ela podia sentir seu coração despencando. "Então o que você está dizendo, Vi? Você acha que Mike deixou o gato morto? Você acha que Mike fez isso?"

"Não, não." Ela se inclinou para frente, a necessidade dele de entender. "Havia outras coisas que aconteceram. Uma nota, a que foi deixado em seu carro, não era da Chelsea. Eu não sei quem colocou lá, mas era de uma menina. E houve algumas ligações que desligavam quando eu atendia." Seu coração martelava enquanto ela se aproximava, pairando perto do limiar de sua acusação, e quando ela finalmente chegou, sua voz saiu esganiçada e fraca. "Eu acho que era a irmã de Mike."

Ela não tinha certeza do que ela esperava dele naquele momento, mas certamente não era nada parecido com a resposta que ela teve.

"*Megan?*" Ele respondeu, sua voz incrédula. "Por que ela faria isso?"

"Eu não sei, Jay. Mas eu acho que é seguro dizer que ela é problema." Frustração queimou, estabelecendo suas bochechas em chamas. Violet lembrou a forma como a menina tinha flertado com Jay na noite em que havia parado em sua casa para deixar a carteira de Mike. "Talvez ela goste de você. Talvez ela não goste que estamos juntos, e deseja que fosse ela a sua namorada."

E então ele riu. Suavemente. Apenas sob sua respiração.

Mas isso foi tudo. Violet arrepiou-se, suas costas ficando rígidas com a razão do ressentimento ofuscado. "Que diabos, Jay? Isto definitivamente não é engraçado. Seja qual

for o problema dela, é sério. Ela matou um gato. E por alguma razão torcida, ela deixou-o em minha casa como uma espécie de mensagem. E então houve a nota. Ela é uma psicopata, Jay. Ela precisa de ajuda."

Violet esperou. Ela queria que ele dissesse algo, *qualquer coisa*, para deixá-la saber que ele entendeu. Ela apertou um punhado de sua colcha em seu punho, embolando-o muito bem e depois o liberando enquanto esperava pela sua resposta.

"Eu acho que você está errada, Violet."

Violet apertou os olhos.

"Eles já passaram por tanta coisa este ano. A mãe de Mike não está por perto, e seu pai está mal. A irmã de Mike é praticamente tudo o que ele tem."

A última coisa que ela queria agora era sentir pena de Megan. "Isso não muda o que eu vi."

"Talvez você estivesse confusa. Estava escuro, talvez nem fosse um eco. Nós dois sabemos que você esteve errada antes. Lembra-se da Sra. Webber?"

Mas Violet não precisava de Jay para lembrá-la de sua professora da primeira série. Isso era totalmente diferente; Violet tinha apenas seis anos quando sua professora veio para a escola carregando a aura sombria que ela não carregava no dia anterior. O ar sombrio que se agarrou a sua pele como fumaça preta pesada deixou Violet aterrorizada, e ela teve que correr da sala de aula, obrigando a enfermeira da escola a chamar seus pais.

No momento em que sua mãe tinha terminado de pegar o trabalho de aula de Violet da Sra. Webber, a professora havia confidenciado que ela havia atropelado um guaxinim em seu caminho para a escola naquela manhã.

E Violet tinha aprendido a ser cuidadosa ao fazer suposições.

Mas desta vez ela não estava confusa. Ela sentiu a dor por trás de suas pálpebras enquanto piscava furiosamente para afastar as lágrimas.

Jay não tinha acabado de assegurar-lhe que ele ainda era seu melhor amigo? Eles não passaram a noite nos braços um do outro, fazendo promessas e promessas sussurradas? Ela não se entregou a ele totalmente? Como ele poderia interrogá-la? Especialmente agora. Durante isto.

"Eu não estou errada," ela insistiu em voz baixa. A enfurecia que sua voz a traiu, fazendo seu som fraco, em vez de determinado. "Você está errado, Jay. Desta vez, você está errado."

Ela desligou o telefone, não mais lutando contra as lágrimas. Ela inclinou-se, se enrolando em torno de seu travesseiro e chorando, usando-o para abafar seus gritos

frustrados. Ela não tentou se conter, não tentou dizer a si mesma que tudo ficaria bem, ela apenas deixou que as lágrimas caíssem. Ela deixou-se *sentir* tudo.

Pela primeira vez em meses, ela se deixou se sentir com raiva, traída, com medo, sozinha. Tudo o que ela tão cuidadosamente escondia.

Ela chorou até que seus olhos estavam sensíveis e seu rosto inchado. Ela se sentia esgotada e vazia. Oca. Parecia bom, o nada. E quando ela finalmente não sentiu nada, afinal, ela dormiu.

Seu telefone estava tocando—ou vibrando, neste caso—por debaixo de seu travesseiro. Violet escavou e olhou de soslaio para a tela pequena.

Seus olhos pareciam como se tivessem sido raspados com lã de aço. Ela tentou esfregar a arenosidade, mas era difícil ver através da névoa aquosa. A tela LED brilhava na escuridão.

O relógio em sua mesa de cabeceira lhe dizia que era 02h03 da manhã.

O identificador de chamadas de seu telefone dizia: *chamada desconhecida.*

Sua respiração fixou em sua garganta, e seu pulso tremeu enquanto ela se levantava. Pensou em ignorar a chamada. Mas ela teve que fazer uma decisão rápida, ou ela iria perdê-la. Ela fechou os olhos e apertou *atender*.

Ela limpou a garganta. "Olá?" sua voz ainda estava áspera.

Como antes, não havia nada do outro lado. Violet se esforçou para ouvir, ouvir alguma coisa, qualquer coisa que pudesse confirmar a identidade da menina. Ela segurou a mão sobre a outra orelha.

"Olá?" Violet repetiu, sua voz quase um sussurro.

Silêncio era a única resposta.

Violet estava nervosa, mas quando ela falou, ela tentou soar confiante. "Eu sei quem você é," afirmou calmamente.

E lá estava.

Ela ouviu naquele momento. Sem dúvida, algo—*alguém*—na outra extremidade. Tinha certeza de que agora a menina estava ouvindo. Violet teve sua atenção.

Ela ouviu um ruído breve, como se o telefone fosse movido, sendo reposicionado.

Ela esperou um momento e depois tentou de novo. “Eu sei o que você fez,” disse Violet tão calmamente quanto pôde. Seu coração estava tentando bater seu caminho para fora do peito, batendo violentamente contra as costelas doloridas. “Eu sei que você matou o gato.”

O silêncio em torno dela era insuportável. O silêncio na casa foi igualado apenas pelo silêncio da chamada. Violet, de repente, tinha segundos pensamentos sobre suas acusações, de alguma forma, dizendo em voz alta para a pessoa que ela suspeita de ter os cometido os fez soar estranhamente absurdo. Ela teve uma visão fugaz do que Jay deve ter sentido.

Não que isso importasse, ele deveria ter confiado nela.

Ela respirou fundo, decidindo que ela não se importava como soava. Ela não estava errada. “Eu sei que é você, Megan.” Sua voz caiu ainda mais, se isso fosse mesmo possível, até que ela mal conseguia ouvir a si mesma. “E Jay também.”

Na outra extremidade, houve um som mal audível. Violet pensou que poderia ter sido um sopro, um suspiro, ou talvez o sussurro de um gemido. Ela não podia estar certa. Mas depois desse momento, depois desse breve lapso, não havia nada mais que um silêncio ensurdecedor.

Nada.

Megan deve ter desligado.

20

Violet estudou-se no espelho e entendeu por que sua mãe lhe dera um tempo para permanecer em casa ao invés de ir para a escola. Parecia um desastre de trem. Sua pele estava pálida e doentia, com os olhos vermelhos e inchados. Ela estremeceu quando limpou o nariz, o qual estava vivo e dolorido.

Ela culpou Jay pela imagem sombria que a encarava.

E Megan, claro.

Violet caminhou de volta para a cama. Ela já esteve cansada antes, mas nunca desse jeito. Ela se sentia derrotada, despojada de todo o pensamento racional. Ela estava certa de que seria incapaz de aguentar uma única aula, muito menos um dia inteiro.

Ela tentava não pensar em Jay. Sempre que fazia, ela sentia o coração em colapso sobre si.

Disse a si mesma que deveria se preocupar sobre Megan, uma garota que era capaz de coisas realmente terríveis, mas não conseguia manter o foco nesse pensamento. Jay recusar-se a ficar ao seu lado quando ela precisou dele era mais do que Violet poderia suportar. Ela forçou seus olhos a se fecharem, forçando o pensamento a sumir.

Ela estava muito cansada para continuar a ficar pensando. Mas já era tarde, ele encontrou seu caminho de volta, e ela pôde sentir as lágrimas, apesar de seus melhores esforços para mantê-las afastadas.

Deus, como era possível ela ainda ter lágrimas sobrando?

Ela odiava isso. Ela odiava se sentir tão frágil, tão miserável. Ela deveria estar com raiva, ou com medo, mas ao invés disso aqui estava ela, deitada na sua cama, incapaz de funcionar. Tudo por causa de Jay.

E o que tudo isso significava? Que ele estava escolhendo Megan em vez dela? Ou que ele era incapaz de aceitar que Megan era capaz desse tipo de injúria?

Isso importava?

De qualquer jeito, Jay não a apoiou.

Ele tentou ligar para Violet, e quando ela não o atendeu, ele mandou uma única mensagem de texto, perguntando se podia ir até sua casa. Perguntando se eles podiam conversar.

Violet escreveu sua resposta, pausando por um momento antes de pressionar Enviar.

Eu não quero te ver.

Parecia tão estável, tão decisivo. Tão doloroso.

Ela cobriu sua boca com a palma da sua mão, puxando seus joelhos até seu peito enquanto embargava-se em soluços. Mas a pior dor veio de um lugar que ela não conseguiria, fisicamente, alcançar. Seu coração sentia-se como se tivesse sido esmagado – isso era solitário e miserável.

Violet se preocupou com isso. Pensando se poderia confiar nisso para continuar batendo.

Ela sentiu como se tivesse desistido.

Ela se sentiu desistindo.

Tentou dizer a si mesma para parar de ser tão dramática, mas isso não parecia dramático.

Ela perdera Jay. E mais do que apenas perder a única pessoa que ela completamente estava apaixonada, a pessoa que ela se entregou completamente, ela também perdeu seu melhor amigo do mundo inteiro.

Ela não sabia por quanto tempo ficou deitada, balançando na ponte entre sono e acordada. Era um lugar muito tênue para Violet estar, com seu subconsciente autorizado a contribuir com as imagens que se reuniam ali.

Em um momento, Violet ligou seu iPod, para bloquear seus pensamentos, para bloquear tudo, mas nada pôde parar os sonhos corruptos que protelaram quando ela adormeceu, ou a tormenta que a atacou quando acordou.

Então ela virava na cama, tentando não pensar e não sentir.

Estava quase escuro quando ela sentiu o seu lado da cama afundar, e ela abriu os olhos. Chelsea a olhava.

"O que você está fazendo aqui?" Violet perguntou, apoiando-se no seu travesseiro. Sua garganta queimando.

Chelsea encolheu os ombros. "Estava preocupada com você." Sua cara amassada. "Você está bem?"

Ela não estava bem. Ela não estava nem perto de estar bem.

Violet queria contar a sua amiga que estava bem, que ela estava doente e era por isso que não apareceu na escola, mas ela balançou sua cabeça. Sua voz era rouca. "Nós terminamos. Jay e eu, nós terminamos."

"Oh merda, Vi!" Chelsea pegou a mão de Violet e a apertou. "Vai dar tudo certo. Eu tenho certeza que é apenas uma briga. É você e Jay. Tudo vai ficar bem, eu sei que vai. Você quer que eu fale com ele?"

Violet balançou sua cabeça novamente. "Por favor, não Chels"

Chelsea parecia triste, preocupada, confusa—tantas emoções que não eram familiares a ela—tudo ao mesmo tempo. Finalmente ela acenou. "Chega pra lá."

Violet não argumentou. Ao invés ela deu espaço para sua amiga.

Chelsea subiu para perto de Violet. Ela estava deitada de costas, então ambas estavam olhando para o teto. "Bem, se ele é estúpido o bastante para deixar você, então ele não a merece." Chelsea tagarelou, tranquilizando Violet à sua maneira, cutucando ela debaixo das cobertas. "Além disso, você sempre terá a mim. E eu sou bem mais divertida do que Jay poderia ser."

Violet conseguiu uma risada aquosa em meio às lágrimas. Ela não sabia como dizer a Chelsea o quão grata se sentia por ela ter ido até sua casa hoje à noite, sem soar piegas, como um cartão de saudação brega. Mas ela não podia imaginar nada melhor do que ter a sua amiga ao seu lado, sussurrando incentivo enquanto a escuridão caía.

Violet sabia que sua mãe tinha vindo para ver como ela estava depois de Chelsea ter ido, porque ela sentiu a mão fria dela passando sobre seu rosto e deitando de encontro à testa.

Ela duvidava que sua mãe realmente achava que ela estava doente, mas ela nunca disse uma palavra. Ela só caiu em silêncio para se certificar de que Violet estava bem e saiu novamente. Por isso, pelo menos, Violet estava agradecida.

Durante essa noite sem fim, Violet chegou a uma conclusão: Ela estava danificada, com certeza, mas ela era mais forte do que isso. Ela não estava em pedaços. Ela iria sobreviver a isso. Ela precisava sobreviver. E ela não queria que Jay soubesse quão machucada ele a deixou.

Ela o queria, mas ela não precisava dele.

Ela fechou os olhos, sentindo uma paz real. O melhor que ela poderia esperar neste ponto era encontrar um pouco de dormência, e entorpecer a dor em seu coração.

Mas sono era tudo o que ela tinha.

Violet ficou em casa novamente na manhã seguinte, não porque ela estava exausta, embora ela estivesse. Ou o coração partido, que ela também estava. Em vez disso, ela ficou em casa porque era seu aniversário.

Feliz maldito décimo sétimo aniversário a ela!

Ela vagou fora de seu quarto, aliviada que a casa estava vazia no momento. E apesar dela não estar com fome, ela serviu-se de uma tigela de cereais. Não faria nada bem ficar com fome.

A nota sobre o balcão, dizia que sua mãe havia saído para resolver alguns assuntos, o que Violet interpretou como compras para a festa de jantar de aniversário que ela planejou para Violet. Só de pensar nisso, passar uma noite inteira com sua família—seus pais e sua tia e seu tio—comemorando seu aniversário, fez a sua torção de estômago em nós dolorosos. O fato de que Jay não estaria lá tornou quase insuportável.

Ela carregava sua tigela de comida pela metade de cereal para a pia quando olhou para o relógio. Ainda era apenas nove e quinze. De repente, passar um dia inteiro enfiada em casa novamente soou pior do que estar na escola. Violet precisava sair, e só havia uma pessoa que ela poderia pensar chamar.

Ela apressou-se, na esperança de estar fora de lá antes que sua mãe chegasse em casa. Ela colocou algum jeans e uma camisa e puxou o cabelo para trás em um rabo de cavalo que parecia em nada com os que ela viu na primitiva Sara Priest. O cabelo de Violet era selvagem e incontrolável, mesmo em um bom dia.

Ela fez uma checagem no espelho de última hora para avaliar os danos. Não estava tão ruim. Pelo menos não uma vez que você passasse por cima dos círculos escuros e pele pálida. E esse olhar vago por trás de seus olhos ainda inchados.

Ela decidiu que era provavelmente melhor não olhar no espelho por muito tempo.

Ela escreveu uma nota rápida, permitindo que seus pais soubessem que ela estaria de volta em tempo para o jantar, e correu para fora da porta, sentindo-se melhor no momento que o motor de seu carro crepitou à vida.

Foi quando ela tirou seu telefone celular para marcar um encontro que ela não teria previsto em um milhão de anos. Com a última pessoa que ela jamais esperava chamar.

Rafe já estava lá dentro, aparentando tranquilidade pela primeira vez desde que Violet o conhecera. Ela o viu antes dele perceber, e ela observou-o através do vidro, com seu cabelo escuro preto caindo na frente do rosto. Ele se inclinou para trás na vacilante

cadeira bistrô, com os braços cruzados sobre o peito, o queixo para baixo. Ele era alguém que estava acostumado a passar despercebido. Ele parecia preferir assim.

Ela reparou nisso no momento em que o conheceu. Foi essa qualidade indefinível que ela não conseguia ter. Ele era... diferente. Era como se ele não fizesse parte. Como se ele fosse um menino que não conseguia encontrar seu lugar no mundo.

Como ela.

O pensamento a fez instantaneamente desconfortável. Ela não gostou da possibilidade de que ela não fizesse parte, embora tivesse considerado aquela coisa muito mais vezes do que poderia contar.

Ele escolhera o local de encontro, um café na cidade. Um café escuro pouco escondido entre as ruas movimentadas e edifícios de tijolos vermelhos de Pioneer Square, uma área rica de Seattle com galerias de arte, restaurantes e lojas de antiguidades. Foi também uma área de encontro popular para os desabrigados locais.

Violet entrou pela porta, as pranchas de madeira oca batendo sob seus pés. O cheiro de café era escuro e rico.

Rafe olhou para cima e a viu lá. Quando ele não sorriu, nem mesmo respondeu, Violet foi surpreendida por seu desapontamento. Perguntou-se o que ela esperava.

E temia que tivesse cometido um erro chamando Rafe.

"Oi," disse ela, de repente nervosa enquanto puxava a cadeira em frente a ele.

Ele ergueu o queixo em um breve aceno e continuou a observá-la cautelosamente. Ele pediu antes dela chegar, e o vapor do café subiu entre eles.

"Obrigada por me encontrar. Eu sei que não lhe dei muita informação."

Ele encolheu os ombros assim que limpou a garganta. Como sempre, sua voz era abafada. "Eu fiquei um pouco surpreso por você ter ligado."

Violet sentia-se exatamente da mesma maneira. "Você que me deu seu número." Ela desafiou-o com um olhar, mas não tinha certeza do que mais dizer. Agora que estava sentada aqui, ela se sentia... estranha. "Eu esperava que pudéssemos conversar... Talvez você pudesse, eu não sei, responder a algumas perguntas para mim."

Ele olhou para baixo, como se estivesse tendo problemas para manter seu olhar. "Você está certa, eu dei o meu número a você. É só... eu não sou muito bom em falar. Sara é muito melhor com isso." Seus olhos se voltaram então, encontrando os dela, e ela foi atingida novamente por como intenso eles eram. "Eu não estou realmente certo se sou aquele que você deveria ter chamado."

Violet balançou a cabeça, mas não conseguiu encontrar as palavras para argumentar. Ela podia praticamente ver as paredes que ele construiu, as defesas que ele não tinha intenção de abaixar.

"Se você quiser, eu posso chamar Sara e marcar alguma coisa entre vocês duas, mas não acho que eu possa fazer..." ele apontou dela para ele, dando de ombros, seu rosto apologético, "... isto."

Violet não respondeu, ela de repente se sentiu como um idiota por pensar que poderia ser capaz de conversar com Rafe, em primeiro lugar. *O que eu andei fumando?* Ela repreendeu a si mesma. Seus olhos ardiam, picadas, e ela piscou forte. Ela não podia acreditar que foi tola o suficiente para pensar que poderia ter algum tipo de conexão. Mas depois de tudo o que passou, as lágrimas ainda estavam muito perto da superfície, e ela temia que, se começasse a chorar agora, na frente dele, ela poderia realmente morrer de humilhação.

Ela levantou da mesa, quase derrubando a cadeira em sua pressa para sair.

Mas Rafe estendeu a mão para ela, agarrando seu pulso e a impedindo antes que ela pudesse virar.

Violet estremeceu ao seu toque, uma eletricidade surgiu entre eles, impulsionando todo o caminho até seu braço. Ela puxou sua mão, segurando-a firmemente em seu coração batendo.

"Desculpe," ele murmurou, parecendo tão confuso com o estranho acontecimento, assim como ela. Ele pressionou o punho, e Violet podia ver que suas unhas foram preenchidas com cores. Seus olhos elevaram-se para o dela. "Olhe, Violet, eu não queria magoar seus sentimentos. Por favor... não vá. Ainda não."

Ela hesitou, tentando decidir, mas ela não podia ignorar a sinceridade que ouviu em sua voz. Finalmente, ela puxou a cadeira para trás para a mesa e sentou-se. Mas agora ela era a única com o olhar desconfiado em seus olhos.

Ele sorriu, então, era uma espécie de sorriso esperto e perverso. Convinha-lhe. "Eu disse que era ruim nisso."

Violet estremeceu, ainda não estava pronta para deixá-lo fora do gancho. "Isso é uma espécie de eufemismo."

"Podemos recomeçar? Sobre o que você queria conversar?"

Violet expirou ruidosamente enquanto apoiava os cotovelos na mesa e tentou explicar. "Eu não sei por que eu chamei você, na verdade. Eu só... eu não quero mais ficar sozinha. E isso não significa que eu acho que temos de ser amigos ou qualquer coisa." Ela fez uma careta para ele. "É que você é o único que sabe sobre Sara Priest. E que eu

encontrei o menino. Pelo menos, a única pessoa com quem posso falar." Ela pensou em Jay, sobre como ela deveria ter sido capaz de dizer a ele.

Então, por que não disse? Por que ela não contou sobre seu encontro no FBI?

Isso realmente não importava agora, Jay não estaria mais por perto.

"Eu acho que não sei o que fazer, e você parece ter algumas das respostas."

As sobrancelhas de Rafe subiram provocadoramente. "Você acha que eu tenho as respostas?"

Violet deu de ombros. "Bem, você e Sara."

"E você não quer falar com ela." Não era uma pergunta neste momento. Rafe se inclinou para trás enquanto cruzava os pés preguiçosamente nos tornozelos, mas ele não estava enganando a Violet, ela sabia que tinha sua atenção.

Ela também sabia que teria que ir com cuidado, Rafe não parecia o tipo que compartilha.

Mas eles tinham algo em comum, se qualquer um deles estava disposto a admiti-lo ou não. Sara Priest foi a prova disso. "Olha, eu entendo. Você não quer falar sobre você, e eu não quero falar sobre mim. Então onde isso nos deixa exatamente?" Ela inclinou a cabeça para o lado.

Rafe levantou o ombro. "De volta onde começamos, eu acho."

"Isso é um monte de porcaria," Violet insistiu, apertando os olhos para ele. "Você sabe muito mais do que você está dizendo. Como, por que Sara está tão interessada em mim? O que é que ela acha que sabe?"

Rafe se inclinou para frente, não mais fingindo indiferença. "Me diz você, Violet. Obviamente há... alguma coisa. Caso contrário, nenhum de nós estaria aqui, em primeiro lugar. Você estaria segura em casa, na sua cidade, aconchegante fazenda, e eu ainda estaria na cama." Seu rosto era inexpressivo, mas Violet viu o brilho nos seus olhos índigo. "Se você quiser trocar segredos, então comece você primeiro."

Violet apertou os lábios, preocupada e mordendo-os até que provou seu próprio sangue. Ela considerou o que ele estava dizendo a ela, e reconheceu a deixá-lo a apoiar. Ele a ganhara. Claro, ele sabia disso. Violet não ia revelar o que poderia fazer... dizer a ele de seu talento para a busca de corpos. E ele com certeza não estava disposto a confiar nela.

Ela suspirou, soltando o ar que segurava enquanto esperava por ele para divulgar algo... qualquer coisa. "Então, você trabalha para ela? É esse o negócio entre vocês dois?"

Rafe riu. Foi a primeira vez que Violet o ouviu rir. O som era tranquilo e baixo, assim como sua voz. "Eu trabalho com ela. Grande diferença." Ele enfiou a mão no bolso e

entregou a ela outro cartão de negócio, assim como os outros. "Se você tiver quaisquer outras perguntas sobre Sara, eu acho que você precisa chamá-la."

Violet olhou para ele, mas sabia o suficiente para perceber que eles chegaram a um impasse.

Rafe estendeu a mão, em seguida, e empurrou o café sobre a mesa. "Eu pedi isso por você. Expresso duplo de baunilha com leite. Mas está, provavelmente, ficando frio agora."

Violet franziu o cenho. "Como você sabe o que pedir?" Ela pegou o copo. Ele ainda estava quente.

Ele encolheu os ombros. "Só um palpite. A maioria das meninas gosta de baunilha."

Violet olhou para ele com desconfiança. Isso era uma das lógicas mais falhas que ela já ouviu. A maioria das meninas gostava de um monte de coisas diferentes: chocolate, caramelo, leite desnatado, leite, chantilly, cafés gelados... as opções eram infinitas. Como ele poderia ter atrelado a ela baunilha com leite com tipo de menina?

Golpe de sorte, ela supunha, enquanto tomava um gole. Ela se levantou para sair, reconhecendo que a conversa havia acabado.

Mas Rafe estendeu a mão para detê-la, desta vez com cuidado para tocar o casaco, em vez de sua pele. "Oh, e Violet?" Desta vez, ele estava sorrindo, um pouco. "Feliz aniversário."

21

Quando Violet entrou pela porta da frente, a casa estava tomada pelo cheiro de comida. *Comida de verdade,* do tipo que não tem nada a ver com a seção de congelados do supermercado. Isso só podia significar uma coisa... que alguém que não fosse a mãe dela estivesse preparando seu jantar de aniversário.

Violet não ligava para quem; era o *o que* que a deixava com água na boca quando fechou a porta às suas costas.

O delicado aroma de alecrim, misturado com o aroma inebriante de alho e limão. Ela soube imediatamente que seu pai estava cozinhando, porque era o favorito de Violet—pelo menos uma variedade caseira—*frango ao limão*.

De repente, ela estava faminta. E mesmo o impedimento de uma noite com sua família—ou qualquer um que importasse—não foi o suficiente para manter seu apetite sob controle.

Ela podia ouvir risadas vindas da cozinha, e soube que já estava atrasada para a sua própria festa. Felizmente ela foi capaz de subir as escadas em silêncio para mudar de roupa. Ela se sentia um lixo depois de ter dirigido a cidade toda e voltado tentando conseguir informações de Rafe. E soube que provavelmente parecia um lixo também. Ela beliscou as bochechas, para dar a impressão de que ainda havia sangue sendo bombeado em algum lugar de seu corpo, e escovou os dentes rapidamente.

Quando decidiu que era o máximo que podia fazer a curto prazo, ela voltou lá pra baixo, onde sua mãe a esperava na parte inferior da escada.

"Parabéns, Vi!" ela agarrou Violet, envolvendo seus braços ao redor dela.

"Mãe, você estava bebendo?" ela repreendeu, apenas brincando, enquanto tentava escapar. Ela podia ouvir os outros na cozinha, cadeiras arrastando e vozes saindo para cumprimentá-la.

"Não," sua mãe zombou, como se a sugestão fosse um absurdo. "Eu só estou..." ela começou a dizer alguma coisa, mas depois mudou de ideia.

Preocupada, Violet terminou a sentença em sua cabeça. E ela se perguntou o que seus pais deviam ter pensado nesses últimos dois dias, com Violet faltando aula e se escondendo em seu quarto, mal comendo, e em seguida, desaparecendo essa manhã.

Ela não perguntou, principalmente porque ela não queria saber a resposta.

"Parabéns," seu pai interrompeu o silêncio constrangedor. Ele abraçou-a mais gentilmente, pensativo.

Violet sorriu para ele.

Sua tia e tio estavam lá também, junto com seus dois primos pequenos, Joshua e Cassidy. Cassidy estendeu os braços para Violet, e Violet levantou a pequenina menina de cabelos louros, comentando sobre quão pesada ela havia ficado, mesmo ela sendo leve como uma pluma.

"Então, com quantos anos você está agora?" Violet brincou com a menina balançando seus braços, "Uns doze, treze anos?"

"Não!" Cassidy deu uma risadinha, mas isso foi tudo o que respondeu.

Joshua, que era apenas 5 anos mais velho, já era sério como o pai de Violet, um contabilista de nascença. Ela teve de se forçar a não notar as semelhanças entre ele e a imagem do menino do mar. "Ela não tem nem 3 ainda. Seu aniversário é dia 6 de abril," ele disse precisamente.

"Hmm," Violet respondeu ceticamente, olhando para ele como se não estivesse acreditando. "Eu teria chutado mais que isso."

Joshua deu de ombros como se isso não importasse a ele. E então fez uma pergunta, "O que há de errado com você? Você está doente ou algo assim?"

"Joshy! Que grosseiro!" sua tia Kat olhou se desculpando a Violet. "Peça desculpa agora."

Violet colocou Cassidy no chão. A pequena garota se apoiou na perna de Violet e se segurou firme.

"Tudo bem," Violet disse a sua tia. E então para Joshua ela deu de ombros preguiçosamente. "Eu estou com algo, certo. Eu só não sei o quê."

O silêncio estranho estava de volta. E Violet estava ciente de que todos eles sabiam, ou pelo menos suspeitavam sobre o que estava errado com ela. Provavelmente que ela e Jay haviam brigado, talvez até terminado.

Ela ficou feliz quando seu pai pegou seu braço e puxou-a para cozinha. "Vamos lá. Tem comida suficiente para um exército. Vamos comer."

Violet não precisaria ser chamada duas vezes. Comida, pelo menos, era algo que ela podia concordar. E ele estava certo: havia mais que suficiente.

Violet achou um lugar na mesa e fingiu estar interessada nas conversas que rolavam a sua volta. Ela não queria que ninguém perguntasse a ela o que estava errado. Ela não queria responder perguntas que eram muito difíceis até mesmo para considerar.

Seu pai terminou de fazer o jantar, e o frango foi servido com alho e purê de batatas e salada Caesar. Felizmente a conversa foi por um caminho que não tinha nada a ver com Violet—pelo menos até onde o assunto era Jay—e houveram muito poucos lapsos. E mesmo sendo o aniversário de Violet, a participação de Violet quase não foi exigida.

Ela se encontrou conversando com as crianças—seus primos—na maioria das vezes, principalmente porque eles não precisavam de nada real, nada profundo, em retorno. A conversa com eles era segura, e Violet preferia daquele jeito.

Sua mãe escolheu a regra do sem-balões-ou-fitas por uma questão técnica. Obviamente, Violet não foi clara o suficiente, e percebeu que deveria ter sido mais ampla em sua declaração, fazendo uma regra *de ausência de decoração*. Mas já que ela não tinha feito, e já que sua mãe cumpriu com sua palavra, a mesa—e a sala—estavam lotadas com flores e velas.

O resultado foi dramático. E mesmo Violet querendo protestar, para reclamar que seus desejos haviam sido ignorados, que o espírito—senão a carta—do seu pedido havia sido violada, ela não podia.

Talvez fosse o efeito da primeira comida de verdade que ela comia em dias, ou talvez fosse a falta de sono, mas ela teve que admitir que estava lindo. Fez Violet se sentir bem em estar cercada disso, e de sua família, no seu aniversário.

"Obrigada," ela disse, quase para si mesma, enquanto mantinha seus olhos abaixados, concentrados em seu prato.

O único motivo de saber que eles a ouviram foi a breve pausa na conversa.

Isso, e a resposta instintiva de um Joshy não afetado. "De nada."

Violet sorria enquanto dava outra mordida em seu purê de batatas.

A conversa continuou. Havia bolo e presentes. Violet fez o seu melhor para permanecer no momento, para manter o foco no aqui e no agora, ao invés de deixar sua mente vagar em outros lugares.

Mas era difícil, e ela se encontrava distraída frequentemente, e ficou ainda pior quando eles ouviram uma batida na porta da frente.

O estômago de Violet apertou ansiosamente. Não havia ninguém que ela quisesse ver agora, pelo menos ninguém que já não estivesse em sua casa.

Ela odiava esse emaranhado de sensações, a expectativa e o medo. Ela sentiu com se estivesse traindo a si própria por esperar que fosse Jay quando ela passou tanto tempo se convencendo de que ele era a última pessoa que ela queria ver. *Especialmente essa noite.*

Violet olhou ao redor da mesa, para sua mãe, seu pai, sua tia e seu tio e até mesmo para seus dois priminhos. Todos pareciam paralisados assim como ela.

"Eu atendo." Seu tio Stephen finalmente se levantou e deixou o cômodo.

Violet prendeu sua respiração.

Ela sabia. Ela já sabia que era ele. Ela estava com medo de vê-lo, medo do que isso podia fazer à sua frágil vontade.

Mas quando seu tio voltou à cozinha, ele estava sozinho. E talvez só ela tivesse percebido isso, mas ela sentiu como se fosse afundar em sua cadeira. Ela engasgou com a decepção amarga de que ela tivesse errado e estava frustrada consigo mesma por se sentir desse jeito.

E então ele disse as palavras que Violet já havia antecipado e temido. "É Jay. Ele quer falar com você."

O ar parecia preto e oleoso, sufocando-a enquanto estava sentada ali. Ninguém falou, todos permaneciam do mesmo jeito, observando-a.

Ela franziu o cenho, olhou para seu tio suplicante, e balançou a cabeça, incapaz de respondê-lo em voz alta.

"Tem certeza?" ele perguntou calmamente, e mesmo que sua voz fosse calma, era alta demais para o silêncio gritante da cozinha. Até as crianças haviam parado de se contorcer em seus assentos.

Violet assentiu, implorando que ele entendesse. Mas ela não precisou se preocupar, ele não questionava ou opinava quando ela precisava dele.

Quando ele deixou a cozinha, sua mãe e sua tia começaram uma conversa educadamente em vez de fingir que não estavam escutando, tentando não ouvir o que estava acontecendo na porta da frente.

Mas Violet não podia sentar lá e continuar fingindo. Assim que ouviu a porta da frente se fechando, ela se desculpou sem explicação. "Estou subindo para o meu quarto," ela disse sem rodeios, sem pedir desculpas.

Ninguém tentou impedi-la ou perguntar se estava bem. Seus pais se despediriam de seus tios por ela, e mais tarde—bem mais tarde—quando ela estivesse se sentindo mais como ela mesma novamente, ela se desculparia.

Mas agora ela não tinha vontade de ser educada ou fazer bonito na frente de seus familiares. Por enquanto, ela só queria ficar sozinha.

Ela havia terminado seu aniversário.

Violet esperou até que a casa estivesse silenciosa antes de descer as escadas novamente.

Ela permaneceu em seu quarto, tentando escorregar de volta para aquele estado, o estupor em que estava antes de Jay aparecer em sua festa, estragando toda sua compostura mal construída. Mas não importava quão forte ela tentasse, os sentimentos eram fortes demais, e próximos demais da superfície para que pudessem voltar.

Então, ao invés, ela queria bolo. Talvez uma boa dose de açúcar pudesse tirar aquilo da superfície.

Ela foi calmamente em direção à cozinha, e quando chegou lá, ela sorriu. Seu pai deveria saber que ela desceria de novo.

No balcão, que havia sido limpo depois da festa, estava um prato coberto por um plástico. E embaixo do plástico transparente estava um pedaço gigante de bolo de aniversário.

Violet sentiu uma onda de emoções, mas de uma forma boa. *Da melhor maneira.*

Junto ao prato estava uma pequena sacola de presente rosa, envolto com um bonito papel seda. Violet ignorou a sacola, apenas olhando brevemente antes de ir para a geladeira pegar o leite.

Só quando se sentou em frente ao prato e desenrolou o bolo que ela se perguntou sobre o presente a sua frente.

Ela pensou que já tivesse aberto todos os seus presentes, os de seus pais, de sua tia e seu tio, mas ela deveria ter deixado a festa antes deles terem tido a oportunidade de dá-la este.

Ela levantou um pé descalço e apoiou no banquinho e apoiou seu rosto contra seu joelho enquanto mordia um pedaço do bolo. Estava perfeito, exatamente o que ela precisava agora.

Como era possível que algo tão simples como um pedaço de bolo de aniversário pudesse fazê-la se sentir tão bem?

Ela estendeu a mão e tocou o delicado tecido do presente; o reflexo iridescente daquilo brilhava ligeiramente na luz acima do fogão. Violet sorriu de novo, se perguntando se o açúcar já estava chegando em seu sistema ou se era só superficial, se receber um presente envolto em um pacote tão bonito poderia fazê-la se sentir tão feliz.

Superficial, não. Mas ela ainda era uma garota, apesar de tudo.

Ela deixou o papel deslizar por seus dedos tempo suficiente para tomar um gole de leite, limpando toda a cobertura para que ela pudesse começar tudo outra vez. Ela não estava com pressa. Ela não tinha nenhum lugar melhor para estar naquele momento.

Depois que ela engoliu, deu outra mordida, lambendo a cobertura da ponta de seu garfo antes de finalmente deixá-lo no prato. Ela puxou a sacola em sua direção e espiou o que havia dentro.

O que quer que estivesse lá, estava enrolado no mesmo papel de seda bonito.

Ela puxou uma coisa pequena, porém sólida. Cabia na palma de sua mão. Ela removeu o papel reluzente, desembrulhando-o, e dentro havia um porta-retrato de moldura dupla.

Violet se perguntou de quem era, admirando o delicado trabalho em filigrana em volta das bordas do porta-retrato enquanto o abria. Mas quando ela viu as fotografias que já estavam lá, ela congelou.

Era de Jay.

O presente. As fotos. Ele devia ter deixado o presente com seu tio quando passou lá mais cedo.

Seu estômago embrulhou. Ela o odiou por fazê-la se sentir tão confusa, tão conflituosa.

As fotos eram da segunda série, a foto de cada um daquele ano. Aquela foto de Jay, em particular, sempre foi uma das favoritas de Violet, principalmente porque ela foi a responsável por seu cabelo.

Foi o ano em que o fotógrafo passou aqueles pequenos pentes pretos em todas as crianças enquanto elas estavam na fila, e Violet decidiu *fixar* o cabelo de Jay. Ela o levou até a fonte e encharcou seu cabelo e depois alisou para baixo ao redor da parte maluca e torta que ela fizera com o pente preto.

Ela achou que ele parecia perfeito.

E agora, olhando para a foto, com seu cabelo de pateta e seu grande dente da frente, ela viu que ele estava.

De uma maneira completamente ridícula.

Mas não importava agora. O presente teria sido atencioso e doce em qualquer outro momento. Mas não agora.

Seu presente não mudava nada.

Ele não confiava nela. Ele não acreditava nela. E isso era tudo o que importava agora. Ele não podia apagar isso com um presente... nem mesmo um presente adorável.

Foi o pior presente que ele poderia ter dado a ela num momento como esse. E era exatamente esse tipo de final que Violet deveria ter esperado do pior aniversário de sua vida.

Ela empurrou a foto e o embrulho de volta para a sacola, e deixou lá, junto com o resto do bolo, em cima do balcão, e começou a subir as escadas.

Estúpido, Jay estúpido.

Justamente quando estava começando a se sentir um pouco melhor, ele tinha que vir e arruinar tudo de novo.

PREGUIÇA

Silêncio reunido, anunciando sua parte favorita da noite.

Ela entrou em seu quarto o mais silenciosamente que pôde, o piso antigo rangia ocasionalmente, mas ela descobrira os melhores lugares para pisar para que eles não fizessem muito barulho. A casa estava escura, do jeito que ela gostava. E calma.

A sala estava cheias de pratos sujos, e jornais estavam jogados por quase toda a superfície. Roupa—limpa e suja—estava espalhada pelo chão, e garrafas cobriam a mesinha de café em frente a televisão.

Ela trabalhou rapidamente, reunindo os jornais. Ela carregava pratos e garrafas vazias para a cozinha, pegando o lixo e dobrando a roupa. Ela tentou não respirar o odor azedo do uísque barato que se misturava com o cheiro do cigarro e impregnava tudo o que seu pai tocava—sua roupa, sua pele, sua respiração. Ela se encolheu com a ideia de que esses odores—odores dele—a tocassem.

Ela disse a si mesma para ignorá-los; quanto mais cedo ela terminasse, mais cedo poderia voltar pra cama.

Ela ouviu uma porta se abrir para o corredor sombrio, e sua respiração ficou congelada na garganta. Seu coração esqueceu-se de bater.

Passos cobriu o assoalho, obviamente não tão cuidadosos quanto os dela foram, e ela estremecia com cada passo que ouvia.

"O que você está fazendo?" seu irmão murmurou, com olhos turvos, e pelo menos ela encontrou sua respiração. "Você pode fazer isso aí de manhã."

Ela balançou a cabeça. Ela não queria dizer a ele a verdade, que ela preferiria fazer suas tarefas quando seu pai não estivesse por perto. Que de manhã ainda havia uma chance dele estar lá. Que talvez ela tivesse que vê-lo, falar com ele. "Não consegui dormir," mentiu.

"Pelo menos me deixe ajudá-la," ele ofereceu, limpando as bancadas e levando o resto dos pratos para a pia.

Ela pensou em confessar para seu irmão, perguntar como ele podia suportar essa versão inútil de seu pai. Como ele conseguia suportar isso.

Mas ela sabia como: ele era mais forte que ela; ele sempre foi. Mesmo quando eles eram pequenos, ela era a que tropeçava e caía, que precisava de alguém para segurá-la e escovar seu cabelo. Ela era a que precisava de sua mãe.

Ele sempre foi tão independente, tão determinado a fazer as coisas por conta própria. Ele era inteligente, social, resistente. Tudo o que ela não era.

Às vezes ela se perguntava se ele percebeu que a mãe deles foi embora. Que seu pai não era mais o mesmo homem. E que ela estava ferida... quebrada.

Ela queria falar com ele, mas ela não iria, porque ela não queria que ele visse quão fraca ela era.

Então, invés de falar, ela terminou de lavar a louça em silêncio.

Enquanto secava suas mãos, seu irmão amarrou o saco de lixo da cozinha. "Termine e vá pra cama." Seu sorriso era genuíno, talvez um pouco doce. "Vou terminar e apagar as luzes."

Ela não discutiu; só assentiu, voltando para o corredor e observando cada passo que dava, calculando cuidadosamente onde pisava para não acordar seu pai.

22

Violet voltou para a escola no dia seguinte, principalmente porque sabia que ficar em casa novamente não faria seu retorno mais fácil. Ela teria que acabar com isso eventualmente. Mas estar lá, sob o mesmo teto que Jay, foi algo parecido com as linhas de uma dança coreografada. E não era só Jay que ela precisava evitar.

Violet não esperava que fosse difícil ficar longe de Megan. Elas estavam em aulas diferentes—muito diferentes—e isso nunca foi um problema antes. Mas agora Violet estava ciente de que havia sempre uma possibilidade, que em algum momento, e quando ela menos esperasse, haveria uma chance delas cruzarem seus caminhos.

Jay, no entanto, era outra história. Teria sido impossível evitá-lo completamente, especialmente por eles compartilharem algumas aulas. Mas Violet fez tudo que estava ao seu alcance para ficar o mais longe dele que podia.

Ela chegou às aulas mais cedo e perguntou aos outros estudantes se podia trocar de lugar com eles, ganhando um olhar estranho ou outro, mas ninguém reclamou—pelo menos não em voz alta.

Mas mesmo com essas precauções, Violet ainda se sentia inconfortável. Ela podia sentir os olhos de Jay em cima dela, suplicando que ela olhasse em sua direção, desafiando-a a ignorá-lo.

E foi difícil. Violet queria olhar, esgueirar um olhar em sua direção, só para vê-lo por um momento. Mas ela não podia correr o risco. Ela sabia que ele estaria esperando, observando seu momento de deslize.

Entre as aulas era ainda mais difícil, e depois do quarto tempo Jay estava esperando por ela no corredor. Foi duro vê-lo ali, cara a cara, difícil se manter imparcial quando ele parecia tão sério, tão sincero. Seus olhos estavam cansados e vermelhos, e ele parecia derrotado antes mesmo de falar.

Ela tentou passar por ele, mas ele a impediu, segurando sua mão e puxando-a de volta. Seu toque era como fogo líquido por sua pele, e Violet se encolheu na consciência de seus dedos escaldantes sobre ela.

"Violet, por favor... só fala comigo."

Mas se ver ele era difícil, ouvir sua voz era pior. Era pesarosa e cheia de emoção. Ele parecia tão... *tão triste.*

Como ela.

Mas ela não podia deixá-lo fazer isso com ela. Ela precisava ser forte. "Jay, não. Eu não quero falar com você. Deixe-me em paz." Ela queria dizer, *por favor*, para implorar a ele para ir embora caso ela não ser capaz, mas ela tinha medo daquela palavra. Era muito suave, e ela tinha medo de que pudesse revelar muito do que sentia naquele momento, vendo-o pessoalmente.

Ela puxou sua mão de seu aperto. E de novo ela estava brava com ele por deixá-la ir, apesar das palavras e ações dela. E ela precisava dele.

Mas ela não podia. Porque não importava.

No almoço, Violet se sentou sozinha em seu carro para não correr o risco de encontrar Jay de novo.

Ela checou seu telefone pela milésima vez, para ver se Sara Priest havia ligado, e percebeu que ficou desapontada quando não viu nenhuma nova mensagem.

Havia uma parte dela, e ela não tinha certeza de quão pequena ainda era, que esperava que Sara não tivesse desistido dela ainda.

Ultimamente, Violet teve tempo para pensar em tudo que acontecera, incluindo como Sara Priest havia entrado em sua vida... através de sua descoberta do menino. E de repente as coisas pareciam um pouco mais claras, o que deveria ter sido assustador, perturbador até, considerando que o resto de sua vida estava uma bagunça. Ao invés disso, fez muito sentido para Violet.

A forma como reagiu aos últimos meses: a retirada—manter Jay—e todo mundo à sua volta—afastado, com medo de deixá-los chegarem muito perto.

Ela tinha tanto medo que alguém se machucasse por causa dela.

Mas agora ela sabia; agora entendia que não era sua culpa. Nada daquilo. Ela não podia evitar o que havia feito, o que ela era capaz de fazer, mais do que se ela tivesse nascido sem a capacidade de encontrar os mortos. Era apenas uma parte do que ela era.

E Violet não queria mais ignorar essa parte dela. Não havia nada de errado naquilo... com ela. De fato, podia até ser útil. Ele foi útil.

E ela se lembrou de como se sentiu antes, quando havia procurado por um serial killer. Como se ela tivesse um propósito.

Ela se sentiu bem. Valiosa. *Viva.*

Ela queria aquilo de novo. Ela queria achar um modo de recapturar aqueles sentimentos, de ter uma razão para o seu *dom*.

Ela não queria mais esconder ou ter segredos, pelo menos não com aqueles em quem confiava.

Talvez Rafe estivesse certo; talvez Sara Priest poderia ser a solução.

A menos que Sara não estivesse mais interessada em Violet. A menos que Sara Priest tivesse crescido e estivesse cansada de esperar uma decisão dela.

Mas Violet não podia se preocupar com isso ainda. Ela tinha outras coisas para descobrir primeiro.

Como, quem seriam aqueles em quem ela poderia confiar?

Violet esperou em sua última aula o tempo que pôde antes de se aventurar pelos corredores desertos, e depois lá fora, no estacionamento. O terreno estava quieto—assustadoramente—mas Violet preferia daquele jeito.

A ideia de topar com Megan, ou apenas vê-la passar, fez com que os pelos de Violet se arrepiassem.

Quando Violet escutou uma voz chamando seu nome, a voz de uma mulher, de repente suas pernas ficaram fracas. Até ela reconhecer o tom abrasivo.

Sem se virar, ela sorriu para si mesma enquanto esperava Chelsea pegá-la.

"Ei, você não me escutou? Meu Deus, onde está o pânico?" Chelsea reclamou com exagerada falta de ar. E depois ela imediatamente esqueceu que estava chateada. "Ei, você não se importa se eu pegar uma carona, se importa? Eu estava com Jules esta manhã, mas ela vai ficar com Claire depois, para terminar seu trabalho de ciências, e eu realmente não quero ir para a biblioteca com elas. Você sabe que a senhora Hertzog me odeia. Ela simplesmente vai passar o tempo todo me mandando ficar quieta."

"*Não,*" Violet disse sarcasticamente, andando em direção ao seu carro e tentando manter a pose. "Você não, Chels. Você é tão quieta quanto um rato."

"Eu sei, certo? Ela é louca." Ela enfiou as mãos no bolso, encolhendo os ombros com indiferença enquanto continuava com Violet. E então seus olhos arregalaram. "Oh, eu quase esqueci." Ela tirou um pedaço dobrado de caderno do bolso direito. Ela entregou para Violet. "Jay me pediu para entregar isso a você."

Violet viu seu nome escrito à mão por Jay do lado de fora do papel, e seu coração ficou apertado. Ela não queria pegar o bilhete, mas ignorar isso, o deixando nas mãos de Chelsea, na verdade não era mesmo uma opção. Ela pegou e colocou dentro do bolso.

A expressão irreverente de Chelsea parou e ela inclinou-se perto de Violet, quase como se ela estivesse com medo de alguém ver esse lado dela. "Se isso faz você se sentir melhor, ele tem sido uma boneca triste ultimamente também."

"Do que você está falando, Chels?"

Chelsea parou de andar e olhou para Violet.

"Jay. Estou falando sobre Jay, Vi. Eu acho que você deveria saber que você não é a única que está machucada. Ele está se lastimando pela escola, fazendo com que fique difícil até de olhar para ele. Ele está confuso... mal." Assim como na outra noite no quarto de Violet, alguma coisa perto de... simpatia estava no rosto de Chelsea.

Violet não estava certa de como responder.

Felizmente, a simpática Chelsea não ficou muito tempo por perto. Ela parecia ter um controle sobre si mesma, e como se um interruptor tivesse sido invertido, o momento estranho havia terminado e sua amiga estava de volta, estilo Chelsea: "Eu juro, toda vez que o vejo, fico com um pouco de medo de que ele vá chorar igual a uma menininha ou pedir para emprestar um absorvente ou algo do tipo. Sério, Violet, é repugnante. Sério. Só você pode fazer isso parar. Por favor faça parar."

Violet não queria, mas ela não pôde deixar de sorrir para a foto que Chelsea pintou de Jay. E apesar dela saber que não era muito maturo se sentir orgulhosa num momento desses, especialmente sobre a delirante imagem inventada por sua amiga mentalmente desequilibrada, ela não podia ajudar a si mesma; ela riu de qualquer maneira.

Apesar dela não querer falar sobre isso com Chelsea. Nem mesmo a mais gentil, mais sensível Chelsea. "Tenho certeza de que ele está bem, Chels. E se ele não estiver, ele vai superar isso."

Chelsea apenas sacudiu a cabeça. "Tudo o que estou dizendo é... estou aqui se você quiser me contar sobre isso..." ela deixou a oferta no ar.

E Violet se sentiu culpada por não dizer nada a respeito. Ela queria poder falar a respeito do que tinha acontecido. Ela queria poder contar tudo para Chelsea, explicar o porquê ela e Jay estavam brigando, falar a respeito de Megan, e o que ela viu na casa de Mike naquela noite. Mas ela não podia. Estava muito enrolada com sua habilidade.

Então ela não disse nada, e tentou ignorar o rosto de desapontamento de Chelsea.

Quando Chelsea percebeu que ela não estava chegando a lugar algum com Violet, ela mudou de assunto, mas Violet achou o novo assunto mais doloroso do que discutir sobre Jay. "Eu tenho o casaco mais bonito para usar na cabana na próxima semana" Chelsea emocionou-se. "Você sabe, quente, mas não tão quente, então talvez Mike tenha que usar seu corpo quente para não me deixar com hipotermia."

Mas Violet parou de escutar. A única coisa que ela podia ouvir era o sangue correndo nos seus ouvidos.

Suas amigas ainda estavam planejando ir para a cabana. Claro que estavam. Como Violet poderia esperar outra coisa?

Elas chegaram ao carro, e Violet entrou desajeitadamente, chegando para destrancar a porta para Chelsea. Ela tentou se concentrar no que Chelsea estava dizendo.

Ela queria interromper Chelsea tempo suficiente para fazer perguntas que ela sabia que nunca ousaria fazer: Jay ainda vai? Ele está planejando ir sem ela?

E: E a Megan?

Os dedos de Violet vibravam como se estivesse segurando o volante. Ela lutou para lembrar o que ela supostamente precisava fazer, e então veio até ela. Ela colocou os dedos em volta da chave e girou. O carro dela rugiu para ligar.

Chelsea não tinha conhecimento do vazio que estava dentro de Violet, roubando sua determinação e lutando contra o seu espírito. Violet parou de escutar enquanto Chelsea não parava de tagarelar, e as palavras zumbiam no ar até elas chegarem à casa de Chelsea.

Violet se lembrou de dizer adeus, mas soou triste e vazio na sua garganta, deixando uma trilha cáustica em sua língua.

Ela sentiu como se estivesse desaparecendo, como uma sombra sentada atrás do volante do seu próprio carro, e se perguntou como sua amiga não percebia isso. Como ela simplesmente podia ignorar isso.

Não era até Chelsea parar em frente a sua porta e dar a Violet um olhar estranho, que Violet percebeu que ainda estava sentada lá, olhando para o nada.

Chelsea acenou desajeitadamente.

Violet piscou, lembrando que estava na hora dela ir embora. Ela passou a marcha e saiu dirigindo, não se preocupando em acenar de volta.

Se ela fizesse, Chelsea não teria visto de qualquer maneira.

Violet parou no Java Hut no caminho para casa, desesperadamente, precisando não estar sozinha naquele momento. Ela tinha esperança de que o caos do ponto de encontro depois da aula pudesse ajudar. Que de alguma forma o barulho pudesse penetrar, até mesmo destruir, o nada que a sufocava.

Mas quando ela parou o carro e olhou para fora da janela e viu o estacionamento lotado, ela hesitou.

Ela sabia que não podia voltar para casa de Chelsea, quem ela simplesmente deixou em casa. Ou Jules ou Claire, as quais estavam na escola trabalhando em seu projeto de ciências. Ou Jay.

Era quarta-feira, e Jay trabalha nas quartas-feiras.

Então por que de repente essa incerteza? Qual era o seu problema?

Ela não sabia, mas agora ela estava lá, vendo seus colegas de classe indo e vindo do café lotado, era o último lugar que ela queria estar. O problema era, ela não podia fazer nada a respeito. Então ela simplesmente sentou e ficou observando eles falarem sobre suas vidas.

Ela não sabia quanto tempo havia passado, ou quanto tempo ela ficou olhando a entrada, mas ela reconheceu o momento em que seu coração voltou a bater. Foi o instante em que viu uma garota passando pela porta do Java Hut.

Megan estava bonita. Pequena e de aparência frágil, e por um instante, por um breve momento, Violet conseguia entender por que Jay teria dificuldade em acreditar que essa pequena e delicada menina poderia ser capaz de fazer o que Violet o acusara.

Ela saiu do café, com dois de seus amigos, e ambos fizeram Megan parecer um duende. Esse contraste fez com que os movimentos de Megan parecessem estranhamente fora de lugar. Ela passou a impressão de que pudesse se mover graciosamente, fluidamente, como uma dançarina, mas, ao invés disso ela passou cautelosamente. Ela manteve a cabeça baixa, seus braços desenhados firmemente, protegidos ao seu redor. Ela parecia assustada. Como um animal sendo caçado.

Mas aquilo não foi o que deixou Violet sem fôlego, fazendo com que se curvasse para ter uma visão melhor.

E não foi a súbita aparição de uma luz branca que se agarrou a pele de Megan. Porque não estava lá. A luz. A impressão.

Não estava lá.

Violet piscou, pensando que havia visto errado. Ela estava cansada, exausta, e talvez seus olhos estivessem lhe pregando uma peça. Mas eles não estavam.

Megan não era a pessoa que a ameaçava.

Não importava quantas vezes Violet piscava, ou quão difícil era dizer para ela mesma que ela sabia o que havia visto na floresta, ela não conseguia fazer que isso acontecesse de novo—aqui—se isso existisse.

Ela tentou fazer com que fizesse sentido, o que poderia ser. Será que alguém foi à casa de Megan na noite em que seu poder parou? Alguém que era responsável pela morte dos gatos? Ou talvez Jay estivesse certo o tempo todo. Talvez ela não tivesse visto um eco, talvez fosse outra coisa. Uma lanterna. A tremulação de uma vela.

Violet não sabia. Mas tinha certeza de uma coisa agora.

Megan não matou o gato. Ela não se importava com a impressão que as pessoas tinham dela. Violet estava errada. E a verdade dói. Sabendo que ela havia acusado esta menina por algo tão inexplicável. E ela brigou com Jay por causa disso...

Jay.

Como ela ia fazer para consertar isso? Como ela iria explicar isso para ele?

E se ele não a escutasse?

Violet assistiu paralisada enquanto Megan entrava no carro com seus amigos, e ela percebeu que precisava parar antes dela ir embora. Não tinha sido Megan—o gato, as ligações, o bilhete—mas Violet acusou ela, e agora ela precisava se desculpar. Mesmo que a outra garota não entendesse o porquê.

Os dedos de Violet atrapalharam-se com a maçaneta da porta, sentindo desajeitada e insegura. Mas já era tarde; o outro carro já estava saindo do estacionamento, e Violet olhou impotente enquanto ela ia embora.

Violet hesitou do lado de fora da loja de autopeças. Ela não queria interromper Jay no trabalho, mas de onde ela estava dava para ver que ele estava sozinho, e ela não podia ir embora sem falar com ele antes. Ela precisava dizer a ele que estava errada.

Enquanto ela abria a porta do carro, Jay olhou através do balcão e a viu. O coração dela saltou pela boca, fazendo com que fosse impossível respirar.

Com o rosto amassado, e o discurso que havia praticado sumido no momento em que o viu correndo ao redor do balcão para alcançá-la. Ele não disse nada no momento, apenas a colocou em seus braços, apertando-a contra ele. Era o jeito dele de dizer que estava aliviado por ela ter aparecido.

Ela escondeu o rosto no casaco, inalando o perfume dele. Ela se agarrou a ele, incapaz de parar, mesmo que não merecesse, não o merecesse.

"Meu Deus, Violet, eu sinto muito. Eu sinto muito, muito mesmo..." Ele pressionou a cabeça dele em cima da cabeça dela, e então ela percebeu que ele precisava dela tanto quanto ela precisava dele.

Ela se aproximou, moldando seu corpo com o dele, com medo que eles se separassem, de alguma maneira parecia que o momento ia acabar. O braço dele estava apertado como se ele soubesse o que ela estava pensando, e ela pôde sentir a vibração do coração dele através de sua pele, trazendo-a de volta a vida.

Ela tentou dizer a ele, explicar, mas sua voz falhou, saindo em um suspiro estrangulado.

Jay não deve ter entendido o som, e apertou-a, trazendo-a contra seu corpo.

"Não, Violet. Por favor, apenas me escute. Eu não aguento mais. Você venceu. Eu estava errado. Eu nunca deveria ter duvidado de você. Eu acredito em você. Eu amo você, e não consigo mais fazer isso. Eu não quero ficar..." Ele lutou para achar as palavras certas. "... sem você." E então, finalmente, os braços dele a soltaram, deixando-a solta, dando-lhe

uma chance de novo. Ela sentiu os ombros dele caírem, e seu coração arrepiar. "Por favor..."

Violet não queria que ele se desculpasse, mas ela não podia falar ainda. Ela sacudiu a cabeça, esfregando seu rosto contra o peito dele, tentando fazer com que ele entendesse. Ela colocou seus braços ao redor dele, dentro de seu casaco, e agarrou sua camisa nas mãos, recusando-se a deixá-lo ir.

Esse era todo o encorajamento que ele precisava, e as mãos dele estavam nela, tocando, reconfortante. Ele a segurou. Ele deu um beijo em sua cabeça. E em suas bochechas.

Ele esperou que ela estivesse pronta.

E quando sua frequência cardíaca voltou ao normal, ela tentou de novo. "Sou eu quem tem que se desculpar, Jay," Violet finalmente insistiu, e dessa vez sua voz não falhou. "Eu estava errada... sobre tudo. Eu não deveria ter tirado conclusões precipitadas, ou forçar você a admitir que eu estivesse certa. Eu não devia ter pressionado você." Ela tremia, e Jay pressionou-a contra seu corpo de novo, deixando-a calma.

"Shhh..." ele sussurrou em seus cachos escuros.

"Não, deixe-me terminar." Ela limpou a boca, colocando sua cabeça para trás para poder vê-lo.

Ela se sentiu mal pelo que havia visto lá. Os olhos dele estavam vermelhos, e Chelsea estava certa: ele parecia desgastado. Estava do mesmo jeito que Violet se sentia.

Mas quando ele sorriu pra ela, todo torto e meigo, tudo pareceu melhor. Ele era lindo. E ele era dela. Mesmo assim, ela precisava que ele entendesse.

"Jay, não foi a Megan." As palavras pareciam quentes em sua garganta, como se fosse veneno.

O sorriso desapareceu, e o estômago de Violet apertou enquanto ela procurava as palavras certas.

"O que você está dizendo?" Jay perguntou confuso.

"Não foi Megan que matou o gato. E também não foi ela que eu vi na casa naquela noite, não era o que parecia pelo menos. Eu a vi hoje. Ela não matou nada. Eu estava errada. Me desculpe." Ela estava suplicando a ele, ele não disse nada naquele instante, mas Violet sabia que havia algo errado. Ela podia sentir. O corpo dele enrijeceu, e ela o sentiu se afastando dela, lentamente, mas o suficiente. Se sentiu devastada.

Ela de repente estava ciente de onde estavam. Eles ainda estavam na loja de autopeças. De alguma forma, cercada pelos braços de Jay, Violet esqueceu onde estavam.

"Jay, não." Violet implorou.

Talvez ela não tivesse dito certo. Talvez sua explicação tenha sido curta demais e ele não entendeu.

"Por favor, eu também não posso ficar sem você. Eu não quero ficar longe. Eu estava tentando dizer que eu estava errada."

Mas ela não teve a chance de terminar, porque Jay puxou-a de novo, apertando-a contra ele, dessa vez sem deixar nenhum espaço. Ele se inclinou na direção dela, envolvendo seus braços ao redor dela, e ela pôde sentir ele balançando a cabeça.

Ela lutou para se mover e respirar através dele, e quando escutou o que ele disse, ela entendeu.

"Não, eu estava errado. Eu não estava pensando sobre isso do jeito certo. Seria melhor se tivesse sido a Megan. Agora está pior. Isso significa que você não está segura, porque alguém deixou o gato lá." Ele soltou o braço por um instante então Violet conseguiu respirar.

"Merda, Merda, Vi, alguém deixou aquele gato morto lá. Alguém que continua lá fora. Você precisa contar aos seus pais. E para seu tio. Precisamos achar esse cara."

Violet pensou sobre o bilhete que recebeu, o papel rosa com uma corrente, e o poema perturbador que estava escrito.

Ela colocou a cabeça para trás e olhou para Jay, percebendo que ele estava certo. "Ou uma garota," ela corrigiu-o distraidamente.

23

Violet não contou aos seus pais, ou mesmo ao seu tio, imediatamente. Na verdade, ela não planejava contar a eles absolutamente. Em vez disso, Violet propôs uma solução diferente. Uma alternativa.

Jay não estava entusiasmado pela sua ideia no começo. Ou de qualquer modo, realmente. Ele teria preferido ir ao tio dela. Alguém que ele conhecia. Alguém que ele confiava.

Mas Violet estava inflexível, insistindo que eles mantessem a família dela fora disso desta vez. Ela não queria preocupá-los. E egoistamente, ela não os queria amontoando-a, sufocando-a com preocupação. Justificada, ou não.

Ela queria tentar uma aproximação diferente primeiro.

Jay relutantemente concordou, mas somente por um curto período. Significando que ele estava colocando o plano dela no relógio. Se a sua *solução proposta* não funcionasse dentro de uma semana, ele estava cancelando-a e indo a família dela ele mesmo. Ele queria Violet segura, não importava o que.

Violet relutantemente aceitou seus termos, acreditando que o jeito dela era muito melhor e que iria funcionar. Ao ponto de execução.

Agora que ela estava sentada em seu carro repassando-o, ela tinha suas dúvidas. Grandes.

Ela olhou nervosamente ao pedaço de papel em sua mão e depois ao edifício parecendo em ruínas de novo. Era o endereço certo. Ela checou o sinal da rua na esquina uma vez mais, talvez ela tenha lido errado e estivesse no quarteirão errado.

Não. Rua certa, quarteirão certo. *Droga!*

Ela tentou ignorar o comichão de reserva sobre estar aqui sozinha, no escuro, enquanto esfregava os cabelos na parte de trás do seu pescoço para pará-los de formigar.

Não era exatamente o que ela tinha imaginado, a localização.

Violet contou a Jay tudo sobre Sara e como ela talvez fosse capaz de ajudar, mas ela esperava que fossem um dia ou dois antes que ela conseguisse verdadeiramente marcar um encontro. Ela ficou surpresa, então, quando Sara concordou em se encontrar com ela aquela noite. Ainda mais surpresa que elas iriam se encontrar nesse lugar novo.

Ela ligou para Jay no trabalho, sabendo que ele gostaria de ir com ela, mas explicou que as coisas estavam se movendo rapidamente e ela precisava ir. Ele se ofereceu para deixar o trabalho, mas ambos sabiam que a oferta era em vão, ele nunca deixaria a loja sem alguém.

Então, aqui estava ela, sozinha.

Violet enfiou o pedaço de papel em sua bolsa, trocando-o por sua pequena lata de spray de pimenta, conforme ela abria a porta do carro. Ela posicionou o dedo no gatilho da latinha. Só em caso.

O fato de que ninguém estava por perto devia ter feito Violet se sentir mais segura, mas não o fez. Isso a fez se sentir como uma isca.

Uma jovem, indefesa isca armada com uma pequena lata de spray de pimenta.

Ela se apressou a subir os degraus para a entrada iluminada e apertou o botão lascado. Ela ouviu-o zumbir em algum lugar dentro. Seu dedo continuou em posição no gatilho em sua mão.

Ela pulou quando uma voz bradou atrás dela. "Posso te ajudar?"

Violet olhou o interfone preto de plástico. Ela já se sentia como uma minhoca no gancho, a voz da mulher era como deslizar um chamariz colorido em volta do seu pescoço. Definitivamente como isca.

"Eu estou aqui para ver Sara Priest," ela disse tão quietamente quanto ela podia e esperando ainda ser ouvida.

Houve um clique do outro lado, como se a máquina tivesse morrido. E depois nada.

Merda! Violet silenciosamente amaldiçoou. Talvez ela tivesse escrito o endereço errado depois de tudo. Talvez ela *estivesse* no lugar errado.

Ela pensou em pressionar o botão novamente, mas seu senso de auto-preservação, e seu medo da voz alta-demais da mulher, a impediu de chegar perto. Ao contrário, ela só ficou ali, cada vez mais ansiosa a cada segundo.

Violet não percebeu que ela tinha se apertado com tanta força contra a porta até que ela abriu por dentro e ela cambaleou para trás.

Ela caiu desajeitadamente, tentando se segurar quando seus pés escorregaram e ela bateu primeiro o cotovelo, e depois seu ombro—*forte*—contra o batente da porta. Ela ouviu sua lata de spray de pimenta atingir o degrau de concreto aos seus pés enquanto abanava os braços para encontrar algo para agarrar.

Suas costas bateram em algo sólido. Ou melhor, *alguém*. E por trás, ela sentiu fortes braços invisíveis pegarem-na antes que ela atingisse o chão. Mas ela estava atordoada demais para reagir imediatamente.

"Você acha que eu posso soltar você agora?" uma voz baixa riu em seu ouvido.

Violet estava mortificada quando olhou desajeitadamente por cima do ombro para ver quem havia acabado de salvá-la de cair.

"Rafe!" ela arquejou, quando percebeu que estava cara-a-cara com seus profundos olhos azuis. Ela levantou-se, sentindo-se inesperadamente com a cabeça leve conforme ela encolhia os ombros para fora de seu aperto. Sem pensar, e com o seu nome ainda queimando em seus lábios, ela acrescentou, "Humm, obrigada, eu acho." E então, considerando que ele *tinha* acabado de impedi-lá de espatifar-se em sua bunda, ela tentou de novo. "Não... sim, obrigada, eu quero dizer."

Embaraçada, ela abaixou-se, tentando evitar seus olhos quando ela pegou o spray de pimenta que havia escorregado de seus dedos. Ela amaldiçoou a si mesma por ser tão desajeitada e se perguntou por que ela se importava que tinha sido ele a alcançá-la. Ou porque ela se importava que ele estava aqui absolutamente.

Ela levantou-se para enfrentá-lo, sentindo-se mais composta de novo, e rapidamente escondeu a evidência de sua paranoia—a pequena latinha—em sua bolsa. Ela esperava que ele não tivesse notado.

Ele a assistia em silêncio, e ela viu a insinuação de um sorriso puxando os seus lábios. Violet esperou que ele dissesse alguma coisa ou movesse-se para o lado para deixá-la entrar. Seu olhar despia suas defesas, fazendo-a se sentir ainda mais exposta do que quando ela estava parada sozinha na rua vazia.

Ela se mexeu inquieta e, finalmente, suspirou, impacientemente.

"Tenho uma hora marcada," anunciou ela, levantando as sobrancelhas. "Com Sara."

Suas palavras tiveram o efeito desejado, e Rafe encolheu os ombros, ainda estudando-a conforme ele saía do seu caminho. Mas ele segurou a porta para que ela pudesse entrar. Ela passou por ele, entrando no corredor, enquanto tentava ignorar o fato de que ela estava subitamente sufocando dentro de seu próprio casaco.

Entretanto, ela disse a si mesma que era apenas a calefação, e não tinha nada a ver com a humilhação da sua queda. Ou com a presença do rapaz quieto de cabelos escuros.

Quando eles chegaram ao final do longo corredor, Rafe tirou um cartão grosso de plástico do seu bolso de trás. Enquanto ele segurava-o na frente do teclado preto montado na parede ao lado de uma porta, uma pequena luz vermelha piscou para verde e a porta estalou. Ele empurrou-a e liderou o caminho.

Segurança, Violet pensou. *Seja o que for que eles fazem aqui, eles precisam de segurança.*

Violet olhou para cima e viu uma pequena câmera montada no canto em cima da porta. Se ela fosse Chelsea, ela teria lançado o sinal de paz—*ou pior*—uma mensagem para quem quer que estivesse assistindo do outro lado.

Mas ela era Violet, então em vez disso ela correu atrás de Rafe antes da porta se fechar e ela ser trancada do lado de fora.

O quarto que ela entrou não era nada como ela esperava, especialmente depois de sua breve turnê no pouco notável corredor exterior. Além da porta de segurança, e a câmera, era um espaço gigantesco, com provavelmente três andares de altura. Mais provavelmente um armazém que foi convertido. Mas convertido de um jeito *grande*.

Não havia nada de *armazém* sobre isso agora. Era mais como um centro de negócios confortável. Assemelhava-se a imagem que Violet fazia de uma agência de publicidade corporativa. Espaçoso, arejado, confortável.

Ao invés de ser repartida em áreas de trabalho separadas, a sala foi deixada como um grande, amplo piso, cheio de estações de computadores espalhados em longas mesas. Havia mesas individuais, mesas de conferência e salas de estar. Havia até uma grande área de descanso, completa com o que parecia ser uma cozinha totalmente equipada e máquinas de venda automática.

E havia câmeras. Várias delas.

A única coisa que faltava eram janelas, havia apenas algumas poucas claraboias no teto para permitir iluminação natural.

Violet foi esmagada pela vastidão disso.

Ela não teve muito tempo para absorver tudo antes dela ver Sara, a agente-que-não-era-realmente-agente, andando impetuosamente para ela em seu terno engomado.

Violet tentou reunir certo entusiasmo. Ela lembrou-se que era ela quem tinha chamado esta reunião.

"É bom ver você de novo, Violet. Estou feliz que você decidiu vir. Você quer um tour?"

Violet estava aflita de que havia um discurso de vendas vindo, que Sara entendeu mal a sua razão para estar lá. Ela balançou a cabeça.

"Não, obrigada. Eu estava esperando que pudéssemos apenas conversar." Ela estava de repente *muito* nervosa.

Sara concordou. "É claro." E então ela inclinou a cabeça para Rafe, que ainda estava ao lado delas. Ele entendeu o recado, desculpando-se sem uma palavra.

Violet assistiu-o ir para a área da cozinha e pegar uma lata de Coca-Cola antes de cair em um dos sofás. Ele praticamente desapareceu nas almofadas conforme ele se largou.

Ele pegou um controle remoto e passou os canais em uma das várias televisões de tela plana montados nas paredes. Violet ficou surpresa quando ele parou nos canais de notícias nacionais, surfando pela CNN, MSNBC, FOX News. Ela esperava algo menos... *sério*, ela supunha. Ele apoiou os pés com tênis sobre a mesa, fazendo-se em casa.

"Então, o que você acha?" Sara perguntou.

A voz de Sara chamou a atenção de Violet, e Violet percebeu que ela estava encarando Rafe. Embaraçada, ela desviou o olhar, fingindo estudar o armazém reabilitado ao invés.

Violet só viu outra pessoa no edifício, uma menina não muito mais velha que ela e Rafe, que trabalhava silenciosamente em um dos computadores. Ela nunca olhou para cima, como se a presença de Violet fosse pouco notável. A mulher com a voz muito alta do interfone estava longe de ser vista.

"É..." Violet não tinha certeza exatamente do que dizer. "É grande. E impressionante."

De alguma forma, ela esperara algo mais parecido com o minúsculo escritório de um contador, um lugar onde Sara poderia executar suas operações *incomuns* em relativa obscuridade. Ela não esperava este tipo de oásis, especialmente não aqui, no meio da seção industrial da cidade.

"Nós ouvimos muito isso," explicou Sara, soando menos formal agora. "É mais fácil de ir e vir para cá sem ser notado. E é importante que chamemos o mínimo de atenção possível. É assim que nossos clientes preferem. Discrição, discrição total e completa." Ela levou Violet para longe de Rafe e da menina, onde não podiam ser ouvidas. "Sente-se."

Violet se sentou em um sofá e tentou o seu melhor para não afundar muito. As almofadas eram grossas e macias, e Violet se esforçou para se inclinar para frente, para que pudesse ser levada a sério.

Sara, à beira de uma cadeira ao lado, de alguma forma conseguindo parecer tão rígida e formal quanto sempre, mesmo dentro do ambiente casual.

"Você sabe, nós fazemos algumas coisas incríveis aqui, Violet. Minha equipe é uma das melhores por aí. Muitos deles sentem um senso de responsabilidade para usar seus talentos para ajudar aos outros." Ela ainda estava sorrindo, e Violet se sentiu desconfortável novamente. "O que traz a pergunta, você já teve a chance de olhar os arquivos que eu te dei?"

Violet sentiu suas mãos começarem a suar.

Ela olhou para os arquivos, sim, mas isso foi tudo que ela pôde fazer. Ela assentiu com a cabeça.

Sara esperava algo mais e depois preencheu os espaços em branco ela mesma. "Mas nada?"

Violet meio encolheu os ombros, meio balançou a cabeça, não tendo certeza do caminho certo para responder. Ela percebeu que estava perigosamente perto de cruzar aquela linha, de admitir mais do que ela queria, mas ela também precisava de ajuda. E Sara era sua melhor aposta no momento.

"Está tudo bem. Eu quero que você saiba que você pode confiar em mim, Violet. Tudo o que você veio para discutir fica bem aqui entre nós duas."

Era isso, Violet decidiu. "Eu preciso de sua ajuda," ela deixou escapar. "Ou pelo menos eu esperava poder pedir."

Violet assistiu Sara, se perguntando sobre a sua falta de reação. Ou ela realmente não estava surpresa que Violet tinha chegado para pedir um favor ou ela tinha uma ótima cara de poker. Violet estava colocando seu dinheiro na cara de poker.

"Em que você acha que eu posso ajudá-la?"

Violet passou para mais perto da borda do sofá. "Eu tenho um problema. Em casa. Bem, não realmente em casa. Mas com alguém que não parece gostar de mim, eu acho que você poderia dizer." Palavras de repente pareceram inadequadas. "Alguém tem me deixado mensagens. E trotes." Ela fez uma breve pausa antes de confessar a última parte. "E um gato morto."

A cara de poquer rachou, apenas ligeiramente.

"Tem certeza que foi deixado para você? Como você sabe que você simplesmente não passou por isso?"

"Foi deixada em uma caixa, ao lado do meu carro. Quem colocou lá fez isso no meio da noite para que eu encontrasse na parte da manhã." Violet enfiou a mão na bolsa e tirou o papel rosa dobrado. "E depois, havia um bilhete deixado para mim na escola."

"Posso?" Sara perguntou, estendendo a mão.

Violet já estava entregando a ela, e ela esperou enquanto Sara lia. Violet mastigou nervosamente o lábio.

"O que você acha?" Violet finalmente perguntou.

Sara redobrou o papel, mas não o entregou de volta para Violet. "É definitivamente um aviso. E você acha que Rosie supostamente é o gato, certo?"

Violet assentiu.

"Certo," Sara concordou. "E sobre as ligações?"

"Trotes na sua maioria, geralmente desligando logo quando eu respondia. Mas às vezes, quem quer que seja, fica na linha um pouco mais. Eu falei com eles, mas eles nunca me responderam. Eu achava que sabia quem era," Violet admitiu. "Mas acontece que eu estava errada."

Sara olhou cuidadosamente Violet quando ela perguntou a pergunta seguinte. "Como você pode ter tanta certeza de que você estava errada?"

Violet decidiu ser vaga, a última coisa que ela queria fazer era arrastar o nome de Megan para isso. Ela já tinha passado o bastante. "Eu só sei. Não foi ela."

Sara pesou as palavras de Violet enquanto ela examinava-a, não suspeitosamente, mas inquisitivamente. Violet sentiu como se estivesse sendo interrogada sem uma única palavra ser pronunciada.

"Então, você acha que era uma menina, então?" Sara finalmente perguntou. "Ou melhor, você achava que era uma menina?"

Violet deu de ombros. "Bem, sim. A nota. E a caligrafia..." Não parecia um monte de provas. Mas então a outra parte da sua suspeita—o que ela pensou ter visto, tinha provado ser falsa. Não foi realmente Megan. Ela supunha que um menino poderia ter forjado a nota.

"É decididamente feminino na natureza," Sara concordou. "Mesmo o tom dela. No entanto, matar um animal, geralmente *não* é o comportamento feminino. Não quer dizer que é impossível, note bem. Tudo é possível, e eu vi algumas coisas terríveis e extremamente contraditórias, em meu trabalho. Posso ficar com o bilhete?"

Violet assentiu ansiosamente. Esperançosamente. "Então você vai me ajudar?"

Sara se enclinou para frente, os cotovelos sobre os joelhos. "Claro que vou, Violet. Vou fazer tudo o que posso para descobrir quem faria isso. Você tem alguma pista ou outras suspeitas sobre quem poderia ser? Você fez algum inimigo recentemente?"

Violet tinha ido ao longo disso de novo e de novo. Ela não conseguia pensar em ninguém óbvio.

Ela balançou a cabeça, mas depois parou. Havia alguém que a odiava, alguém que tinha sido infernal em ter certeza que Violet *sabia* sobre o quanto ela se ressentia dela.

"Lissie Adams. *Elisabeth* Adams," Violet respondeu. "Ela frequenta a minha escola."

Violet tentou lembrar a última vez que ela viu Lissie na escola. Ela não conseguia se lembrar exatamente, mas poderia ter sido antes que o gato tenha sido deixado em sua casa.

Sara rabiscou o nome de Lissie sobre um bloco de notas que ela tirou de seu bolso. "Posso te perguntar mais uma questão, antes de ir?"

Violet assentiu novamente, desta vez um pouco mais hesitantemente.

"Eu entendo que você não está confortável falando sobre isso, e eu respeito isso. Espero que com o tempo você sinta que pode confiar em mim." Sara colocou a mão no joelho de Violet. Foi concebido como um gesto encorajador, mas a Violet foi aterrorizante. Isso significava que Sara estava pedindo a Violet para compartilhar seus segredos. "Eu sei que você não vai me dizer o que é que você pode fazer, mas você pode me responder isso?" Ela não esperou para ver se Violet estava disposta ou não, ela só perguntou sua questão. "Você *pode* fazer algo, não pode?"

24

Violet dirigiu para casa em completo silêncio, sem nem mesmo o rádio para substituir o zumbido que encheu sua cabeça. Ela preferiu o silêncio, o que lhe deu a oportunidade de determinar o que tinha acontecido.

Como Sara conseguiu que ela admitisse ter um segredo?

Ela odiava o jeito que ela deixou as coisas após aquele momento, quando ela simplesmente balançou a cabeça. Ela se sentiu tonta quase imediatamente, arrependimento esmurrando-a. Ela queria desfazer... aquela ligeira, quase imperceptível, sacudida de seu queixo. Mas já era tarde demais. Estava lá fora. E Sara viu.

Tarde demais.

Violet disse a Sara que ela precisava ir. Ela permitiu a mulher levá-la para fora, mas só porque ela estava com muito medo de ir lá sozinha novamente, entre os armazéns escuros.

Mas ela percebeu em algum momento durante a volta para casa que, apesar de estar preocupada com a sua confissão, algo mudou também. Algo que ela não havia antecipado.

Ela se sentia como se um fardo tivesse sido tirado.

Ela tinha certeza do que ela devia estar imaginando. Provavelmente algum tipo de insanidade latente finalmente elevando sua cabeça. Isso soava certo. Ela era louca. Explicava tudo, realmente. Os ecos, e gatos mortos, e serial killers. Insanidade, tudo isso.

Mas ela não estava prestes a questionar, porque o que quer que fosse sua confissão a Sara, ou a percepção de que Megan não era quem vinha perseguindo ela, ou fazer as pazes com Jay, ela se sentia melhor. E que era um lugar muito mais agradável para se estar do que onde estivera antes, chafurdando em auto-piedade, ódio e medo.

Ela não estava prestes a se antepor a isso. Insanidade podia não ser tão ruim, afinal.

Além disso, ela dormiu um sono profundo e sem sonhos naquela noite, e pela manhã, quando Jay chegou para levá-la a escola, sentia-se viva de novo. E feliz.

Infelizmente, Jay não estava compartilhando suas visões otimistas sobre a loucura.

“Bom dia,” disse Violet alegremente quanto Jay entrou na cozinha sem bater.

Ele franziu a testa, o seus olhos se estreitando. “Não realmente,” ele resmungou em resposta.

Violet riu enquanto ela pegava sua mochila. Ela não estava surpresa que ele ainda estava amuado, isso era basicamente como ele parecia ontem, depois dele relutantemente concordar em deixar Violet lidar com as coisas de seu jeito.

"Na verdade, é," ela insistiu, se aproximando e beijando-o na bochecha, exigindo que ele reparasse nela por um momento. Ela queria que ele prestasse atenção ao que ela tinha a dizer.

Felizmente não demorou muito para chamar a atenção de Jay. Ele deslizou seu braço pela cintura dela e segurou-a lá, pressionando suavemente seus lábios nos dela. Não era exatamente o que ela tinha em mente, mas ela não estava reclamando. Ela deixou sua mochila cair no chão.

Ela tinha sentido falta da sensação dos seus lábios. E do calor de seu toque.

Ela reagiu rapidamente, se perdendo, primeiro em um beijo, e depois em outro. Ela queria ficar ali, se entregando a ele. Ele beijou-a até que seus lábios estavam machucados e inchados, e ainda eles ansiavam por mais. Sua cabeça nadou, e seu coração estava inteiro.

No entanto, ela sabia que havia algo que ela queria dizer a ele, algo importante.

Depois de um momento, lembrou-se o que era.

Ela puxou a cabeça para trás, sorrindo de sua frustração. Divertidamente, ela plantou um último beijo em seus lábios. "Ela vai ajudar," ela afirmou presunçosamente.

Jay parecia confuso, mas então sua expressão limpou. E a carranca estava de volta. "Você tem certeza? O que ela disse?"

"Você não precisa se preocupar com nada. Foi uma boa reunião. Eu expliquei tudo, e eu dei a ela o bilhete." Violet inclinou a cabeça e sorriu. "Ela disse que ia cuidar disso."

Ela viu quando sua mandíbula flexionou, e ela sabia que isso era difícil para ele, deixando-a lidar com as coisas do jeito dela. Mas então ele suspirou, e mesmo que soasse mais como se ele estivesse sufocando, Violet tinha certeza de que ele estava exercendo um nível de contenção que era praticamente doloroso para ele. Isso a fez querer rir. Ela tinha certeza que devia ser outro sintoma de sua loucura recente, mas ela conseguiu *não* rir. Em vez disso, ela inclinou a cabeça e de alguma forma manteve uma cara séria.

Quando ele não disse nada, de fato, não se moveu, Violet ergueu a sobrancelha inquisitivamente. "Estamos bem?" Ela quase caiu na gargalhada quando ouviu a própria voz e percebeu que ela parecia uma professora do primário repreendendo uma criança errante.

Jay franziu a testa como se ele estivesse tentando decidir, e Violet tomou aquele momento para suavizar sua postura.

Ela levantou a mochila do chão e, com a outra mão, enganchou seu braço com o dele. "Vamos lá. Vamos à escola para não termos que parar no escritório e explicar porque estamos atrasados." Ela apertou-lhe reconfortantemente. "Vai ficar tudo bem," ela sussurrou. "Confie em mim."

"Ahhh! Olha, Jules, eles se beijaram e fizeram as pazes. Não é a coisa mais doce que você já viu?" Chelsea ridicularizou enquanto deixava cair a bandeja do almoço sobre a mesa. Mas mesmo com sua voz gotejando sarcasmo, ela piscou para Violet quando ela pensou que Jay não estava olhando.

Chelsea foi interrompida quando Mike veio por trás dela e colocou as mãos sobre seus olhos. Felizmente, a tentativa de bigode tinha desaparecido, o seu lábio estava liso e bem barbeado.

"*Adivinha quem é*?" ele perguntou, e Violet sorriu afetadamente. Se Chelsea tivesse pegado Jay jogando um jogo tão infantil com Violet, ela teria verbalmente o crucificado por ser lesado. Mas, com Mike, ela participou totalmente.

"Eu não sei, mas espero que meu namorado não nos veja juntos." Desta vez sua voz doce como mel não estava contaminada com arsênico.

Eles estavam se beijando antes que Mike tivesse sequer tomado seu assento ao lado dela.

Era quase embaraçoso de testemunhar.

Mas não era por isso que Violet sentiu-se se contorcendo.

Ela estava imaginando o que Mike iria pensar se ele soubesse as coisas que ela disse sobre sua irmã.

Ela teve que se lembrar que ele *não* sabia. A única pessoa que sabia era Jay, e ele nunca iria contar.

Quando Claire se juntou a eles, seu rosto se iluminou. "Violet! Você está de volta!" ela anunciou, chamando atenção indesejada para Violet.

Violet olhou nervosamente para Mike, que notou que ela estava sentada lá. "Hey, bem vinda de volta," disse ele. "Chelsea disse que você estava muito doente."

Chelsea piscou para Violet novamente, desta vez um pouco menos sutilmente.

Violet sorriu para ela. "Estou melhor agora."

"Bom," declarou Chelsea, resplandecentemente. "Então você não vai cancelar com a gente neste fim de semana."

Violet olhou para ela inexpressivamente.

"Este fim de semana..." Chelsea solicitou. "A cabana. Todos nós ainda estamos indo, né?" Ela sorriu deslumbrantemente para Mike, que parecia impotente para resistir a ela.

Ele sorriu de volta. "Claro."

Este fim de semana! Deus, é realmente tão cedo? Isso é, o que, apenas dois dias a partir de hoje?

Violet olhou para Jay para ajuda. "Eu não sei..." ela vacilou. "Eu não tenho certeza de que eu deveria." Ela não parava de pensar sobre Mike e sua família. Sobre passar um fim de semana lá em cima, em uma pequena cabana bloqueada pela neve nas montanhas com eles. Com ela—*Megan*. Violet simplesmente não achava que ela conseguiria.

Como de costume, Jay entendeu a relutância de Violet. "Talvez Violet esteja certa. Ela ainda está melhorando. Ela provavelmente deveria ir com calma neste fim de semana."

"Eu ainda estou indo," Claire interrompeu, no caso de Chelsea estar fazendo uma contagem.

Chelsea olhou impacientemente para Claire e depois a ignorou. "Oh, vamos lá!" Chelsea reclamou com Violet. "Sério? Nós tínhamos tudo planejado. Você não pode sair agora. Você tem que vir. Por favor, Vi, eu nunca peço nada."

"Humm, sim, você pede," Violet apontou.

Chelsea não se preocupou em discutir. "Ok, sim, mas vamos lá. Isso é importante." Ela estava choramingando agora, implorando para Violet. E então ela se virou para Jay. "Você não está pensando em pular fora também, né?" ela o encarou.

"Cara, não!" Mike praticamente gritou, finalmente, percebendo a implicação de Violet ficar em casa. Isso significava perder Jay pelo fim de semana também. "Vocês têm que vir. Meu pai dificilmente vai estar ao redor, por isso vamos ter o lugar praticamente para nós mesmos."

Jay balançou a cabeça, e mesmo sabendo que ele estava ansioso pela viagem, Violet o ouviu dizer: "Desculpe cara, eu não quero que ela fique doente de novo." Ele apertou a mão dela debaixo da mesa.

Violet de repente sentiu-se culpada. Obviamente, os planos estavam dependendo dela. Se ela não fosse, Mike estaria preso lá em cima com um grupo de meninas e seu pai. Além disso, Chelsea nunca iria perdoá-la por tal falta flagrante a um amigo.

Mas, um fim de semana inteiro com Megan.

Que não fez nada, Violet lembrou-se novamente. E que não sabia nada sobre o que Violet tinha suspeitado.

Não havia realmente uma boa razão para *não* ir.

Ela inclinou a cabeça para Jay, ignorando os olhares de adaga lançados à ela por Chelsea e provavelmente por Mike também.

"Você quer ir, não é?" ela levantou as sobrancelhas, sabendo que os outros podiam ouvir.

Jay sorriu de volta para ela, inclinando-se mais perto, mas sem se preocupar em manter a voz baixa também. "Eu não quero fazer nada que você não esteja pronta, Vi. Eu vou fazer o que você quiser. Não deixe Chels intimidar você."

"Eu posso ouvir você," Chelsea se queixou.

Jay riu, mas nunca desviou o olhar de Violet. "Por que você não pensa nisso, e conversamos mais tarde?"

Ela sorriu para ele. Como ela conseguiu ter tanta sorte?

No fundo, ela ouviu Chelsea se regojizando. "Eles estão indo. Eles estão *totalmente* indo."

INVEJA

Ela estava perto da borda da cafeteria, escondendo-se. Assistindo.

Ela odiava a forma como Mike e seus amigos riam, a forma como ele parecia se encaixar perfeitamente com o seu grupo.

Ela queria isso também. Pertencer a algum lugar. Em qualquer lugar.

Ela pensou que talvez fosse ser diferente aqui. Que esta cidade, esta escola, pusesse ser especial. Que desta vez ela teria amigos de verdade.

Foi tolice, ela sabia disso agora, um sonho de criança. E ela não era uma criança. Ela não tinha sido há muito tempo.

Ela tocou o passe do corredor em sua mão, esfregando o papel entre o polegar e o indicador, desejando que lhe desse a força que ela não parecia possuir por conta própria. Ela queria ir a alguém, para pedir ajuda, mas aparentemente ela não era corajosa o suficiente. Quantas vezes ela iria pedir o passe do escritório, só para mudar de ideia antes de chegar lá? Quantas vezes uma pessoa poderia decepcionar a si mesma?

Ela olhou invejosamente para Mike, mantendo-se perto do pilar que a escondia de vista.

Ele não pertencia também, ele simplesmente não percebia isso. Ele não era melhor do que ela—era pior—na verdade. Ele era seu irmão, ele deveria protegê-la, cuidar dela. E ainda assim ele esqueceu seu sofrimento.

Ele olhou então, e Megan se afastou, deslizando em volta da coluna para que ele não pudesse vê-la se esconder lá. Sua mão se apertou em uma bola ao redor do pedaço de papel. Seu coração batia muito rápido enquanto ela esperava. Ela não queria que ele a visse, ela não queria enfrentá-lo quando estava se sentindo assim.

Desespero a infectou.

Ela tinha amigos também. Talvez não o tipo de amigos com os quais sonhara, mas havia pessoas com quem ela andava de forma que ela não se destacasse como uma espécie de aberração.

Mas não era para ser assim. Isso seria diferente aqui.

No primeiro dia, ela teve esperança.

Ela ia tentar, ela ia alcançar, deixar alguém entrar. E ela tinha, mais do que nunca, quando ela o conheceu...

Jay.

Ele era tudo o que ela poderia ter esperado, saindo do seu caminho para fazê-los—a ele e a ela—bem-vindos. Ele sorriu quando ele se apresentou, e ela realmente sentiu alguma coisa. Ele estava dizendo a ela com aquele sorriso que ele seria seu amigo. E talvez, algum dia, algo mais.

Mas ela também relembrou aquele outro momento, poderia prová-lo como bile amarga. Foi o momento em que ela percebeu que ele já tinha uma amiga. Uma namorada.

Foi o momento em que Megan tinha parado de se sentir especial.

Só que isso não era totalmente verdade, pois Jay não deixou de sorrir para ela. Ele não parou de convidá-la para se juntar a ele, e ele foi tão longe a ponto de usar o seu irmão para se aproximar dela. Então, obviamente, a garota, a sua garota—não significava tanto para ele afinal.

Ela era apenas a menina ficando no caminho de Megan.

Megan bateu o punho contra o concreto sólido da coluna e olhou em volta mais uma vez. Ela apertou sua bochecha contra a superfície fria quando olhou para mesa de seu irmão. Jay ainda estava lá. Assim como Violet.

Por que Jay não podia ver Violet como o obstáculo que ela realmente era? Por que ele não podia removê-la de lado para que ele pudesse finalmente ficar com Megan?

Lágrimas cegaram-na e ela piscou forte, limpando o nariz com as costas da mão. Por que ele não podia amá-la?

Bem, isso não importava agora. Ela estava farta de tentar amedrontar Violet. Não havia funcionado de qualquer maneira. Ela tinha realmente esperado que Violet tivesse tanto medo que ela teria... o que, chutado Jay? Parado de ir à escola? Ou, melhor ainda, deixado a cidade? Tudo por causa de alguns telefonemas idiotas e um bilhete?

Ou um gato morto em uma caixa?

Pareceu funcionar por um tempo—a ausência de Violet na escola, sua separação de Jay—mas agora eles estavam mais próximos do que nunca.

Acabou por ser mais fantasias infantis da parte dela. Mais devaneios tolos.

Ela precisava parar de qualquer maneira. Violet suspeitava dela. Violet tinha dito o nome dela, aquela noite no telefone.

Claro, não havia nenhuma maneira que Violet pudesse realmente saber que era Megan. Ela só estava supondo. Mas não valia a pena o risco.

Megan não iria ligar para ela novamente. Não haveria mais "mensagens".

Megan alisou o passe do corredor amassado e leu-o uma última vez antes de soltá-lo no lixo em seu caminho de volta para sua classe.

Com quem ela estava brincando, afinal?

Ela nunca iria para o escritório do conselheiro de orientação. Ela nunca ia admitir que seu pai era um bêbado. Que ela estava sozinha, assustada e com raiva.

Ela ia apenas murchar... e desaparecer.

25

Depois da escola, Violet folheou os arquivos que Rafe tinha dado a ela quando ela foi aos escritórios do FBI. Bem, na verdade somente um... O arquivo de Serena Russo.

Violet tinha tomado a decisão depois de ver Mike na hora do almoço naquela tarde. Ela precisava fazer algo por ele—e pela irmã dele—para tentar compensar tudo o que ela tinha pensado e pelas coisas horríveis que ela acusou Megan de fazer.

Ela tinha essa habiliidade. Este dom. Por que não usá-lo, como Sara assinalou? Por que não tentar ajudar alguém?

E, neste caso, alguém que Violet sentiu que havia prejudicado.

Ela discou o telefone rapidamente, antes que perdesse a coragem. Depois de um momento, ela falou. "Se eu lhe der um endereço, você pode me encontrar?"

Violet sorriu enquanto ouvia a resposta na outra extremidade e, em seguida, repetiu o endereço do ex-marido de Serena Russo, que vivia menos de uma hora dela.

Esta noite ela iria tentar fazer a diferença.

Ela havia esperado chegar lá antes do anoitecer, mas pelo tempo que Violet fez seu caminho pela I-5 na hora do rush do tráfego, uma hora se esticara para quase duas. Crepúsculo já estava cobrindo o céu.

Seu estômago estava perigosamente instável, e ela tentou dizer a si mesma que ela não tinha que fazer isso, que ela poderia ainda voltar.

Mas ela estava determinada—ela estava indo definitivamente. Ela devia isso à família de Mike, e devia isso a si mesma para ver se poderia fazer a sua habilidade útil, mais uma vez. Além disso, não era como se ela estivesse indo sozinha, lembrou-se a si mesma.

Ela saiu das estradas principais, enquanto seguia as direções que imprimiu de seu computador. Ela não esperava que elas a levassem tão longe dos subúrbios da cidade, para um local tão... *isolado*. Por que não poderia alguém, apenas uma vez, viver em uma subdivisão um pouco agradável? Um pacífico—ainda *povoado*—bairro?

Ela reduziu a velocidade do carro, vendo as caixas de correio ao longo da estrada, tentando localizar o endereço que ela estava procurando. Quando finalmente viu, seu

pulso acelerou. Ela respirou fundo enquanto saía do seu caminho na estrada, seu carro quicava por cima da superfície irregular. Ela expirou ruidosamente.

Não havia outros carros à vista, o que provavelmente significava que ela havia chegado à frente da pessoa que ela estava se encontrando. Ela pensou em esperar, mas decidiu contra isso, não tinha ideia de quanto tempo poderia levar.

"É isso," disse a si mesma, sua versão de uma conversa estimulante. "É agora ou nunca."

Ninguém respondeu, e o canto de sua boca se contorceu quando ela mordeu o lábio e saiu. Ela decidiu estacionar na rua, esperando que—*apenas talvez*—ela fosse capaz de vislumbrar uma marca à distância, sem que Roger Hartman soubesse que ela estivera lá.

Estacionar seu carro em sua garagem seria muito óbvio.

Ela esperava que a marca dele—se ele carregava uma—seria algo que ela poderia sentir de longe e não algo que lhe exigisse estar em estreita proximidade, como a marca da mãe de Jay. Violet somente podia sentir a fumaça de fogueira se ela estava bem ao lado, ou tocando, Ann Heaton.

Ela não queria tocar Roger Hartman para descobrir se ele havia assassinado Serena Russo.

Violet colocou no bolso suas chaves enquanto fazia seu caminho até a calçada arborizada.

Ela se manteve perto da linha das árvores, na esperança de permanecer escondida pela cobertura da folhagem enquanto o crepúsculo desaparecia em direção à noite. A luz da lua não conseguia penetrar sobre os ramos, e não havia lâmpadas na rua para iluminar seu caminho.

Ela navegou cautelosamente através da opressiva escuridão, tropeçando várias vezes sobre rochas e depressões do chão. Ela se movia lentamente, com cuidado, para ouvir qualquer coisa que pudesse indicar que não estava sozinha. Mas tudo o que ela podia ouvir eram os sons de seus próprios passos e a floresta ao seu redor.

Adiante, um tênue brilho sinalizou o fim de sua jornada, um pequeno trailer situado a esmo em meio à um emaranhado de árvores e amoreiras. A pálida luz vinda do interior disse a ela que alguém definitivamente morava lá.

Violet parou, sua mente corria, tentando decidir o que ela deveria fazer em seguida. Não era o plano ideal, ela supunha, só agora considerava a realidade de estar aqui... na propriedade dele, sozinha quando a noite caiu.

Na melhor das hipóteses, ele não carregava uma marca, e ele não era um assassino.

Na pior das hipóteses, ele era. E Violet tinha muito possivelmente cometido um erro fatal em vir aqui.

Seu pulso vibrava nervosamente dentro de sua garganta, e ela tentou engolir em torno dele. Ela esperou por algo acontecer.

Não houve nenhum movimento do interior do trailer. Nenhum som. Nada. Apenas a luz, solitária e inabalável. Não havia nenhum carro na garagem, e Violet começou a se perguntar se Roger Hartman estava mesmo em casa, ou se ela viera enquanto ele estava fora.

De repente, ela esperava que fosse o caso.

Ela ouviu a noite, prestando mais atenção aos sons que poderia vir a partir da direção do trailer. E então ela ouviu. Suave a princípio. Um delicado tamborilar rítmico.

Pingos de chuva.

Ela olhou para cima, estendendo a palma da mão, esperando as primeiras gotas molhadas encontrá-la. Mas ela sabia que elas não estavam chegando.

Não havia chuva.

Era um eco. E estava chamando por ela.

Ela olhou ao redor da escuridão assustadora, imaginando o que ela deveria fazer enquanto fechava a gola de sua jaqueta com ambas mãos, apertando-a como se ela pudesse protegê-la do som, da escuridão, do perigo.

Mas não era o eco que ela temia, não *este* eco. Ela sabia que era um corpo por um atrativo que acenou para ela, chegando até ela e arrastando-a delicadamente. No entanto, foi diferente de alguma forma.

E então ela percebeu por quê.

Este corpo estava enterrado. Este corpo já foi colocado em paz. Como um dos que estavam no cemitério de Violet, ou aqueles que estão no cemitério que ela visitava enquanto procurava por pistas para capturar um serial killer. Violet podia sentir o eco, mas ele não *exigia* ser encontrado.

Ela se aproximou novamente, longe das árvores e da cobertura que elas proporcionavam enquanto seguia o ruído.

A crepitação da chuva—*o eco*—não vinha de cima, como chuva teria feito, mas à frente de Violet. Era o som de gotas grossas caindo contra grandes folhas de outono. Violet precisava continuar lembrando a si mesma que era ilusão, uma chuva imaginária que somente *ela* podia sentir, enquanto abaixava a cabeça, instintivamente se afastando da chuveirada.

Ela olhou cautelosamente na direção do trailer enquanto passava por ele, preocupada de que a qualquer momento Roger Hartman viria abrir a porta.

Mas a entrada ainda permanecia fechada, a casa em silêncio.

Ela sabia quando ela estava perto, porque o som cresceu, tornando-se cada vez mais constante, mesmo que apenas em seus próprios ouvidos. Um calafrio úmido caiu sobre ela, arrastando-se sob sua pele e em seus ossos, fazendo as articulações doerem.

Era mais difícil com estes tipos de ecos, aqueles que não eram nitidamente visuais, para identificar a localização exata. De modo que Violet se aproximou, ela teve de medir a intensidade da acústica para julgar a queda da temperatura que a fez tremer.

Ela circulou um ponto nos fundos, por trás do trailer, perto da base de um pinheiro de aparência nodosa. Nas sombras da noite, o velho pinheiro montava guarda sobre o túmulo que Violet acreditava jazer sob seus ramos espinhosos.

Ela olhou novamente para a luz que se filtrava da estrutura em ruínas antes dela cair sobre seus joelhos. O som da chuva era tudo ao seu redor, e o arrepio frio da chuva estava dentro dela.

Era aqui.

O chão era preto, e Violet escovou sua mão sobre a superfície, tentando decidir onde ela deveria cavar. Havia uma parte dela que queria parar, que lhe disse que isto era o suficiente, que ela deveria chamar Sara Priest e deixá-la lidar a partir daqui. Mas ela sabia que não faria. Ela não tinha certeza do que a rastreara para este local. Poderia ser simplesmente um esquilo ou um rato do campo deixado para morrer.

Ela queria investigar mais, ter certeza antes de pedir ajuda.

No momento em que seus dedos afundaram na camada solta do solo, muito diferente da terra compactada que a rodeava, Violet sabia que ela tinha encontrado o local do enterro que ela estava procurando.

Ela pegou um punhado de solo mole, ainda tremendo contra o eco que derramou em torno dela. Ela usou seus dedos para localizar uma borda e a seguiu com as mãos, rastejando de quatro através da escuridão. Quando ela percebeu quão grande era o túmulo, ela tremeu.

Um corpo poderia caber lá dentro. Um corpo *humano*.

Ela não tinha certeza por que ela alcançou de novo, porque ela continuava trabalhando, cavando a terra com os dedos, agarrando-o. Ela deveria parar, ela disse a si mesma mais de uma vez, e ainda ela não parou. E durante todo o tempo, a chuva assombrosa continuou a preencher o ar da noite com a sua tempestade pungente. O frio que carregava era mais do que real para Violet.

Quando sua mão roçou algo suave, algo que estalava sob os seus dedos, Violet acalmou-se. Tudo o que ela tinha acabado de sentir era natural, feito pelo homem.

Ela cutucou novamente, ouvindo o som sintético enquanto seu dedo tocava algo mais firme abaixo, algo grotescamente familiar na sensação.

Era um corpo.

Envolto em lona plástica.

Violet desajeitadamente ficou de pé, inalando drasticamente à medida que ela apertou os dedos contra o peito.

Quando ela sentiu alguém agarrá-la por trás, fortes dedos segurando seus ombros, ela sobresaltou, engasgada com sua própria respiração. Seu coração batia viciosamente, violentamente. Como ela poderia ter sido tão tola? Por que ela não tinha esperado?

E então uma voz suave silenciou-a, fazendo–a choramingar. "Shhh..." uma respiração aqueceu seu rosto. "Está tudo bem, sou eu."

Rafe!

Ela se virou rapidamente, envolvendo os braços em torno dele com alívio e gratidão entrelaçadas em uma reviravolta de emoções. "Graças a Deus é você! Estou tão feliz que você veio." Ela agarrou-se a ele. Ela não estava mais sozinha; ela estava segura.

Seus dedos roçaram a pele exposta na nuca do pescoço dele, logo abaixo do seu cabelo, e aquela centelha estática, que ela sentiu antes, quando eles se tocaram no Café, sacudiu através dela. Sacudiu a ambos. Rafe enrijeceu, e Violet de repente estava muito consciente de sua proximidade, do calor dele abaixo dela, de sua força vigorosa, e a sua fragância.

Ela deixou seus braços cairem longe. "Desculpe," ela insistiu, com os olhos muito grandes. Ela estava desesperada por ter este momento esquecido. O tamborilar da chuva continuava a bater em torno dela, e ela olhou para a sepultura. "Achei alguma coisa... *alguém*, bem ali." Ela apontou. "Eu não sei quem é, mas é definitivamente um corpo."

"Nós precisamos sair daqui." Rafe agarrou a manga da jaqueta dela e puxou-a para longe. "Precisamos ligar para Sara e contar a ela o que você encontrou."

Violet o deixou arrastá-la para fora do trailer e para abaixo da garagem. E mesmo quando ela se afastou da tempestade sensorial, o medo gelado permaneceu, recusando-se a libertá-la. Ela estava apavorada de que quem tivesse deixado a luz acesa, voltaria, e os encontraria lá, com ela coberta de terra da sepultura rasa. Ela tinha medo de que eles acabassem enterrados também... envoltos em suas próprias lonas.

Quando chegaram ao final do caminho, Violet enxugou suas mãos nos jeans e sentiu dentro de seu bolso suas chaves. Suas mãos estavam tremendo.

"Você consegue dirigir?" Rafe perguntou com uma voz que parecia demasiadamente calma sob as circunstâncias.

Violet viu o grande SUV preto estacionado atrás de seu carro, e ela sabia que Rafe tinha dirigido o carro de Sara para encontrá-la.

Ela assentiu com a cabeça. "Eu estou bem." Era uma mentira. Ela estava certa de que ela poderia dirigir, mas ela não estava *bem*.

"Havia um posto de gasolina descendo a rua, na esquina. Siga-me. Vamos parar lá e então nós podemos ligar para Sara."

Violet respirou trêmula enquanto ligava seu motor, esperando por Rafe sair na frente dela. Ela trabalhou para conseguir seus nervos trêmulos sob controle.

Em algum lugar lá na escuridão, enterrado embaixo de um velho pinheiro, havia um corpo envolto em uma lona, e por alguma estranha razão, parecia em paz.

Violet seguiu Rafe enquanto ele virava para o posto de gasolina, uma com um estacionamento lotado e *muitas* luzes. Ela ainda não tinha certeza de que seu coração algum dia bateria normalmente de novo.

Ele não se dirigiu para um espaço designado, ele simplesmente estacionou fora ao lado do lote, e Violet parou atrás dele e esperou.

Rafe bateu na porta do lado do passageiro, e Violet estendeu a mão para destravá-la. Ele acenou para ela enquanto entrava. "Você tem certeza que está tudo bem? Você parece confusa."

Violet olhou para suas mãos, a lama incrustada sob as suas unhas, e depois na sua jaqueta, que estava manchada com sujeira. Seus dedos ainda estavam tremendo, mas ela ignorou a preocupação dele. "Você quer ligar ou eu deveria?"

Ele pegou seu telefone celular e discou.

Violet estava grata por apenas sentar lá e ouvir. A conversa foi breve, e novamente Violet tinha a sensação de que muito poucas palavras eram necessárias entre os dois.

"Ela encontrou um corpo na casa dos Hartman; é lá atrás, debaixo de uma árvore." Ele pausou para ouvir. "Você irá ver, ela estava cavando quando eu cheguei lá." Outra pausa breve, e então Rafe lhe lançou um olhar de soslaio, como se procurasse uma confirmação. "Sim, ela diz que está bem." Depois que ele ouviu por alguns segundos, desligou, sem adeus, nada mais para finalizar. E então ele olhou para Violet, realmente

olhou para ela desta vez. "Eu quero dizer isso. Você vai ficar bem dirigindo sozinha até sua casa? É um longo caminho."

Ela inalou, e até mesmo sua respiração estava trêmula, mas ela acenou com a cabeça de qualquer maneira. "Eu só quero ir para casa e tomar banho."

Rafe estudou-a por alguns momentos longos, e em seguida pareceu satisfeito com o seu bem-estar. Mas antes que ele pudesse sair, Violet parou-o. "Estou realmente feliz por você ter vindo, Rafe. Obrigada."

Ele sorriu com seu jeito esperto e deslizou para fora do carro. Tal como Sara, não lhe deu resposta. Ela supunha que ele não era muito falante.

Uma vez que ela estava sozinha novamente, ela teve tempo para pensar. Estava nervosa sobre o que—ou melhor, quem—Sara encontraria quando chegasse lá. Ela tinha medo de que seria a mãe de Mike—Serena Russo. E que Violet poderia ser a razão que sua família descobrisse que ela na verdade não fugiu todos esses anos atrás, mas que ela estava morta, enterrada na base de um velho pinheiro.

Mas havia outra parte dela, uma parte que se sentiu bem sobre o que ela acabara de fazer. Realizada mesmo, pela primeira vez em um longo tempo. Essa parte dela sentiu que talvez ela tivesse ajudado.

Ela precisava chegar em casa. Ela precisava esperar por Sara ligar de volta, para lhe dizer se o que ela suspeitava era verdade.

E ela precissava lidar com o fato de que talvez Sara estivesse certa, afinal de contas, que talvez Violet pudesse dar às pessoas as respostas que elas procuravam... mesmo se elas não eram aquelas que eles queriam ouvir.

26

Violet serviu-se uma xícara de café enquanto esperava Jay buscá-la para a escola.

Sua mãe franziu a testa enquanto carregava uma caixa de cereais para a mesa. "Noite difícil?"

"Algo assim," Violet respondeu vagamente.

Difícil era um eufemismo. Violet ficou acordada metade da noite, ansiosamente querendo saber quando Sara—ou Rafe—poderiam ligar sobre sua descoberta atrás da casa de Roger Hartman.

Felizmente, uma vez que este corpo, por qualquer motivo, sentiu-se resolvido e em paz, Violet não foi atormentada pelo persistente desconforto que ela normalmente sentia quando deixava um corpo para trás. Ela estava começando a se perguntar se ela já tinha compreendido plenamente a sua habilidade estranha.

Ela puxou o celular do bolso e verificou novamente. Ainda sem mensagens.

"Bem, você vai ficar feliz em saber que o pai de seu amigo está passando por aqui hoje, com todas as informações de contato para a cabana." Sua mãe ofereceu a Violet cereal. "Você parece que poderia precisar de uma fuga agora mesmo."

Violet acenou com a caixa de longe enquanto seu estômago afundava. Com tudo o que tinha acontecido ontem, ela quase ignorou o fato de que eles deveriam sair amanhã.

Tanto para esse plano, pensou amargamente. Depois do que ela descobriu na casa de Roger Hartman, a última coisa que a família de Mike e Megan precisariam eram de férias.

No topo de todo o resto, a culpa agora pesava. Mas até que ela ouvisse de Sara, ela decidiu que era melhor manter a pretensão de que tudo estava indo adiante como previsto.

Ela esboçou um sorriso fraco, falso na melhor das hipóteses, enquanto bebia o resto do seu café. "Eu acho que ouvi Jay," ela mentiu, dando em sua mãe um beijo rápido na bochecha e pegou sua mochila. "Eu vejo você depois da escola."

Violet se apressou para fora da porta e esperou os últimos minutos na calçada, deixando o fresco ar do inverno preencher os pulmões dela. E entorpecer seus pensamentos.

Em algum momento, durante sua aula do terceiro período, Violet sentiu seu telefone vibrar no seu bolso. Quando ela checou, viu que havia acabado de perder uma ligação de Sara. Ela disse ao professor que não estava se sentindo bem e pegou um passe para o escritório da enfermaria enquanto deslizava no silencioso corredor.

Ela esperou nervosamente por Sara para ouvi-la na outra extremidade, e quando ela fez Sara foi direto ao ponto. "Eu sinto muito, Violet, não era o que você pensava. Era apenas um cão."

E com aquelas palavras, o frio do eco estava de volta. Violet não sabia o que dizer. "O... o que você quer dizer que era um cão?"

"Eu levei uma equipe ao local dos Hartman, e encontramos o corpo dentro da lona. Era um cão, um pastor alemão. Nós ainda não fomos capazes de alcançar Roger Hartman, mas eu estou supondo que ele tinha algo a ver com isso."

A cabeça de Violet estava girando, ela estava sem palavras. Era um cão enterrado debaixo da árvore?

Não Serena Russo...

Oh Deus, Violet gemeu internamente. Ela enviou Sara, e quem sabe quantas muitas outras pessoas, para a casa de Roger Hartman à procura de um corpo... de uma *pessoa*. Humilhação correu sobre ela. Todas as suas boas intenções se foram em um instante, todas as suas esperanças de fazer algo positivo despedaçaram-se.

Violet respirou fundo. "Por que você acha que ele tem algo a ver com isso?"

Sara não hesitou em responder. "O cão não morreu de causas naturais. Seu pescoço foi quebrado."

Violet estava com suas costas pressionadas contra a parede, e ela se inclinou para frente, com uma mão em seu joelho, outra prendendo fortemente o telefone ao ouvido dela. Ela só precisava de um momento para recuperar sua respiração, para reunir seus pensamentos.

Em sua cabeça, Violet retratou o pequeno gato preto deitado na caixa ao lado de seu carro, seu minúsculo pescoço quebrado.

Ela ouviu a si mesma dizendo adeus, sua voz soando individual, como se pertencesse à outra pessoa. Ela esperou ali, sozinha no silêncio do corredor, até que sentiu a tontura passar, até que ela se sentiu firme o suficiente para andar.

Violet pensou que ela entendia agora por que o corpo que ela havia descoberto não a chamou, insistindo para ser encontrado. Alguém—talvez Roger Hartman, mesmo—tinha enterrado o cão.

Alguém deu a ele um senso de encerramento.

Ela percebeu também que, apesar de seu constrangimento sobre o envio de Sara e os outros em uma perseguição inútil, havia um lado positivo de tudo isso.

A mãe de Mike e de Megan poderia ainda estar viva.

Talvez ela *tivesse* apenas fugido. Isso seria melhor, não seria? Para eles? Que ainda havia uma chance de que eles pudessem se reunir?

Violet guardou seu telefone, desde que ela deveria estar no escritório da enfermeira e não fazendo telefonemas, antes dela dirigir-se para a aula.

Talvez sua mãe tivesse razão, esta manhã. Talvez ela realmente precisasse de uma fuga, afinal.

27

A manhã seguinte veio rapidamente, e, como de costume, Chelsea tinha razão. Violet estava indo para a cabana com seus amigos.

Embora ela ainda estivesse com dúvidas, repensando na sua decisão, as rodas já foram postas em movimento, e Jay logo estaria lá para buscá-la, juntamente com Chelsea, Mike, e Claire.

Jules ficara de fora desta viagem em si, declarando que ela preferiria pular em uma piscina infestada de tubarão vestindo apenas um biquíni de carne do que submeter-se a um fim de semana assistindo Chelsea esguichar sobre Mike. Isso, e Jules não gostar de neve... a menos que houvesse uma prancha ligada a seus pés e ela fosse arremessada para baixo de uma montanha a uma velocidade máxima. Bonecos de neve e chocolate quente não eram exatamente a sua praia.

Mas era definitivamente a praia de Claire, e ela já estava escolhendo as equipes para a grande guerra de bola de neve que ela havia planejado.

O pai de Mike, Ed Russo, tinha ido até sua casa enquanto Violet estava na escola na sexta-feira para se apresentar e dar todas as informações necessárias para sua mãe, incluindo o número de telefone para a loja de conveniência que estava a apenas alguns quilômetros de distância, já que não havia telefone de serviço—ou cobertura de celular—onde ficaria.

E mesmo que o número era na verdade de um telefone público, ele explicou que havia um quadro de cortiça onde os proprietários iriam fixar mensagens, ele garantiu a sua mãe que iria fazer paradas regulares na loja, para verificar.

Seus pais estavam bem com o arranjo, era apenas uma noite, afinal de contas – algo que Violet continuava a lembrar a si mesma várias vezes.

Ela podia lidar com qualquer coisa por uma noite.

"Então o que vocês querem fazer primeiro?" Claire perguntou animadamente do banco traseiro.

"Oh meu Deus, Claire. Eu não sei, mas talvez você vá perguntar-nos novamente em cinco minutos. Nós não tivemos tempo suficiente para pensar sobre isso desde a última vez que você perguntou." O humor de Chelsea caiu rapidamente durante o passeio de carro para as montanhas, e ela perdeu a paciência com todos—*incluindo* Claire—que era geralmente imune a seu temperamento.

"*Caramba*, Chels, eu só estava perguntando." Os lábios de Claire se pressionaram

enquanto cruzava os braços na frente dela. Foi a palavra mais feia que Claire já usou. Claire deve ter realmente se cansado do tom arrogante de Chelsea.

Chelsea não se desculpou, em vez disso, ela fechou os olhos e respirou fundo, inclinando a cabeça para trás contra o seu assento.

"Você quer que eu encoste de novo?" Jay perguntou, olhando ansiosamente para Chelsea em seu espelho retrovisor. Ele lançou um olhar nervoso para Violet, e Violet sabia exatamente o que ele estava pensando.

Ele não queria que Chelsea vomitasse... *em seu carro*.

Chelsea suspirou com irritação. "Por que, Jay? Para eu então poder andar com frio outra vez, falando sobre o quão foda—sim, isso mesmo, Claire, eu disse *foda*—é se sentir doente? Não, obrigada. Basta manter a condução. Quanto mais cedo chegarmos lá, mais cedo eu sairei deste inferno."

"Sem ofensas. Certo, Jay?" Mike riu, batendo o encosto de cabeça de Jay brincalhão. Aparentemente, ele achava que estava seguro das observações cáusticas de Chelsea.

Ele não estava.

"Isso é muito ruim," disparou de volta Chelsea sem abrir os olhos. "Talvez alguém *devesse* se ofender. Talvez não seja o carro me deixando doente, talvez seja a condução."

Violet começou a rir, mas se conteve, foi por pouco, a tempo de parar o som de verdade escapando de seus lábios. Ela cobriu a boca com a mão, de modo que somente aqueles com os olhos abertos poderiam vê-la.

Ha-ha, Jay balbuciou, quando ela olhou para os lados em sua direção, tornando ainda mais difícil se conter.

Desculpe, ela murmurou de volta para ele, quando finalmente sentiu que tinha controle suficiente para não rir.

Violet pensou que Chelsea poderia se sentir melhor se ela fosse para o banco da frente, mas ela não se ofereceu para trocar de lugar com sua amiga novamente. Ela tentou antes, quando eles pararam para deixar Chelsea tomar um pouco de ar, e Chelsea tinha vociferado a ela que estava bem, que ela não precisava mudar de lugar.

Violet estava convencida de que Chelsea só tinha recusado porque não queria perder seu lugar ao lado de Mike, mas depois de ter sua cabeça mastigada uma vez, Violet não estava disposta a fazer essa proposta novamente. Então, ao invés, ela sentou-se calmamente, fingindo que não era nada desconfortável, enquanto eles tentavam obedecer à parede de silêncio imaginária de Chelsea.

No início, Violet tentou ignorar a sensação de desmaio que rastejou sobre ela, o tremor estranho que começou no seu âmago e suavemente ondulou para fora,

estremecendo rajadas. Mas o carro estava se movendo em um ritmo constante, apesar da neve crescente no chão, enquanto eles se moviam mais e mais alto em elevação, e não demorou muito para que o tremor se transformasse em vibrações, e depois transformasse para algo mais tangível.

Uma onda de ar quente perfumado passou sobre Violet, trazendo com ele o perfume doce do verão de picolés e protetor solar pegajoso e cloro que encheu o interior do carro. A temperatura inesperadamente disparou ao seu redor.

"Você pode diminuir o aquecedor?" Violet sussurrou para Jay enquanto ela arrancava o chapéu da cabeça e puxava a echarpe.

E assim que ela disse, ela ouviu o horrorizado suspiro de Claire.

Violet se virou para olhar pela janela.

No lado da estrada estava um cervo, encontrando-se anormalmente propenso, quebrado e abandonado contra uma deriva, sujo de neve, parado no acostamento da rodovia. Sangue infiltrou-se na pilha lamacenta, onde seu rosto estava estranhamente preso. Sua boca estava aberta, a língua congelada contra a sua mandíbula mutilada.

Jay esticou o braço e apertou o joelho de Violet, enquanto passavam, e de repente a temperatura inóspita e o cheiro do verão fez perfeito sentido para Violet. Era o eco do cervo.

Violet e Jay costumavam jogar esse jogo quando eles eram pequenos. Enquanto outras crianças brincavam de carro envolvendo placas de estado ou de encontrar as letras do alfabeto em sinais de trânsito, Violet assinalava animais mortos nas laterais da rodovia. Às vezes visíveis e outras vezes não. Alguns, perceptível apenas pelos ecos que tinham deixado para trás.

Ela iria senti-los, às vezes já em várias centenas de metros, e ela descreveria seu eco único para Jay em tanto detalhe quanto ela poderia, enquanto ele iria tentar identificar o cadáver que foi deixado para trás.

Estrada da Morte, eles os chamavam.

Era doentio, com certeza, mas eles eram apenas crianças... com uma fascinação mórbida para todas as coisas mortas. E ela era uma menina que poderia procurá-los.

Agora o eco parecia intruso, e a presença de Jay a acalmava.

"Nós estamos chegando," Mike anunciou na parte de trás. "Lá na frente é a loja onde podemos parar para obter alguns lanches e qualquer outra coisa de que precisarmos. Última parada. Se você precisar fazer um telefonema, agora é a hora de fazê-lo," acrescentou.

Violet tirou seu telefone de sua bolsa e verificou para ver se tinha serviço. Mike

estava certo, não havia nenhum sinal até aqui.

"Oh, graças a Deus. Violet, você pega algumas bolachas? E veja se eles têm algum 7Up[6] ou Sprite? Eu me sinto uma merda."

Violet se virou para olhar para Chelsea, que ainda tinha a cabeça para trás e se recusou a abrir os olhos, mas foi Jay quem respondeu. "Tem certeza de que não quer sair e talvez esticar as pernas um pouco?"

"Não se preocupe, Capitão Preocupação, eu não vou estragar o seu couro precioso," ela rosnou. "Mas se você está tão preocupado, deixe-me um saco ou algo assim."

Violet viu Mike inclinar para baixo e sussurrar algo no ouvido de Chelsea, seu rosto estampado com preocupação. Chelsea fez uma careta e virou sua cabeça. Ela nem sequer fez um esforço para ser educada sobre isso.

Ela deve estar mesmo doente, pensou Violet, *para se virar contra Mike assim*.

A parte externa da loja de conveniência era rústica e charmosa, as paredes exteriores eram troncos rústicos, dando-lhe a ilusão de ser uma loja de país exótico. O interior foi desordenado e desorganizado. Os proprietários—provavelmente por motivos de necessidade e em um esforço para armazenar tantos ítens quanto possível—de alguma forma conseguiram preencher cada centímetro de prateleira, piso e bancada. Até as paredes estavam abarrotadas de ítens para venda. E onde não havia louças reais, havia sinais com produtos que poderiam ser encomendados.

Era quase tão frio dentro da loja, quanto estava do lado de fora. Violet estava feliz que ela estava usando suas botas de neve e seu casaco de inverno pesado no passeio, e que colocara o chapéu e echarpe em volta antes de sair do carro.

Foi fácil para satisfazer os pedidos de Chelsea, e então só levou alguns minutos mais para o resto deles se abastecer com batatas fritas, salgadinhos, pop, e uma variedade de lanches, incluindo o pacote de Oreos que Jay comprou para Violet.

Violet pensou brevemente em ligar para seus pais, só para que eles soubessem que eles conseguiram chegar até a montanha com segurança. Ela viu o telefone público fixado firmemente em um espaço aberto entre a placa de gelo e uma prateleira cheia de óleo de motor e tanques de propano. Logo acima do telefone, havia um pequeno quadro de cortiça cheio de notas coloridas e pedaços de papel.

Mas descartou a ideia quase que imediatamente. Seus pais não estavam esperando que ela ligasse a menos que houvesse um problema, e Violet estava tentando ser mais independente, para lhes provar que podiam confiar nela para estar segura por conta própria. Ligá-los para *dar uma checada* parecia que iria derrotar o efeito.

[6] Marca de refrigerante.

Então ela passou pelo telefone sem olhar um segundo em seu caminho para o caixa.

Se ela tivesse parado, teria notado a mensagem presa lá.

Endereçada a ela.

Jay decidiu estacionar o seu carro estrada abaixo ao invés de arriscar a calçada íngreme e sinuosa que levava para a cabana. Ele tinha medo que ficasse preso nas grossas camadas de neve.

E apesar de caminhão do pai de Mike não estar aparente, era evidente que ele já tinha estado lá, pelas faixas recém-aradas que ele deixou. Mas, Violet concordou com Jay que não valia a pena arriscar. O carro de Jay não estava equipado, mesmo com as correntes de neve, para torná-lo tão traiçoeiro. Não neste tempo.

Então, eles foram forçados a levar suas coisas até a colina para a cabana. Não teria sido tão difícil, se não fosse os quase dois metros de neve que tinham de percorrer. Felizmente, eles foram capazes de andar nos rastros de caminhão do pai de Mike.

Parecia que os biscoitos e Sprite trabalharam sua magia nas dores de estômago de Chelsea, porque ela estava de volta para si novamente quando eles chegaram. Violet até mesmo a ouviu pedir desculpas a Mike por ter sido tão *mal-humorada*, uma palavra que ela nunca ouviu Chelsea usar antes. Especialmente nessa oitava.

A *cabana* da família de Mike era menos cabana na montanha pitoresca que Violet imaginava e mais um abrigo-de-tipo-de-elementos de estrutura. Como um barraco, mais ou menos. Com encanamento.

Mas o que faltava em eletricidade, linhas telefônicas, e calor, fizeram-se nas mobílias esparsas, uma cozinha minúscula e um odor a mofo em geral. Sua graça salvadora era uma lareira de grandes dimensões, com um fogo já em chamas quando eles chegaram, preenchendo o espaço com o calor que Violet podia sentir convidá-la para dentro mesmo antes de entrarem.

"Uau," Jay respirou com apreço, e Violet reconheceu imediatamente que *rústico* era o seu tipo de lugar. "*Isso é tão legal*. Há quanto tempo vocês a tem?"

Mike deu de ombros, deixando cair sua mochila gasta no chão, e Violet seria capaz de jurar que viu uma nuvem de poeira subindo em torno dele. "Eu acho que pertenceu a meus avós, e quando eles morreram, meus pais ficaram com ela."

"Então, onde está sua mãe? Você nunca fala sobre ela. Ela está vindo também?" Claire perguntou enquanto excessivamente escovava a mão sobre o assento de uma cadeira de jantar de madeira, antes de colocar sua mala cara nele. Deixe com Claire para

trazer uma bolsa de designer para a floresta.

Chelsea olhou desaprovando Claire, respondendo por Mike. "A mãe de Mike não mora mais com eles. E ele não gosta de falar sobre isso."

Mas Mike apenas deu de ombros e acrescentou: "Está tudo bem. Ela caiu fora há um tempo, e nós não ouvimos dela." E então ele levantou um dedo. "Espere um segundo." Ele olhou para o pequeno corredor no canto da sala de estar grande. "Megan?" gritou.

Levou um momento, mas uma porta que estava fechada, finalmente abriu. A voz pequena do outro lado parecia irritada. "O quê?"

"Eu só queria que você soubesse que estamos aqui. Papai disse que horas ele ia voltar?"

Depois de vários segundos de duração, Violet olhou para ver se a porta poderia ter se fechado novamente. Ela pensou que talvez a irmã de Mike tivesse decidido ignorar a questão, mas depois, soando tão incomodada como antes, ela lhe respondeu, finalmente. "Ele diz alguma vez?"

28

A respiração de Violet ficou presa na sua garganta assim que se sentiu sendo puxada por trás e sendo levantada no ar.

Ela soube imediatamente que era Jay, porque ela ouviu o som de seu riso de cascalho misturado com o calor de sua respiração contra sua orelha enquanto eles caíam de lado em um desvio de neve fofa. Ela o ouviu suspirar assim que seu ombro chocou-se contra o dele quando eles bateram no chão. Ainda assim, ele estava sorrindo quando ela o espiou.

"Você está bem?" perguntou ela, rindo do sorriso no rosto dele. Ela se perguntou se iria se cansar desse estúpido olhar confiante. Ela esperava que não.

"Venha aqui e eu te mostrarei." Ele acenou, sacudindo um floco de neve preguiçoso para longe dos cílios de Violet com a ponta dos dedos de sua luva.

Tinha começado a nevar levemente no momento em que finalmente tinham conseguido descarregar todas as suas coisas e decidiram ir para fora. Mike convidou sua irmã para vir junto com eles, mas ela ignorou o pedido, nem mesmo se preocupou em responder. Então eles se embrulharam e aventuraram-se para explorar, apenas cinco deles.

Apesar dos receios de Violet sobre a própria estrutura do edifício, a localização da cabana era espetacular. Era isolada, localizada no alto das montanhas em meio a um cenário sereno de árvores que, juntamente com as camadas brilhantes de neve, era nada menos do que de tirar o fôlego.

Eles passearam na floresta por mais de uma hora, mas ninguém reclamou da temperatura. Era muito bonito, e a neve muito cativante, para resmungar sobre o frio.

Claire tentou organizar equipes para sua luta de bolas de neve, as meninas contra os caras, mas rapidamente se transformou em um *cada um por si*, e pouco tempo depois Jay estava defendendo Violet de Chelsea, e Chelsea estava protegendo Mike contra Jay. Claire ficou neutra, como a Suíça, tentando fazer com que as regras mantivessem uma guerra em grande escala de erupção. Mas eventualmente ela desistiu e encontrou um lugar tranquilo para fora do caminho, onde poderia fazer anjos de neve.

No momento em que Chelsea e Violet se juntaram a ela, eles decidiram por unanimidade que os *anjos* de Chelsea não eram realmente nada angelicais e tiveram que ser renomeados. Assim, *demônios de neve* nasceram. Elas ainda fizeram pequenos chifres sobre eles, para completar o efeito.

Mas agora que era apenas ela e Jay, roubando alguns minutos para eles, Violet estava feliz a submeter-se a calma silenciosa da floresta coberta de gelo em torno deles.

Os lábios de Jay tocaram os dela. Era como acender uma fogueira.

Violet fechou os olhos e se perdeu no calor que irradiava da boca do estômago, enquanto a boca dele descia sobre a dela. Ela aconchegou-se contra ele, esforçando-se para se aproximar sob as espessas camadas de roupas.

Foi a explosão congelada de uma sobrecarga de bola de neve que interrompeu o momento. Detritos gelados choveram sobre eles.

Jay passou os braços em volta da cabeça de Violet e a cobriu enquanto ele olhava para cima para ver quem havia quebrado o cessar-fogo temporário.

E então ele sussurrou para Violet, que só pôde ouvi-lo dizer, "Eu já volto." Ele reuniu um pouco de neve, compactando-a firme e ansiosamente entre suas luvas enquanto se levantava e saía correndo, deixando-a sozinha sob o abrigo das árvores.

Violet ouviu Chelsea e Claire brigando à distância sobre o boneco de neve que elas estavam fazendo.

Ela estava ali, de costas, olhando para os brancos galhos que atravessavam acima dela, filtrando a neve caindo e difundindo a luz tênue que já tentou penetrar o céu cinza espesso. Ainda não era o crepúsculo, e já estava descendo a escuridão enquanto a baixa cobertura de nuvens se aprofundava, ameaçando mascarar a restante luz do dia.

Violet piscou assim que os flocos de neve frágeis golpearam o rosto dela, e ela respirou o ar frio e fresco, profundamente. Ela ouviu como, mais longe, Jay e Mike atacavam-se com bolas de neve, suas risadas ecoando alto na variada tranquilidade do dia.

Quase teria sido fácil ignorar o puxar que ela sentiu vindo da direção oposta. E ela tentou, fechando os olhos e fingindo por um momento que não notara nada disso. Mas era visceral, a atração, encontrando o seu caminho sob a sua pele e deslizando lá até que ela coçava, até que ela não podia mais ignorar sua atração enigmática.

A canção dos mortos.

E a chamava.

Ela aliviou-se lentamente, ainda tentando decidir—como se alguma vez tivesse uma escolha—e afastou a neve de suas costas enquanto se levantava. Ela olhou ao redor para se certificar de que ninguém estava olhando. Ela não queria que ninguém a visse enquanto ela deslizava por entre as árvores, nos bosques, para procurar o que queria—não, precisava—ser encontrado.

Ela sentiu o vislumbre da dor fria amanhecendo na base do pescoço dela, e ela estremeceu contra isso, revirando os ombros para frente, tentando tirar o calor de si mesma.

Estava mais escuro ali, debaixo da camada de sombra dos ramos, longe do campo mais aberto onde ela brincava com seus amigos, e ela preocupou-se brevemente sobre se perder no caminho enquanto se movia cada vez mais para o interior.

Estas não eram suas florestas; isso não era sua terra para navegar. Aqui, se ela se perdesse, se ninguém soubesse onde encontrá-la, ela poderia vagar sem rumo por horas e horas, e não haveria trilhas familiares para guiá-la de volta.

Mas havia a neve.

E enquanto os ramos continuavam a apanhar os flocos caindo recentemente, seus rastros a levariam de volta mais uma vez.

Ela se agarrou a essa esperança, enquanto abandonava qualquer outra razão em busca de um desejo vil. Encontrar o eco dentro da floresta.

Foi um trabalho duro, caminhando através dos desvios de espessuras que se acumularam, até mesmo sob o abrigo da folhagem de neve com crosta. As pesadas camadas brancas tornavam difícil seguir em frente, puxando suas botas e fazendo suas pernas queimarem. E em pouco tempo, até mesmo a cabeça de Violet doía com o esforço.

A pele em torno de seu rosto parecia oca e seca, e seus olhos ardiam contra o ar frio que parecia mais frio aqui, mais denso de alguma forma, e mais difícil de respirar. Violet se esforçou a continuar, e com cada passo, a dor se tornou mais e mais intensa. No entanto, sob seu crânio, podia sentir as vibrações trêmulas do eco puxando-a para frente.

Ela piscou fortemente, apertando os olhos contra as lâminas imaginárias que cortavam através de seu couro cabeludo, testa, seus olhos.

Esse é o eco, ela percebeu, a dor excruciante que a devastou, quase a cegando ao mesmo tempo, e ela foi obrigada a localizá-lo. E ela estava impedida de parar de procurá-lo.

No modo de pensar de Violet, isso era a própria definição de insanidade. Mas não havia nada que pudesse fazer sobre isso agora. O que quer que estivesse lá fora precisava dela para o alcançar.

E ela faria.

Ela não deu mais atenção ao frio, seu corpo se sentindo dormente em comparação com a dor em sua cabeça. Ela não tinha certeza de que poderia saber se ela estava com frio ainda, o que poderia ser perigoso na melhor das hipóteses. Uma ameaça à vida na pior das hipóteses.

E então uma súbita consciência atravessou seu desconforto, e Violet estava certa de que havia encontrado a fonte do eco. O corpo que ela esteve procurando. Ele foi enterrado sob o ponto exato em que ela estava. Ela foi assediada por um sentimento de alívio como nada que ela já experimentara antes. Era como se o aperto em sua viagem torturante tivesse abruptamente soltado por sua proximidade com a coisa morta abaixo dela.

Ela conseguia respirar novamente. Livremente. Quase eufórico.

Ela caiu de joelhos e suspirou, desfrutando a sensação vertiginosa que tomou conta dela.

Mas ela não perdeu tempo. Ela estendeu a mão e enfiou as luvas nas camadas superiores moles de neve, escavando rapidamente e criando um monte fresco ao seu lado. Suas mãos atravessaram folhas mais profundas de gelo fino, rachando-os, separados facilmente e empurrando aquela neve de lado também.

Ela trabalhou com diligência, eficiência e o esforço a aqueceu, distraindo-a da dor de cabeça persistente que zumbia devidamente no fundo de seu cérebro, enevoando seus pensamentos e mantendo-os de se tornar completamente lúcidos.

Ela sentiu como se estivesse drogada. Drogada pelo eco em si.

A sensação desorientada e sonífera manteve-a focada em sua tarefa, enquanto continuava cavando.

Quando as mãos enluvadas alcançaram terra firme, Violet tardiamente percebeu que tudo foi um esforço em vão. O chão não era suave, o solo não solto o suficiente para cavar. E não foi apenas difícil, mas foi congelado em uma barreira de gelo. Sólido.

Não valia a pena. Não havia maneira de alcançar o que havia abaixo.

Foi assim que Jay a encontrou, ajoelhada na neve, tentando imaginar o que ela faria em seguida através da névoa de sua mente turva. Tentando decidir como resolver este quebra-cabeça.

"*Merda, Violet.* Você não nos ouviu gritando por você? Você me assustou." Jay repreendeu ao mesmo tempo em que ele estendia a mão para ela.

Violet olhou para ele, momentaneamente confusa com o gesto. *O que ele quer que eu faça?* ela perguntou com ar sonhador.

"Você quer levantar?" perguntou ele, curvando-se neste momento e agarrando as duas mãos na sua. Ele a puxou para seus pés, guiando-a até que ela estivesse de pé.

O zumbido em sua cabeça se intensificou.

Jay olhou ao redor dos pés de Violet, olhando a partir de sua expressão de perplexidade para os montes de neve no chão, e voltou para seu rosto novamente.

Entendimento finalmente forçando as suas sobrancelhas juntas. "Você sentiu alguma coisa aqui?" ele perguntou, mantendo a voz baixa agora.

Violet assentiu. Isso ela sabia. Isso era claro para ela ainda.

"Nós não podemos ficar aqui, Vi. Todo mundo está chegando. Eles estão procurando por você, e você fez isso muito fácil, uma vez que encontramos o seu caminho. Eles estão bem atrás de mim." Jay passou o braço protetoramente em volta dela, puxando-a para mais perto dele. Ele chutou as pilhas de neve, espalhando-os para fora. "Vamos, vamos começar a voltar. Vamos antes que eles entrem aqui e comecem a fazer perguntas."

Ela se permitiu ser levada, apesar da dor aumentando à medida que ela deixava o local do corpo atrás dela.

Ele não queria que ela fosse.

Eles nunca queriam.

Ela sentiu como se estivesse sofrendo de algum tipo de retirada da droga da neblina do eco que tinha descoberto, e quanto mais andava, mais forte a agarrava.

Mas os seus pensamentos, pelo menos, começaram a limpar novamente enquanto a dor de cabeça intensificava-se, e com eles, ela sabia que Jay estava certo. O desconforto não era nada comparado ao que ela se sentiria se tivesse de responder às perguntas invasivas de seus amigos sobre o que ela estava fazendo, sobre o que ela estava procurando na neve.

Claire foi a primeira a alcançá-los, apesar de Chelsea e Mike não estarem muito longe, serpenteando em seu próprio ritmo lento e constante, de mãos dadas. Obviamente, nem *todos* haviam se preocupado com o paradeiro de Violet.

"Ah bom, você a encontrou!" Claire exclamou assim que ela chegou até Violet e Jay, escolhendo seu caminho cuidadosamente através do caminho de pegadas. "Onde você estava?" ela perguntou à Violet.

Violet inclinava sua cabeça no ombro de Jay, tentando em vão bloquear as dores latejantes do eco, pedindo a ela para voltar. As vibrações, a coceira impaciente sob sua pele, continuou a chamá-la de volta para a floresta, e foi uma luta para não responder a essa chamada. Ela agarrou-se a Jay, para resistir para ela.

Jay continuou a ir, seguindo a trilha em direção à volta da clareira de onde viera. "Ela só saiu para um passeio," ele respondeu a Claire, "e estava por aí."

Claire franziu o nariz enquanto Jay passava por ela, meio que carregando Violet agora. "Por que você não seguiu sua trilha?"

Violet ouviu a pergunta de Claire, e ela vagamente pegou o som da voz de Jay trovejando contra a lateral de sua cabeça, mas ela não conseguiu ouvir suas palavras.

Suor frio arrepiou contra a parte superior de seu lábio. Os arrepios que agarraram nela não tinham nada a ver com o clima.

Sombras puxaram a periferia de sua visão e, em seguida, lentamente, apertou mais e mais, até que ela estava nadando em um vórtice de escuridão. Ela sentiu-se caindo, e parecia eterno, antes que ela finalmente parasse... pousasse em uma pilha contra algo sólido... e quente...

29

Quando Violet abriu seus olhos, ela estava dentro da cabana. Quatro rostos ansiosos olhavam para ela.

E um levemente desinteressado.

Aparentemente, o *acidente* de Violet tinha até mesmo atraído Megan de seu quarto.

"Olha quem está de volta," Chelsea disse enquanto se jogava no braço do sofá maltrapilho em que Violet se apoiava. Violet não podia deixar de notar que a voz de Chelsea tinha voltado ao seu tom normal—o tom livre de Mike—e estava preenchida com preocupação.

"Como você está se sentindo?" Jay perguntou em seguida, ajoelhando em frente dela para que eles ficassem olhos nos olhos.

Ela se sentiu melhor só o vendo lá.

Violet correu seus dedos tentativamente sobre sua nuca e, então cuidadosamente tocou a ponta dos seus dedos sobre suas têmporas. Não havia dor. Ela tinha ido embora agora. Toda ela.

Tudo o que permanecia era a prolongada atração de voltar à mata.

"Eu estou bem," ela insistiu. E quando parecia que ele não acreditava nela, ela adicionou, "Sério, eu me sinto bem agora."

"Eu vou pegar um pouco de chocolate quente," Chelsea ofereceu, e Violet percebeu que Chelsea devia estar genuinamente preocupada. Ela sentia como se ela estivesse vendo bastante este lado de Chelsea recentemente.

Claire foi com Chelsea para a cozinha, onde elas remexeram tudo tentando ligar o fogão a gás, até Megan, quem tinha estado silenciosamente a toa no plano de fundo, foi para ajudá-las. A jovem garota se mexia habilmente dentro do pequeno espaço da cozinha, ligando o fogo e achando uma panela para elas, e, por fim, Claire e Chelsea afastaram-se. Megan parecia confortável com aquele arranjo.

"O que aconteceu?" Violet perguntou a Jay quando Mike foi se juntar às garotas na cozinha, dando aos dois uns momentos sozinhos em frente ao fogo.

Jay sacudiu sua cabeça, sua expressão negra. "Você me diga. Um minuto você estava se apoiando em mim, e no próximo você desmaiou. Me assustou pra cacete."

"Claire de fato gritou," Chelsea acrescentou, regressando a eles. Ela se sentou em

uma cadeira de madeira em frente à Violet. "Eu não acredito que você não ouviu ela. Eu estou com o Jay, entretanto, foi bem assustador. Você tem sorte que ele te pegou antes que você atingisse o chão."

Violet se encolheu. Ela olhou para Jay, humilhada. "Você... *Me pegou?*"

Ele acenou, e ela podia dizer pela expressão em seu rosto que ele estava apreciando essa parte. Muito. "De nada," ele disse com uma cara completamente séria.

Ela olhou para ele de novo e rolou os olhos, teimosamente se recusando a agradecê-lo depois dele tão claramente já ter se dado tapinhas nas costas.

Megan voltou, carregando uma xícara de chocolate quente, e Claire a seguiu.

"Cuidado," Megan preveniu quietamente, passando para Violet. "Está meio quente."

As pontas dos seus dedos se roçaram conforme a xícara trocava de mãos. Violet prendeu os olhos com a garota mais nova. "Muito obrigada." Ela transmitiu tanto significado quanto ela podia nessas duas simples palavras e esperou que fosse um gesto suficiente, mesmo que só por si mesma. Ela se sentia mal pelas coisas que pensou de Megan, pelas coisas odiosas que suspeitou que ela tivesse feito.

Megan puxou sua mão e olhou para baixo nervosamente. "De nada." Sua voz era tímida e hesitante.

"Então ela te dá chocolate quente e você agradece a ela. Eu salvo sua vida e eu não ganho nada. Isso não é justo," Jay reclamou.

Violet sorriu maliciosamente a ele sobre o topo de seu chocolate quente. "O dela é mais gostoso," ela provocou, assoprando o líquido quente e então tomando um gole. "Além disso, eu acho que você já agradeceu a si mesmo."

Claire interrompeu os dois, passando um guardanapo para Violet. "Então, sério, Violet, o que aconteceu lá?"

Violet sacudiu sua cabeça, tentando juntar aqueles momentos depois de Jay achá-la no bosque, depois dela ter descoberto a localização do eco. Ela lembrava a dor intensa que havia seguido, o chamado do corpo, e a revolucionária, entorpecente sensação uma vez que ela havia localizado-o. E então Jay tirando ela, e a dor voltando, seguida pela sua visão diminuindo. E então...

"Eu só fiquei tonta, eu acho," ela finalmente respondeu, sabendo que era uma desculpa fraca. "Eu estou bem, entretanto," ela repetiu, desta vez tentando soar mais convincente.

Ruim ou não, ninguém fez mais perguntas; eles pareciam aceitar sua história.

Violet ainda se sentia distraída pelo eco, apesar da distância que agora a separava dele. Por agora, contudo, tudo o que ela podia fazer era tentar ignorá-lo.

Quando eles decidiram que era hora de fazer o jantar, Mike e Jay foram para fora, a um pequeno galpão de armazenamento, pegar lenha para o fogo.

"Seu pai vai estar aqui para o jantar?" Claire perguntou para Megan, que estava fazendo seu melhor para manter-se imperceptível no espaço aberto da cabana.

Megan simplesmente sacudiu sua cabeça como resposta, mal fazendo contato visual enquanto respondia.

Chelsea jogou um olhar inquisidor na direção de Violet. "Você sabe onde ele está?" ela indagou, mesmo estando evidente que a garota estava desconfortável.

Violet percebeu o incômodo de Megan. Parecia irradiar dela. Ela não *queria* ser notada; ela não *queria* ser incluída. Ela pairava, sem palavras, sem som, na periferia, existindo em quieta solidão.

Ela é tão triste, pensou Violet. *Triste e solitária.* Violet se perguntou se ela sempre foi assim.

"Ele está na cidade. Ele provavelmente ficará até tarde," Megan praticamente sussurrou as palavras.

"O que ele faz, fica num bar a noite toda?" Claire tentou fazer piada.

Megan olhou para Claire, sua face séria. "Às vezes," ela respondeu.

Mike veio em seguida, sem querer quebrando o silêncio estranho que caíra sobre as meninas. Jay seguindo logo atrás; os dois estavam com os braços cheios de troncos. Um carrinho de mão com mais madeira estava atrás da porta dos fundos, tanto Chelsea quanto Violet pularam para ajudá-los, empilhando os troncos do lado da lareira com perfeição.

Foi um desvio conveniente do constrangimento causado pela resposta duramente honesta de Megan.

Então o que aquilo queria dizer, exatamente, sobre o pai deles? Que ele era um bebedor? Um alcóolatra? Que as crianças eram frequentemente deixadas sozinhas para se arranjarem?

Isso explicaria a facilidade de Megan na cozinha e sua atitude de isolamento, não é? Que ela e Mike estavam acostumados a cuidar de si mesmos?

A vergonha de Violet se aprofundou.

O jantar foi simples: sanduíches de queijo grelhado e batatas chips. É claro, que foi Megan quem teve que acender o fogão. E Megan, novamente, que conseguiu grelhar os

sanduíches sem queimá-los. A tentativa de Chelsea não terminou tão habilmente, e seus sanduíches eram mais queimados que grelhados. As de Violet eram ainda menos admiráveis. Jay arranjou-se melhor, fazendo algo que era ao menos comestível. Mas Megan provou ser um gênio culinário. Ou pelo menos um gênio do sanduíche de queijo grelhado.

Então Jay ajudou Megan no fogão, e essa foi a única vez que Violet viu Megan se esforçando para interagir com qualquer um deles. Ela silenciosamente lhe fez perguntas enquanto trabalhavam, e sorriu hesitantemente quando ele respondia a sua atitude brincalhona.

Isso lembrava a Violet do porque ela suspeitara de Megan tê-la perseguido no começo. Além de todas as suas outras suspeitas, estava óbvio que Megan tinha uma pequena queda por Jay. Talvez mais que pequena. E Violet sentiu imediatamente culpa por ainda ter pensado nisso novamente. Ela sabia que não foi Megan.

Ela sabia que não foi Megan.

Violet e Claire puseram a mesa enquanto Jay e Megan faziam o jantar. Mike e Chelsea *cuidaram do fogo*, o que se mostrou equivalente a Violet e Jay *fazendo a tarefa de casa*, logo quando foram chamados para irem pegar seus pratos, estavam com os olhos vidrados e distraídos.

Depois do jantar, Mike e Chelsea foram designados para limpar a bagunça, o que *de fato* significava *limpar a bagunça*, já que os dois não ajudaram a preparar. Todos os outros foram sentar-se ao fogo.

Violet continuou se sentindo puxada pelo o que quer que tenha descoberto embaixo da cobertura de árvores, enterrado debaixo de congeladas camadas de gelo e neve. Perguntou-se brevemente como ela iria resolver esta situação... era um animal que ela não conseguia alcançar, não podia re-enterrar. Ela continuava não entendendo porque o desejo de achar alguns era tão mais forte que outros, porque algumas criaturas, como o veado à beira da estrada, podiam deixá-la passar enquanto outros queriam tanto ser achados que continuavam a atraí-la, muito depois dela ter deixado seu raio de alcance.

Ela esperava fortemente que a necessidade de achar os corpos iria simplesmente desaparecer ao longo do tempo, libertando-a eventualmente de suas garras indefiníveis.

Já havia passado das nove horas pelo tempo que terminaram de limpar e estavam se preparando para passar a noite. Do lado de fora a neve parou de cair, e mesmo apesar do céu estar escuro, o chão brilhava assustadoramente, capturando fios de luz e refletindo-os como se fossem pequenos pedaços de vidro. Isso criou um cenário fantasmagórico.

Eles reordenaram a mobília e espalharam seus sacos de dormir pelo piso, em frente a lareira. Havia um quarto, Violet presumiu que fosse onde Megan dormiria, já que era onde ela esteve se escondendo previamente, e um pequeno loft acima, onde ela achou que

o pai do Mike ficava. Quando ele estava lá.

Mas, mesmo tendo um quarto, Megan não recuou de novo. Ela ficou com o grupo, demorando-se nas margens, sentando sem fazer um som numa cadeira, tão longe quanto possível deles e ainda ser considerada no mesmo cômodo.

Tão frequentemente quanto ela podia, Violet tentava incluir Megan na conversa deles. Mas Megan era relutante, respondendo com o mínimo possível de palavras e então caindo em silêncio de novo, teimosamente evadindo as tentativas de Violet de enturmá-la.

Quando ficou tarde, um por um eles começaram a achar seu caminho aos sacos de dormir. Violet engatinhou no dela, ao lado de Jay, e eventuamente Megan desceu o curto corredor para o seu quarto.

A conversa diminuiu, e então desapareceu no silêncio, até tudo o que restou era o estalar do enfraquecido fogo.

30

A chuva a acordou, mas era a vaga dor que impedia Violet de dormir de novo. Ela a alcançou pelo seu pescoço, agarrando a base de seu crânio com dedos vigorosos.

E com isso, algo mais capitou sua atenção. Uma luz que penetrou a noite.

Ela saturou suas pálpebras, não importa quão forte ela as mantinham fechadas. Mas não era unicamente a luz por si só que a forçou à consciência. Era o padrão. A descontinuidade dele.

Estava piscando.

Um calafrio gelado a varreu conforme aquela percepção despontou, e Violet lutou contra a vontade súbita de entrar em pânico. Por mais difícil que fosse, ela se forçou a não reagir. Ela se deitou lá, imóvel, fingindo *não* estar acordada.

Tem uma explicação, ela entoou internamente, repetindo as palavras de novo e de novo. Precisava haver uma explicação racional.

Passos vacilaram através do chão, e Violet segurou sua respiração, ouvindo a eles, seguindo-os em sua mente. Ela pensou sobre acordar Jay, mas estava com medo demais para respirar, muito menos se mexer.

E mesmo que a dor em sua cabeça era menos intensa que antes, ela a reconheceu imediatamente. Era clara, inequívoca.

Era o eco do bosque. Ou antes, a impressão, vinda da pessoa responsável por enterrar o que for que Violet achara hoje. Mas isso não era tudo. Havia outra coisa além da luz e da dor que Violet não podia exatamente localizar.

Ela ouviu os passos pararem na cozinha e o chacoalhar de chaves conforme elas atingiam o balcão.

Violet lentamente—*tão, tão lentamente*—espreitou suas pálpebras abertas, seu pulso gritando descontroladamente enquanto tentava manter a farsa de que ainda estava adormecida. Cada movimento que fazia parecia óbvio e exagerado, e ela estava com medo de que quem quer que estivesse lá iria perceber ela. Estendida acordada, tentando roubar um vislumbre.

O piscar continuou, dificultando permanecer parada, conforme seu corpo fisicamente reagia a cada pulso de luz. Sua cabeça pulsava incessantemente.

Quando suas pálpebras finalmente abriram, ela viu um homem. Ou ao menos ela

viu suas costas, alto e espesso, ainda usando uma pesada jaqueta vermelha e preta xadrez de algodão. Ele oscilava levemente, mesmo que ele estivesse parado, suas mãos descansando na borda do balcão. E de onde ela estava deitada, Violet podia sentir o denso cheiro de tabaco rançoso e cerveja que ele carregava em si.

Ele virou então, tropeçando sobre suas próprias botas desajeitadas, e Violet abaixou seus cílios, esperando por vários instantes para ter certeza de que ele não a descobriu lá, e quando ela olhou de novo, ela viu um rosto o qual ela reconheceu instantaneamente.

Era o rosto de Mike.

Ou o que ela imaginava que Mike poderia parecer como um encharcado homem de meia idade.

Era seu pai, Ed Russo.

E a luz tremulando em sua pele era anormalmente intensa, dolorosamente brilhante. Ainda, ela poderia ser tolerável, se Violet não soubesse a causa disso.

Ela lembrou a noite em que ela acordou pela primeira vez para aquele brilho piscante, e ela se perguntou como um homem—como *esse homem*—podia ser responsável pela morte de um pequeno gato que ela havia descoberto em sua casa.

E *por quê*...?

As perguntas a assombravam e aterrorizavam.

E agora o que? Agora que eles estavam *aqui*, nessa remota cabana na montanha, *juntos*? Como isso podia ser uma coincidência?

Ela não sabia o que devia fazer agora. Ela se sentia presa pelas circunstâncias—o clima, sua localização. Sua proximidade com esse *assassino*. Ela não tinha nenhum jeito de alcançar o mundo de fora, não sem ir à cidade e ligar por ajuda, e ela não achava que ir sozinha seria esperto.

Então quais eram suas opções? Acordar Jay? Dizer aos outros que o pai do Mike havia matado um gato e deixado em seu quintal para ela achar?

Como ela explicaria aquilo? *Por que* ele faria algo assim em primeiro lugar? E porque Violet? Até onde ela sabia, essa era a primeira vez que ela colocava seus olhos nele.

E então havia a nota. E os telefonemas. Ela realmente pensava que esse homem, *o pai do Mike,* era responsável por aqueles também?

Além do mais, ele certamente não parecia consciente dela agora, não parecia se importar que ela estivesse aqui agora mesmo.

Sua cabeça estava girando—cambaleando—e a dor implacável estava fazendo cada

vez mais difícil para Violet se concentrar. Ela se sentia tonta. Mas pior, havia algo mais agora, algo que ela não podia mais ignorar.

Desde que acordara, desde que esse homem pisara no cômodo com ela, Violet havia sido sobrecarregada pelo desejo irresistível de voltar às florestas.

De volta ao eco.

Violet ficou parada até muito tempo depois do silêncio ter descido sobre a cabana uma vez mais, muito tempo depois do pai de Mike ter subido ao loft e ela ter o ouvido se acomodar para a noite.

E então ela esperou ainda mais, só para ter certeza, antes dela vagarosamente, cuidadosamente, se libertar de seu saco de dormir, tentando não incomodar aos outros à sua volta. Ela não queria acordar Jay; ela sabia que ele iria tentar pará-la. Mas ela não podia ficar aqui.

Seu corpo inteiro tremia com necessidade conforme a dor em sua cabeça era completamente dominada pela absoluta, consumidora vontade de procurar o eco de novo. Mesmo a luz piscando que vinha em explosões do loft acima era simples de ignorar em face de seu desejo aniquilador de localizar o que quer que estivesse enterrado na neve.

O fogo ainda queimava, e Violet percebeu que alguém, provavelmente Mike ou Jay havia adicionado mais madeira durante a noite. Ainda, apesar do fogo, Violet estava congelando. E a ideia de sair na temperatura quase ártica era perturbadora, mas não impedimento suficiente contra a ânsia primitiva que Violet não podia mais negar.

Ela se vestiu rapidamente, se pondo em camadas em suas pesadas roupas de inverno, antes de agarrar uma lanterna e se mover sem som através do chão com suas botas em suas mãos. Ela não respirou enquanto abria a porta de trás, cuidadosa em manter o trinco sem fazer um som. Ela soltou suas botas na neve, e entrou nelas conforme ela fechava a porta suavemente atrás de si.

O implacável ar da noite cortou por seus pulmões com sua primeira respiração. Choque rolou por seu corpo em um espasmo perverso, e o calor que ela esperava carregar consigo, empacotado dentro de seu grosso casaco, foi coado em uma dura arfada.

Mesmo seus ossos se sentiam gelados e quebradiços.

Ela puxou as bordas de seu chapéu tanto quanto ela podia e enrolou seu cachecol sobre seu rosto, respirando nele para criar um bolso de ar quente.

Ela foi em direção ao galpão, sem ter certeza do que ela iria encontrar lá, mas esperando haver algo, *qualquer coisa,* para cavar, que ela poderia carregar consigo.

O galpão decadente estava escuro, e a madeira antiga cheirava a mofo mesmo no frio. Violet ligou sua lanterna para poder ver dentro. Lenha para o fogo estava empilhada

contra uma parede inteira. Contra as outra, haviam velhas caixas, empilhadas uma em cima da outra, ferramentas de vários tipos, muitas das quais ela não reconheceu: uma pá de neve que ela duvidava ser útil, latas de tinta enferrujadas, uma velha vassoura, e uma escassa madeira raquítica. Ela queria uma pá de verdade, algo com uma extremidade pontuda, capaz de penetrar a terra firme, mas não havia nada assim.

Ela encontrou, entretanto, algo que poderia se provar tão útil quanto. Um machado encostado contra uma pilha de madeira, com uma lâmina que, afiada ou não, iria ao menos quebrar o sólido gelo para alcançar a terra abaixo.

Violet andou, suas botas esmagando o sólido gelo, tão longe quanto ela podia no brilho que radiava das janelas da cabana. Ela não queria ligar a lanterna até que ela precisasse. Ela não queria atrair atenção para si, mesmo apesar de todo mundo lá dentro ainda estar adormecido.

Mas não havia lua para iluminar seu caminho, e estava escuro atrás da espessa camada de nuvens. E eventualmente, quando ela estava muito distante da casa, ela teve que usá-la de qualquer jeito.

O feixe de um brilho refletivo vindo do chão como uma névoa bonita e etérea. Em qualquer outra oportunidade Violet teria pensado que era maravilhoso e belo. Agora, todavia, ela estava muito presa ao seu propósito para apreciar o espetáculo de inverno.

O machado cresceu pesado em sua mão, e ela o ergueu, apoiando contra seu ombro para aliviar a carga do seu peso.

Houve apenas um momento de alívio para Violet, depois que ela esteve liberada de sua dor da marca na cabana, a qual o pai do Mike carregou. Embora ela soubesse que era apenas temporário, aquilo a chamaria conforme ela se aproximasse da cobertura das árvores, onde o corpo estava escondido. Contudo ela era impotente para impedir a si mesma de mover-se em direção ao corpo.

Ela não precisava ver seu rastro pela neve para se localizar, o eco a encontrou de novo facilmente, buscando por ela. Chamando por ela.

Mágico, pensou Violet, *o desejo dos mortos.* E ainda que a dor tivesse se restaurado nela, ela estava perfeitamente ciente de que a natureza de sua habilidade era nada menos que um milagre.

Nesse momento, isso era uma coisa bela.

Assim como antes, a dor aumentou, e as sensações narcóticas adentraram no seu sistema, liberando toxinas imaginárias que fizeram sua cabeça mais leve com alívio.

Ela havia chegado ao corpo escondido.

Ela pensou no pequeno gato na caixa e imaginou, pela primeira vez, o que estava

debaixo dela, enterrado dentro do solo congelado sobre o qual ela pisava.

Mike disse que seu pai foi um caçador, e Violet presumiu que dissesse respeito a uma presa, alce ou veado, ao invés de codornas ou coelhos.

Ou pequenos gatos desabrigados, Violet pensou amargamente.

Ela deixou a neblina retornar a ela conforme caía de joelhos.

ORGULHO

Megan escutava no escuro, enquanto portas abriram e fechavam de novo. Ela crescera acostumada a ser uma sentinela da noite. Hábitos há muito alimentados eram difíceis de quebrar.

Ela ouviu seu pai entrar, e ela sabia pelo som de seus movimentos instáveis em torno da cabana que ele havia bebido.

Ela ficou acordada muito tempo depois que ele foi para a cama e os seus sons noturnos tinham cessado.

E depois havia outra coisa. Outro som.

Primeiro, Megan pensou que não era nada. Um dos amigos de seu irmão levantando-se para usar o banheiro.

Mas não era.

Ela escutou. Duramente.

Era quase imperceptível, e se ela não tivesse ido à sua janela, ela poderia o ter perdido completamente. Alguém deixou a cabana.

Não, não alguém. Violet.

Era estranho ver Violet indo embora, vestida para o clima e desaparecendo na noite pouco convidativa. Poucos dias atrás, Megan poderia ter se sentido de forma diferente sobre o que estava presenciando, em ver alguém que ela desprezava desaparecendo nas sombras glaciais.

Mas agora... agora ela sentia algo que ela não esperava sentir. Curiosidade.

E preocupação.

Violet foi gentil com ela quando ela não merecia nada além de condenação, mesmo se Violet estava insegura quanto às ofensas que Megan havia cometido contra ela. Mesmo assim, Violet dera boas vindas a Megan no grupo deles, perdoando o que for que ela havia suspeitado e tentando começar de novo.

Megan se sentia culpada por tudo que ela fez a Violet.

Era uma estranha mistura de emoções. Sensações desconhecidas rastejavam sobre ela em ondas indesejáveis.

Megan tocou embaixo de seu travesseiro e puxou a pequena coleira rosa que ela escondera lá. Ela apalpou, amorosamente, acariciando-o lentamente entre o polegar e o indicador conforme ela fechava os olhos.

Ela tinha saudades do seu gatinho, o vira-lata que estivera secretamente alimentando, secretamente amando. Ela sentia saudades do jeito que ele esperava por ela, contava com ela, a amava de volta.

Era a primeira vez que Megan tinha sido necessária. Realmente necessária.

Mas seu pai tirara isso dela também.

Ele não a permitiria ser amada.

Ele era egoísta demais para permitir qualquer coisa boa, então ele tomou conta do problema, não discutindo e demandando que ela expulsasse o gato, mas simplesmente o deixando no lixo para ela achar.

Agora tudo o que ela tinha do gato era a coleira que havia comprado e uma armagura que se recusava a deixá-la sozinha.

Seu pai nunca admitiu o que ele havia feito, e Megan nunca o confrontou. Mas ela sabia que foi ele.

Ela tinha se sentido doente quando descobriu seu gatinho lá, cheia de raiva. Mas seu próximo passo foi desorientado, ela percebia agora. Equivocado. Não era culpa de Violet que a vida de Megan não era o que ela queria que fosse. Não era Violet que ela devia odiar.

Era ele. Era seu pai que ela odiava.

Megan reconheceu o som dos seus passos fazendo o seu caminho de volta para baixo da escada rangente do loft.

Seu estômago se apertou com força enquanto ela lançava-se embaixo de suas cobertas, habilmente fingindo dormir, como ela fizera muitas noites antes.

Mas não era o quarto dela que ele visitou.

Ela escutou enquanto, não tão silenciosamente como Violet, seu pai movia-se sem graça pela cabana e pela porta dos fundos.

Ela correu para olhar através dos vidros opacos de sua janela, enquanto observava ele desajeitadamente fazer o seu caminho através da neve, uma espingarda na mão.

Seguindo os passos de Violet.

31

Violet se encolheu enquanto o machado atingia a terra congelada, enviando uma sensação de formigamento pelos seus braços. O machado parecia muito pesado em suas mãos, o peso demasiado sólido para a tarefa.

Ela posicionou a lanterna na neve para que clareasse sobre o local onde ela estava tentando cavar.

Ela estava tendo um momento difícil aguentando pensamentos coerentes. Eram vaporosos, vagando como fios opacos de fumaça, apenas para desaparecer como sombras sempre que ela tentava agarrá-los. Esse eco em particular, tinha um efeito inebriante indefinível que parecia de repente intensificar... dominando-a em seu aperto, apertando-a em seu abraço.

Mas ela já estava aqui, respondendo ao seu chamado; por que ficou mais forte agora? A menos que…

Sua voz profunda e abatida confirmou o que ela havia imaginado – ela não estava mais sozinha.

Ela não tinha certeza de como ele conseguiu deslocar-se sobre ela – se era a falta de clareza que assolou o cérebro dela ou se era a dor persistente filtrando ao redor dos limites. Ou simplesmente que ela estava demasiada ocupada em tentar encontrar seu caminho abaixo da superfície do solo gelado que não percebeu que algo havia mudado ao seu redor.

Que algo estava errado. Terrivelmente, terrivelmente errado.

"Como você sabia?" as palavras do homem ralaram duramente durante a noite.

A cabeça de Violet clareou brevemente assim que ela lançou-se de volta de seu serviço, o medo temporariamente sacudindo-a de seu estupor. Ela não precisava perguntar quem ele era, quando ela o viu ali, as rajadas quebradas de luz que emanavam sob o capuz de seu casaco deu-lhe essa resposta. Ela notou que estava chovendo novamente, que ela podia ouvir as mesmas gotas pesadas que a despertaram.

Não, ela percebeu tardiamente. Não está chovendo; está frio demais para chover. Era apenas o som que ela ouviu.

Ela olhou para as mãos enluvadas, no machado que ela segurou ali. Ela não sabia o que dizer. Terror bloqueou sua garganta, sufocando-a.

Ele falou novamente, desta vez mais calmo, sua voz devastada por algo que soava como tristeza. Talvez até mesmo arrependimento. "Como você a encontrou?"

Suas perguntas não faziam qualquer sentido, e Violet se esforçou para prestar atenção.

Ela? Violet tentou lembrar o que sabia—que não era muito—sobre caça, sobre as leis que os caçadores eram esperados para cumprir. Não eram eles que deveriam caçar somente os machos? Não era ilegal matar as fêmeas?

Ela cerrou os dentes, forçando-se para não sucumbir à atração sedutora do eco, o veneno que prometeu amortecer os seus sentidos.

Ele tropeçou enquanto dava mais um passo na direção dela, e Violet podia ver seus olhos avermelhados por trás da luz bruxuleante, e os círculos escuros abaixo deles. De tão perto, parecia muito mais velho. E assim, muito cansado.

Ele olhou para ela sem ver.

Violet lembrou que ele esteve fora—presumivelmente bebendo—e ela perguntou se ele sentia-se meio obscurecido como ela se sentia.

Ela pensou em se afastar disso, do eco sob seus pés, em um esforço para reunir seu juízo. Mas a perspectiva de enfrentar essa dor novamente, amplificada pela presença do homem que carregava a marca apropriada, era insuportável. Ela preferiu permanecer drogada.

A voz dele, quando falou novamente, estava cheia de angústia. "Eu a amava. E um longo, longo tempo atrás, ela também me amou. Eu não queria ter feito isso."

Violet estava perdendo a batalha para entender o que ele estava dizendo a ela. Suas palavras pareciam nada mais com peças de um enigma insolúvel para sua mente apodrecida.

Ela abriu a boca para perguntar o que ele queria dizer, mas ela não conseguia formular os pensamentos em palavras, e em vez disso ela se sentou ali, devidamente pasmada.

"Ela prometeu me amar para sempre. Ela fez um voto..." sua voz tornou-se amarga, irritada. Saliva reunida nos cantos de sua boca, e Violet poderia dizer que ele não estava mais falando com ela. Ele olhou por cima da cabeça dela, perdido em suas memórias. "Mas ela mentiu. E então ela me disse que não me amava mais. Ela disse..." sua voz quebrou. "... ela disse que queria ele. Ele arruinou a minha vida." Sua mandíbula se apertou.

Os olhos de Violet desceram para a mão dele, que pendia inerte ao seu lado. Ela viu a espingarda que ele suportava, agarrada na palma da mão.

Sua cabeça começou a limpar enquanto ela estremecia. O sangue dela sentiu-se elétrico dentro de suas veias e ela estava, de repente, lucidamente, ciente de seus arredores... e do homem diante dela. Ela ficou aterrorizada com o que estava presenciando, embora ela ainda não estivesse certa do que era que ele estava confessando. Mas ela sabia, no fundo de seu coração, que ele estava dizendo a ela algo que ela provavelmente não queria ouvir. Que ninguém jamais deveria precisar ouvir.

Ainda assim, ele não olhou para Violet. "Mas eu a amava," ele sussurrou, perdido em seu passado. "Como ela poderia apenas ir embora assim? Como eu poderia deixá-la ir embora?"

Violet não podia tirar os olhos longe da arma, e seu coração batia dolorosamente, vibrando violentamente. Espalhafatosamente.

"Eu não queria machucá-la," ele admitiu, seu olhar encontrando o de Violet, tentando convencê-la, implorando que ela entendesse.

O coração de Violet explodiu dentro de seu peito, e ela tremia completamente enquanto esperava para ver o que ele queria dela. O que ele pretendia fazer com ela.

Ela assentiu com a cabeça, dizendo-lhe que ela acreditava nele.

"Eu não podia deixá-la levar meus filhos para longe de mim. Eu não podia deixá-los começar uma nova família com ele." Seus olhos tornaram-se febris, enquanto ele explicava. "Eles me amam, você sabe? E eu tentei explicar isso a ela, dizer que ela estava errada, que eu poderia mudar. Mas ela já havia decidido. Ela disse que era tarde demais. Ela disse que eu nunca iria vê-los novamente." Ele fez uma pausa, olhando confuso, perguntando a Violet, "Nunca vê-los novamente? Como ela pôde fazer isso comigo?"

Ele franziu a testa e balançou a cabeça, determinação centrada em cada linha dura de seu rosto. "Eu tentei falar com ela, e quando ela não me ouviu, tentei impedi-la. Eu não queria machucá-la." Ele chorou então, a frase sumindo em um soluço fraturado. "E depois eu a trouxe aqui, para que ela pudesse estar em um lugar que ela sempre amou. Para sempre..."

Ele agarrou o cabo da espingarda com tanta força que seus dedos ficaram brancos enquanto ele olhava para Violet. "Eu realmente sinto muito que você a encontrou," explicou ele, infelizmente. "Eu não queria que mais ninguém morresse."

32

Jay rolou em seu saco de dormir e esticou o braço para Violet. Quando a mão dele varreu a superfície fria de seu travesseiro, ele abriu os olhos.

No brilho das brasas de desvanecimento da lareira, ele podia ver que ela não estava lá, que ela já não estava deitada ao lado dele. Ela deve ter ido ao banheiro, ele pensou preguiçosamente, enquanto ele se deslocava no chão e esperava a volta dela.

Ele ouvia até os sons de paz em torno dele. A respiração profunda de Mike beirava o ronco, e Jay pensou cutucá-lo—talvez mais como um soco no braço—para fazê-lo parar, mas ele decidiu que preferia ficar sozinho com Violet quando ela voltasse, e acordar Mike seria contraproducente.

Ele não tinha certeza quanto tempo ficou esperando, quanto tempo passou, mas finalmente ele percebeu que era demais, e ele se levantou para ver o que estava levando muito tempo.

Quando ele olhou para o corredor, à porta aberta do banheiro escuro, seu estômago afundou.

Violet não estava lá.

Ele hesitou um pouco, fora da porta fechada do quarto—quarto de Megan—pensando que talvez... talvez Violet tivesse deslizado até lá para falar com a irmã de Mike. Por que, ele não sabia. Mas ele precisava descobrir.

Ele bateu tão suave quanto podia, tentando não acordar os outros. Não houve resposta.

Ele respirou fundo enquanto girava a maçaneta para olhar dentro. A lâmpada ao lado da cama estava ligada, e a cama estava desarrumada, mas vazia. Ninguém estava no quarto frio e pequeno.

Pânico o abraçou. Alguma coisa estava errada. Isso tudo estava errado.

Ele correu de volta para onde seus amigos estavam dormindo, e desta vez ele agarrou o braço de Mike, inclinando-se para acordá-lo. "Elas sumiram. Megan e Violet, elas não estão aqui," ele sussurrou em voz alta.

Mike estava grogue e lento para entender o que ele tinha dito. "O que..." ele segurou o braço na frente de seus olhos, como se a luz difusa do fogo persistente era demais para ele. "O que você está falando?" ele resmungou.

"Jay, onde está Violet?" Chelsea perguntou enquanto se sentava, esfregando o rosto.

"Eu não sei," respondeu Jay, sua voz ficando mais alta. "Ela não estava aqui quando eu acordei, e eu verifiquei o quarto da sua irmã," disse a Mike. "Ela não está lá também."

Mike sentou-se agora, pegou sua camiseta do chão e puxou sobre sua cabeça. "Meu pai está aqui?"

Mas ele já estava indo para frente da cabana para ver por si mesmo. Ele voltou e verificou duas vezes o quarto da irmã antes de correr até as escadas para o sótão.

"Bem, seu caminhão está aqui, mas ele não," afirmou Mike, totalmente alerta agora.

"Onde você acha que eles estão?" Claire perguntou, abraçando o travesseiro contra o peito.

Mike balançou a cabeça. "Não há realmente muitos lugares para ir aqui." Ele olhou para Jay por sugestões.

Mas Jay já estava colocando seu equipamento de neve. Ele sabia onde estava Violet, ele deveria ter sabido que ela iria tentar voltar lá depois que descobriu aquele eco... a atração era forte demais para ela ignorar.

"Você e Claire fiquem aqui," Jay disse a Chelsea. "Ponha um pouco de lenha na fogueira, e se Megan e Violet voltarem, vocês apenas fiquem paradas. Mike e eu vamos estar de volta assim que puder."

A confusão no rosto de Mike era evidente, mas ele vestiu-se de qualquer maneira, seguindo o exemplo de Jay.

Quando os dois saíram pela porta dos fundos, para o frio castigante da noite, havia três conjuntos claros e distintamente separados de pegadas frescas na neve.

33

"Você está dizendo que ela não nos deixou?" foi o débil sussurro de Megan que interrompeu a calma mortal suspensa no ar da noite.

Violet não tinha certeza se se sentia aliviada pela interrupção, ou se ela deveria gritar com Megan para correr.

Mesmo no estranho brilho da lanterna repousado na neve, Violet podia ver as lágrimas escorrendo pelo rosto de Megan enquanto a outra menina se esforçava para entender o que estava acontecendo. Ela olhou para seu pai incrédula, com repulsa e tristeza evidentes em suas feições. "Você está dizendo que ela está..."—ela apontou para o chão, para onde Violet havia cavado—"... aqui?" A última palavra estava vazia, ausente de qualquer som real, mas Violet ainda ouviu, e sentiu a dor da menina.

"Megan, por favor, tente entender. Ela queria levar vocês, crianças, para longe de mim. Ela queria separar-nos, mas eu não podia deixá-la fazer isso. Eu não podia deixá-la levá-los... não com Roger. Ele era a escória. Ele costumava bater na sua mãe, e eu não queria arriscar dele machucá-los também. Eu não sei por que ele precisava voltar e estragar tudo..." Ele deu um passo, diminuindo a distância entre eles. Ele tentou alcançá-la com a mão livre, mas ela se afastou, encolhendo de seu toque como se sua mão estivesse contaminada. "*Eu te amo*…"

Violet teve a oportunidade de se levantar. Ela se sentiu trêmula, cambaleante do efeito entorpecente do eco. No momento, porém, ela estava segura o suficiente para pensar—o medo mantendo seus pensamentos um pouco em foco—mas ela não tinha certeza de quanto tempo isto duraria, quanto tempo à adrenalina poderia evitar as sensações intrusas.

"Você não nos ama!" Megan gritou, finalmente encontrando sua voz. "Como você pôde machucá-la? Você não é melhor do que ele. Você é pior! Ela era nossa mãe!" Lágrimas escorriam por suas bochechas. "Ela não teria deixado ele nos machucar! Como você pôde?" ela gritou. "*Como você pôde*?"

"*Eu posso! Eu te amo!* Você é minha princesa. Eu não poderia viver sem você!" ele tentou tocá-la novamente, sua mão roçando sua face.

Megan estremeceu, caindo para trás e pousando na neve aos pés de Violet enquanto ela tentava fugir de seu próprio pai. Foi quando ele percebeu Violet novamente, e seu rosto torcido, contorcendo de ódio. "*Isso é culpa sua*," ele assobiou. "Isso tudo é por causa de você! Se você não tivesse vindo, nós estaríamos muito bem!"

Megan soluçou. "Nós não estávamos bem. Nós nunca estivemos bem. *Você matou a minha mãe!"*

Os olhos de Violet estavam arregalados, seu coração trovejando dentro de seu peito. Ela queria explicar que tudo isso foi um erro, um mal-entendido—qualquer coisa que poderia o fazer ir embora—mas ele já estava erguendo a espingarda ao ombro, mirando diretamente para ela.

Violet estremeceu, do medo e do frio. Ela estava congelada no lugar. A tempestade fantasma continuou a chover enquanto ela se perguntou que eco seria o seu.

"*Que porra é essa*? O que você está fazendo?" o som distorcido da voz de Mike correu através dela como um vento violento. Ela ouviu o barulho do corpo colidindo com o corpo enquanto Mike atirou-se contra seu pai, empurrando-o contra o tronco de uma árvore próxima.

Megan ficou de pé. "Ela não nos deixou. Ela não fugiu. Ele a matou," soluçou, apontando para seu pai.

Mike olhou para Violet, confuso. "Quem?" E então ele virou-se para Megan, notando seu estado, e foi como se alguém tivesse ligado um interruptor. Sua confusão desapareceu.

"É verdade?" Mike moveu sua mão para garganta de seu pai, prendendo-o ao grande tronco de árvore. "*O que ela disse é verdade*?"

Seu pai apenas fechou os olhos, e mesmo que ele não negasse a acusação, sua resposta era evidente.

E então Violet sentiu Jay quando ele chegou apenas alguns segundos atrás de Mike. Ele reuniu-a em seus braços, assegurando-se que ela estava segura antes de empurrá-la para trás dele, protegendo-a.

Mike arrancou a espingarda das mãos de seu pai. O homem mais velho nem sequer lutou por ela, ele apenas deixou-a ir, como se ele fosse desistir. Como se ele já estivesse derrotado.

Mike deu um passo para trás, liberando seu aperto sobre o pescoço de seu pai, com um empurrão áspero, e a cabeça de seu pai bateu contra a árvore. O som chocalhou em volta deles.

"Como você pôde machucá-la? Como você pôde fazer isso conosco?" Mas, mesmo enquanto ele falava, Violet viu como Mike habilmente soltou o cabo da espingarda, checando para ver se haviam balas dentro.

De onde estava, Violet viu a mesma coisa que ele fez, e ela sabia que a arma estava carregada.

Ela meio que esperava Megan dizer alguma coisa, para opor-se para onde isso ia. O olhar no rosto de Mike enquanto ele endireitava-se com o homem que havia acabado de admitir o assassinato de sua mãe foi de arrepiar. O fato de que ele estava armado era alguma tonalidade mais escura do que inominável.

Mas Megan só ficou lá, deslizando silenciosamente para o pano de fundo, desaparecendo à vista de todos. Até mesmo os olhos dela tornaram-se vazios.

Violet agarrou-se a Jay, com medo até de respirar.

O pai de Mike caiu ao chão. Ele chorou abertamente, berrando para o ar vivo, seu hálito quente fazia baforadas de vapor enquanto ele implorava a seus filhos: "*Eu sinto muito...Por favor... me perdoem*." Suas palavras saíram em entalhes de sibilos. "*Eu não mereço viver. Por favor, apenas me mate... Eu não quero ir para a cadeia...*" Ele enterrou o rosto nas mãos.

Enquanto Mike apontava a arma para o topo da cabeça inclinada de seu pai, suas mãos estavam visivelmente tremendo.

"Mike," Violet ouviu Jay dizendo enquanto ele dava um passo para frente. Violet queria detê-lo, mas era tarde demais. "Não faça nada estúpido," ele implorou a seu amigo.

Ela perguntou-se como Jay conseguia soar tão calmo, tão racional, quando ela duvidava se ela poderia falar naquele momento. Os sentimentos nebulosos do eco infringiam-na novamente enquanto ela lutava contra eles, afastando-os.

O olhar penetrante de Mike transferiu-se para Jay, seus olhos brilhavam estranhamente, loucamente. Por um instante, era como se tivesse esquecido que ele não estava sozinho... que não era apenas ele e seu pai. Ele franziu a testa para Jay, confuso.

Jay colocou as mãos na frente dele enquanto ainda se aproximava.

Na sua cabeça, Violet gritava para Jay voltar para ela, para protegê-la, para ficar longe dessa situação volátil.

"Você não quer fazer isso, Mike. Confie em mim. Ele já confessou, e ele irá para a prisão pelo o que fez. Não piore as coisas para machucá-lo."

A resposta de Mike foi insípida. "Eu não estava planejando feri-lo."

Jay deu um passo mais perto, compreendendo o significado por trás das palavras de Mike. "Eu sei. Mas pense na sua irmã." Jay olhou para onde Megan permanecia em silêncio, lágrimas silenciosas escorregavam por suas bochechas. "Ela precisa de você, Mike. Se você fizer qualquer coisa a seu pai, eles vão levá-lo longe dela, e então quem ela terá?"

Algo frenético cintilou nos olhos de Megan. Medo, talvez. E carência.

Mike olhou também e viu, realmente a viu em pé lá, frágil. Ele hesitou, seus ombros caíram levemente enquanto a raiva em seu rosto se estilhaçou para alguma coisa mais suave.

Megan não se moveu, mas seus olhos nunca o deixaram.

Quando Mike olhou para Jay, ele concordou. "Leve as meninas de volta para a cabana e depois vá a cidade para obter ajuda. Eu vou ficar aqui e esperar por você."

"Você não vai fazer nada com ele?" Jay perguntou, querendo algum tipo de garantia de que Mike não iria atirar em seu pai.

Mike olhou de volta para Jay. Com seriedade e determinação, ele respondeu: "Eu prometo."

Violet não queria, mas ela mais uma vez encontrou-se encostada em Jay enquanto as retiradas de tortura do eco esvaziavam o interior do seu crânio.

O que foi surpreendente para Violet, no entanto, era a reação de Megan. A garota mais nova se recusou a soltar de Violet, agarrando a outra mão dela, enquanto Jay mantinha-os em movimento através da neve em um ritmo constante. Violet não poderia dizer se o aperto era para emprestar—ou apoiar—ela. Tudo que ela sabia era que Megan a segurava fortemente.

E depois de tudo o que a menina passou, Violet não tinha nenhuma intenção de soltá-la. Em algum lugar ao longo do caminho, enquanto a dor era quase demais para suportar, Violet jurou que ouviu Megan sussurrando algo para ela, algo plácido que apenas Violet conseguiu ouvir.

Soava como: "*Sinto muito*."

Mas Violet estava muito cansada para ter certeza.

Enquanto eles se afastavam das árvores, cortando um caminho para o campo aberto, a dor começou a diminuir, apenas levemente no início, e, em seguida, a cada passo, Violet podia sentir alívio florescendo dentro dela como uma flor. Ela respirou profundamente, saboreando a libertação.

Mais à frente deles, o céu noturno em torno da cabana estava partido por estranhas rajadas incandescentes. Mas essas luzes eram diferentes da marca que irradiava da pele do pai de Megan. Essas eram o tipo de luzes que todos podiam ver. Luzes vermelhas e azuis que iluminavam a paisagem cristalina com tons de índigo e vermelho.

Os policiais já estavam lá. *Mas como?*

Atrás deles, a explosão da espingarda estalou bruscamente, ensurdecedoramente. Violet e Jay, ambos assustados, arremessaram-se reflexivamente enquanto seus pés

pararam de se mover na neve. No outro lado dela, Violet não sentiu nada de Megan. Nem mesmo um recuar. Ela só parou de se mover porque eles tinham que parar.

E eles sabiam, todos os três, que a beleza qualquer da noite de neve era apenas uma ilusão de gelo.

A cabana adiante deles de repente rompeu em um frenesi de atividade. Onde momento antes estivera tranquila, agora havia uma torrente súbita enquanto as pessoas correram em direção a eles, irrompendo pela porta dos fundos como uma multidão agitada. Lanternas saltaram ao longo do terreno, encontrando-os onde estavam, congelados à noite.

No alvoroço, Violet reconheceu uniformes entre a multidão. Ela viu seu tio e seus pais, que estavam correndo pela neve para chegar até ela.

E, em algum lugar, no meio do movimento e deslocamento de rostos, absorveu três deles—ela, Jay e Megan—ela viu Sara Priest.

34

Para Violet, o resto da noite foi como um sonho desconexo. Tanta coisa já tinha acontecido, e ela ainda tinha tantas perguntas.

Seus pais lhe explicaram sobre as chamadas de telefone que receberam de Sara Priest, que lhes tinha dado a impressão equivocada—exatamente como ela tinha feito quando ela conheceu Violet—que ela estava com o FBI.

Em primeiro lugar, aparentemente, Sara tinha acabado de deixar uma mensagem para Violet para chamá-la, uma mensagem que havia sido repassada para os proprietários de lojas de conveniência, já que não poderia alcançar o celular de Violet. E, depois, a chamada mais urgente—no meio da noite—dizendo que Violet estava com problemas, e que precisava de ajuda. Sara também sugeriu que chamassem o tio de Violet, e que os três a encontrasse, juntamente com as autoridades locais, ela entraria em contato, até a cabana isolada.

Eles não conheciam Sara, ou qual era sua relação com Violet, mas naquele momento, ao ouvir que sua filha poderia estar em perigo, não pararam para interrogá-la. Era suficiente saber que Violet poderia precisar deles.

Eles ficaram aliviados ao encontrar a filha segura e viva. E horrorizados de que Sara tinha razão, que Violet estava em perigo, e que alguém podia ter morrido naquela noite.

Eles abraçaram Violet com tanta força que ela sentiu como se pudesse quebrar. Nunca foi tão bom vê-los.

Chelsea e Claire estavam fora de si com alívio, ambas chorando quando elas perceberam que Violet, Megan e Jay saíram ilesos.

Nenhum deles sabia ao certo o que havia acontecido com Mike. Ele ainda estava lá fora.

Mas no momento em que os policiais foram em busca dele, ele já estava emergindo das madeiras congeladas.

Caos se sucedeu.

Violet se esforçou para vê-lo, para obter um vislumbre dele, enquanto ela ouvia a comoção que sua aparição repentina criou. Ela ouviu vozes gritando, exigindo que ele mostrasse as suas mãos e que as mantivesse levantadas.

Mike obedeceu apaticamente, e Violet notou que os olhos agora estavam tão vagos como os de sua irmã. Suas mãos estendidas estavam vazias.

Ela não sentiu absolutamente nada dele. Sem cheiros curiosos, sem cores ou luzes anormais, sem sons anômalos.

Sem marcas no geral.

Violet ficou aliviada, afastando de seus pais e deslocando-se para mais perto de onde Mike já estava sendo algemado. Ela queria chegar perto dele. Ela precisava saber o que aconteceu lá fora. Ela procurou-o, estudando-o. Ela vasculhou-o até as profundezas de sua habilidade e voltou com nada.

"O que você acha?" ela ouviu a voz familiar perguntando do lado dela.

Violet balançou a cabeça, confusa. "Eu acho que ele não fez isso." Houve uma pausa, e então ela olhou para Sara, lembrando-se de algo que precisava ser dito. "Há uma corpo lá fora, além do pai deles. Eu penso que Serena Russo foi enterrada lá por um longo tempo," Violet afirmou categoricamente, sentindo-se vazia agora também.

Sara piscou, e Violet podia ver as perguntas lá, as que Violet sabia que ela poderia responder agora. Quando tudo isso acabasse, ela contaria tudo a Sara. "Você pode mostrar-me onde?" Sara perguntou.

Violet levou Sara de volta para a floresta, de volta ao eco que a atraíra em primeiro lugar.

Elas não podiam chegar perto, a área já estava sendo isolada, e apesar de sua atração com a aplicação da lei, Sara ainda foi convidada a permanecer para trás. Embora não importasse; eles estavam perto o suficiente.

O pai de Mike estava lá, no mesmo local que ele estava quando Jay levou Violet e Megan para longe. Ele ainda tinha as marcas das vidas que ele havia tomado antes de sua morte.

E Violet sentiu a nova marca também, vibrante e fresca. Cercando seu corpo sem vida, cobrindo-o em aglomerados fantasmagóricos e pairando acima dele com vaporoso, espectral de asas, eram borboletas. Centenas e centenas de lindas borboletas sobrenaturais.

O corpo de Violet zumbiu com cada batida de suas asas delicadas e puras.

A arma estava desajeitadamente debaixo do braço.

Violet sabia que Mike não atirou em seu pai. Ela teria visto essa marca nele... e não estaria ali. Em vez disso, seu pai trazia tanto a marca quanto o eco de seu suicídio.

Sara estendeu a mão para tocar o braço de Violet, entendendo mal a expressão de dor no rosto de Violet. "Você não tem que olhar para ele," ela explicou suavemente.

Mas Violet não estava olhando para ele. Foi o outro eco que estava a fazendo estremecer de dor.

"Ela está lá." Violet apontou para o local próximo. "Ele a matou e enterrou lá."

Sara concordou, e Violet percebeu que em breve tudo estaria acabado. A dor, o desconforto, o sentimento inquieto de um corpo desejando a paz.

Uma vez que Serena Russo fosse devidamente enterrada, finalmente, Violet seria liberada.

"Foi ele, você sabe?" Sara explicou enquanto elas se viravam para sair. "Ed Russo foi responsável pela morte do cão de Roger Hartman."

Violet tentou responder, mas a dor já era insuportável. Sara não tinha nenhuma maneira de saber.

"Nós finalmente chegamos a Hartman, e ele nos disse que Ed Russo estava perturbando-o desde que ele voltou para a área, parando por seu trabalho e sua casa, fazendo telefonemas ameaçadores. Hartman deixou-nos ouvir algumas das mensagens." Sara não pareceu surpresa quando Violet estendeu a mão para ela, segurando em seu braço como apoio, e Violet estava com muita dor para se preocupar com as aparências. Sara continuou, sem perder o ritmo. "Divagações de bêbado, principalmente. Mas ele acusou Hartman de envenenar a mente de sua esposa e destruir sua família. Na última mensagem, ele se gabava de matar o cão. Coisa bem feia."

Mas Violet já sabia. Ela havia presenciado o eco—o fantasma da chuva—em primeira mão.

Ela franziu a testa, ainda curiosa sobre uma coisa. "Como você sabe que eu precisava de ajuda?" ela questionou Sara. "O que fez você vir todo o caminho até aqui no meio da noite?"

Sara olhou para cima, então, mas não para Violet.

Ela olhou à sua frente, para onde as árvores tornaram a abrir campo novamente. Havia algo estranho em seus olhos quando viu a pessoa que estava lá, algo que Violet não poderia interpretar. Um segredo dela própria, talvez.

Violet seguiu o olhar de Sara e viu Rafe lá, esperando por elas na neve com as mãos enfiadas no fundo de seus bolsos. Foi a primeira vez que Violet percebeu que ele estava ali. Seus sérios olhos azuis assistiram-as com cautela, prudentemente.

Mesmo na calada da noite, ele olhou misteriosamente fora do lugar.

Quando Sara respondeu a Violet, sua voz era abafada, suas palavras enigmáticas e pesadas com significado. "Alguém me disse você estava em perigo."

EPÍLOGO

Violet ficou no outro lado do vidro e estudou os homens à sua frente.

Novamente, eles não podiam vê-la. E, novamente, ela foi atingida por várias sensações ao mesmo tempo. Ela deu um passo para mais perto, até que ela pudesse ver sua respiração contra a barreira que a separava deles, e ela apertou as palmas das mãos contra a superfície fria, fechando os olhos. Concentrando-se.

Havia apenas uma sensação que ela estava procurando no meio de todas as outras.

Ela ouviu atentamente, o som de sua própria respiração firmando-se enquanto ela desembaraçava uma marca do resto.

Bonita. Comovente. Melódica.

As cordas evocativas da harpa.

Era ele, o homem que havia roubado o pequeno menino de sua família em Utah e deixou-o morrer dentro da caixa de transporte à beira-mar. Violet o reconheceria em qualquer lugar.

Ela abriu os olhos. "Ali," disse ela, apontando para o homem no fim da linha.

Sara concordou. "Você está certa. Isso é impressionante, Violet."

Violet sorriu. "Então eu passei?"

"Eu disse a você, não é um teste."

Ela deu um passo para longe do vidro, distanciando-se, e os homens estavam sendo conduzidos de outra sala. "Sim, mas era meio que isso."

Sara não respondeu. Ela não precisava. Violet sabia que Sara se recusaria a admitir isso.

Violet esperava sentir alívio, ela já sabia que desabafando, pelo menos para Sara, iria fazê-la se sentir melhor. Mas o que ela não contava era que ela se sentiria assim... *viva*.

Ela vibrou com um novo senso de propósito. E mesmo que ela não tivesse oficialmente aceitado o convite de Sara para se juntar ao grupo, Violet sabia que, de certa forma, ela já havia aceitado.

Ela ainda não entendia exatamente o que a equipe de Sara fazia, ou como eles operavam, mas depois de testemunhar Sara em ação naquela noite na cabana, Violet sabia que Sara definitivamente tinha influência junto das autoridades. Ela havia testemunhado

Sara dando ordens para o escritório do xerife local e viu sua interação com os agentes do FBI que chegaram mais tarde ao local.

Mesmo se ela realmente não trabalhasse para o FBI, Sara Priest tinha provado que ela era uma força a ser considerada.

E, mais importante, Violet sabia que podia contar com Sara, podia confiar nela. Isso era muito para Violet.

Quanto a Mike e Megan, eles já tinham ido embora. Eles se mudaram para Oregon, para viver com uma tia que se ofereceu para levá-los.

Megan admitiu tudo. Ela admitiu que odiava Violet num primeiro momento, que ela estava com ciúmes, e que queria assustá-la. Ela confessou ter deixado seu gato morto na casa de Violet como uma mensagem. Confessou os bilhetes e os telefonemas também.

Violet se aproximou de Megan, perdou-a, sabendo que a menina mais nova já havia sofrido o suficiente, pelos anos vivendo com um pai alcoólatra e depois descobrindo que ele tinha assassinado sua mãe.

Megan precisaria de um monte de terapia para desfazer o dano que seu pai havia feito, e Sara assegurou a Violet que eles fariam tudo o que podiam para obter ajuda caso ela precisasse.

Mike, por outro lado, não admitiu nada.

E, embora ninguém pudesse contestar a sua história, que seu pai lutou tomando a arma de suas mãos para tirar a própria vida, Violet suspeitava de algo mais, algo mais perturbador. Ela não podia deixar de lembrar a forma que o pai de Mike implorou para ele acabar com sua vida, deixá-lo morrer, e ela se perguntou se Mike não tinha apenas concordado, oferecendo a seu pai uma alternativa para a prisão.

E Violet não tinha certeza se ela o culpava se ele tivesse feito. Ela não tinha certeza de que seu pai, de alguma forma, não merecia o que ele começara, e que Mike e Megan mereciam a tranquilidade de saber que eles nunca mais teriam que enfrentar seu pai novamente.

Ela sinceramente não sabia...

Violet assentiu, pela primeira vez concordando, e ela se perguntou novamente como ela caberia em seu grupo.

No corredor, Rafe estava esperando por elas. Esperando por Violet.

Ele estendeu a mão para ela, e nela Violet viu a nota dobrada cor de rosa que ela havia dado a Sara quando pediu por sua ajuda. Ela olhou-a com curiosidade.

"Aqui." Ele falou com a voz tranquila, ela havia começado a se acostumar. Parecia que se adequava a sua natureza meditativa. "Eu não preciso mais disso."

Violet timidamente estendeu a mão para pegá-la dele, sua mente especulava porque motivo ele a tinha em primeiro lugar. Ela passou muito tempo se perguntando sobre o seu papel no grupo, assim como foi que a nota se encaixava?

Seus dedos roçaram contra os dele e, não pela primeira vez, ela sentiu o tremor de passar algo através dela, algo elétrico.

Ele tirou a mão rapidamente, mas olhou para ela, encontrando o olhar dela.

Violet sorriu para ele insegura. "Ei, eu quero te agradecer. Você sabe, por levar ajuda naquela noite. Te devo uma." Ela não disse mais nada, e ela não esperou por uma resposta. Mas quando ela começou a se afastar, deixando-o ali no corredor, com o canto do olho, viu-o sorrir conscientemente.

Violet não precisava de uma explicação de como ele sabia que ela estava com problemas, assim como ela não queria ir ao redor explicando aos outros o que ela poderia fazer.

Era o suficiente saber que eles eram parte de alguma coisa agora.

Juntos.

"Isso foi rápido," disse Jay quando Violet entrou no carro.

"Eu disse que não demoraria muito."

"Bom, porque eu acho que nós vamos chegar atrasados," ele respondeu, olhando para o relógio.

Violet suspirou. "É sobre a festa?"

"Eu já te disse: não há nenhuma festa." E então ele sorriu para ela. "Além disso, se você não agir surpresa, Chelsea vai me matar."

"Ugh! Eu odeio festas."

Jay se aproximou e colocou a mão no pescoço de Violet, puxando-a para ele. Ela podia sentir o cheiro de menta que ele estava mastigando quando se inclinou para ele.

"Vamos lá. Nenhum deles chegou a comemorar seu aniversário com você." Ele a beijou uma vez, suavemente, docemente, na bochecha. "Deixe-os ter a sua pequena festa,

não vai durar muito tempo." Ele beijou a outra face e, em seguida, o queixo, e Violet sentiu-se deslizando.

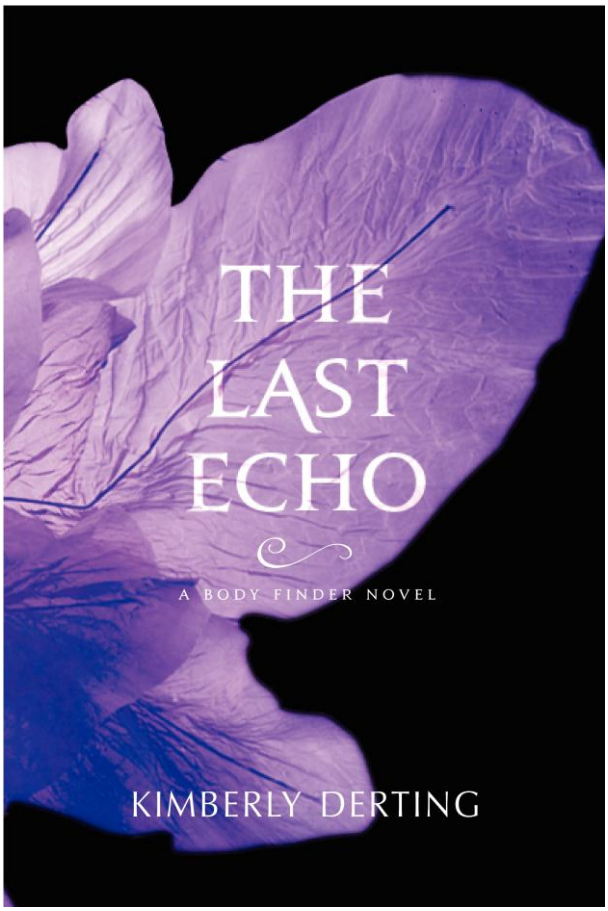
"Nós estaremos lá, num instante." Seus lábios roçaram sua testa, seus olhos ardiam enquanto ele olhava para ela. "E então mais tarde..." ele encontrou os lábios, levemente brincando com ela, "nós podemos ter nossa própria festa."

Violet suspirou em derrota, perdendo-se no argumento persuasivo dele.

"Eu acho que nós vamos chegar atrasados," ela sussurrou, rendendo-se enfim.

FIM

No próximo livro...



No final, tudo o que sobra é um eco.

Violet mantece sua mórbida habilidade de sentir corpos mortos um segredo para todos, exceto sua família e seu melhor-amigo-de-infância-agora-namorado Jay Heaton. Isso é, até que a psicóloga forense Sara Priest descobriu o talento de Violet e a convidou a usar seu dom para rastrear assassinos. Agora, enquanto ela trabalha com um eclético grupo de indivíduos – incluindo o misterioso e perigosamente atraente Rafe – é o trabalho de Violet ajudar aqueles que foram assassinados, levando seus assassinos à justiça.

Quando Violet descobre o corpo de uma universitária morta pelo *colecionador de namoradas*, ela fica determinada a resolver o caso. Mas agora, o serial killer está à procura de um novo *relacionamento*, e Violet pode ter chamado sua atenção...

Em breve!